

*“Orgulho e preconceito com um toque de Downton Abbey.”*

VANITY FAIR



As sombras  
→ de →  
Longbourn

Jo Baker



COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



JO BAKER

As sombras de  
Longbourn

*Tradução*

Donaldson M. Garschagen



*Para Clare. Muito obrigada  
por sua atenção, tolerância e paciência.*

*“Que elogio é mais valioso que o de uma criada inteligente?”*

# Sumário

Livro Um

Livro Dois

Livro Três

*Finis*

Nota da autora

Agradecimentos

LIVRO UM

*O mordomo, [...] a senhora Hill e as duas empregadas [...]*

Não havia como usar roupas sem que estivessem lavadas, da mesma forma como não se podia viver sem roupas, ao menos em Hertfordshire e, sobretudo, em setembro. O dia de lavar roupa era inadiável, mas ainda assim a lavagem semanal da roupa de cama e mesa da casa era uma perspectiva desalentadora para Sarah.

O ar estava gélido às quatro e meia da manhã, quando ela começou a trabalhar. O cabo da bomba, de ferro, estava frio e, apesar das luvas, os eritemas lhe queimavam com o esforço de bombear a água da escuridão subterrânea para o balde. Seria um longo dia de labuta, e aquilo era só o começo.

Tudo o mais era quietude. Na encosta, os carneiros aconchegavam-se em grupos; nas sebes, pássaros arrepiavam-se como cardos lanosos; nos bosques, folhas caídas farfalhavam à passagem de um porco-espinho; o regato refletia a luz baça do céu e reluzia ao transpor as pedras. Lá embaixo, no estábulo, as vacas bafejavam nuvens de tênues exalações; e, na pocilga, a porca estremecia, com as crias agarradas à barriga. Lá no alto, em seu minúsculo sótão, a sra. Hill e seu marido dormiam o sono negro e sem sonhos da extrema fadiga; dois andares abaixo, no quarto principal, o sr. e a sra. Bennet lembravam, debaixo da colcha, um par de montículos de cemitério. Dormindo em suas camas, as cinco moças sonhavam seja lá o que as moças sonham. Sobre tudo isso, fulgia a gélida luz estelar. Fulgia sobre os telhados de ardósia, o pátio lajeado, a casinha da sentina, o arboreto, a pequena área inculta ao lado do relvado, sobre os bandos de faisões encolhidos. E fulgia sobre Sarah, uma das duas criadas de Longbourn, que acionou a bomba, encheu um balde, rolou-o de lado, com as palmas das mãos já feridas, e pôs outro balde sob a bomba para enchê-lo também.

Para os lados das colinas, a leste, o céu desmaiava, ganhando uma transparente tonalidade azulada. Erguendo o olhar, com os braços dobrados, as mãos enfiadas nas axilas e a respiração condensando-se no ar, Sarah sonhava com lugares desconhecidos além do horizonte, onde já era dia pleno, e pensava que, quando seu dia de trabalho terminasse, o sol ainda estaria brilhando em outros lugares, em Barbados, em Antígua e na Jamaica, onde homens escuros trabalhavam seminus, e nas Américas, onde os índios quase não usavam roupa, e onde, em consequência, lavava-se muito pouca

roupa. Um dia ela viajaria para lá e nunca mais teria de lavar a roupa de baixo de outras pessoas.

Prendendo os baldes na canga, metendo-se debaixo dela e se levantando com esforço, ela pensou que, na verdade, ninguém deveria ter de cuidar da roupa suja alheia. As moças da casa podiam se comportar como se fossem, debaixo das roupas, secas e impermeáveis como estátuas de alabastro. No entanto, depois que deixavam cair as combinações no chão do quarto, para serem catadas e lavadas, mostravam ser as criaturas frágeis, corpóreas, gotejantes e bifurcadas que realmente eram. Talvez fosse por isso que quando elas lhe davam instruções faziam-no por trás de um bastidor de bordado ou por trás de um livro: ela esfregara seus suores, suas manchas, seus fluxos mensais. Sabia que não eram etéreas como anjos, por isso não tinham coragem de olhá-la nos olhos.

Sarah voltou com cuidado pelo pátio resvaladiço, e os baldes derramavam um pouco da água. Já se aproximava da porta da área de serviço, quando escorregou e perdeu o equilíbrio. Foi como se aquele momento se estendesse, dando-lhe tempo suficiente para ver os baldes saindo da canga, subindo ao ar e se esvaziando, pondo a perder todo o seu trabalho. Também teve tempo para prever, quando caiu, que aquilo doeria. Os baldes bateram no chão junto com ela, e repicaram, com uma barulheira que sobressaltou as gralhas que crocitavam nas faias. Sarah caiu com força no piso de lajes. O olfato confirmou o que ela já pressentia: escorregara em excremento de porco. A porca saíra da pocilga na véspera, com os porquinhos a segui-la, e ninguém ainda limpou as sujidades que tinham deixado, ninguém tivera tempo para isso. O trabalho de cada dia se prolongava até o dia seguinte, nada era finalizado, de modo que nunca se podia dizer “Pronto, o trabalho de hoje acabou”. A labuta se espichava, apodrecia e ficava de tocaia, para fazer a pessoa escorregar de manhã.

Depois do desjejum, no calor da cozinha, com as pernas dobradas sob o corpo, Lydia provou seu leite açucarado e queixou-se à sra. Hill.

“Você não sabe a sorte que tem, Hill. Protegida aqui, nesse calorzinho e no bem-bom.”

“Acha mesmo, srta. Lyddie?”

“Ah, e como acho! Não é verdade que você faz o que quer, sem ninguém a atazaná-la e a lhe dar ordens a cada instante? Deus do céu! Não suporto mais essa coisa de Jane me pregar sermões sem parar... E eu estava só me divertindo um pouco...”

No cômodo ao lado, na área de serviço e lavanderia, para onde se descia por um degrau, Sarah debruçava-se sobre a tábua de lavar, esfregando uma batinha manchada. A anágua estava toda suja de lama quando ela a pegou no chão do quarto das moças mais velhas e já tinha passado uma noite de molho na lixívia. O sabão não estava tirando a nódoa, mas feria suas mãos, já sulcadas, rachadas e eritematosas, provocando agulhoadas. Se Elizabeth lavasse suas próprias anáguas, pensava Sarah com frequência, com certeza teria muito mais cuidado com elas.

Uma carga de roupas de cama fervia no tacho de cobre fumegante. Diante de Sarah, gotas escorriam pela janela embaçada. O piso de pedra era escuro e escorregadio e Sarah passou do estrado de segurança no chão, diante das pias de ardósia, para o que ficava diante do tacho. Estendeu a anágua na água cinzenta e fervente, usou o pau de lavagem para mergulhar a peça no líquido, retirando as bolhas de ar, e depois mexeu-a de um lado para o outro. Tinham-lhe dito, e por isso ela precisava acreditar, que ao lavar uma anágua era necessário deixá-la bem branquinha, ainda que ela

fosse ficar suja de novo assim que voltasse a ser usada.

Polly estava com os braços metidos até os cotovelos na pia de água fria, passando os colarinhos do sr. Bennet na água de enxágue, de onde depois os tiraria, um por um, para mergulhá-los na bacia de água de arroz, a fim de engomá-los.

“Sarah, quanto tempo você acha que ainda vamos levar?”

Sarah olhou em torno, avaliadora. Tinhas de lençóis e toalhas de molho; pilhas de peças molhadas em várias etapas de lavagem. Em algumas casas, as criadas contavam com ajuda no dia da lavagem de roupa. Mas ali, não. Ah, não. Na Casa Longbourn, se lavava a própria roupa suja.

“Bem, temos os lençóis, as fronhas e também nossas próprias combinações...”

Polly enxugou as mãos no avental e começou a contar nos dedos as tarefas a cumprir, mas então percebeu, impressionada, que suas mãos estavam muito vermelhas. Franziu a testa, virando-as e examinando-as como se as visse com interesse mas não fizessem parte dela. Deviam estar bastante dormentes, ao menos naquele momento.

“Eu me esqueci das toalhinhas”, acrescentou Sarah.

Passara, havia pouco tempo, aquela época infeliz do mês em que todas as mulheres da casa tinham estado mais irritadiças que de costume, nervosas e inclinadas às lágrimas, antes da menstruação. As toalhinhas estavam agora submersas numa tina separada, que exalava um cheiro repulsivo de açougue. Seriam fervidas por último, na borra do tacho de cobre, antes de ele ser esvaziado.

“Acho que precisamos dar conta de mais cinco pilhas.”

Sarah bufou e deu um puxão na costura sob o braço. Já suara e seu vestido estava úmido, o que ela detestava. Era um vestido de popelina que a sra. Hill chamava de *Eau de Nil*, embora Sarah sempre pensasse em *Eau de bile*. A cor desagradável, em si, não tinha importância, uma vez que ninguém a via usando aquela roupa, mas seu corte realmente incomodava. O vestido fora feito para Mary e se destinava a braços macios e claros, para trabalhos de agulha, para o piano. Não resistia aos movimentos e esforços de um trabalho árduo, e Sarah só o usava agora porque seu outro vestido, o de droquete cor de rato, tinha sido esfregado e lavado e ainda estava com manchas de umidade, pendurado na corda ao ar livre para perder o fedor de porco.

“Em seguida ponha de molho as combinações”, disse ela. “Mexe um pouco que eu esfrego.”

Poupe suas pobres mãozinhas, pensou Sarah, embora as suas já estivessem vermelhas. Saiu do estrado junto ao tacho de cobre para os estrados das pias, espremendo-se um pouco para deixar Polly passar. Em seguida, usando as tenazes da lavanderia, tirou um colarinho da goma e ficou observando as gotas gelatinosas que escorriam de volta para a tina.

Mexendo no tacho com o bastão, Polly repuxou o lábio inferior com as unhas. Estava aborrecida e ainda tinha os olhos inchados pelo carão que levava da sra. Hill por causa do estado do pátio. De manhãzinha ela tivera de acender os fogos, depois levar a água para cima e, além disso, o almoço de domingo estava sendo preparado. Depois tinham comido, e logo o dia escurecera, e quem pode sair catando sujeiras de porco à noite? De qualquer forma, não tinha de lavar e polir as panelas? As pontas de seus dedos já estavam estragadas de tanto ela mexer com areia. E, pensando bem, a culpa não era de quem tinha deixado a tranca do portão da pocilga meio solta? Bastara um bom empurrão com o focinho para a porca escancará-lo. O fato é que não era a coitada da Polly, exausta, que merecia ser

repreendida pela queda e pelo trabalho perdido de Sarah (Polly olhou em torno e baixou a voz para que o velho não a escutasse), e sim o próprio sr. Hill, que era o encarregado de cuidar dos porcos. Não era ele que devia ser obrigado a limpar a sujeira? Afinal, qual era a serventia daquele velho esmolambado? Onde é que estava quando precisavam dele? Realmente, bem que precisavam mesmo de mais duas mãos, não era o que viviam dizendo?

Sarah ficou assentindo com a cabeça e fazendo sons de anuência, embora tivesse parado de prestar atenção havia muito tempo.

Quando o relógio da sala deu quatro horas, o sr. e a sra. Hill estavam servindo à família, na sala de jantar, uma refeição fria, habitual no dia da lavagem de roupa — as sobras do assado do domingo —, e as duas criadas se achavam no cercado, pendurando a roupa lavada, os tecidos úmidos soltando vapor na tarde fria. Um dos eritemas de Sarah tinha rachado com o trabalho e exsudava. Ela o levou à boca e sugou o sangue, para que não manchasse a roupa lavada. Por um instante, atentou a várias sensações — a língua quente na pele fria, a comichão do eritema, o sangue salgado, os lábios cálidos —, de forma que na verdade não estava olhando, e podia ter-se enganado, mas julgou ter visto um movimento no caminho que corria pela encosta. Era o caminho que ligava a velha estrada de Londres, usada pelos tropeiros de gado, à aldeia de Longbourn e, mais além, à nova estrada com pedágio que levava a Meryton.

“Olhe, Polly... Você viu?”

Polly pegou um pregador de roupa preso nos dentes, colocou-o na camisa estendida na corda e só então se virou para olhar.

O caminho passava entre duas sebes antigas. Bandos de aves e rebanhos transitavam por ali depois de percorrer o longo trajeto desde o Norte. Ouviam-se os sons dos animais antes mesmo de vê-los, um zumbido grave e ainda distante de bovinos, os grasnidos irritados de gansos e os potrinhos chamando as mães, que tinham ficado para trás. Ao passarem diante da casa, eram como a neve — transformadores. E também passavam por ali homens do interior do país, com sotaques estranhos, homens que antes mesmo de serem vistos direito já tinham ido embora.

“Não estou vendo ninguém, Sarah.”

“Não, mas olhe...”

O único movimento era o dos pássaros que saltitavam junto à sebe, mordiscando bagas. Polly virou o rosto, arrastando o pé descalço no chão seco e fazendo rolar uma pedra. Sarah continuou olhando por mais algum tempo. A sebe se adensara com folhas de faia, cor de chá, o azevinho parecia quase negro ao sol já baixo e os galhos das aveleiras mostravam-se nus nos trechos recém-plantados.

“Nada.”

“Mas havia alguém.”

“Bem, se havia já sumiu.”

Polly pegou a pedra e arremessou-a, como para provar o que dizia. A pedra descreveu um arco e caiu bem longe do caminho, mas por alguma razão deu a impressão de decidir a questão.

“Ah, então...”

Com um pregador na mão e outro nos dentes, Sarah prendeu mais uma combinação na corda,

ainda olhando naquela direção. Talvez tivesse sido um efeito de luz ou do vapor que subia no sol baixo de outono. Ou, quem sabe, Polly estava certa afinal... Então parou, protegendo os olhos, e lá estava a pessoa de novo, mais adiantada no caminho, passando por trás de um trecho de sebe recém-plantada. Lá estava *ele*. Era um homem, teve certeza: um vulto visto de relance, cinzento e negro, com o jeito de andar de alguém habituado a percorrer grandes distâncias. Ela tirou o pregador da boca, fazendo um gesto com as mãos.

“Lá, Polly, está vendo agora? Deve ser um mascate escocês.”

Polly emitiu um suspiro de impaciência, rolou os olhos para o céu, mas se virou de novo para olhar.

E ele sumiu atrás de uma moita fechada de abrunheiro. No entanto, agora havia outra coisa. Sarah quase a ouvia. Um som vacilante, como se o homem — o escocês que ele devia ser, com seu bastão, talhado com as marcas de suas contas, e uma mochila cheia de bobagens e quinquilharias — estivesse assobiando. Um som leve e estranho que parecia vir do outro lado do mundo.

“Está ouvindo, Pol?” Sarah ergueu a mão avermelhada para pedir silêncio.

Polly deu meia-volta e encarou-a. “Não me chame de Pol, você sabe que eu não gosto.”

“Psiu!”

Polly bateu o pé. “Foi só por causa da srta. Mary que eu acabei sendo chamada de Polly.”

“Por favor, Polly!”

“Só porque ela é filha da casa, e eu não, ela é chamada de Mary e eu tive de passar a ser Polly. Mas meu nome de batismo também é Mary.”

Ainda olhando para o caminho, Sarah estalou a língua e fez um gesto para que ela parasse de falar. Conhecia bem demais as explosões de Polly, mas aquilo era uma novidade: um homem que seguia pela estrada com uma mochila nas costas e uma melodia nos lábios. Quando a senhora e suas filhas terminassem de ver as mercadorias dele, o homem entraria na cozinha para vender suas bugigangas baratas. Ah, se ela tivesse uma roupa melhor para vestir! Nem adiantava pensar em seu vestido de droguete, pois era tão feio quanto sua *Eau de bile*. Mas baladas e livretos de histórias, fitas e botões, e braceletes folheados que deixavam o braço verde em duas semanas — ah, que felicidade era um escocês naquele fim de mundo, naquele lugar em que nada acontecia!

Como o caminho desaparecia atrás da casa e não seria mais possível ver ou ouvir alguém passando por ali, ela acabou de pendurar a combinação, pegou a seguinte e pendurou-a também, com um desajeitamento causado pela pressa.

“Vamos, Polly, acabe logo com isso, por favor.”

No entanto, Polly correu para o cercado, encostou-se na mureta e ficou conversando com os cavalos que pastavam soltos no campo. Sarah viu-a remexer no bolso do avental e lhes oferecer guloseimas; Polly acariciou o focinho deles por algum tempo, enquanto Sarah continuou trabalhando. Em seguida, Polly encarapitou-se na mureta e ficou ali, batendo os calcanhares, de cabeça baixa, olhos semicerrados contra o sol. Ela passa metade do tempo, pensou Sarah, como se fadas estivessem sussurrando em seus ouvidos.

E com pena de Polly, pois o dia da lavagem de roupa é mesmo fatigante se a pessoa ainda está crescendo e se não consegue se conformar com a labuta, Sarah terminou sozinha o trabalho e, sem

reprender Polly, deixou que ela se afastasse para ir se ocupar do que quisesse, como atirar gravetos no ribeirão ou juntar castanhas de faias.

Quando Sarah saiu do cercado com o último cesto de roupa vazio, já escurecia e ainda era preciso limpar o pátio. Derramou nele a água cinzenta das tinas e deixou que a lixívia atuasse nas lajes.

Pesava sobre a sra. Hill a irritação do dia da lavagem. Ela passara o dia todo sozinha, à mercê das sinetas: os Bennet faziam poucas concessões ao fato de ela não dispor de ajuda enquanto as criadas se ocupavam da lavagem de roupa.

Depois de limpar a área de serviço, Sarah entrou em casa, exausta, com as mãos feridas, as costas doloridas e os braços rígidos. A sra. Hill servia o jantar da criadagem. Bateu com força na mesa uma terrina de queijo de porco, uma gelatina fria, e fitou Sarah como se dissesse *Abandone-me, e é isto que você tem em troca. Você só pode culpar a si mesma.* A iguaria em conserva de vinagre tinha uma tonalidade rosa-acinzentada. Era um prato fácil quando não se pretendia cozinhar. Sarah olhou-o com asco.

O sr. Hill entrou como se não quisesse dar na vista. Atrás dele, no pátio, Sarah viu de relance um dos trabalhadores da fazenda contígua ajeitar o lenço ao redor do pescoço e erguer a mão, despedindo-se. O sr. Hill dirigiu-lhe um aceno de cabeça e fechou a porta. Enxugou as mãos na calça, explorando com a língua um dente que o incomodava. Sentou-se. A terrina com a cabeça de porco balançou na mesa quando a sra. Hill começou a cortar o pão.

Sarah entrou na despensa, pegou o pote de mostarda e o jarro de pedra com nozes em conserva, além da manteiga-negra e da raiz-forte, e levou para a mesa da cozinha essa braçada de condimentos, dispondo-os ao lado do sal e da manteiga. Suas mãos começavam a recuperar a sensibilidade, mas os eritemas eram um tormento. Ela os esfregou, roçando o dorso de uma das mãos contra o outro. A sra. Hill olhou-a com desagrado e balançou a cabeça. Sarah sentou-se em cima das mãos, o que lhe trouxe certo alívio. A sra. Hill tinha razão, coçar só pioraria as coisas, mas resistir à comichão era uma agonia.

Vindo do pátio, Polly abriu a porta e entrou na cozinha, trazendo uma onda de ar fresco. Tinha as faces coradas e um ar inocente, como se até então estivesse trabalhando duro, fazendo o máximo que se poderia esperar de alguém. Sentou-se à mesa, pegando a faca e a colher, mas deixou-os de lado ao ver que o sr. Hill apoiava o rosto grisalho nas mãos entrelaçadas. Sarah e a sra. Hill também juntaram as mãos, acompanhando-o com murmúrios enquanto ele dava graças. Finda a prece, ouviram-se tinidos e arranhaduras de talheres. A conserva estalou e estremeceu sob a faca da sra. Hill.

“Então, ele está lá em cima, sra. Hill?”, perguntou Sarah.

A sra. Hill nem levantou os olhos. “Hum?”

“O escocês. Ele ainda está lá em cima com as senhoras? Imaginei que a esta hora ele já teria descido.”

A sra. Hill franziu a testa, impaciente, pôs um pedaço da gelatina no prato do marido e outro no de Sarah. “O quê?”

“Ela acha que viu um mascate escocês”, disse Polly.

“Eu vi um escocês.”

“Não viu, não. Você só queria ter visto.”

O sr. Hill ergueu os olhos de seu prato. Eles eram claros e caíram primeiro numa das moças, depois na outra. Agora calada, Sarah, cortou um pedaço da conserva. Considerando que obtivera uma vitória, Polly levantou os olhos com uma risada. O sr. Hill voltou o olhar maldoso para seu prato.

“Ninguém veio a esta casa hoje”, disse a sra. Hill. “A não ser a sra. Long, de manhã.”

“Tive a impressão de ver um homem. Achei que ele vinha pelo caminho.”

“Deve ter sido um dos trabalhadores da fazenda.”

O sr. Hill levou a conserva à boca, avançando e retraindo a mandíbula como uma vaca, a fim de usar melhor os poucos dentes. Sarah tentou não observá-lo. Era uma coisa que ela se via obrigada a fazer a cada refeição: não observar o sr. Hill. Não, quis dizer, não era um dos trabalhadores da fazenda, seria impossível. Ela o *vira*. E *também* o ouvira, assobiando uma melodia tênue e quase inaudível. Não aceitava a ideia de que tivesse sido um daqueles rapazes magricelas e abobalhados ou um dos velhos molengões que ficavam sentados em porteiras, com cachimbos na boca desdentada.

No entanto sabia que era melhor não dizer nada diante do silêncio do sr. Hill, do gênio irritadiço da sra. Hill e do espírito contrariador de Polly. Porém, notando seu desapontamento, a sra. Hill abrandou-se. Estendeu a mão e empurrou uma mecha solta do cabelo de Sarah para dentro da touca.

“Coma seu jantar, meu bem.”

O leve sorriso de Sarah logo se desfez. Cortou um pedacinho do queijo de porco, lambuzou-o de mostarda e raiz-forte, depois passou um pouco de manteiga-negra, físgou um pouco de noz em conserva e, cuidadosamente, levou o conjunto à boca. A coisa era grudenta, gelificada, com partículas de miolos, filamentos fibrosos de bochechas e fragmentos de inesperados elementos crocantes. Ela engoliu o bocado, ajudando-o a descer com um gole de sua cerveja leve. A única coisa boa daquele dia era que logo ele iria acabar.

Terminado o jantar, ela, Polly e a sra. Hill continuaram sentadas, em silêncio e cansadas, passando de uma para outra o vidro de gordura de ganso. Sarah tirou do vidro um pouco da substância esbranquiçada e amaciou-a entre as pontas dos dedos. Passou a gordura nas mãos machucadas e em seguida flexionou e curvou os dedos. Embora ainda ferida, a pele tornou-se flexível de novo e não rachou.

Para fazer uma gentileza às mulheres, o sr. Hill lavou mal e mal, na área de serviço, os pratos e talheres do jantar. Da cozinha, elas ouviam o barulho da água, sons de atritos e choques. A sra. Hill fez uma expressão de desgosto, preocupada com a louça.

Mais tarde, o sr. B. faria soar a sineta da biblioteca, pedindo uma fatia de bolo para acompanhar seu cálice de madeira, obrigando o sr. Hill a despertar de má vontade e sair se arrastando para levar-lhe o bolo. Cerca de uma hora depois, a sra. Hill iria buscar o prato cheio de migalhas e o cálice, enquanto Sarah tirava a mesa da sala de jantar e descia com os objetos numa bandeja chacoalhante. E com isso o trabalho do dia estaria encerrado. No dia da lavagem de roupa, os pratos do jantar podiam ser lavados no dia seguinte. Também no dia da lavagem de roupa, Sarah não tinha a concentração necessária para ler o último livro que tivesse emprestado do sr. B. Em vez disso, tinha nas mãos um exemplar velho do *Courier*, e lia em voz alta para a sra. Hill notícias de três dias antes.

O papel estava mole de tanto ser dobrado e desdobrado, e a tinta manchava suas mãos untadas de gordura. Em voz baixa, para não perturbar a menina adormecida ou o velho sonolento, Sarah lia artigos sobre as novas esperanças de uma vitória rápida na Espanha e declarações de que Bonaparte fora obrigado a dar um passo atrás e em breve se veria numa roda-viva, frases que a faziam pensar na guerra como uma dança e em generais dando-se as mãos e rodopiando. Foi então que ouviram um barulho.

Sarah parou de ler, o jornal ainda na mão. “A senhora ouviu isso?”

“Hein?”, exclamou a sra. Hill, pestanejando, pois já dormitava. “O que foi?”

“Não sei, um barulho lá fora. Alguma coisa.”

Em seguida, um leve relincho e ruídos de cavalos agitados nas baias.

“Parece que há alguém nos estábulos.”

Sarah pôs o jornal de lado, afastando a menina, que dormia com a cabeça em seu joelho.

“Não é nada”, disse a sra. Hill.

Polly sentou-se, ainda meio adormecida. O sr. Hill resmungou, pestanejou e então levantou-se de repente, enxugando o queixo. “O que foi isso?”

“Eu ouvi alguma coisa.”

Todos prestaram atenção por um momento.

“Podem ser ciganos...”, disse Sarah.

“O que ciganos iriam querer aqui?”, perguntou o sr. Hill.

“Ah, os cavalos.”

“Os ciganos conhecem cavalos e teriam mais juízo.”

Prestaram atenção de novo. Polly encostou a cabeça no ombro de Sarah, os olhos se fechando.

“Não foi nada. Deve ter sido um rato”, disse a sra. Hill. “A Bichana cuida dele.”

“Então, cama”, disse Sarah.

Preparando-se para dormir, Sarah soltava os cadarços do espartilho. O luar se infiltrava sob as cortinas e penetrava pela trama do tecido. De combinação, puxou uma banda da cortina e olhou para o pátio, vendo a lua, imensa e amarela, sobre os estábulos. A noite estava muito clara, quase como se fosse dia. Não se ouvia barulho ou movimento algum na propriedade. Nada de ciganos, com certeza, nem mesmo a corridinha de um rato.

Teria sido o escocês? Estaria querendo passar a noite ali, para ir embora ao raiar do dia, antes que o descobrissem? Agora com a mochila vazia, ele iria procurar um mercado ou uma cidade industrial para se reabastecer. Ah, viver assim devia ser bom. Estar sempre indo de lá para cá, nunca permanecer num lugar um momento mais do que se desejava, perambular por ruelas estreitas e pelas largas avenidas de uma cidade, talvez ir até o mar. Amanhã, quem sabe, ele poderia estar em Stevenage ou até mesmo em Londres.

A aragem fez sua vela escorrer. Sarah apagou-a, puxou de novo a cortina e meteu-se na cama, aconchegando-se ao calor de Polly, já adormecida. Ficou deitada, olhando a janela acortinada. Não pregaria olho naquela noite. Tinha plena certeza disso, não com aquele luar tão claro e sabendo que o mascate poderia estar lá fora. Mas como era jovem e estava de pé, dando duro, desde as quatro e

meia da manhã, e agora já soavam as onze horas, Sarah logo ressonava baixinho, perdida no sono.

“Qualquer coisa que guarde afinidade  
com a ardileza é desprezível.”

Fora uma sorte consegui-lo. Foi o que disse o sr. B. ao dobrar o jornal e pô-lo de lado. Por causa da guerra na Espanha e da convocação de tantos rapazes aptos pela Marinha, simplesmente faltavam homens.

*Faltavam homens?* Lydia repetiu a frase, perscrutando, ansiosa, o rosto das irmãs. Estaria acontecendo isso mesmo? A Inglaterra estaria *sem homens*?

O pai ergueu os olhos para o céu. Por outro lado, Sarah dirigiu um olhar espantado à sra. Hill: outra pessoa viria juntar-se à criadagem! Um homem! Por que ela não falara disso antes? Segurando o bule de café contra o peito, a sra. Hill arregalou os olhos para ela e balançou a cabeça: Psiu! Não sei, e não se atreva a perguntar! Por isso Sarah fez apenas um leve gesto de assentimento com a cabeça, cerrou os lábios e voltou a atenção para a mesa, oferecendo o prato de presunto frio: tudo seria esclarecido no devido tempo, não lhe cabia indagar. Nunca lhe cabia falar, a não ser quando lhe falavam primeiro. Era melhor ser surda como uma porta para tais conversas e parecer incapaz de formar uma opinião sobre elas.

Mary levantou o garfo de servir e espetou uma fatia de presunto. “Papai não está se referindo aos seus pretendentes, Lydia... Não é, papai?”

Encolhendo-se um pouco para que a sra. Hill pudesse lhe servir o café, o sr. B. respondeu que realmente não havia se referido aos pretendentes dela: os pretendentes de Lydia pareciam sempre mais que abundantes. Todavia, quanto a trabalhadores havia uma autêntica escassez, razão pela qual ele ultimara o acerto com aquele moço de forma tão rápida — e dirigiu à sra. Hill um olhar que traduzia um pedido de desculpas, enquanto ela o contornava para servir o café de sua mulher —, muito embora ainda não tivesse chegado a festa de São Miguel, época habitual de contratação e demissão de empregados.

“Entendo que não faça objeção a esse meu ato açodado, não é, sra. Hill?”

“Para falar a verdade, fico satisfeita com a notícia, sr. Bennet, se ele for uma pessoa decente.”

“Ele é decente, sra. Hill, isso eu lhe afianço.”

“Quem é ele, papai? Mora em uma das casas dos trabalhadores? A gente conhece a família?”

O sr. B. ergueu a taça antes de responder. “Trata-se de um jovem íntegro e capaz, de boa família. Causou-me excelente impressão.”

“Por mim, fico muito feliz por saber que teremos um moço de boa figura para nos levar aos lugares”, disse Lydia. “Isso porque quando o sr. Hill está encarapitado na boleia da carruagem, sempre dá a impressão de que treinamos um macaco, rapamos seus pelos aqui e ali e lhe pusemos um chapéu.”

A sra. Hill afastou-se da mesa e depôs o bule de café no aparador.

“Lydia!”, exclamaram Jane e Elizabeth ao mesmo tempo.

“O que foi? É isso mesmo, vocês sabem. Ele é igual a um macaco-aranha. Igual àquele que a irmã da sra. Long trouxe de Londres.”

A sra. Hill baixou os olhos para um prato de porcelana com decoração azul, vazio, mas agora com crostas de ovo em seu redor. As três pessoinhas continuavam a atravessar a pontezinha, enquanto o barquinho se arrastava como uma lacrainha pelo mar de porcelana, e naquela paisagem só havia serenidade, tudo era imutável, perfeito. Ela respirou. A srta. Lydia não falara por mal, nunca fazia isso. E, por mais descuidada que fosse sua forma de expressão, estava certa: essa mudança sem dúvida era bem-vinda. O sr. Hill havia, subitamente, envelhecido. O inverno passado fora uma época de preocupações: os longos trajetos, as noitadas em que as moças dançavam ou jogavam cartas. Ele contraíra sérios resfriados, e tremia durante horas depois de voltar, com a respiração matraqueando no peito. Os bailes e as festas do inverno seguinte talvez acabassem com ele de uma vez por todas. A chegada de um jovem forte para conduzir a carruagem e cuidar do dia a dia da casa só podia ser aplaudida.

A sra. Bennet ouvira dizer, e agora repetia ao marido e às filhas, deliciada, que nas melhores casas só havia criados homens para servir aos convidados e à família, uma vez que todo mundo sabia que custavam mais em termos de salários e que contratá-los acarretava o pagamento de um elevado imposto, porque todos os jovens aptos e fortes eram necessários para o cultivo dos campos e para a guerra. Quando corresse a notícia de que os Bennet tinham agora um rapaz jovem e sacudido em casa, servindo à mesa e abrindo as portas, o fato provocaria admiração e falatório na vizinhança.

“Nossas filhas deveriam, com certeza, estar imensamente agradecidas por serem assim tão bem-vistas, sr. Bennet. É muita consideração sua. Por favor, como é o nome do rapaz?”

“Seu nome é James”, respondeu o sr. Bennet. “O sobrenome é bastante comum... Smith.”

“James Smith?”

Fora a sra. Hill quem falara, de forma quase inaudível, mas as palavras já tinham sido ditas. Jane ergueu a xícara e provou o café; Elizabeth franziu o cenho, sem no entanto tirar os olhos do prato; a sra. B. virou o rosto a fim de olhar para a governanta. Sarah viu aparecer um rubor no pescoço da sra. Hill. Era muitíssimo inesperado e estranho que logo a sra. Hill se comportasse de maneira imprópria por um momento. Então o sr. B. engoliu em seco e pigarreou, quebrando o silêncio.

“Como eu disse, é um nome muito comum. Fui obrigado a agir com certa presteza para garantir sua contratação, motivo pelo qual não tive como informar-lhe antes, sra. Hill. Eu teria preferido consultar a senhora com antecedência.”

Com o rosto rubro, a governanta baixou a cabeça, aquiescendo.

“Já que os sôtãos da criadagem estão ocupados pela senhora, por seu marido e pelas criadas, eu disse a ele que poderia dormir em cima do estábulo. Afora isso, deixo a seu encargo os detalhes práticos e domésticos. Ele já sabe que deverá acatar suas ordens em tudo.”

“Obrigada, senhor”, ela murmurou.

“Muito bem.” O sr. B. sacudiu o jornal e recolheu-se atrás dele. “Ficamos, pois, assim. Estou feliz que tudo esteja resolvido.”

“Exato!”, disse a sra. B. “Você não está sempre dizendo, Hill, que precisa de mais duas mãos na casa? Isso vai aliviar sua carga, não vai? Vai aliviar bem a sua carga.”

Com um aceno de sua mão roliça, a dona da casa abrangeu Sarah e, em seguida, gesticulando em direção ao restante da casa, indicou os demais empregados: o sr. Hill, que estava acocorado na cozinha avivando o fogo, e Polly, que naquele momento, de cara fechada, descia ruidosamente a escadaria dos fundos com uma pilha de toalhas de banho felpudas e molhadas.

“Todos vocês devem ser muito gratos ao sr. Bennet pela consideração dele, com certeza.”

“Muito obrigada, senhor”, disse Sarah.

Embora pronunciadas com suavidade, essas palavras fizeram com que a sra. Hill lhe lançasse um olhar. Os olhos das duas se cruzaram por um instante.

“Obrigada, senhor”, disse a sra. Hill.

A sra. Bennet passou mais uma colherada de geleia em seu último pedaço de pão doce amanteigado, levou-o à boca e mastigou-o duas vezes. Em seguida, disse: “Tudo bem, então, Hill”.

O sr. B. desviou os olhos do jornal, olhou para sua mulher e, depois, para a governanta.

“Está bem, muito obrigado, sra. Hill”, disse. “Por hora, é tudo.”

*Logo que o senhor Bennet se casara,  
a parcimônia lhe parecera perfeitamente inútil [...]*

Sarah levava para baixo um urinol tirado do quarto dos Bennet, passando pelo patamar que conduzia às estreitas escadas do fundo. Caminhava com cuidado, o rosto virado de lado. Felizmente, o urinol só continha urina: não havia o repugnante entrechoque de sólidos.

Chovia a valer lá fora, e, confinadas pelo mau tempo na parte da manhã, as moças enchiam a casa de ruídos diversos. Do andar de cima, vinha o som de Mary estudando piano — para o ouvido pouco educado de Sarah, aquilo soava agradável: muitas notas, em rápida sucessão, e a maioria delas parecendo certas —, uma risada de Lydia, passos pesados, em seguida um protesto furioso da pobre Kitty — “Gente demais nesta casa! É gente demais!” —, depois pedidos de calma de Elizabeth, logo os tons maviosos de Jane, e então, pelo menos durante algum tempo, o silêncio. Óleo sobre águas revoltas, assim era Jane: um cobertor sobre chamas.

Sarah chegou ao pavimento térreo com passos lentos, entrando no salão pela porta aberta, onde percebeu a voz baixa do sr. B. vindo da biblioteca. Com frequência ele falava sozinho para o vazio, ou melhor, para o livro que lia: era a única forma, dizia, de travar uma conversa decente naquela casa.

Assim que transpôs a porta, Sarah se deteve. Havia outra voz. Era como se o livro com que o sr. B. conversava tivesse respondido. Era uma voz de mulher, falando baixo, de modo que não se entendiam as palavras, mas Sarah a identificou no mesmo instante. Era a sra. Hill. E ela continuou a falar.

Sarah deu um passo atrás, olhando pelo corredor. A porta da biblioteca estava fechada. A madeira envernizada, a maçaneta de latão, polida: tudo estava como sempre, e como devia ser. No entanto, a porta parecia, de forma especial e ostensiva, trancada.

O urinol já pesava em suas mãos, e ela ouvia a chuva silvando lá fora, os beirais a gotejar e a sra. Hill ainda falando baixo, depressa e num tom obstinado, o que tornava as palavras irritantemente incompreensíveis. Escutar às escondidas era um pecado mortal. A própria sra. Hill insistira nesse ponto por ocasião do treinamento de Sarah e de Polly, mas aquela situação era irresistível. Sarah pôs

o urinol sobre as tábuas nuas do assoalho, esgueirou-se pelo corredor da criadagem e avançou pelo salão, detendo a respiração.

Com a mão na madeira fria da porta da biblioteca, procurou escutar. Ainda não conseguia entender *o que* estava sendo dito; apenas ouviu *alguma coisa* sendo dita. Desse modo, o que ela estava fazendo não era escutar às escondidas. Ou era? No entanto, a sra. Hill continuava a falar, sem interrupção, e quanto mais falava, mais esquisito se tornava o fato de ela continuar falando. O sr. B. emprestava livros, mas não queria saber o que a pessoa achava da história. Agradecia cada serviço que lhe era prestado, mas nem olhava para a pessoa. Assim sendo, como era possível que ela tivesse tanto a lhe dizer, e por que — e aí residia o verdadeiro mistério — ele permitia que ela falasse tão seguidamente?

De repente, alguma coisa mudou. Quatro palavras do sr. Bennet, como pedras rolando: *A senhora pode ir*, adivinhou Sarah. Sem fazer barulho, ela voltou depressa pelo salão, passando pela porta aberta em direção ao corredor dos criados. Com o coração descompassado, abaixou-se para pegar o urinol, e voltou o olhar para o caminho que percorrera. Mas a sra. Hill ainda não saíra. E do interior da biblioteca vinha um som semelhante ao que se ouvia quando a gengibirra saía errado — quando o líquido espumava e subia pela garrafa, até jorrar para fora: uma torrente de palavras da sra. Hill. Sarah arregalou os olhos. Como ela se mostrava tão colérica? Como se *atrevia*?

Então — Sarah quase deixou o urinol cair, teve de segurá-lo com força para firmá-lo —, o sr. Bennet não se limitou a mandar a sra. Hill sair; em vez disso, elevou a voz sobre a dela, e seguiu-se uma confusão, as vozes cresceram e se tornaram mais sonoras, depois aquietaram-se de súbito, a elas seguindo-se sons furiosos, que cessaram abruptamente, como um barbante cortado. Ouviram-se passos, depois movimentos junto à porta, e a maçaneta girou. No entanto, Sarah já tinha se afastado, saindo pela porta lateral, que fechou ao passar, e, virando-se para enfrentar a chuva, não viu a sra. Hill sair da biblioteca, fechar a porta e se deter ali por um momento, o peito arfando, a fim de se acalmar, lutando contra a compressão de seu espartilho.

Enquanto Sarah se afastava da casa, ouviu Mary ainda dedilhando o piano e o começo de outra briga entre Kitty e Lydia, e em pouco tempo Jane e Lizzy interviriam outra vez, e a chuva caía grossa e pesada sobre Sarah, que cruzou a área de cascalho e escancarou a porta da sentina, recostando-se no quartinho frio e malcheiroso, para despejar o conteúdo do urinol em um dos buracos, lançando-o na fossa repugnante lá embaixo. Tudo continuava como sempre. Entretanto, tudo estava diferente.

Com sete anos de idade, infeliz e absolutamente sozinha no mundo, Sarah tinha olhado com admiração para a sra. Hill, uma pessoa importante, com seu avental limpo, touca branca e sua imensa cozinha. A sra. Hill dera um passa-fora no inspetor da paróquia, escorraçando-o da casa e fechando a porta às suas costas, dizendo que ele era uma raposa posta a vigiar galinhas. Em seguida, puxara um banco junto à mesa da cozinha, fizera Sarah sentar ali e lhe oferecera pão e leite numa linda tigela de louça com borda azul, polvilhando-a com açúcar. Depois sentou-se para ver a menina comer. Abandonando a timidez, Sarah, que acabava de chegar do asilo de pobres, raspou a tigela num abrir e fechar de olhos. Com ar compassivo e balançando a cabeça, a sra. Hill disse que era criminoso a forma como alimentavam aquelas crianças desvalidas, pegou a tigela, encheu-a de novo com leite cremoso e adoçado, com mais pão fresco e a pusera outra vez diante de Sarah, polvilhando

mais açúcar sobre ela.

E por causa dessa segunda tigela de leite com pão, polvilhado com açúcar, e por todas as incontáveis gentilezas que lhe fizera desde então e, depois, fizera a Polly também, quando ela se reunira ao grupo — outra de olhos esbugalhados e faminta —, a sra. Hill merecia mais do que aquilo. Pecado ou não, Sarah, entendeu que nunca mais a escutaria às escondidas: nada de bom poderia advir daquilo.

[...] *a entrada de um criado* [...]

Os pensamentos de Sarah foram atraídos para o outro lado do pátio pelo som de móveis velhos sendo mudados de lugar, de madeira arrastada sobre lajes de pedra, tudo isso acompanhado por um tênue assovio. A chuva tinha parado e o novo homem estava envolvido na arrumação do palheiro do estábulo. A melodia parecia conhecida, mas Sarah não conseguia lembrar qual era. O som esvoaçava a seu redor como uma borboleta, desconcentrando-a.

Não que a tarefa que ela executava exigisse muita atenção. Ela tinha os braços enfiados até os cotovelos no tanque de ardósia, na área de serviço. A condensação perolava o depósito de água, feito de chumbo, a torneira gotejava e a água da lavagem se tornara cinzenta, fresca e oleosa. Tendo acabado de secar uma pilha de pratos, Polly se encaminhava para a cozinha com eles. Sarah ouviu-a puxar um tamborete e depois subir nele a fim de alcançar as prateleiras e guardar os pratos. E durante todo o tempo Sarah só conseguia pensar no homem que tinha visto no caminho.

Sarah possuía pouca experiência com homens. E quase toda baseada no sr. Hill, um homem idoso e cansado, que nada oferecia de interessante ou atraente. Ela mantinha pouco contato com o sr. B., que na realidade só se fazia presente no sentido físico. Sarah se conservava distante dos rapazes das fazendas, pois era mais gentil ignorá-los do que lhes dar atenção: se lhes dizia bom-dia, enrubesciam, resmungavam alguma coisa, limpavam as mãos na calça e olhavam para um ponto distante nos campos, como se houvesse alguma coisa notabilíssima no horizonte.

A frigideira de ovos afundou na pia. Sarah viu a clara embranquecer e subir. Jane se saía bem com homens — com cavalheiros. Um deles até lhe dedicara alguns poemas. Como se levava um homem a fazer uma coisa dessas?

Bem, Jane se sentava com elegância, sorria, ouvia com a cabeça inclinada, respondia educadamente quando alguém falava com ela, parecia sempre encantada que lhe dirigissem a palavra, e dançava se a tiravam para dançar. Mas Jane era mesmo linda — de fato, uma beldade —, e lidava com *gentis-homens*, não com *homens*. Já uma moça comum, pensou Sarah, como ela, correria um risco muito grande se adotasse aquela conduta com um homem comum. Ela endireitou os ombros, sorriu e inclinou a cabeça. Só um gentil-homem disporia de tanto tempo, teria as horas

vagas necessárias para se dedicar a fazer uma mulher sair do sério.

Sarah olhou seus dedos, doloridos e murchos, e para as dobras moles de seu vestido cor de bile. Levantou as mãos para cheirá-las: gordura, cebola e sabão de cozinha. Esse devia ser o cheiro que ela levava consigo aonde quer que fosse, isso se não fosse cheiro de coisa pior. Sarah não acreditava que fosse bonita, longe disso.

Levantou a frigideira de presunto, mergulhou-a na pia. A água borbulhou sobre as paredes de cobre e encheu a vasilha.

“Esses estão prontos?”, perguntou Polly.

“Estão. Pode levar.”

Elizabeth. Essa era uma criatura diferente, muito mais ativa, quando se tratava de lidar com cavalheiros. Sarah já percebera isso em jantares, em ceias seguidas de jogos, ao servir anchovas com torradas. Elizabeth estava sempre pronta a exibir sua — como se diz mesmo? — presença de espírito. De olhos brilhantes, vivaz e linda, sempre fazia os rapazes corar e gaguejar, enquanto os velhotes sorriam e desejavam ter a metade da idade dos mais jovens e serem um tantinho mais rápidos em seus ditos espirituosos.

Sarah mordeu o que restava de uma unha. Não estava à altura daquilo.

Lydia e Kitty — que Sarah às vezes precisava se esforçar para ver como duas pessoas separadas, pois as considerava uma única criatura de quatro membros, duas cabeças e uma trouxa de vestidos e fitas —, Kitty e Lydia tinham sempre um enxame de homens ao redor delas. Jogavam o cabelo para lá e para cá, encaravam-nos com ousadia — não era difícil imitá-las, e ela as imitou agora, já que não havia ninguém vendo-a fazer isso. Elas se insinuavam para todo homem solteiro que encontravam, o que resultava em ruidosas festas com jogos e danças. A atitude delas não exigia de uma moça mais que entusiasmo, resistência e uma apurada queda para a presunção. Mas será que isso levava a alguma coisa? Qualquer homem, cavalheiro ou não, com certeza relutaria em se ligar a uma mulher que se mostrava coquete com todos os homens que conhecia.

Sarah ergueu a leiteira de cobre, inclinou-a e observou seus reflexos no metal: cabeça de girino, corpo cônico; corpo dilatado, cabeça de alfinete. Pondo a leiteira bem perto de si, viu-se por inteiro, embora deformada. De pouco valia a pessoa se exibir quando não se passava de um trapo velho e retorcido.

Ela também não podia ter Mary como modelo. Ainda era imatura, um filhote de passarinho sem graça e implume.

O sr. e a sra. Bennet. Amor conjugal. O caminho não era por aí. Sua ama não entendia em nada o marido. Insistia em atacá-lo de frente, quando, como todo mundo sabia, era mais conveniente adotar um caminho sinuoso e contornar os obstáculos.

Na realidade, os Hill eram um modelo melhor de entendimento entre os sexos. A sra. Hill se portava de forma calma e tranquila com o marido, que era sempre respeitoso, concordando com ela em tudo que fosse importante, e insistindo também em que os demais se mostrassem deferentes e respeitosos com ela. Sarah já tivera várias alterações com ambos, mas nunca escutara uma palavra mais dura entre eles. Talvez as coisas fossem assim mesmo depois de um casamento de uma vida toda: tudo parecia parado, impassível como um lago.

Ela se achava, compreendeu, inteiramente sozinha, sem exemplos ou um guia.

A melhor solução com que atinava — e essa era uma solução de agradável simplicidade — consistia em ser gentil. Ser gentil, educada e solícita. Os modos naturais sempre eram considerados os melhores — ela ouvira Elizabeth dizer isso.

Por isso, diria “Bom dia”. Isso faria as coisas começarem bem.

Limpou a névoa da janela embaçada e olhou para fora. Fazia um sol baixo depois de toda a chuvarada. A luminosidade era dourada: incidia nas lajes úmidas e as tornavam brilhantes. E lá estava ele. Era magro e musculoso, de estatura meã, tinha as mangas da camisa arregaçadas, os antebraços nus e queimados de sol, e se movia com uma agradável ligeireza em seu trabalho. Sua camisa, pensou Sarah, um dia fora branca, mas agora o uso a acinzentara. Prendia o cabelo comprido na nuca, num rabicho. Ela notou tudo isso com uma crescente sensação de prazer.

“Polly!”, chamou. “Polly, venha ver.”

Polly desceu o degrau da cozinha, enxugando as mãos. As duas se encostaram na pia, olhando pela parte clara na janela embaçada.

“Ah, meu...”

Sarah passou o braço pela cintura de Polly. A menina descansou a cabeça no ombro de Sarah.

“Veja”, disse Sarah. “Pelo menos esse é um serviço que não teremos mais de fazer.”

Felizes e em silêncio, observaram o novo criado varrer o pátio.

Quando saiu de casa para alimentar as galinhas, com a touca arrumada, as faces beliscadas, os dentes esfregados com a ponta do avental até reluzir, ela o ouviu se mexendo no palheiro dos estábulos. Deveria entrar e dar-lhe um bom-dia do pé da escada? Aí talvez ele olhasse para baixo, ou até descesse, e ela poderia lhe agradecer por seu trabalho duro, e ele teria de responder, e isso seria quase uma conversa.

A sra. Hill saiu da casa, agitada. Sarah olhou para a tigela com sobras de comida para as aves e depois para a governanta: não tinha como arranjar uma desculpa para estar à toa ali. No entanto, a sra. Hill achava-se ocupada demais para notar a vadiação de Sarah. Sobraçava uma pilha de roupas velhas e arrastava o cabideiro. Desceu com ele e começou a enfrentar os degraus de madeira.

“Posso ajudar a senhora?”

“Eu dou conta. Obrigada, Sarah.”

A sra. Hill empilhou as roupas no banco de pedra e depois levantou uma jaqueta que estava em cima. Sacudiu-a e virou-a de um lado para o outro, examinando-a. Sacudiu-a de novo e a estendeu sobre o varão superior do cabideiro. Vendo Sarah ainda parada ali, disse: “A criação tem de comer logo, menina. Faça isso agora”.

Sarah passou o resto da manhã atravessando o pátio. O rapaz não poderia passar o dia todo no palheiro dos estábulos, pensava, ele *teria* de sair em algum momento, e quando fizesse isso ela diria “Bom dia” e ele responderia “Bom dia”. Depois ela agradeceria por ele ter varrido o pátio para elas, e ele diria “Não há de quê”, e a conversa prosseguiria a partir daí e a questão estaria encerrada.

Mas se ele chegou a sair, no meio do dia, Sarah não percebeu. Porém sentiu o cheiro de caiação fresca e, de vez em quando, escutava o assobio dele.

A tarde esticou-se como catechete. Sarah imaginou que talvez ele fosse à cozinha pedir uma xícara de chá. Pensou se deveria levar-lhe uma xícara, mas nesse caso teria de pedir à sra. Hill que preparasse o chá, o jantar estava sendo preparado, e a sra. Hill não receberia bem a sugestão de interromper seu trabalho no meio só para pôr a chaleira no fogão.

Sarah estava picando a erva-doce, sentindo o aroma doce e penetrante de anis, com o lábio entre os dentes frontais e pensando na conveniência ou não do chá; a sra. Hill limpava a carpa, com Bichana girando e rodopiando entre seus tornozelos, exigindo atenção. Ela deixou as entranhas do peixe caírem para a gata. Enquanto isso, Polly atiçava o fogo com o fole, observando a lenha. Escutavam os passos do sr. Hill lá embaixo, na adega, onde ele escolhia o vinho. A sra. Hill pegou a faca de escamar e pôs-se a raspar as escamas leitosas e prateadas do peixe. De repente, suas mãos se detiveram.

“A torta de maçã!”

“Torta de maçã?”

“Eu me esqueci dela.”

“Pensei que seria de groselha.”

Sarah vira a massa ser sovada na noite anterior e tinha, ela mesma, limpado as groselhas. Vira a sra. Hill esfregar açúcar nas frutinhas.

A sra. Hill fez um gesto com a mão suja de peixe. “Era para ser de maçã, eu me esqueci completamente.”

“E o que vamos fazer?”

“Corra e pegue as maçãs. Eu preparo a massa.”

Sarah já estava de pé e caminhando para a porta antes que Polly se desse conta do que estava acontecendo e se dispusesse a ir ao pomar no lugar de Sarah.

“De quantas a senhora precisa?”

A sra. Hill olhou para as mãos, curvando um dedo após outro numa tentativa de calcular. Entretanto, o estado de seus dedos, vermelhos e grossos, além de escorregadios por causa da gordura do peixe, deve ter desviado sua atenção, pois ela não conseguia chegar a uma conclusão.

“Apenas encha aquela cesta com maçãs Pippin, elas cozinham bem e estão maduras. Só isso, por favor.”

Sarah desatou o avental e pegou a cesta de frutas na prateleira baixa perto da porta. Já estava meio fora da cozinha, quando a sra. Hill a chamou. “E obrigada, minha filha. Não sei o que há comigo hoje.”

Com a cesta no braço, Sarah saiu do ambiente abafado e agitado da cozinha para o frescor do outono. Passou devagar pela porta dos estábulos. Havia partículas de poeira no ar junto com o cheiro cítrico de caiação. A parte de cima da porta estava aberta. O interior dos estábulos parecia quente. Sarah teve um vislumbre da ilharga luzidia da égua alazã e de raios do sol que passavam por uma janela alta. Do novo criado, ainda não havia sinal.

Sarah dava cada passo com a maior lentidão possível. Ainda assim, ele não apareceu.

A escada estava encostada no pé de maçãs Pippin. Com a cabeça e os ombros entre as folhas, ela estendia as mãos para os frutos pesados e vermelhos, pegando os que estivessem a seu alcance, dando

pouca atenção a tamanho ou grau de amadurecimento. Assim que encheu a cesta, desceu depressa a escada, arrepanhando a saia. Correu para a casa, a alça da cesta presa nos braços dobrados. As maçãs podiam ficar um pouco machucadas, chocando-se umas contra as outras daquele jeito, mas não haveria tempo para que se estragassem.

Enquanto ela caminhava ao longo da parede lateral dos estábulos, com a cesta batendo nas coxas, sentindo-se animada de esperança, o novo criado seguia pela frente dos estábulos, empurrando um carrinho de mão muito carregado. Os dois se encontraram ao virarem a esquina, vindos de direções opostas. O canto do carrinho de mão bateu no tornozelo de Sarah; ela agarrou a cesta com força; ele parou de repente, segurando os braços do carrinho.

Estavam um diante do outro. Ela, de olhos arregalados e com os lábios separados; ele, de cabelo revoltado. A carga de excrementos dos animais, tirados dos estábulos emitia leves exalações no frescor do outono.

“Desculpe!”, disse Sarah.

Ele puxou o carrinho um pouco para trás e afastou o cabelo que lhe caía nos olhos. Sua pele tinha a cor do chá; os olhos eram da cor de avelãs e refletiam o sol. O rapaz olhou para as saias de Sarah, onde o carrinho batera nela.

“Você se machucou?”

Ela mordeu o lábio, fazendo que não com a cabeça. Mas realmente se machucara.

“Eu não vi você...”

“Você devia ter sido mais cuidadoso.” Sarah sentia o calor no local onde o tornozelo sangrava.

“Quase derrubei as maçãs.”

“Ah, é”, disse ele. “Estou vendo. Maçãs.”

“É. Bem, você devia mesmo...”

“Bem, se você não se machucou...” Ele sacudiu a cabeça. “A horta é por este caminho?”

Sarah assentiu. Ele deu mais um passo para trás com o carrinho e contornou a criada.

“Então está certo. Obrigado.”

Dizendo isso, ele se afastou com sua carga chacoalhando e fez a curva, de colete aberto, calça presa na cintura como um saco de farinha e uma sola da botina meio solta. Com que então esse era o rapaz íntegro e capaz, o grande acréscimo à casa. Até onde Sarah pôde ver, ele não representava um grande acréscimo a coisa nenhuma.

“E boa tarde para você”, gritou ela.

O tornozelo de Sarah sangrava, e um pouco de sangue escorria através da meia preta de lã penteada. Não chegava a haver um corte, era mais uma rachadura na pele, um hematoma do qual exsudava sangue. A meia, entretanto, não estava rasgada, coisa que não a deixou muito feliz. Se também tivesse se estragado, ela se permitiria ficar proporcionalmente mais aborrecida. Sarah alisou a saia.

“Até que enfim conheci o novo rapaz, sra. Hill”, disse.

“Ah, foi?” Com gotas de suor na testa, a sra. Hill passava farinha de trigo no toucinho, mas fez uma pausa para ouvir a novidade. “Um rapaz simpático, eu achei.”

“Ele se chocou comigo. Com um carrinho cheio de esterco.”

“E por acaso você também estava correndo?”

“Como a senhora precisava das maçãs, talvez eu estivesse.” Ela olhou para o tornozelo. “Ele machucou minha perna.”

“Você pode continuar descascando as maçãs?”

“Está doendo de verdade.”

“Agora essa.” A sra. Hill não se virou para olhar.

“Acho que minha perna vai cair.”

“Agora essa.”

“Só está presa por um pedacinho de cartilagem.”

“Bem, deixe para lá.”

Sarah levantou-se e foi mancando ostensivamente para a mesa da cozinha. Pegou uma faquinha de descascar. Agora a sra. Hill olhou para ela. Passou o dorso da mão na testa, deixando ali um pouco de farinha.

“Mas você está bem, não é, Sarah querida?”

“Não. E ele também não. Não de cabeça. Aposto que é só por isso que ele veio trabalhar aqui. É por isso que ele não está a serviço de um conde ou lutando na guerra. Porque ninguém quis ficar com ele. Ninguém o quer porque ele é um palerma desajeitado que representa um perigo para qualquer pessoa perto dele.”

A sra. Hill dirigiu um olhar de reprovação a Sarah.

“Bem...”

“Sarah! Não fique culpando os outros por um acidente que você mesma causou.”

Sarah pegou uma maçã e meteu-lhe a faquinha. Tirou uma fita irregular da casca e acompanhou sua queda no tampo escovado da mesa, com os lábios apertados. Tudo estava errado. Não era assim que as coisas deviam ter acontecido.

*“Não acho que Londres tenha nenhuma  
grande vantagem com relação ao interior, a meu ver [...]”*

James Smith se apresentara na cozinha para a inspeção da sra. Hill horas antes, como o sr. Bennet lhe dissera que fizesse. A governanta lançou-lhe um longo olhar avaliador. Era magro. Magérrimo. Podia-se ver seu crânio através da pele na beira das órbitas; podia-se ver o arco da mandíbula e sua articulação junto da orelha. E ele estava sujo: as unhas, pretas; o cabelo, imundo; sobre a pele e as roupas, uma camada cinzenta. E as próprias roupas pareciam ter sido roubadas de meia dúzia de varais diferentes. Tinha barba. Anárquica e descuidada, mas com certeza uma barba. Fazia algum tempo que vinha vagando pelas estradas.

“O que é para fazer primeiro, madame?”

Ela levantou a chaleira do fogão e fez um gesto de cabeça em direção à área de serviço.

A governanta despejou a água quente da chaleira na pia da área de serviço e a esfriou com água da torneira. Deu-lhe um pedaço de sabão, uma toalha de linho e um pente; depois foi buscar a navalha do sr. Hill e a afiou para ele. Deixou sua própria tesoura no ralo, para que ele cortasse as unhas.

Na cozinha, ela esfregou a mesa com sal e dispôs o pão, a manteiga e o queijo, escutando os sons que ele produzia ao bufar e espadanar água. Quando ele arremangou a camisa junto da pia, seus braços mais lembravam cordas trançadas: só ossos e músculos. Realmente, aqueles eram tempos difíceis para uma pessoa ficar desempregada.

Posta a mesa, ela se sentou e esperou. James subiu o degrau, vindo da área de serviço, com o cabelo ainda úmido e pingando atrás das orelhas. A barba tinha sumido e a pele do rosto, antes encoberta, estava pálida e emaciada. Ele se mostrava pouco à vontade, movendo-se sem jeito no espaço limitado da cozinha, cheio de barreiras e obstáculos, além de bancos e cadeiras, tinas, utensílios para atiçar o fogo, panelas e frigideiras. Aparentemente, era um desses homens que não se sentem à vontade dentro de casa.

“Então, o que é para fazer primeiro, madame?”

“Sente-se.”

A sra. Hill serviu-lhe uma xícara de chá, pôs a leiteira ao lado dela e um torrão de açúcar na beira

do pires. Em seguida, cortou o pão e o queijo, e foi à despensa cortar fatias de presunto. Quando pôs tudo isso diante dele, o rapaz continuou fitando a xícara. A bebida mantinha-se intocada. Seus lábios, que ele rolava para dentro e mordia, estavam rachados e descascados.

A sra. Hill sentou-se diante dele. “Você não toma chá?”

“Não, eu...”

“Prefere leite?” Ela empurrou a cadeira para trás. “Ou, se quiser, temos cerveja. Quer um caneco de cerveja?”

“Eu tomo chá, não é isso.” Seu olhar, apreensivo, passeava pelo cômodo.

“O que é então?”

“Ganhar a refeição. Eu deveria trabalhar primeiro.”

“Não”, ela respondeu. “Aqui não. Aqui você come primeiro.”

Ele olhou para ela com seus olhos claros.

“Aqui sempre haverá comida para você. Desjejum, jantar e chá. Você come e depois trabalha. Não precisa mais se preocupar com isso.”

Ele sorriu. Foi uma transformação, pois todo o mal-estar desaparecera, ele se abrandou e pareceu jovem. Pegou o torrão de açúcar e o pôs de lado, levantou a xícara e provou o chá.

“Está bom”, disse. “Obrigado.”

“Você não gosta de açúcar?”

“Gosto, acho. Mas não uso.”

A sra. Hill empurrou o prato de presunto para mais perto dele, viu seu pomo de adão subir e descer na garganta. Ela enterrou uma faca na manteiga e a empurrou também em sua direção. Ele passou manteiga no pão, juntou presunto e queijo, dobrou-o ao meio e mordeu. Quando acabou de comer, ela lhe serviu uma larga fatia de torta de groselha e um prato de um creme amarelo e grosso, com uma colherzinha de prata.

“Continue”, disse ela.

Ele ergueu o olhar em sua direção. Depois balançou a cabeça, rindo baixinho.

“O que foi?”

“Nada. Nada mesmo. Obrigado.”

O rapaz meteu uma colher na torta de fruta e comeu. Ao terminar a primeira fatia, ela lhe deu uma segunda. E depois disso, julgando que ele ainda aparentava estar com fome, empurrou o prato da torta em sua direção e deixou que ele se servisse.

“Estou pensando...”, começou ela, enquanto ele juntava as migalhas de massa sobre a mesa com a ponta de um dedo. “O sr. B. não disse onde você trabalhou antes.”

“Ah, aqui e ali.”

“Você veio de muito longe?”

“Não muito longe. É que estive em muitos lugares.”

“Sempre como empregado doméstico?”

“Esse tipo de trabalho. E com cavalos. Eu entendo de cavalos.”

“Bem”, disse ela depois de uma pausa, pois ele se calara. “E agora você está aqui.”

“É.”

“E isso é bom.”

“É mesmo”, disse ele. “E obrigado, madame, pela ótima refeição.”

“Pode me chamar de senhora. Espero que seja feliz aqui.”

Ela pegou a xícara vazia, com o pequeno depósito de folhas no fundo, o prato vazio, e empilhou-os na travessa de torta vazia. Empurrou a cadeira para trás.

“Estamos felizes com a sua chegada.”

“E agora, senhora? O que eu devo fazer?”

“Pode ir arrumar aquele quarto para você, em cima do estábulo.”

Ele limpou a boca e se pôs de pé.

“Você vai ouvir o relógio da igreja dar as horas”, disse ela. “Volte aqui às quatro. Você vai servir a mesa do jantar junto com o sr. Hill.”

Ele assentiu com a cabeça.

“E, ah... Você tem outras roupas?”

Ele baixou o olhar para o colete largo e para as calças, dobradas para dentro da roupa de baixo, e depois para ela. Um sorriso. Fez que não com a cabeça.

“Vou arranjar alguma coisa para você.”

“A senhora é muito gentil.”

“A sra. B. lhe fornecerá roupas no devido tempo, mas você vai precisar de alguma coisa decente para o dia a dia. Não vai limpar os estábulos de libré.”

“Libré?”

Ela assentiu. Ele amarrou a cara, fazendo-a sorrir.

“Muito bem, então”, disse ela. “Vá trabalhar.”

Depois que ele saiu, a sra. Hill subiu lentamente a escada do sótão. Abriu caminho entre velhas malas, baús e caixas que traziam etiquetas com nomes de mulheres solteiras, nomes perdidos havia muito tempo, e a caligrafia cuidadosa de meninos que tinham ido para o internato. Espanou a poeira e afastou teias de aranha, desembaraçou correias de fivelas e abriu tampas de caixas, levantando ondas de poeira. Tirou dali camisas e camisões de dormir que décadas antes tinham ficado pequenos para seus donos, trajes masculinos justos e antiquados, e os expôs à luz para avaliar seu tamanho e grau de decrepitude, recordando o tempo em que ainda serviam nas pessoas, estavam na moda e ainda eram usados.

Fazia calor na cozinha. A torta nova estava no forno, o peixe borbulhava na panela de cobre, e a porta estava aberta para diminuir o abafamento. Polly subia e descia do tamborete, tirando a louça do armário. Sarah arrumava copos numa bandeja, enquanto o sr. Hill vistoriava os talheres, examinando os garfos à luz, um por um. Ergueu um deles para que Sarah o visse. Havia uma crosta de alguma coisa presa entre os dentes.

“Desculpe, sr. Hill. Não vai acontecer de novo.”

Ele a recriminou com um gesto de cabeça e em seguida cuspiu no garfo, dando-lhe um polimento satisfatório com a ponta do colete.

“Onde está esse novo rapaz?”, perguntou Polly.

A sra. Hill ergueu o olhar em direção à janela. “Está vindo para cá.”

O moço entrou pela porta da cozinha sem fazer barulho. Com o cabelo escuro penteado e preso na nuca, vestia um paletó marrom justo, calções pretos e meias de lã. Tinha um aspecto muito decoroso e correto, embora as roupas fossem antiquadas, lembrando o retrato de um cavalheiro pintado trinta anos antes.

“Uau!”, exclamou Polly. “Você parece um fantasma.”

Ele agitou as mãos espalmadas para ela, imitando um espectro, e Polly riu. O sr. Hill aproximou-se dele para inspecioná-lo. Alisou uma lapela e assentiu.

“Certo”, disse a sra. Hill. “Está passável.”

Seria um simples jantar em família, disse-lhe o sr. Hill, uma conveniente introdução à disposição correta de garfos e facas, pratos, travessas, decantadores e taças, de modo que quando houvesse convidados James fosse capaz de arrumar esses objetos sobre uma toalha de mesa de forma a não suscitar críticas maldosas dos vizinhos.

Ele se mantinha tão silencioso como um dos castiçais. Prestava toda a atenção ao sr. Hill, observando cada movimento de suas mãos, calçadas com luvas brancas, assentindo com a cabeça toda vez que o homem lhe lançava um olhar para verificar se tinha sido compreendido. Arrumaram a mesa juntos, de modo que tudo estivesse pronto quando a família se sentasse para jantar.

Às quatro e meia da tarde, o sr. Hill dirigiu-se ao salão e fez soar a sineta. De todos os cantos da casa vieram sons de portas se abrindo e fechando, ruído de passos e vozes alegres de pessoas que prelibavam mais um delicioso jantar preparado pela sra. Hill.

Os dois homens, acompanhados de Sarah, a postos para ajudar nessa primeira atuação de James, levaram as travessas para a sala de jantar, e se ela não estivesse com uma terrina de alhos-porros amanteigados nas mãos, teria puxado a ponta do rabicho de James, que saltitava, tentador, nas costas dele, só para que o novo criado prestasse alguma atenção nela.

Sarah percebeu, porém, que a sra. Bennet já o olhava com bastante satisfação. Na verdade, ele não tinha muito que fazer além de pôr a molheira na mesa sem sujar a toalha ou tropeçar em alguém, e a dona da casa olhava para a família reunida a fim de avaliar a reação de cada um, com os olhos muito abertos, como a dizer: “Vejam que sujeito habilidoso temos agora aqui em casa!”. Sarah era obrigada a reconhecer que ele representava um avanço em comparação com os labregos que eles tinham sido obrigados a caçar a laço em épocas passadas, mas isso era o máximo que se dispunha a admitir. As mãos dele podiam ser atraentes e suas unhas estar bem cortadas e limpas, porém isso de forma alguma o tornava um Beau Brummell.

Ao dispensar os criados, a sra. B. disse formalmente: “Obrigada, James”.

Escondida no corredor, Sarah revirou os olhos. Primeiro, o sr. B, depois a sra. Hill e, agora, a sra. B.: por que estavam todos tão impressionados? A única coisa digna de nota nele era o fato de ser homem. E com menos de cinquenta anos e mãos atraentes.

“Então, o que está achando daqui, sr. Smith?”

“Ainda não sei dizer.”

Ele passou por ela e continuou seu caminho com passos largos. Ela se apressou um pouco para

acompanhá-lo.

“Acho que o senhor vai achar esta casa muito tediosa, porque está habituado com outro tipo de coisa.”

Ele não respondeu.

“Duvido que o senhor encontre aqui alguma coisa do seu interesse.”

Estavam diante da porta da cozinha. Ele a abriu com um empurrão, mas deu um passo atrás, segurando-a para que ela passasse. Ela se sentiu muito confusa. Tendo já percorrido um longo caminho no sentido de se indispor com ele, ela preparara-se para continuar nesse rumo até vir a detestá-lo de todo o coração. Agora foi obrigada a passar por ele, fazer um gesto de agradecimento e avaliar até que ponto ela já se mostrara descortês e se ele dera motivo para isso ou não. Contudo, seu desconforto não foi suficiente para impedi-la de insistir em seu objetivo: “Na minha opinião, dificilmente o senhor haverá de considerar que vale a pena se dar ao trabalho de falar conosco”.

Ele olhou para ela. Ela retribuiu seu olhar e fez um ar de espanto. Em seguida, girou nos calcanhares e se afastou para ajudar Polly a arrumar a mesa da cozinha. Conseguira, enfim, chamar a atenção dele. Surpreendentemente, aquilo lhe rendeu pouca satisfação.

O sr. Hill disse graças e começaram a jantar.

Mesmo de olhos baixos, Polly observava James. Ele comia como se cada bocado fosse de enorme importância, a ser mastigado com todo o respeito e seriedade. Era muito interessante, pensou ela, que ele comesse assim, pois em geral os homens de sua classe comiam como se estivessem lançando pás de carvão numa fornalha ou feno num palheiro.

A sra. Hill passou a ele o pão, a manteiga e o sal, e a todo instante reenchia seu copo de cerveja.

“Podemos tomar mais um pouco de leite, sra. Hill?”

A sra. Hill passou a leiteira a Sarah, que encheu o copo de Polly e depois o seu, de leite desnatado. Polly nem percebeu, tão fascinada estava com o novo criado. Observava-o, fazia-lhe perguntas e assentia animadamente com a cabeça no decorrer de suas respostas.

Onde ele aprendera sua profissão?

Já havia exercido aquela atividade antes.

Entretanto, em quê, exatamente, ele tinha trabalhado, quis saber Polly. E onde?

A sra. Hill pediu a Polly que não fizesse tantas perguntas.

James disse que não se importava e que Polly era uma moça inteligente, o que a fez enrubescer e sorrir, além de conter sua curiosidade por algum tempo. Primeiro ele trabalhara numa fazenda, disse, depois como cavaliariço e, mais recentemente, como criado, incumbido de tarefas gerais, numa casa mais ou menos do mesmo tamanho que aquela.

“Mas que casa... quero dizer, de quem? Talvez nós os conheçamos... Será que os Bennet os visitam?”

A casa, claro, não ficava naquela região. A fazenda localizava-se depois dos morros que se viam ao longe. E a estalagem em que ele trabalhara como cavaliariço situava-se depois de Ashworth, a muitos quilômetros dali. Tudo muito distante, notou Sarah, todos os lugares mencionados ficavam longe demais para que pudesse ter havido alguma ligação, algum conhecimento trocado sobre as atividades

anteriores dele para o seu atual emprego, ali em Longbourn.

Sarah sempre desejara isto: alguma coisa — qualquer coisa — que perturbasse a mesmice, que desviasse sua atenção da barulhenta mastigação giratória do sr. Hill, da perspectiva de mais um fim de tarde inexpressivo e da monotonia de sua própria voz lendo romances em três volumes e jornais de três dias antes. Mas agora a mudança chegara a Longbourn, e Polly a fitava como uma boboca, a sra. Hill não parava de encher-lhe o copo e até o sr. Hill lhe sorria, lançando-lhe olhares furtivos e depois desviando os olhos timidamente, e Sarah era deixada de lado, melancólica e ignorada, desejando que essa mudança, com seu cabelo escuro e olhos cor de avelã, além de sua pele cor de chá, jamais tivesse pisado em Longbourn.

\* \* \*

Sarah sentia-se ainda mais deprimida na manhã seguinte, ao descer para a cozinha, com Polly se arrastando três passos atrás dela. A chama cálida da vela alumiaava a escada, os degraus nus e as paredes verdosas, o gotejamento viscoso da própria vela e a mão ferida a carregá-la, a pele escurecida pelo sangue seco e manchada de eritemas que ela não devia coçar, por maior que fosse a comichão.

Primeiras tarefas: trazer lenha e água, varrer as lareiras e polir o fogão com grafite, depois limpar bem as mãos para tirar qualquer sinal de grafite e de fuligem antes de começar o trabalho propriamente dito daquele dia. Lá fora, o gelado cabo de ferro da bomba a esperava: ela quase preferia tirar brasas vivas do fogo.

Polly sentou-se à mesa e apoiou o rosto nos braços dobrados. Sarah, ela mesma ainda tonta de sono, pegou a escova da lareira e já se preparava para se agachar e retirar as cinzas da véspera, quando se deteve. A lareira estava limpa, o fogão polido e o fogo já ia forte e crepitando, com lenha nova. Ela olhou para a cesta de lenha: cheia.

Alguém acordara mais cedo.

Agora a água. Sarah encostou-se na parede da área de serviço para erguer a canga. A luz da vela penetrou pela porta aberta, iluminando o interior das tinas de madeira. Sarah se abaixou para tocá-las: os dedos saíram molhados. Endireitando-se, enxugou a mão no avental e foi até a caixa-d'água. Pondo a mão nela, sentiu o peso frio da água fazendo pressão contra a parede de metal. Alguém acendera o fogo e depois trouxera água. Enchera a caixa até a borda.

Um duende do bem. Uma visagem prestativa. Nunca se soubera da presença de um deles em Longbourn.

“Polly...”

No entanto, Polly adormecera de novo na cozinha, a cabeça nos braços e os cachos caindo sobre o rosto. Sarah pôs as mãos nos quadris, olhando em torno do cômodo. Durante um momento, esteve como que esquecida de tudo, porque não havia nada, pelo menos por enquanto, para ela fazer. Fora liberada de qualquer tarefa por uma hora, era como um presente que haviam lhe dado.

Pegou a velha peliça pendurada atrás da porta e saiu para o frio cortante da madrugada. Vestindo o casaco e abotoando os alamares, saiu a passos largos do pátio e atravessou o cercado, fazendo estalar as hastes geladas da grama e sentindo as botinas levantar a geada. Passou pelo portão lateral e virou para o caminho. Pássaros saltitavam e chilreavam nas sebes. Sarah entrou nos bosques negros e saiu

de novo para o amanhecer estrelado. As folhas pendiam baixas, quase à altura de suas mãos. Levantou a gola da peliça e afundou o rosto nela. O veludo velho cheirava a bolor. Chegou ao ponto mais alto do caminho, onde passava a estrada dos boiadeiros.

Essa estrada era antiga. Seguia pela encosta e não era pavimentada nem dotada de melhorias como as estradas modernas, com seus cascalhos e valetas. Não passava de uma fita de grama muito pisoteada pelas manadas que por ali transitavam. A vista que se tinha daquele ponto era notável: viam-se agulhas de igrejas, vilas, bosques e matagais a quilômetros de distância, bem como morros longínquos. E ela sabia que, indo por aquele caminho e andando durante tempo suficiente, se chegaria à maior cidade de todo o planeta, o que era uma espécie de milagre. Londres era tudo que se podia imaginar — e muito mais, sem dúvida, que ainda não podia ser imaginado.

Sarah cruzou os braços. Uma narceja piou. O sol apontou sobre os morros, tingindo de laranja a alvorada azul. Um carneiro baliu, um cabrito respondeu. As sombras se desfaziam como fitas. Já se percebia o verde nas campinas e nas árvores. Em algum lugar, no vale lá embaixo, um galo novo cantou, e havia no ar uma leve fragrância de fumaça de lenha. Em Longbourn, uma chaleira tinha de ser enchida e posta para ferver, porque daí a pouco todo mundo iria querer uma xícara de chá. E ela não podia esperar que o duende, por mais prestativo que fosse, cuidasse disso.

Ao voltar pelo caminho, viu a casa ainda às escuras, com as janelas sem vida e vazias. Alguns lençóis pendiam na corda. O linho era um lampejo branco entrevisto em meio à trama das sebes. E Sarah sentiu uma ligeira transformação interior: viu-se de pé, lá onde passavam as cordas de secar roupa, viu os movimentos que estaria fazendo agora, enquanto passava por trás da sebe.

E não fora um escocês, claro, agora percebia: fora James Smith.

Naquele dia ele devia estar descendo pela estrada dos tropeiros, tal como ela fazia agora. O barulho vindo dos estábulos naquela noite: era ele também, sorrateiro, falando de mansinho com os cavalos, do jeito que falava com todo mundo, dando consigo num lugar agradável e quente, preparando-se para passar a noite. E de manhã dera um jeito de se avistar com o sr. B. antes que alguém o visse. O motivo pelo qual o dono da casa se convencera a empregá-lo em tais circunstâncias, Sarah já deslindara: uma questão de economia, sem dúvida, um negócio tão tentador que o sr. Bennet não se animou a recusar.

Mas a dúvida era a seguinte: se ele tinha vindo pela estrada dos boiadeiros, não viera daquela casa além de Ashworth a que se referira nem da fazenda depois dos morros distantes. Podia ter vindo de qualquer lugar. Podia ter vindo de Londres. Do outro lado do mundo.

A lenha que queimava no fogão iluminava a cozinha quando Sarah olhou pela janela. Polly continuava adormecida, com a cabeça nos braços dobrados. Sarah escutava o sr. Smith andando de um lugar para o outro nos estábulos. O que ela devia fazer era entrar em casa e acordar Polly, para que começassem seu dia de trabalho. Em vez disso, dirigiu-se aos estábulos e parou no umbral da porta, para observar a cena afetuosa que se desenrolava lá dentro, iluminada por um lampião pendurado numa trave. O rapaz cuidava da égua, passando-lhe uma rasqueadeira, e parecia absorto no trabalho. O animal percebeu primeiro a chegada de outra pessoa e virou a cabeça para fixar em Sarah um olho enorme e benevolente, e com isso fez James dar um passo atrás, rindo. Ele olhou em

torno para acompanhar o olhar da égua. Ao ver Sarah, sua expressão mudou.

“Obrigada”, disse ela, passando o peso do corpo para o outro pé e com os braços apertados contra o peito. “Quero dizer, por ter feito todo aquele trabalho esta manhã.”

Ele voltou a cuidar da égua. “Não precisa agradecer.”

“É trabalho meu... e também de Polly, mas ela tem dificuldade para acordar cedo.”

“De qualquer forma, eu já estava acordado. Gosto de me manter ocupado.”

Ele falava sem sequer lhe dirigir um olhar.

Sarah apertou os braços com mais força. “O que você está fazendo aqui?”

Ele fez uma pausa em seu trabalho. “O quê?”

“Quero dizer, por que está aqui? Quero dizer, se eu fosse você não teria aceitado este emprego. Escondido como um peixe num remanso. Sem nem sentir direito que está vivo.”

Ele mudou a posição da rasqueadeira na palma da mão, endireitando a tira no dorso. Não levantou os olhos.

“No outro dia eu vi você descendo pelo caminho. Era você, não era?”

Ele se retesou, virando-se para olhá-la. Sarah se surpreendeu de novo com aqueles olhos claros, cor de avelã, e com o tom escuro de sua pele crestada de sol.

“De onde você vinha?” A voz de Sarah baixou de tom. “Você deve ter viajado. Já estive em Londres?”

“Londres fica a apenas trinta e dois quilômetros daqui, você sabe.”

Ela enrubesceu, batendo no salto da botina com a proteção de metal da outra bota. O rapaz voltou a seu trabalho.

“Não sei mesmo o que pensar de você”, disse ela.

“Por favor, não se dê ao trabalho de tentar.”

Ela girou o corpo e voltou com passos pesados para a cozinha. Ele era uma mistura tão grande e frustrante de solicitude, cortesia e incivilidade que Sarah não conseguia formar uma ideia clara a seu respeito. De uma coisa, porém, tinha certeza: ele estava mentindo. Não era o que fingia ser. Podia ter enganado todo mundo em Longbourn, mas a ela não enganava. Nem por um minuto.

*O objetivo de sua vida era casar as filhas;  
seu passatempo eram as visitas e as novidades.*

O toucador da sra. Bennet: seu *sanctum sanctorum*, seu refúgio das exigências prementes da vida em família; um aposento de estofados salientes, festões, almofadas, cortinas e tapetes turcos; um lugar com pilhas de vestidos usados uma única vez, xales, *spencers*, peliças e toucas abandonados; um acúmulo de fragrância bolorenta de pétalas de rosa, de papéis de parede listrados ou com estampas florais, de superfícies adornadas com todas as peças de porcelana que seu dinheiro para as pequenas despesas podia proporcionar e com todas as flores de papel, trabalhos de conchas, ornatos em volutas, macramês, caixas de charão e porcelanas pintadas que os dedos ágeis das filhas podiam lhe fornecer, e tudo se decompondo, descascando e juntando poeira, além de levar à loucura a alma sensata e ordeira da sra. Hill.

A sra. Hill fora chamada para tratar dos cardápios da semana, e tendo registrado na memória, como sempre fazia, os pedidos de perdizes, timbales e ragus, já deveria ter saído dali para sovar a massa do pão, que deixara fermentando na cozinha. Todavia, foi detida no toucador para ouvir as queixas da sra. B., que diziam respeito, como de costume, ao fato de o sr. B. não entender a necessidade de algo que era de importância fundamental para sua mulher. E como ele mal parecia capaz de escutar sua voz, que dirá perceber a importância do que ela dizia, a sra. B. decidira não mais discutir o assunto com ele. Em vez disso, queixava-se daquilo à sra. Hill.

Não era da natureza da sra. Hill fazer barulhinhos gentis e ficar ouvindo sem nada fazer, muito embora soubesse, por sua longa experiência, que quaisquer tentativas de pôr ordem naquele aposento seriam inúteis. Tirou a poeira de uma pastora de porcelana com a ponta do avental e depois espanou a prateleira do armário onde ela repousava. Pegou um amarrotado vestido de noite amarelo-ovo de uma cadeira e alisou suas dobras.

“Ah, deixe isso aí, Hill.”

“Vou pendurar...”

“Pendurar? Ora essa! Não se preocupe com isso! Com esse trapo velho!”

A sra. Hill examinou o vestido. Teriam as moças cometido algum erro? As dobras amarelas e

sedosas deslizaram entre suas mãos. Não havia marcas visíveis, bainhas abertas ou costuras desfeitas. Nem rasgões óbvios. O vestido parecia nas perfeitas condições em que voltara para o guarda-roupa da sra. Bennet ao ser lavado na última vez. Houvera uma ceia na casa dos Goulding em que se servira sopa. Ela se lembrava das moças se desdobrando com aquele vestido. Tinham demonstrado o maior cuidado ao deixá-lo de molho, ensaboá-lo e tirar as manchas da seda. O trabalho daquelas jovens e competentes lavadeiras a deixaram orgulhosa. E sentira que as duas também tinham ficado satisfeitas ao, por fim, darem por terminada a lavagem, e isso era muito bom: elas começavam a sentir um justificado orgulho de seu trabalho, em vez de apenas executá-lo, desejando estar em outro lugar.

“Preciso de roupas novas”, dizia a sra. Bennet. “Preciso mesmo. E as meninas também. É claro que isso não é pedir muito depois de todos esses anos! Pode levar essa coisa horrorosa para você. Não quero mais isso.”

A sra. Hill dobrou cuidadosamente o vestido no braço. Houvera um tempo em que seu coração teria dado saltos de alegria por ganhar uma coisa tão linda. Mas agora, realmente, que valor tinham para ela sedas amarelas e babados? Seria preciso ajustar o vestido em vários lugares, além de eliminar uma porção de bobagens nele, senão ela pegaria fogo quando estivesse cozinhando. Portanto, aquilo era de fato mais uma tarefa do que um presente, e se havia coisa de que ela não precisava era de mais trabalho.

“É horrível mesmo, Hill. Você não faz ideia do que é isso, ser mãe e saber que suas filhas sofrem por falta de atenção do pai.”

Nesse momento a sra. B. deu um grande suspiro, deixando a posição reclinada e erguendo o corpo, recusando com um aceno impaciente a mão que a sra. Hill lhe estendia. Cruzou o pequeno aposento, o espartilho estalando, e chegou à janela com uma expressão furiosa, embora seus pensamentos claramente não estivessem voltados para o belo parque lá embaixo.

“E não apenas para o próximo baile. Vamos precisar de vestidos novos para visitas matinais, jantares em família, ceias e chás, todas essas coisas.”

Ela se apoiou no peitoril da janela, enxugando os olhos.

“Mas acredito que ele dirá que não. Ele não tem a menor compreensão desse tipo de coisa. Para falar a verdade, não creio que ele se importe.”

A sra. Hill fixou o olhar nas costas de sua patroa. Se ela não descesse à cozinha para sovar a massa, naquela semana eles teriam tijolos em vez de pães. Tinha de pedir a uma das moças que fosse pegar ovos e mandar a outra bater o tapete do salão, e quem ela incumbisse de uma dessas tarefas a olharia de cara feia e reclamaria. E James estava fora, no campo, consertando cercas, e ela separara, para lhe levar, um caneco de cerveja, que estava numa prateleira na despensa, e se não o levasse logo não teria tempo de fazê-lo antes que ele terminasse seu trabalho. E logo ela teria de começar a preparar o jantar, o sr. Hill pediria sua xícara de chá, e não era nada bom deixá-lo esperando o chá por muito tempo.

No entanto, a sra. B. estava triste e precisava dela. A sra. Hill aproximou-se e tocou em seu ombro.

“Sinto muito.”

A sra. B. sacudiu seus cachos. “No que diz respeito a ele, sempre há uma coisa mais urgente. Algum arrendatário não está pagando o aluguel. Ou precisam de sementes na fazenda, ou há

consertos a serem feitos. Sempre há *alguma coisa* mais importante do que eu ou do que as necessidades das minhas pobres filhas.”

A sra. B. virou-se para encarar a governanta com uma expressão grave e intensa. A sra. Hill viu suas mãos calejadas presas nas mãos macias da ama.

“Você falaria com ele para mim, Hill?”

“Posso fazê-lo se a senhora quiser, mas não creio que minha intervenção obtenha muito êxito.”

“Ah, você sabe que tem influência sobre ele, Hill. Se você lhe disser que isso é necessário, ele vai entender que realmente é. Já se eu digo alguma coisa, ele acha que não vale a pena prestar atenção. Mas a você ele dará ouvidos. A mim ele não presta atenção. Não mais.”

A sra. Hill desviou o olhar. Havia uma caixa de pó de arroz na penteadeira perto dela, com a esponja solta. Sua superfície cor de mogno apresentava uma grossa camada de pó de boa qualidade, com perfume de lavanda. Não houvera mais bebês nem haveria mais bebê algum: era isso que constituía a essência desse covil de infelicidade. Ela não proporcionara o necessário herdeiro, o que era uma decepção angustiante. No entanto, pensou a sra. Hill, depois de todas aquelas gravidezes, que a haviam reduzido a pele e osso e daqueles resguardos que tanto a tinham abatido, depois de todos os dentes perdidos, do sangue derramado e de um ventre flácido que ela agora tinha de carregar de um lado para o outro como um saco, não seria de esperar que a sra. Bennet encontrasse algum consolo na ideia de que agora estava tudo acabado e ela não seria mais obrigada a suportar tudo aquilo de novo?

“Você sabe que é verdade. Uma palavra sua e teremos uma nova vassoura, uma panela estanhada, mais velas ou qualquer outra coisa que você queira.”

“Assuntos domésticos, senhora, só isso. Essa é a minha alçada.”

A sra. Bennet largou a mão da governanta.

“Mas eu estou falando de *assuntos domésticos*! Isso diz respeito a todas nós! Pensei que, como mulher, você haveria de compreender. Mas você não é mãe, por isso não sabe. Não pode entender o quanto sofro por minhas filhas. O sr. Bingley poderá estar casado antes mesmo de ver minhas queridas filhas.”

“Sr. Bingley?”

“Ah, sim, talvez você nem tenha sabido!” O semblante da sra. Bennet lembrou um ventoso dia de primavera: de um momento para o outro as nuvens sombrias foram expulsas e logo o sol brilhou. “A propriedade de Netherfield Park foi alugada, afinal, como você sabe. A sra. Long me deu todas as informações quando estive aqui. Eles vão residir lá na festa de São Miguel.”

“A sra. Nicholls vai precisar que lhe digam logo o que fazer, para ter tudo preparado.”

A sra. Bennet deu de ombros. Os problemas da sra. Nicholls, a governanta de Netherfield Park, nada significavam, comparados aos dela.

“Mas entenda, Hill. O novo inquilino é um cavalheiro jovem e... *solteiro*. Um cavalheiro jovem, solteiro e *rico*.”

A sra. Hill mudou de posição. Lançou um olhar ao sofá da sra. B., atulhado de almofadas, e pensou em derrear-se nele. Um cavalheiro jovem e solteiro, recém-chegado ao lugar. Aquilo significava uma onda de atividade agitada e nervosa no andar de cima. Significava também passeios,

festas e uma carga de trabalho adicional para todos no andar de baixo.

“Isso mesmo. Por isso, as meninas *precisam* de roupas novas pelas quais se apaixonem. E *eu* também preciso, para mostrar que somos uma família respeitável e merecedora da atenção dele. Não quero que o sr. Bingley nos olhe de cima para baixo e pense que não somos nada por falta de alguns vestidos. Por conseguinte, você deve falar com o sr. Bennet a respeito disso e insistir que precisamos das roupas.”

Pelo menos dessa vez havia James para ajudar. Mais duas mãos, um rapaz para conduzir o coche no lugar do sr. Hill.

“Vou falar com o sr. Bennet”, disse a governanta. “Já que a senhora quer mesmo isso.”

“Ótimo”, disse a sra. Bennet, afundando de novo no sofá e deixando a sra. Hill em pé. “Bem, assim que você puder, Hill. E me sirva uma dose do meu bálsamo, por favor. Meus nervos estão em frangalhos.”

A sra. Hill destapou a garrafa, verteu o líquido num copo e entregou-o à ama, que bebeu um pouco, fechou os olhos e mostrou-se aliviada. Depois de um instante, a sra. Hill saiu devagar e cansada, de volta à cozinha. A massa de pão crescera acima da borda da tigela. Estava dura, redonda e marcada por listras. Ela a atirou na mesa enfarinhada, depois de arrancá-la da tigela com as unhas, virando-a de lado e jogando com força na mesa de novo. Em seguida, passou a golpeá-la com os punhos, levantando nuvens de farinha. Um pouco depois, ao entrar na cozinha, arrastando os pés, o sr. Hill deu uma olhada e concluiu que era melhor não pedir seu chá. Em vez disso, sentou-se em silêncio perto do fogo e esperou que ela o notasse.

Sarah estivera lá, uma vez, havia anos, antes de Polly ter chegado a Longbourn. Mandaram-na levar um regalo, um presunto, depois do abate de um porco dos Bennet. Nessa época, as grandes colunas do Netherfield Park estavam sulcadas de manchas verdes e de umidade. A porta fora aberta por um laçao escanifrado, cuja libré estava comida pelas traças e manchada por restos de algum alimento. De pé, na antessala sombria, o homem fixou nela seu olho bom — o outro era uma órbita de um branco leitoso —, perguntou de quem ela era criada e então abriu a porta que rangia e deixou-a entrar com uma mesura.

O interior da casa era frio, cheio de ecos e sombras fugazes. A menina percorrera corredores revestidos de espelhos descoloridos e empolados, com os móveis cobertos e protegidos por lençóis. O presunto, embrulhado como um bebê em panos de algodão, pesava, frio, em seus braços. O laçao levou-a a uma sala, depois jogou-se num sofá e inclinou a cabeça para trás, de boca aberta, como se absolutamente exausto com o percurso de ida e volta até a porta.

Bolorento e frio, o cômodo cheirava a remédios, madeira de cânfora e urina, mas também a alguma coisa levemente doce. Havia uma mesa de jogo, com um serviço de chá descombinado, e também um sofá-cama jogado num canto, sobre o qual se via o que a princípio ela julgou ser uma trouxa de roupa, mas que se moveu e depois se virou, sorrindo então para ela. Os poucos dentes que a anciã ainda tinha eram negros.

“Quer um pedaço de bolo, menina?”

Sarah fez que não com a cabeça, pôs o presunto numa mesa e voltou de costas para a porta. Ao

chegar ali, deu meia-volta e disparou a correr por toda a extensão do corredor mal-assombrado, abrindo ela mesma a imensa porta da frente. Depois, aos tropeções, correu o primeiro um quilômetro e meio do caminho de volta para Longbourn, e quando não aguentou mais correr passou a caminhar o mais depressa que pôde, olhando por cima do ombro. O cheiro do lugar — aquela doçura que na realidade era podridão — pareceu ficar grudado nela durante dias.

Agora, já crescida, ela se aproximava outra vez de Netherfield. Dessa vez não levava um presunto pesado e frio, e sim um elegante convite, endereçado ao sr. Bingley, solicitando sua presença num jantar de família.

Caminhando pela entrada de cascalho, que fora revolvida com ancinho, além de aplainada e capinada, ela ergueu os olhos para a majestosa colunata, agora livre das manchas. Claramente, não era mais o tipo de propriedade em que a criada de um vizinho podia ser recebida na porta da frente. Sarah seguiu por um caminho que contornava a mansão, procurando a entrada de serviço. As janelas de guilhotina estavam abertas para que o ar fresco penetrasse nos cômodos, pois todo o interior tinha sido pintado, o que ela adivinhava pelo forte cheiro de tinta. Viu de relance tetos branquíssimos, móveis cobertos, um espelho sendo lavado.

As moças e a sra. B. estavam alvoroçadas com esse sr. Bingley. Já houvera uma visita e uma retribuição, mas a criadagem pouco participara desses encontros. Quando o sr. Bingley visitou Longbourn, os cavalheiros tinham bebericado vinho das Canárias na biblioteca de forma bastante autossuficiente. James dera sinais de que cuidar do cavalo de Bingley — um animal castrado, negro e imponente — era antes um prazer do que um trabalho.

Agora, porém, havia isto, o convite para um jantar em família, e a sra. B. já estava azafamada com o peixe e a sopa, pois um jantar familiar era, todos sabiam, mais difícil de organizar que um jantar formal. Era preciso impressionar e, ao mesmo tempo, parecer que não se estava *tentando* impressionar ninguém. O passadio tinha de ser excelente, mas também dar a impressão de que a família estava habituada a jantar daquela maneira todos os dias.

A sra. B. tomara enorme cuidado com o convite, escrevera as palavras com muito esmero, no melhor papel que havia na casa, com a ponta da língua se projetando no canto da boca. Também a sra. Hill levava aquilo a sério. Quando James desceu da sala do desjejum com o convite, ela o tirara da salva, o examinara longamente e depois o passara a Sarah.

“Entregue isto o mais depressa que puder, e nada de perder tempo, por favor. Preciso de você aqui para ajudar com as tortas.”

A porta era pequena e simples e só podia ser uma entrada de serviços. Como ninguém atendesse a suas batidas, ela entrou e seguiu os ruídos em direção à cozinha. Ali provavelmente encontraria alguém para encaminhar uma missiva a um apartamento no andar de cima. Sarah já se sentia ansiosa e ainda nem fora obrigada a falar com ninguém. Com certeza pareceria estranho que ela, uma criada, trouxesse o convite, em vez de um laçao. O que a sra. Hill teria pensado? Para que *servia* o sr. Smith senão para ir de um lugar a outro a serviço da família?

Sarah entrou por uma porta de vaivém, chegando a uma vasta cozinha. Ninguém a notou. O lugar era cavernoso, com muitos ecos e uma atividade intensa. Viu um cozinheiro de jaqueta azul, indo de

um lado para outro e olhando dentro de panelas; três moças, ajudantes de cozinha, picavam cebolas e alhos-porros; criados entravam e saíam a todo instante. Os aromas eram estonteantes: carne, vinho e frutas cozidas. Por fim, um laçao — alto, numa faustosa libré e de peruca empoadada — passou por ela.

“Por favor...”

O homem parou, dando meia-volta. Seu rosto era bem moreno. Sarah olhou para suas mãos, mas como estavam metidas em luvas brancas, não viu se eram morenas também. Ela mordeu o lábio, ergueu os olhos de novo para seu rosto — ele era de uma beleza perturbadora —, mas logo os desviou, pois não seria de bom-tom encarar uma pessoa. Sentiu o rosto se afogear e baixou os olhos para os pés.

“Em que posso ajudá-la?”

Ele falava em inglês, e de forma muito educada. Não ousando cruzar seu olhar com o dele, Sarah estendeu o esmerado bilhete da sra. B, agitando-o.

“Para... Para o sr. Bingley.”

“E você vai esperar a resposta?”

Ela assentiu com a cabeça. Entretanto, como ele não se afastasse, ela foi forçada a olhar para ele de novo. Seus olhos, escuros como um café forte, ainda estavam postos nela, e ele quase sorria. Sarah sentiu o rosto ainda mais quente.

“Fico muito feliz em saber.” O homem fez uma mesura e saiu.

Então ele era o que chamavam de negro, embora fosse moreno? Um africano? Mas os africanos tinham marcas de cortes no rosto, eram retintos, andavam seminus e viviam acorrentados. Ela se lembrava da estampa que vira no presbitério, pendurada no corredor: *Não sou um homem e um irmão?* No entanto, esse homem se mostrava imaculado em sua libré e sua pele não tinha marca alguma, era bem lisa e perfeita. Na verdade, não se poderia dizer que fosse mais escuro do que o sr. Smith ou do que qualquer homem da região que trabalhasse nos campos sob o sol de agosto. No entanto, no caso deles, o bronzeado desbotava no inverno e nunca passava da gola da camisa ou das mangas até onde eram arregaçadas...

Sarah colou-se à parede, para não estorvar a passagem de ninguém. Devia ser uma boa caminhada o percurso de ida e volta até os aposentos da família. Ou talvez o sr. Bingley não estivesse conseguindo se decidir se estava disposto ou não a enfrentar um jantar de família com os Bennet. Ela sentia nas palmas das mãos a frieza do gesso caiado. Observava a agitação e a pressa com que trabalhavam na cozinha e sentiu-se feliz por não lhe pedirem que participasse daquilo. A governanta de Netherfield Park, a sra. Nicholls, tinha sido abordada pelo cozinheiro, que a censurava por alguma coisa. Ele devia ter vindo com a família de Londres, pois naquela região homens não trabalhavam como cozinheiros. A sra. Nicholls desculpava-se, atarantada, com as mãos espalmadas num gesto de súplica, e Sarah desviou o olhar. Com certeza a sra. Nicholls não gostaria de ser vista assim.

Quando o laçao negro voltou, estendeu um bilhete, dobrado e lacrado de forma descuidada e endereçado com uma caligrafia apressada.

“Espero de coração que haja uma resposta à resposta”, disse.

Sarah não soube o que dizer. Fez uma leve medida e saiu, apressada.

“Então ele não vem?”

“Ele nem estará em casa!” Olhos arregalados diante da notícia emocionante: “Ele vai a Londres!”

E assim, sem mais nem menos, como se fosse uma coisa que se fizesse todos os dias!

“E, ao voltar, vai trazer algumas pessoas para o baile!”

“Isso é que é viver na flauta!”, comentou a sra. Hill, retomando sua cerzadura. “E eu já encomendei a carne.”

“Ah, os Bingley têm dinheiro de sobra para viverem na flauta”, disse Polly. “É o que todo mundo diz. Ouvi dizer que o pai deles negociava com açúcar.”

“E com açúcar se ganha dinheiro a rodo.”

James estava limpando os talheres. Sarah devia sentir-se agradecida, pois ele lhe poupava a tarefa. Mas ela sentia aquilo como uma desfeita: seu trabalho não era mais visto como satisfatório, para que pedissem ao novo empregado que o fizesse?

“Deve ser um comércio muito rendoso”, disse a sra. Hill. “Não podemos viver sem essa coisa.”

“Eu *adoraria* trabalhar com açúcar”, suspirou Polly. “Imagine só!”

“Você viajaria muito.” Com um garfo, James traçou um triângulo no ar. “Com o navio carregado até a borda com canhões e ferragens inglesas. Iria com os ventos alísios para o sul, até a África...”

Polly sorriu, empolgada, ao ouvir isso. Mas de repente piscou. “O que são ferragens?”

“Tudo o que é feito de ferro, como correntes, panelas, facas...”, respondeu James. “Na África, pode-se trocar tudo isso, e armas, por pessoas. Você mete essas pessoas no porão do navio e leva para as Índias Ocidentais, onde as troca por açúcar, e depois você despacha o açúcar para a Inglaterra. É o que chamam de Comércio Triangular. Tenho para mim que os Bingley vieram de Liverpool ou de Lancaster, já que dizem que eles são nortistas.”

“Eu não sabia que compram açúcar assim”, disse Polly, puxando a cadeira mais para perto da mesa.

“Assim, como?”

“Com pessoas.”

“Pois é assim”, disse James, esfregando o garfo e dando de ombros.

“Parece que você sabe muita coisa sobre isso.”

James ergueu os olhos para Sarah, que dissera essas palavras. Deu de ombros de novo. “Li num livro.”

“Foi mesmo?”

“Foi. Por que não?”

“É que não parece natural.”

“Por que não parece natural?”

“É só que não parece coisa sua.”

“O quê? Que eu saiba ler?”

“Bem...”

O clima na cozinha parecia ter mudado, notou Polly, embora ela não entendesse bem por quê, já

que a conversa seguia tão tranquilamente momentos antes. As frases de James e as de Sarah se entrecrocavam, acompanhadas com atenção por Polly. As mãos da sra. Hill tinham se imobilizado e a agulha sumira entre as voltas de fio. Polly a viu dirigir um olhar ao sr. Hill, que ergueu o sobrolho de volta.

“Então você simplesmente achou que eu fosse um ignorante.”

“Não, mas...”

“Mas nunca lhe ocorreu que eu pudesse ler mais do que, digamos, você?”

“Eu leio o tempo todo! Não é, sra. Hill?”

A governanta assentiu com um gesto de cabeça.

“O sr. B. me empresta livros e o jornal dele também, e a srta. Elizabeth sempre me passa os romances que ela pega emprestados na biblioteca itinerante.”

“Ah, claro. Os romances da srta. Elizabeth. Tenho certeza de que são muito interessantes.”

Sarah cerrou os lábios, estreitando os olhos. Em seguida, virou-se para a sra. Hill.

“Eles têm um negro em Netherfield, a senhora sabia?”, anunciou, triunfante. “Conversei com ele hoje.”

James interrompeu por um instante seu trabalho e depois virou a cabeça, prosseguindo sua tarefa.

“Bem”, disse a sra. Hill, “imagino que a sra. Nicholls precise de toda a ajuda que possa conseguir.”

“Mas pensar”, disse Polly, ansiosa por fazer a conversa voltar à calma de antes, “que todas aquelas coisas bonitas, tanto dinheiro, que tudo aquilo venha do açúcar. Aposto que lá o gesso é de hortelã, as colunas são de açúcar mascavo, que os assoalhos são feitos de caramelo e que os sofás têm almofadas de glacê.”

“Lamento informar que as colunas são de pedra da região.” Sarah levantou seu trabalho de costura, catando pedacinhos de linha. “Quanto às almofadas, não sei. Mas o glacê ficaria pegajoso perto do fogo.”

Polly aquiesceu e sorriu, sonhadora, engolindo a saliva.

*“Se eu puder ver uma de minhas filhas casada e feliz morando em Netherfield”, disse a senhora Bennet ao marido, “e todas as outras igualmente bem casadas, não quero mais nada da vida.”*

“Aqui está seu vestido, senhorita.”

Elizabeth se virou para olhá-lo, os lábios se abrindo num belo sorriso. E era um vestido bonito, um vestido que fazia a pessoa sorrir. Uma musselina delicada, tingida de um azul-ovo de pato, que destacaria à perfeição a pele da jovem. Sarah entrou com ele pela porta, estendendo-o na cama de Jane e Elizabeth como se estivesse em êxtase.

Jane já vestira seu traje de noite e se afastara com cuidado da lareira, para que o fogo não chamuscasse a fina musselina, e evitava fazer qualquer coisa, até mesmo sentar-se para não amassar o vestido. Seu cabelo já estava penteado em tranças e bandós perfeitos, brilhantes, e a expressão de seu rosto era tranquila e pouco revelava sobre seus pensamentos. A principal coisa que se poderia dizer de Jane é que se podia confiar nela. Podia-se confiar nela para que não amassasse um vestido, para que não reclamasse, para que não incomodasse as pessoas, para que não exigisse atenções especiais. A serenidade e a autossuficiência de Jane eram um bálsamo para os nervos à flor da pele de Sarah. Ela era uma pessoa doce, calmante e confortadora como um pudim de leite, tudo o que se podia desejar ao fim de um dia exaustivo.

As madeixas lisíssimas das irmãs mais jovens tinham de ser transformadas à força em anéis, o que consumia as mãos de Sarah e a paciência de todos. O cheiro de cabelo quente não lavado a seguia pelos quartos e corredores do andar de cima. Aquele era, para Sarah, o odor do ressentimento: suas mãos já estavam com bolhas causadas por ferros de engomar, seus pés latejavam na botina, suas costas doíam. Se fosse minimamente provocada a esta altura dos preparativos, poderia até começar a queimar cabelos de propósito.

Já o cabelo de Elizabeth anelava-se por si só, o que parecia uma expressão de seu temperamento vivaz e solícito. Ela mesma já o tinha prendido e fixado nele um ramalhete de rosas artificiais. Agora, de combinação e espartilho, esperava que a vestissem. Levantou os braços, expondo a lanugem escura e almiscarada das axilas. Sarah levantou a massa de musselina e desceu-a por cima da cabeça da jovem. Ajudada por Sarah, Elizabeth se vestiu. Em seguida, Sarah enfiou em suas casas os

botõezinhos sedosos que ficavam do lado interno do braço. Elizabeth encolheu-se.

“Eu a belisquei?”

“Um pouco.”

“Desculpe.”

Sarah continuou a trabalhar em silêncio. Acocorou-se, ajustando a bainha, depois se levantou para ajeitar o corpete, puxando a cintura alta sob os seios.

“Está bom assim?”, perguntou Elizabeth.

Sarah assentiu com a cabeça.

Elizabeth girou o corpo com cuidado, para que Sarah pudesse ajeitar o corpete nas costas e prender a fileira de minúsculos botões forrados que ia de um ombro a outro.

“Pronto?”

Com um roçar do vestido, Elizabeth caminhou até a penteadeira para se olhar no espelho. Sarah a seguiu e alisou a pala do vestido por cima das clavículas, usando apenas a mão esquerda para não correr o risco de manchar a musselina. Na direita, uma bolha se abriu e estava exsudando.

“A senhorita está linda.”

“Devo tudo a seu trabalho duro, Sarah querida.”

Sarah sorriu e fez um gesto negativo com a cabeça. Embora habituada a contemplá-la, achava Elizabeth realmente cativante. Se ela estivesse numa sala, uma pessoa saberia que estava perdendo tempo se olhasse para outra coisa que não ela.

“Mas é uma vergonha, Sarah, que você sempre nos vista e nunca vá a algum lugar também. E tudo isso sem nunca se queixar.”

Sarah deu de ombros. De nada valia falar daquilo. Não podia ir aos bailes delas, como também não podia ir a um chá de sereias, mas ainda assim se sentiu desconfortável. Virou-se para o outro lado.

“Você de vez em quando vai a um baile, Sarah querida?”

Foi Jane quem fez a pergunta, revelando os impulsos gentis de seu espírito.

“Às vezes, senhorita.”

“E o que você veste quando vai?”, perguntou Elizabeth.

“O que eu tiver de melhor.”

Que nunca era roupa muito boa, mas quem notaria isso nos bailes da praça da aldeia? Os empregados das fazendas usavam seus trajes domingueiros, músicos de igreja tocavam rabecas, sopravam flautas e batiam tambores. Polly voltava à infância, brincando com um bando de crianças da aldeia em folgedos pueris demais para que Sarah participasse deles, e o sr. Hill se embebedava sem que ninguém notasse e tinha de ser quase carregado para casa. E nessa volta as queijeiras riam a valer nas sebes com rapazes, e a sra. Hill gritava *Pregue os olhos no caminho, menina, pregue os olhos no caminho*, se Sarah via alguma coisa que não deveria ver, embora já tivesse visto o touro fazer aquilo com as novilhas, e o varrão com a porca, de modo que tinha uma boa ideia do que estava acontecendo.

“Você vai ter um vestido novo para o próximo baile. Não acha, Elizabeth?” Jane caminhou em direção ao guarda-roupa. “Vamos ver...”

“Senhorita, isso seria...” Um prazer tão grande que ela nem acabou a frase. Talvez no próximo baile o laçao viesse de Netherfield. Talvez até a tirasse para dançar. Nesse caso, quem sabe o sr. Smith a notasse, dançando de vestido novo, com um homem bem-apegoado na praça da aldeia? “Por algum milagre obtido por minha mãe”, disse Elizabeth, “cada uma de nós ganhou um vestido novo ao mesmo tempo, portanto ninguém precisa emprestar um vestido para a outra, e você pode escolher.”

Jane pegou um velho vestido de noite de cetim cor de ostra e estendeu-o na cama. Tinha decote baixo e mangas curtas. Elizabeth se aproximou da irmã e balançou a cabeça.

“Ou isto aqui...”

Uma peliça com estamparia de folhas de carvalho, de sarja de seda, para usar em casa nas noites frias.

“Ela ficaria melhor com uma coisa menos...” Elizabeth virou-se para o guarda-roupa. “Talvez um vestido próprio para o dia, mais simples, para bailes na praça da aldeia.”

Ela pegou um vestido de popelina, de mangas longas e não decotado. A estamparia era uma série de ramagens verdes e de minúsculos botões de rosa vermelho-claros sobre um fundo creme. Sarah havia cortado e aplicado aqueles enfeites dois verões antes. O vestido tinha ficado lindo, e ainda era bonito. Ela o admirava cada vez que o lavava e passava a ferro. Em seguida, Elizabeth estendeu ao lado da peça de popelina um vestido vaporoso cor de sálvia, para chás. Era enfeitado com uma fita branca de veludo, que precisava ser retirada toda vez que se lavava o vestido, para que a tintura dele não migrasse para o veludo.

“Qual desses dois você prefere?”, perguntou Elizabeth.

“De verdade?”

“Mas só um, senão Polly vai ficar amuada”, disse Jane. “E nenhuma roupa minha ou de Elizabeth já cabe nela.”

“Ela teria de convencer Kitty ou Lydia a abrir mão de um vestido.”

Jane sorriu. “Lydia faria isso.”

“Lyddie daria qualquer coisa a quem lhe pedisse.”

Do quarto de Mary veio o som do piano, uma série de escalas e arpejos, e o riso abafado das meninas mais jovens em seu quarto, do outro lado do patamar. Sem uma palavra, Sarah pegou o vestido de popelina com as ramagens, dobrou-o sobre o braço, fez uma medida e agradeceu, antes que alguém mudasse de ideia. O prazer do presente a deixou sem fôlego.

Elizabeth apontou com a cabeça para um livro na penteadeira. “E talvez você queira levar emprestado esse livro.”

Sarah inclinou a cabeça para olhar a lombada. *Pâmela*, leu.

Depois disso, vestidas, penteadas e embelezadas, Elizabeth e Jane deram-lhe boa-noite. Saíram do quarto e começaram a descer sem ruído a escadaria. Sarah estendeu, reverente, seu vestido novo na cama. Ajeitou as dobras, as rugas e as fitas, juntou os alfinetes soltos. Alisou a colcha amarrotada. Agora que as moças tinham saído, o quarto perdera a graça e estava sem sentido. Ambas eram lindas, quase deslumbrantes. Enquanto ela própria era, Sarah pensou ao seguir pelo corredor da criadagem e depois subir a escada para o sótão a fim de pendurar seu vestido novo no varão, apenas uma das

muitas sombras que ora sumiam, ora apareciam nas fímbrias daquela luz.

Na cozinha, o sr. Smith estava perto do fogo, mastigando uma maçã, muito teso em sua libré. Viu que Sarah o olhava, desviou os olhos e voltou a mastigar.

“Onde está a sra. Hill?”, perguntou ela.

Ele engoliu, depois respondeu: “Lá em cima, com a madame”.

Com isso, Sarah cruzou a cozinha e desceu para a área de serviço azul e sombria, onde Polly estava sentada na tábua de lavar, de costas para a parede, as pernas estendidas à frente e a botina num ângulo estranho. Sarah sentou-se a seu lado. Aquele era um segredo delas. Como ninguém ia lá em alguns momentos de muita agitação, era ali que conseguiam descansar por algum tempo.

“Você não pensa de vez em quando”, perguntou Sarah, “como seria bom se houvesse um lugar para onde você pudesse ir?”

Polly levantou as sobrancelhas e levou um dedo aos lábios. Da cozinha vinha a voz da sra. Hill e a resposta do sr. Smith. Ela tinha voltado e perguntava onde estavam as moças.

Sarah baixou a voz, sussurrando: “O que eu quero dizer é o seguinte: um lugar onde você pudesse apenas estar, sem ser obrigada a fazer coisa alguma. Um lugar onde você pudesse ficar sozinha e ninguém quisesse ou esperasse nada de você, pelo menos durante algum tempo”.

Polly esfregou os ombros estreitos nos tijolos nus. Aquela era a parede da chaminé, e do outro lado o fogão da cozinha estava aceso e lançava centelhas. Por isso o lugar era seco e quente.

“Pare de se queixar e fique quieta”, disse Polly. “Alguém vai escutar essas coisas.”

Polly tinha aparecido dentro de um cesto na porta de um fazendeiro numa noite gelada de janeiro, seguindo-se, primeiro, um lamentável período de negligência em que esteve entregue a uma ama de leite da paróquia e, depois, alguns anos difíceis e de fome no asilo dos pobres. Tinha passado por tudo isso sozinha e só sobrevivera, acreditava Sarah, por não ter percebido como era improvável que pudesse sobreviver. Tudo isso significava também que Polly carecia da capacidade de sentir nostalgia, ilusões ou arrependimento. Não valia a pena Sarah tentar fazer com que aquela ideia a interessasse, pois para ela a vida em Longbourn era a melhor coisa que havia conhecido e que viria a conhecer: ela não tinha lembranças douradas.

Sarah, porém, ainda podia evocar seus fantasmas através de um borrão indistinto em que havia um sol de verão e também sombras vagas: frangos ciscando junto da porta da cabana, ao lado de um menino ainda de cueiros com cheiro de urina e leite; uma mulher de vestido vermelho que a levantava do chão e a beijava; um homem sentado dentro de casa, diante de um tear balouçante, com um livro equilibrado na armação, e que se levantava da cadeira, muito teso, no escuro; estar deitada numa cama com gavetas, ao lado do irmão enrodilhado junto dela, quente e molhado, escutando as vozes dos pais à noite, tecendo sem parar, mantendo o mundo coeso.

A felicidade era uma possibilidade para Sarah. Ela fazia uma boa ideia daquilo que lhe faltava.

*A noite transcorreu de modo aprazível para toda a família.*

O brilho das velas vazava pela porta da frente, criando um círculo de luz no azul do luar. O sr. Bennet estava de pé no patamar da porta, com um xale sobre o guarda-pó, vendo a família sair. Sentado na boleia da carruagem, James levantou o chapéu para seu novo amo, que em resposta lhe dirigiu um cavalheiresco aceno de cabeça. O sr. Hill ajudava as senhoras a entrar no veículo; seus vestidos espumavam sobre a soleira da portinhola como ondas a quebrar na praia.

A sra. Hill e as duas criadas aguardavam no cascalho, como se esperava que fizessem, para ver as senhoras partirem. A expressão da mulher mais velha era amável e carinhosa; Polly não parava de se mexer para se esquentar; e Sarah, com as mãos feridas enfiadas sob as axilas, fitava, distraída, a noite enluarada, franzindo a testa.

“Não estão lindas?”, exclamou a sra. Hill. “Minhas meninas, tão bonitas!”

O sr. Hill fechou a porta da carruagem e deu um passo atrás. Daí em diante, o responsável era James.

James estalou a língua, deu uma sacudidela nas rédeas, e os cavalos se mexeram. Houve aquela pausa momentânea em que os arreios se retesam, e logo vieram os primeiros movimentos, com o coche rolando sobre o cascalho e sua lanterna balançando. Dentro do veículo, uma das moças deu um gritinho entusiasmado, o volume da conversa aumentou e eles partiram.

Houve uma coisa que Sarah não viu, porque evitava olhar para James; a sra. Hill também não viu, pois só notava como ele parecia bem em sua libré; nem mesmo o sr. Hill percebeu, pois se concentrava em detectar falhas. James, porém, estava plenamente consciente de como suas mãos tremiam e receava que esse tremor fosse transmitido, através das rédeas, para a carne delicada das bocas dos cavalos, deixando-os inquietos e espantadiços.

No entanto, os animais conheciam o caminho melhor do que James, que os deixou seguir como quisessem, preferindo desfrutar o balanço confortável da carruagem e intervindo apenas para mantê-los no lado esquerdo da estrada, caso algum veículo um pouco mais rápido passasse por eles com estrépito. E os cavalos, sentindo que confiavam neles, avançavam sobranceiros, escolhendo com cuidado onde punham as patas. No coche, Jane comentou com a mãe que James mostrava-se um

jovem competente, e a sra. Bennet concordou. Com efeito, a viagem estava sendo ao mesmo tempo rápida e confortável, bem mais do que era quando o idoso sr. Hill as conduzia.

James levantou a gola do sobretudo e puxou as mangas sobre as mãos, fitando a paisagem prateada, as encostas suaves, os arvoredos escuros, os campos pontilhados de carneiros. Tudo parecia limpo, claro e fresco. Sentia o aroma agradável da hortelã que crescia na vala úmida, bem como a fragrância adocicada de um celeiro de feno. Aqueles, lembrou-se, eram os velhos odores de sua terra.

Na carruagem, as senhoras tagarelavam, alvoroçadas. O coche era uma gaiola de belos pássaros. Como ele poderia demonstrar cuidado suficiente? Como poderia retribuir a confiança que aquele bom homem depositara nele? As coisas podiam mudar de forma tão completa de um instante para outro; o mundo podia renovar-se inteiramente graças à bondade de alguém. Ele nada faria que pusesse aquilo em risco. Manteria a cabeça baixa, não chamaria a atenção para si. Nem sequer olharia para Sarah, embora fosse muito bom olhá-la.

Desceram por bosques em declive, sendo envolvidos pelo perfume dos frutos das faias e pelo cheiro de turfa das primeiras folhas caídas do ano.

Após a quietude da estrada, Meryton estava uma balbúrdia. Cascos sendo ferrados e aros de rodas triturando o cascalho; gritos, apupos, risos. Ruas congestionadas. Palafreiros e lacaios vociferavam, cavalos relinchavam, transeuntes batiam em janelas de carruagens, passageiros faziam acenos frenéticos para conhecidos do outro lado da rua.

O fluxo de caleças, seges e cabriolés se adensava e tornava-se mais lento diante dos Salões de Reunião, onde seus passageiros desembarcavam. As pessoas se acotovelavam, ansiosas, em direção à entrada, e os jovens, magros e fortes, trançavam em torno dos grisalhos, pesados e mais velhos. Pelas janelas, James teve um vislumbre do interior da mansão, já apinhada. Parou o coche diante dos degraus curvos de pedra.

Uma das estranhas limitações que complicavam a vida das pessoas da alta sociedade era serem incapazes de abrir, elas mesmas, uma porta, como também de entrarem ou saírem de uma carruagem sem a ajuda de alguém. Um velho de libré recurvado como uma garça deu um passo à frente e abriu a porta, portanto James não precisou descer para fazer isso.

As moças apearam como franguinhas deixando o galinheiro, fazendo roçar os vestidos, cada qual segurando a mão do criado desconhecido apenas por um momento — uma estranha intimidade que lhe concediam, assim pareceu a James —, as faces radiantes de expectativa. Em seguida, esplêndida em seu vestido lilás, a sra. Bennet desceu e dirigiu-se para a entrada, as filhas postadas a seu lado, conversando, rindo e acenando para outros recém-chegados. Logo elas sumiram no interior do edifício, que já parecia suficientemente abarrotado para acomodar uma pessoa a mais que fosse.

“Pelo amor de Deus, homem! Avance! Tire essa geringonça velha daqui!”

Alguém bateu com a mão na traseira do coche. James estalou a língua, indicando aos cavalos que avançassem.

Uma fila de carruagens esperava ao longo da parede lateral dos Salões de Reunião, pois já não cabiam no pátio da estalagem nem nas cocheiras de aluguel. Os cocheiros também se reuniam ali,

passando uma garrafa de mão em mão, chamando-o para tomar uns goles com eles. James dirigiu-lhes um cumprimento de cabeça, mas preferiu desatrear os cavalos e levá-los a um cocheo na praça do Mercado. Depois que os animais beberam, quebrando a lua em cacos ondulantes, ele os levou de volta à carruagem, para dar início à espera.

Do interior dos Salões de Reunião, vinha um zum-zum de vozes. Risadas, e não palavras propriamente, mas as formas de conversas no ar, um zumbido cavo. Depois, teve início a música. As vozes se desvaneceram e ouviu-se uma trovoadas de pés no assoalho de madeira.

James cobriu os cavalos com cobertores. Do outro lado da rua, os cocheiros cantavam a bela melodia com uma letra chula. Dois deles executavam uma giga desajeitada.

A égua bateu um casco nas pedras redondas da pavimentação. James afagou-lhe o pescoço.

O espantoso era a paz daquele lugar. Como uma pedrinha atirada num lago manso, a chegada dele causara encrespações na superfície das coisas. Ele sentira isso, vira-o na maneira como Sarah, a sra. Hill e a menina o olhavam. Não obstante, as encrespações vinham se atenuando à medida que se espalhavam, e ele mesmo já estava inserido em profundidade e radicado ali. O tempo passaria por ele e sobre ele, fixando-o com mais firmeza, e ele assimilaria a cor local das coisas.

Mas havia Sarah. Aqueles seus olhos cinzentos e claros. A pessoa sempre sabia o que ela estava pensando. Ela o espreitava como se ele fosse um ponto de costura que houvesse corrido: uma coisa imprevista, enfurecedora, só à espera de descosturar.

Um grito o trouxe de volta à realidade com um sobressalto. Um dos cocheiros tinha dado um murro em outro, mas errara o alvo, cambaleando. Ouviram-se insultos, cachinadas. James bafejou as mãos e desviou os olhos.

Houvera épocas, em anos anteriores, em que ele se sentira vivo com mais intensidade, em que as circunstâncias conspiravam para mantê-lo dolorosamente alerta, pronto para a ação, sempre vigilante, pensando três lances adiante. Naquela noite, porém, ao conduzir a carruagem na volta de Meryton, com o ar frio no rosto, a lua cheia no horizonte e o piado de uma narceja no campo alto, ele se sentiu feliz por não pensar e por apenas existir.

E quando a carruagem deslizou pelo caminho de chegada, e os cavalos pararam defronte aos degraus de entrada, e Sarah, sonolenta e segurando uma vela, abriu a porta para que as senhoras entrassem, ele se viu estranhamente comovido com tudo aquilo. Talvez fosse a vela, tão cálida, depois de tanto tempo sob o luar frio. Era também o rosto da jovem, macio e marcado pelo sono, e ainda as moças tremendo no ar noturno e agora falando baixo para não despertarem o pai. Uma cena de tamanhas certezas simples que se pensaria que o mundo todo era assim, que sempre fora e sempre seria.

Tendo servido chá à família, Sarah arrastou-se para a cama com a vela projetando sombras cambiantes nas paredes. Recolheria as xícaras e os pratos de manhã, embora, pensando bem, já fosse de manhã. Ficara acordada até tarde, para que Polly e o sr. e a sra. Hill pudessem dormir, pois não fazia sentido que todos estivessem exaustos no dia seguinte. E também para que ela pudesse ler sozinha. Tomada de culpa, lera correndo um livro, o primeiro volume de uma edição em dois tomos. Estava convicta de que a obra não era de todo respeitável, embora o tivesse pego emprestado com

Elizabeth. Todas aquelas tentativas contra a honra da mocinha, todos aqueles convenientes delíquios. A simples ideia de que lhe pedissem que lesse à noite, em voz alta, alguma parte daquele livro a deixava incomodada e inquieta. *Pâmela*, com certeza, era um livro a ser lido privadamente.

Houve, não obstante, outra razão para que ela tivesse assumido a obrigação de esperar acordada. Até que não o visse voltar com os próprios olhos, não se sentiria segura no regresso de James. Sem dúvida teria ficado acordada metade da noite, procurando ouvir as rodas da carruagem no cascalho, a porta de entrada se abrindo. Não importa o que os demais pensassem dele, ela sabia, com certeza, que ele era um sujeito esquivo, inconstante, capaz de dar o fora dali a qualquer momento. E quando ele finalmente fosse embora, escafedendo-se tão de repente como tinha chegado, ela queria ser a primeira a saber disso.

Polly dormia a sono solto, ressonando forte, o branco do olho aparecendo através das pálpebras semicerradas. Sarah apagou a vela e deitou-se ao lado dela, tremendo de frio, procurando manter-se na beirada da cama. Ficou piscando no escuro. Que importava, afinal, se ele ficava ou se ia embora? Que lhe interessava isso?

James estava insone também, o rosto no travesseiro, olhando de lado para a escuridão. A velha dor era suportável, porque tinha de ser suportada, porque nunca desapareceria por completo. E era bom, não era, ter aquele lugar para voltar? Um travesseiro, uma enxerga, uma colcha. Quatro paredes e um piso. Um teto sobre a cabeça. Sua respiração condensou-se no ar da noite. Era bom ter uma casa para onde voltar.

Tampouco a sra. Hill dormia. Estava deitada de costas, olhando as estrelas frias pela claraboia, enquanto o sr. Hill roncava a seu lado, a boca aberta como uma sepultura. Onde quer que se esteja neste mundo, o céu está sempre acima de você, pensava. Onde quer que estejamos, Deus nos vigia. Ele vê em nosso coração.

[...] *estavam bem fornidas tanto de novidades quanto de felicidade com a recente chegada de um regimento de milícia à região; ficaria o inverno inteiro, e Meryton sediava o quartel-general.*

A milícia desfilara pela cidade com os soldados a pé e os oficiais montados. Fora tão interessante quanto um circo, declarou a sra. Bennet enquanto a sra. Hill a ajudava a tirar a touca no vestíbulo.

“Ah, você devia ter visto, Hill. Os oficiais fardados, muito elegantes e garbosos.”

Do lado de fora, James passou a pilha de compras da sra. Bennet para os braços de Sarah e depois foi guardar o coche. A sra. Hill ficou observando-o. Havia algo de diferente nele. Com seus traços obscurecidos pela sombra do chapéu tricorne, era como se estivesse muito depauperado.

Vinha trabalhando duro desde o momento em que se juntara à criadagem da casa. Toda vez que usavam o coche, era James quem devia conduzi-lo. Sempre que recebiam convidados, era James quem devia atendê-los. Longos percursos, noitadas, os dias passados a correr de um lugar para o outro, como uma peteca, servindo jantares e chás aos Long, aos Goulding, aos Bingley e aos Lucas. Mesmo quando não servia à família e a seus convidados, nunca podia descansar direito, pois tinha a obrigação de estar pronto para atender ao chamado da sineta. Podia ser chamado a qualquer momento para providenciar, noite adentro, mais geleia, água quente ou mais uma garrafa daquele excelente xerez. O coitado do rapaz devia estar exausto.

“O que foi, Hill? Acho que você nem está ouvindo!”

“Estou, senhora, é claro.”

Sarah subiu os degraus com bastante cuidado, carregando a pilha de pacotes e acompanhando a saída de James pelo canto do olho. Também notara uma mudança no comportamento dele. No entanto, não achava que estivesse cansado; achava que seu semblante denotava preocupação. Era como se alguma coisa houvesse penetrado em seu corpo, deixando-o com pruridos e sujo.

“Bem, fique atenta, sra. Hill, porque estou resolvida a fazer com que o sr. Bennet faça uma visita aos oficiais, e teremos de convidá-los para um jantar em família com dois pratos principais, veja bem...”

As pessoas continuavam a não dizer nada. Sarah não entendia isso. Ela passou pela sra. Hill, que ajudava a sra. B. a tirar a peiça, e levou as compras para o salão. Não compreendia como era possível que ninguém, nem o sr. Bennet, nem mesmo a sra. Hill, pessoas que habitualmente mostravam-se muito perspicazes, houvesse notado nada de esquisito naquele rapaz. O simples fato de estar feliz por trabalhar como criado de baixa categoria em Longbourn, quando poderia ganhar um salário melhor numa casa mais rica ou em outras profissões, já era em si suspeito. Ele surgira como que do nada naquele dia, como se estivesse escondido no guarda-louça debaixo da escada. E desde então, nas semanas em que estava ali, não souberam nada a seu respeito, além das histórias — melhor dizendo, das mentiras — que ele lhes contara.

Ela empurrou a porta da sala de desjejum com um quadril, caminhou pelo tapete e despejou os pacotes sobre a mesa. Além disso, ele mourejava como um escravo de galé. Era bem pouco natural a forma como se portava no trabalho: não era com a má vontade e com os resmungos que costumavam ver nos trabalhadores do lugar. Ele era resoluto e consciencioso, como se esvaziar a fossa da sentina com uma pá fosse uma tarefa que merecesse método e precisão, e não apenas estômago forte e um pregador de varal no nariz.

Sarah arrumou as compras da sra. Bennet na mesa, pondo em pé a garrafa embrulhada em papel, que viera do boticário, alisando o pacote de artigos de armarinho e virando a caixa do confeitiro para cima, como devia ficar. Então, o que havia de diferente hoje? O que tornara aquele rapaz tão decididamente insuportável?

Ele teria visto o que a sra. B. vira em Meryton: os oficiais a cavalo, os sabres reluzentes, os soldados marchando com garbo, com mosquetes ao ombro.

Com uma das mãos apertando de leve o pacote macio da loja de tecidos, Sarah gelou.

A milícia.

Ele podia ser um criminoso. Talvez fosse um *assassino*. Pelo que lhes era dado a saber, ele bem poderia ter escapado à forca em Newgate. Lera sobre isso no jornal: havia condenados que, por meio de subornos, dissimulação ou fugas audaciosas, arranjavam uma forma de evitar a execução e davam às de vila-diogo. Ele fugira de Londres e fora para o interior, ocultando-se em Hertfordshire, onde ninguém o conhecia nem sabia o que ele tinha feito. Era provável que tivesse assumido a identidade de uma pobre vítima ou de um incauto, ou então algum cúmplice a criara para ele. Depois se valera dessa identidade para se insinuar ali em Longbourn — nesse ponto Sarah sentiu um arrepio na nuca —, e ele roubaria a casa enquanto dormiam.

Ele os mataria em suas camas.

Afinal, o que se sabia dele?

Pois bem, ela ficaria sabendo. Iria descobrir. E eles lhe agradeceriam.

Sua oportunidade surgiu numa noite em que James levou a família a Lucas Lodge, a residência dos Lucas, a que um grande grupo fora convidado. A família só voltaria depois da ceia. Isso significava, como o sr. B. comentou, com certo grau de ressentimento ao subir à carruagem, que até então os empregados não teriam o que fazer.

Alguns tiraram mais proveito disso do que outros.

A sra. Hill valeu-se da ocasião para examinar o conteúdo do armário de roupas, o que ela vinha pretendendo fazer havia meses. Procuraria sinais de mofo e acabaria com as traças. Polly a ajudaria a dobrar e redobrar as peças de roupa. A menina teria aí uma ótima oportunidade para aprender os métodos corretos. Já o sr. Hill encontrou um meio mais agradável de passar esse tempo, ainda que, para dizer a verdade, um exame da adega de vinhos já devia ter sido realizado havia muito tempo. Ele tinha sua própria cadeirinha lá embaixo, além de um saca-rolhas e de uma taça, e se o sr. Bennet por acaso comentasse que seu estoque de xerez ou de vinho das Canárias havia se reduzido antes do esperado, o fato poderia ser facilmente explicado: uma garrafa tinha avinagrado e estava sendo usada na cozinha.

Vendo-se assim em liberdade por algum tempo, Sarah pegou uma lanterna, acendeu a vela e saiu pela porta da cozinha. Cruzou o pátio e entrou nos estábulos. À luz da vela, as baias vazias pareciam limpas e bem cuidadas. O lugar cheirava a palha fresca. James podia ser muitas coisas, mas sem dúvida era caprichoso. Antes dele, aquele lugar tinha o aspecto — e o cheiro — de uma estrumeira. Ela arrepanhou as saias e subiu a escada para o palheiro.

Ninguém jamais lhe dissera para *não* ir ao quarto de um criado. E também ninguém jamais lhe dissera para não subir ao telhado e se encarapitar ao lado do catavento. Era algo que nem precisava de proibição, pois estava muito além do que racionalmente se podia esperar dela.

Ao chegar ao quarto, vindo pelo alçapão, ela pôs a lanterna no piso de tábuas. O cômodo estava limpo e cheirava a feno, cavalo, couro e madeira serrada. Acabou de subir a escada. Sob as traves havia uma cama bem-arrumada, coberta por uma colcha velha de retalhos. Sarah reconheceu alguns dos retalhos: a ramagem azul, a tira amarela. A colcha era da casa. A sra. Hill devia ter gostado da chance de se livrar daquela velharia. Acima da cabeceira da cama, ele instalara uma prateleira. Havia nela alguns livros e um conjunto extra de roupa de cama limpa e dobrada com cuidado. Encostando-se na beirada da cama e inclinando a cabeça, Sarah levantou a lanterna para ver os títulos dos livros nas lombadas. *Micrografia*, de Hooke. *Observações*, de Gilpin. Ela lera esses livros. Tinha acompanhado Gilpin subindo por um lado do país e descendo pelo outro. Ambos eram da biblioteca do sr. Bennet — estavam encadernados em seu couro de bezerro bege e vermelho. Os demais, provavelmente, eram roubados. *Uma nota sobre a abolição do tráfico de escravos*. Um volume barato, bastante surrado, de um certo William Wilberforce. Pelo menos ele não mentira a respeito disso. Sarah virou-se e levantou a lanterna. Examinou o quarto. Uma cadeira, uma mesa, seu casaco escuro de todos os dias pendurado num gancho. Nada de muito valor ou importância estava visível. Mas se alguém tivesse alguma coisa que realmente desejasse esconder, a poria... onde? Sarah abaixou-se e olhou sob a cama. Uma mochila velha de lona. Devia ser esse o esconderijo. Ela a puxou, ansiosa. As alças estavam moles de tanto uso. A mochila, quase com certeza fora negra, mas desbotara e agora estava cinzenta. Podia ter sido a bagagem de um andarilho: isso parecia confirmar tudo.

Alguma coisa tilintou dentro dela. Dinheiro.

De joelhos ao lado da cama, tentou abrir as fivelas. Um homem como ele com um saco de moedas? Não podiam ter sido obtidas de forma honesta. Ela as espalharia na mesa da cozinha e contaria onde as achara. A sra. Hill ficaria pasma, a elogiaria, lhe agradeceria e, depois, lhe pediria que fosse correndo até Meryton, o mais depressa possível, para avisar ao aguazil ou, melhor ainda, à

milícia. E Sarah voltaria, seguida de perto por um destacamento, e todos se espantariam por sua coragem, sua iniciativa e seu bom senso, e logo o meteriam no xilindró, onde ele esperaria julgamento.

Com isso ele a notaria, seria obrigado a notá-la. E os demais, que o achavam tão maravilhoso, admitiriam que ela é que estava certa.

A segunda fivela se abriu, e ela meteu a mão no interior da mochila. O que sentiu entre os dedos era leve e cortante. Puxou aquilo para fora.

Eram coisas pálidas, delicadas e frias ao toque. Já vira aquelas coisas antes. Não eram dinheiro. Com elas as moças faziam molduras de quadros e caixas decoradas. Eram conchas marinhas. Sarah espalhou-as no chão. Uma delas tinha a forma de leque; de um lado era cor-de-rosa e apresentava estrias, enquanto do outro lado era lisa como um pires. Outra era clara, cretácea e retorcida como os espetos com que se pegavam castanhas num braseiro. Uma terceira tinha a parte externa desgastada, e em seu interior subia uma minúscula escada. Uma quarta — e ela se sentiu tentada a enfiar essa no bolso — tinha o exterior de um azul intenso e era lustrosa como uma pérola na parte interna. Sarah mudou-as de posição no chão, alinhando-as; levantou diante da luz uma, depois outra, para examiná-las melhor: um leque, uma espiral, uma orelha de burro.

Precisava sair dali. A qualquer momento a sra. Hill e Polly acabariam o trabalho no armário de roupas ou o sr. Hill subiria a escada da adega, confuso depois de tantos goles e querendo saber onde estavam todos — e também sua ceia.

Ergueu a concha em forma de leque e girou-a, correndo um polegar por seu lado estriado. Cheirou-a: um cheiro neutro, limpo, com alguma coisa da lona em que estivera. Encostou-a na língua e achou-a levemente salgada. O mistério de James se renovava e se transformava. Como ele é solitário, pensou, a ponto de precisar fazer segredo dessas coisas.

E pensou também: Não tenho nenhum direito de mexer nesses objetos.

Sarah juntou as conchas, meteu-as de volta na mochila e afivelou-a. Recolocou tudo debaixo da cama. Enquanto descia a escada, com a lanterna balançando, parou e olhou em torno: por acaso deixara algum sinal de que estivera ali? No entanto, como não havia parado para pensar nisso antes de tirar a mochila e vasculhar seu conteúdo, não tinha como saber se a recolocara exatamente no mesmo lugar. Só podia esperar e rezar para que tivesse feito isso.

E que, ao voltar, James não olhasse para ela, lesse seus pensamentos e ficasse sabendo o que ela fizera.

Sarah não precisava temer que James lesse seus pensamentos, porque, ao voltar, ele nem olhou para ela. Apenas desceu da boleia, ajudou as senhoras a apeare e levou os cavalos para o estábulo. Ela se deteve no vestíbulo com os braços cheios de toucas e capas, tremendo por causa do vento que entrava pela porta da frente, e viu a lanterna na traseira da carruagem balançar quando o veículo se afastou. Como era possível que ela pensasse nele, e só nele, durante horas e dias a fio, que a imagem dele fosse a primeira a passar por sua mente de manhã e a última recordada em minúcias à noite, se ele — isto estava claríssimo para ela — nem tinha a menor consciência da existência dela, nunca? Sarah levou as toucas e capas para o vestiário, e pendurou-as. Agiria da mesma forma que James, decidiu. Faria todo o possível para não pensar nele.

Era terça-feira de manhã, e Sarah levava o balde de lavagem para a pocilga, quando viu um homem que se aproximava pelo caminho do campo, vindo da direção da cidade. Como naquele momento não o reconheceu, parou para acompanhar seus movimentos, notando primeiro seu sobretudo, depois o tricorne e a peruca, e deduziu tratar-se de um cavalheiro, embora fosse estranho que um cavalheiro viesse a pé, principalmente estando o chão tão molhado e lamacento.

Logo, porém, ele ergueu os olhos — o homem prestava atenção nos lugares em que punha os pés no terreno pisoteado pelo gado — e ela constatou que se tratava do laçaió negro de Netherfield. E lá estava ela com seu vestido mal-ajambrado ainda manchado de fezes de porco, carregando um balde de lavagem. Ela pretendia continuar caminhando, na esperança de que ele não a tivesse visto, porém nesse instante o pé dele escorregou e ficou preso na lama. Seus olhares se cruzaram, o dele com uma expressão de alarme, mas também de riso, e ela foi obrigada a sorrir. Ele procurou chegar aos degraus na cerca, e já estava quase conseguindo quando cambaleou. Sarah precipitou-se para ajudá-lo, largando o balde para lhe estender a mão.

“Muitíssimo obrigado.” O homem firmou-se nela com a mão enluvada e passou para a parte mais seca do caminho.

“O senhor está bem?”

“Vejo que, infelizmente, eu me deixei enganar!”

Sarah pestanejou. Ele ainda segurava sua mão.

“Disseram-me que o caminho pelos campos era bem mais curto. Ninguém falou da lama.” Ele mostrou sua bota, virando um pé e depois o outro para que ela a inspecionasse. Era de excelente qualidade e estava imunda. “Imagino que meus amigos em Netherfield estejam rindo a valer de mim.”

“Sinto muito, senhor.”

“E os animais! Você sabia? Já os viu? Vacas soltas por aí! E nem pedem licença! Pode imaginar isso? Deviam estar trancadas no curral!”

Sarah não resistiu e caiu na risada.

Ele era de uma beleza impressionante, Sarah teve de admitir. Seus traços tinham um grau de simetria que não se via com frequência. Ela, pelo menos, não via. Aqueles olhos claros. O modo como se detinham nela a fazia sentir-se um tanto tensa e embaraçada.

“O que o traz aqui, meu senhor?”

“Por favor, não me trate com tanta formalidade.”

“Senhor...”

Ele levou a mão ao bolso interno do casaco. “Vim trazer um comunicado”, disse, olhando para o papel como se nunca o tivesse visto. “Para a srta. Bennet.”

“Vá então à casa, por favor. Estão todos lá.”

Sarah fez um gesto, mostrando o caminho. Com uma mesura, ele seguiu naquela direção.

Balançando o balde de lavagem, Sarah continuou seu caminho para a pocilga. Ele era, de fato, um portento. Suas maneiras, sua aparência, a forma como falava. Sua cor já não chamava a atenção, comparada com a estranheza assombrosa de toda aquela cortesia. Ela despejou as cascas e os restos no cocho e começou a voltar, deixando os porcos entregues à sua mastigação barulhenta. Regressou

correndo para a cozinha, o balde vazio batendo em sua perna.

O homem estava sentado à beira do fogo, e James já levava a missiva — uma folhinha de papel cunchê dobrada e lacrada, elegantíssima, segundo a sra. Hill — ao andar de cima, onde ela fora recebida com álaçre alegria pelas senhoras ali reunidas. O ruído e o júbilo chegaram até os criados na cozinha, o que foi facilitado pelo fato de Polly abrir a porta com um empurrão e apoiar-se no batente para escutar melhor o que diziam. Jane estava sendo convidada para um jantar em Netherfield! Pena que o sr. Bingley não fosse participar, pois jantaria com os oficiais, mas ainda assim o convite causou enorme entusiasmo. Era ótimo que as irmãs dele a tratassem com tamanha gentileza.

“Espero que eu possa usar a carruagem.” Essas palavras eram de Jane.

“Não, minha querida, será melhor ir a cavalo, pois é provável que chova, e nesse caso você terá de passar a noite lá.”

O homem cruzou as pernas, e um torrão de lama endurecida caiu de sua bota na lareira. A sra. Hill dirigiu-lhe um olhar tão duro quanto a lama.

“Estou esperando uma resposta”, disse ele.

Olhou em torno com interesse, analisando a cozinha e seus pertences com o ar bondoso de uma pessoa de algumas posses que, visitando uma família pobre, avaliasse a ajuda que lhe deveria dar.

“Lugarzinho agradável este”, comentou.

Como conhecera a cozinha de Netherfield, Sarah julgou sentir em suas palavras um tom de condescendência, mas entendeu que ele pretendia ser gentil.

James logo voltou com um bilhete, novamente escrito no melhor papel que havia na casa. Entregou-o ao laçai, que o recebeu, agradeceu com muita dignidade e se levantou para guardá-lo no bolso do casaco.

Sarah, então, viu a casa e todos os seus moradores tal como o homem devia vê-los. Era tudo tão acanhado, medíocre e pobre comparado a Netherfield! A cozinha, escura e apertada, Polly com os olhos paralisados como os de um sapo, a sra. Hill com sua brusquidão que raiava à rudeza, James rígido, formal e distante, ela mesma um feixe de varas envoltas num trapo velho. Que má impressão devia causar aquele grupo desajeitado. Por sorte o sr. Hill não estava presente e ao menos eram poupados de ouvi-lo chupar os dentes e de suas casmurrices.

Com outro olhar para a bota enlameada e um sorriso de esguelha para Sarah, o laçai abotoou o casaco, que não havia tirado, e pôs o chapéu em cima da peruca.

“Vou voltar para o lameiro”, disse. “*Au revoir*, pois.”

“Adeus.”

A boca da sra. Hill fechou-se como uma armadilha. Ela nem mesmo olhou para o homem.

Sarah sentiu vontade de lhe dizer alguma coisa, explicar, pedir desculpas. Quis dizer que o achava belíssimo e que lamentava demais não serem eles próprios mais belos. Mas apenas fez uma mesura e, depois que ele deixou a cozinha, encostou-se no batente da porta, vendo-o afastar-se da casa. Raspando uma vagem de baunilha sobre o creme que esfriava, a sra. Hill ficou observando como o olhar dela o acompanhava.

“Imagine só os Bingley com um criado mulato”, disse a governanta. “Fico pensando no que a sra. Nicholls acha disso.”

“Talvez não tenham conseguido um homem normal”, disse Polly.

“Ouvi dizer que virou moda”, disse a sra. Hill, “mas não creio que eu mesma quisesse isso para mim.”

“Eu o acho lindo.”

A sra. Hill fitou as costas de Sarah e abanou a cabeça. “Você não saberia do que um homem desses é capaz. Você não sabe que ressentimentos ele guarda. Você não se sentiria segura ao dormir.”

James, que durante todo esse tempo não dissera uma só palavra, pôs-se ao lado de Sarah na porta. Ficou parado ali, sem dizer nada. Depois disse: “Vai chover”.

[...] *diversos oficiais haviam jantado recentemente com o tio,  
um soldado fora castigado e havia rumores  
de que o coronel Forster iria se casar.*

Chovia muito. A água batia com força nas lajes do pátio, gorgolejava ao descer pelas calhas, esguichava pelas gárgulas. As mulheres não saíram de casa, dedicadas a suas costuras. James pôs-se a consertar um velho cabresto. O sr. Hill refugiou-se em sua adega, limpando taças e copos e cutucando o que restava de seus dentes com uma unha comprida.

“É claro que Jane pode ter chegado lá antes do pé-d’água.” Polly deixou o trabalho de cerzidura cair em seu colo. “Pode ter chegado sequinha. Quem sabe ela não galopou até Netherfield?”

Os demais mantiveram-se em silêncio, enquanto a chuva caía. Tivesse se molhado ou não, Jane não voltaria para casa naquela noite.

“Um dia desses vou levar você para dar um passeio. Que tal, Pol?”

Polly riu. Não se importava de ser chamada de Pol, se quem a chamava assim era James.

“Não um galope, veja bem. Não creio que aquela égua velhinha ainda aguente essas coisas.”

Sarah pensava no lacaio, cujo nome ela ainda não pensara em perguntar. Teria voltado a Netherfield a tempo, ou estaria ensopado até os ossos?

A chuva continuou a cair durante toda a noite, sem trégua. Chovia ainda quando os criados se recolheram. James teve de atravessar correndo o pátio com um saco sobre os ombros e a cabeça, para não se molhar todo. Poderia ter ido para seu quarto mais cedo, para ali ler tranquilamente, uma vez que tinha sua própria cota de velas. No entanto, preferira o aconchego e a companhia das pessoas na cozinha. Naquele dia ocorrera uma espécie de tomada de consciência: uma revelação tranquila e não compartilhada. James vira como o homem de Netherfield tinha olhado para Sarah. Notara também como ela olhara para ele. E tudo isso causou em James uma sensação de insegurança e perigo, como se o chão sob seus pés tivesse começado a se elevar e a sacudir como no mar.

Ele ficaria de olho nela, como amigo, pensou. Tinha para com o sr. B. a obrigação de estar alerta para qualquer coisa que perturbasse a serenidade da casa. Por isso ele se sentava com as mulheres quando poderia estar lendo, sossegado, em seu quarto. E era, tinha de reconhecer, muito prazeroso

estar próximo dela. Sentir seu hálito, escutar o farfalhar de suas saias, ouvir uma ou duas palavras doces que ela dizia à pequena Polly. Era bom.

O laçaiio voltou na manhã seguinte. Estava emporcalhado até os joelhos, com o sobretudo pesado e molhado, a peruca toda mole e o pó de arroz escorrendo por seu casaco em filetes leitosos. Sarah segurava uma braçada de pratos sujos de ovos do desjejum, e procurou em torno, desesperada, um meio de se livrar deles. Ainda na porta, ele tirou o chapéu e o sacudiu. Meteu a mão no interior do casaco e apresentou uma carta meio úmida.

“Para a srta. Elizabeth Bennet.”

O olhar de James passou de Sarah para o laçaiio e voltou à moça. O sr. e a sra. Hill estavam ocupados em outro local da casa, e os três se achavam sozinhos na cozinha. Cabia a James levar a missiva ao andar de cima, mas isso deixaria Sarah a sós com ele.

“Você a leva?”, ele perguntou a Sarah.

“Cabe a você fazer isso, não é?”

James fez uma mesura contrafeita, pegou o bilhete e subiu a passos largos para a sala de desjejum, onde a sra. Hill servia a família. Esperou, inquieto, enquanto o bilhete era lido e provocava exclamações.

Na cozinha, a sós com o laçaiio de Netherfield, Sarah disse: “O tempo está horrível...”, e calou-se, desapontada com sua falta de originalidade. Felizmente, ele não deu mostras de se importar. Atirou-se na cadeira em frente à lareira, estendendo os braços e os pés metidos na bota para que ela visse seu estado.

“Essa lama de Hertfordshire tem vontade própria, sou capaz de jurar. Ela agarra na gente e sobe como uma trepadeira”, disse. “Em Londres, com as arcadas e a pavimentação, a pessoa pode sair à rua com qualquer tempo. Mesmo que chova canivetes, nem molhamos os pés.”

“O senhor então é de Londres?”

Sarah estendeu-lhe uma xícara de chá. Ele pareceu levemente surpreso e olhou em torno da cozinha, mas não vendo nada mais que lhe interessasse, pegou a xícara.

“Morei lá durante algum tempo. Com meu velho amo e, depois, com o novo.”

Sarah sentou-se diante dele, aproximando a cadeira um pouco mais.

“Diga-me. Como é Londres?”

Ele falou do Anfiteatro Real de Astley, onde se realizavam espetáculos de equitação, malabarismo e acrobacia. Depois percorreu sobre os belos jardins de Vauxhall, onde havia música e bailes. Contou histórias de um mendigo que ele conhecia, um perfeito cavalheiro, que cantava canções de marujos e que usava na cabeça um modelo de navio, de modo que quando ele dançava o navio era jogado de um lado para o outro como se navegasse num mar tempestuoso.

“E à noite há fogos de artifício, tão esplêndidos e ruidosos que até os velhos soldados dizem que nunca viram nada parecido na guerra com a França.”

James voltou mais depressa do que Sarah poderia ter imaginado.

“Você esperou uma resposta?”

“Se houver resposta.”

“Bem, não há.”

Abotoando o sobretudo, o laçao foi embora num abrir e fechar de olhos, saindo para o chuvisco da manhã. Sarah foi até a janela vê-lo se afastar. Era uma coisa sensacional saber que agora ele estaria por perto, que poderia chegar a qualquer momento e que se disporia a tomar uma xícara de chá com ela e lhe falar de Londres.

“Jane está doente.”

James disse isso de uma forma mais solene do que a situação realmente merecia. Afinal, a moça apenas contraíra um resfriado.

Foi recompensado com o mais desinteressado dos olhares.

“Ela pegou a chuva, como imaginamos que aconteceria, e agora está resfriada e de cama em Netherfield.”

“Ah”, fez Sarah.

“Por isso a srta. Elizabeth vai ficar com ela.”

No que dizia respeito a Sarah, não era a pior notícia que poderia ter recebido. Se Jane estava mesmo doente, melhor que ficasse na casa dos Bingley do que na sua: lá havia um exército para cuidar dela, enquanto em Longbourn uma doença significava muito mais trabalho adicional a ser dividido entre muito poucas pessoas. Havia a roupa de cama a ser trocada com frequência, os lenços, as bebidas e os pratos especiais, as quitandas da tarde, além do sobe e desce de escada que tudo isso exigia. Era muita consideração — atitude típica de Jane — ficar doente longe de casa.

“Então, tudo vai ficar bem”, disse Sarah.

Para ele, o momento ficou tenso como um pano de lã na rama. Não podia haver nenhum passo em falso, nenhum descuido em demonstrar a aflição que ela lhe estava causando. O impulso de falar, de tocá-la: isso tinha de ser reprimido, sufocado e mantido bem dominado.

Sarah, por outro lado, estava entregue à tarefa de sepultar sua culpa por ter mexido nas coisas dele despejando irritação e afronta em cima dela. Por que o sr. Smith não a tratava com apreço, como fazia aquele outro? Por que James não lhe falava de suas viagens, de sua terra, por que não lhe contava sobre os lugares onde estivera? Ele nada oferecia espontaneamente, mantinha-se sempre taciturno e distante. Não era de admirar que ela o tivesse compreendido mal. Não era de admirar que tivesse espionado...

Ele respirou fundo. Ela se perturbou e olhou em torno.

Ele apenas disse: “Até amanhã”.

Em seguida saiu, tomando a mesma direção do outro homem, para o pátio chuvoso. Ela deu um muxoxo, se virou e voltou a seu trabalho.

\* \* \*

A partida de Elizabeth, ocorrida assim que a chuva parou, não causou nenhum problema especial a qualquer pessoa do andar de baixo. Ela somente calçou seu sapato de caminhar, abotoou o *spencer*, jogou uma capa sobre si e pegou uma sombrinha para o caso de chover de novo. Tal autossuficiência era apreciada numa pessoa, mas ao vê-la sair pelo caminho e subir os degraus para transpor a cerca, Sarah não pôde deixar de pensar que aquelas meias se estragariam e que aquela anágua nunca mais

seria a mesma, por mais que a deixasse de molho. Era simplesmente impossível tirar lama de seda rosa. A seda era um tecido delicado demais para ser fervido.

Vizinhos fizeram visitas durante o dia. Sir William Lucas e sua filha Charlotte estiveram na casa, mas também não deram trabalho nem ficaram para jantar. Elizabeth era esperada para a refeição, porém, à medida que avançavam os preparativos — e os ponteiros do relógio — sem que houvesse sinal dela, a sra. Hill começou a perder a esperança de que ela voltasse a tempo de ajudar a acabar com o empadão de carne. Quem dera que os Lucas tivessem sido convencidos a ficar para o jantar... Às quatro e meia, quando o empadão esperava na mesa da cozinha e teria de ser comido frio se não fosse servido de imediato, o mesmo laçao mulato do sr. Bingley abriu a porta da cozinha e ali ficou, fazendo o cômodo esfriar enquanto tirava a lama da bota. Pelo visto, não achava mais aquilo engraçado.

“Faz um frio de amargar aí fora.”

Dessa vez ele trouxera um bilhete de Elizabeth. Não viria para o jantar, informava à família, pois teria de permanecer em Netherfield para cuidar de Jane até que ela se recuperasse o suficiente para viajar. Elizabeth pedia que mandassem roupas para ambas. Ao ouvir essas notícias — lidas pelo sr. Bennet em voz alta, à mesa do jantar, para que toda a família tomasse conhecimento, e fazendo com que sua mulher se sentisse culpada pela doença de sua filha mais velha —, a sra. Hill saiu imediatamente para arrumar uma maleta para as moças. A sra. Bennet seguiu-a um pouco depois, assim que terminou de jantar.

Chegou ao quarto das filhas maiores quando o trabalho da sra. Hill já estava quase pronto, e começou a desfazê-lo, retirando da mala um vestido e trocando-o por outro, exigindo que a sra. Hill parasse tudo e esperasse enquanto ela pensava, e em seguida perdendo-se em considerações sobre uma pilha de roupas, refletindo sobre os benefícios e as desvantagens de cada vestido, touca e capa de Jane. O conteúdo da maleta vazava como o de uma panela a ferver.

“Não, não, esse vestido não, porque o sr. Bingley a viu com ele na casa dos Lucas e há de pensar que ela não tem outro tão bom.”

O que a srta. Jane faria com vestidos vaporosos de noite ou toucas leves de musselina se estava presa à cama? Ou por que pensar que o sr. Bingley se preocuparia com o que ela usasse se ele nem mesmo a veria? Eram perguntas que a sra. Hill não conseguia responder, mas estava absorvida demais na matemática do guarda-roupa para dar atenção real à sua ama: Jane chegara a Netherfield com um bom vestido de jantar e uma capa, mas deviam ter ficado ensopados. Àquela altura, os criados da casa já os teriam secado e eliminado qualquer marca de lama, e as irmãs do sr. Bingley lhe teriam emprestado um vestido e um xale para a noite, bem como um camisão de dormir, ao constatar que ela teria de pernoitar ali. Assim, o que era preciso mandar agora para Jane eram roupas de noite, alguns xales e um bom vestido para quando se recuperasse. Elizabeth, por outro lado, teria chegado lá enlameada depois da caminhada e precisava de um bom vestido para o jantar, um vestido simples para cuidar da irmã, dois sapatos decentes para usar na casa e roupa de baixo. Embora compreendesse a ânsia da sra. Bennet em causar boa impressão, qualquer coisa além disso era pura bobagem, e como tal seria vista pela criadagem da casa.

Quando a sra. Bennet se afastou, dizendo que iria procurar o sapato de baile de Jane, a sra. Hill

fechou a maleta e a afivelou. Se não tirasse depressa aquele preto janota da cozinha, ninguém poderia prever o mal que adviria dali. Ele já teria virado completamente a cabeça de Sarah.

Diante do olhar afrontado da sra. Bennet, ela disse: “Correríamos o risco de amassar os vestidos, madame, se puséssemos mais qualquer outra coisa aqui dentro”.

A sra. Hill apressou-se e saiu do quarto com a maleta, antes que a sra. B. pudesse protestar ou parabenizar a governanta por seu bom senso.

Os dois — Sarah e o mulato — estavam sentados um diante do outro à beira do fogo, ele estirado e bem à vontade, ela debruçada para a frente, com as mãos nos joelhos, os olhos brilhando, a manta caída para a frente e revelando demais os seios. A conversa cessou no momento em que a sra. Hill entrou na cozinha. Para seu gosto, Sarah parecia afogueada e animada demais. A governanta soltou a maleta no colo do lacaio, que se encolheu.

“Aqui está”, disse. “Agora, para casa.”

Ele retardou o quanto pôde sua saída, simulando ofegar e cambalear com o peso da maleta, balançando a cabeça e dando muxoxos, fingindo aborrecimento. Isso fez Sarah rir, o que pareceu agradá-lo. Por fim saiu, levantando o chapéu para ela. A sra. Hill bateu a porta às suas costas; depois, de mãos nos quadris, ficou vendo Sarah varrer e juntar as cinzas na lareira, espalhando-as, amontoando-as e, em seguida, aplainando-as de novo. Era evidente que os pensamentos da moça não estavam em seu trabalho.

\* \* \*

No dia seguinte, a sra. Hill mandou Sarah a Meryton para comprar um pão de açúcar de boa qualidade na mercearia. Não havia mais na casa, nem uma pitada de açúcar, e ela precisava dele a tempo para o jantar, pois seria necessário na preparação das maçãs assadas. A governanta lamentou de coração causar-lhe esse inconveniente, mas via-se forçada a lhe pedir esse favor. Estava ocupada demais para ir ela própria. E com isso a moça não estaria em casa se aquele sujeito aparecesse de novo.

“Posso ir também?”, perguntou Polly.

“Não. Não quero todo mundo borboleteando por aí. Preciso de você para escovar. Pegue o esfregão e o chá frio. Vamos limpar o piso do salão e do vestíbulo.”

“Pufff!”, fez Polly. “Quando a srta. Jane se casar com o sr. Bingley, não será preciso ir a Meryton comprar açúcar. Vamos ter montanhas de pães de açúcar, vamos construir uma casa com eles. Vamos tomar banho de caramelo.”

“Isso seria bem desagradável”, disse Sarah.

Tirou o avental e foi buscar a touca, antes que a sra. Hill mudasse de ideia.

Com a sombrinha em frangalhos dobrada debaixo do braço e a velha peliça azul a lhe aquecer os ombros, Sarah deixou a cozinha feliz da vida: aquilo parecia bom como um feriado. Era uma maravilha estar fora de casa, tendo diante de si nada menos que um quilômetro e meio de ar puro, com pouca coisa a fazer e sem ninguém para lhe dar ordens. A sra. Hill nem notaria se faltasse um pedacinho do cone de açúcar. O trajeto de volta seria doce: a perspectiva de ter à sua espera um

jantar que não fora preparado por ela era uma delícia.

Sua botina logo ficou úmida e pesada, e a do pé esquerdo fizera uma bolha em seu calcanhar, mas era melhor ir pelos campos que pela estrada de pedágio, onde as diligências postais e os coches do correio passavam em disparada, obrigando os transeuntes a quase se meter na valeta ou correrem o risco de acabar debaixo dos cascos dos cavalos ou das rodas velozes dos carros.

O laçao bonito — ele a deslumbrava a tal ponto que ela sempre se esquecia de perguntar seu nome — não gostava de lama. Ele era uma ave de bela plumagem, um periquito; o mau tempo o aborrecia. E se ele era um periquito, o sr. Smith era um cão collie: o tempo não produzia o menor efeito nele, por mais frio, poeira ou chuva que fosse despejado sobre ele: sua mente e sua alma estavam cravadas no trabalho. Quanto a ela... bem, o tempo não a afetava tanto, de um jeito ou de outro. Se ela se molhasse, sabia que dali a pouco secaria. Até lá, não fazia sentido queixar-se do tempo.

Ainda assim, pensava em como aqueles jardins em Vauxhall deviam ser lindos depois de uma chuva.

A trilha ia dar na margem do rio e o seguia até Meryton. O rio estava cheio, mais largo e com ondulações. O açude do moinho transbordava, e a roda estrondeava, fazendo muita espuma.

Não chovia, mas o céu estava escuro e baixo, criando um crepúsculo inesperado nas ruelas mais estreitas. As sombras pareciam machucadas e roxas, enquanto as pedras e as paredes ganhavam uma repugnante tonalidade verde.

Ela passou pelo curtume, sempre com seu cheiro de morte e excremento de cachorro, e pelas paredes cegas do asilo dos pobres, onde não havia nenhuma luz acesa, apesar da escuridão do dia. De um lado e outro abriam-se becos, onde crianças seminuas faziam reservatórios e represas nas sarjetas, e mulheres de xales, nas portas de suas casas, embalavam bebês enfaixados. O matadouro, quando passou por ele, estava deserto, mas tomado por seu habitual miasma de terror, de amônia e sangue.

Tudo silencioso demais.

Sarah prosseguiu pelas vielas. O lugar, que ela conhecia tão bem, costumava ser animado, com os tecelões falando de política encostados em suas portas de entrada e as mulheres reunidas em grupos loquazes junto à bomba-d'água. Sabiam quem ela era, quem foram seus pais. Nesse dia, só saíra de casa quem não tinha opção. Nesse dia, só havia o silêncio derrotado e o gotejar dos telhados remendados.

Recomeçou a chover — aguaceiro e névoa. Sarah abriu a sombrinha. Na esquina adiante, ficava uma das principais hospedarias de Meryton, sua fachada de enxaimel voltada para a agitação de compra e venda da praça do Mercado, e a empena lateral na direção daquela ruela úmida. Transposta a esquina, ela estaria em ruas mais largas e mais cheias de gente. Apressou-se. Iria logo à mercearia para comprar o açúcar; depois passaria no boticário para ver que notícias o sr. Jones podia dar de Jane. Feito isso — ela trouxera um pêni seu —, compraria um pão doce na doçaria e, comendo sua guloseima, seguiria direto para casa, então pela estrada, enfrentando as diligências e os coches, em vez de voltar por aquele caminho escuro.

Ela caminhava ao longo do pátio da hospedaria. Na última vez que passara por ali, era dia de feira e o pátio estava agitado com o entra e sai de lavradores e de seus cavalos mansos e pesados. Mas nesse

dia o espaço atrás das paredes curvas e caiadas estava diferente: havia uma construção ali. A obra era tosca, e em suas madeiras viam-se trilhos de umidade. A construção parecia um estábulo de vacas e ocupava metade do pátio.

O quartel, dissera a sra. Bennet. Estavam construindo alojamentos para os soldados.

Havia também um novo som, que ela escutava pela primeira vez. Um zum-zum de vozes reunidas. Vozes masculinas.

Apressou o andar, inclinando a sombrinha para que não a notassem. Passou diante do portão e, embora não pudesse ver nada, percebeu que alguma coisa ocorria ali, que alguma coisa, reprimida, estava prestes a estourar.

Mais alguns passos e estaria na praça do Mercado. Iria à mercearia comprar o açúcar, conversar sobre o tempo e o estado deplorável das ruas e estradas. Ela não *precisava* olhar para o pátio, onde os homens estavam reunidos. Seria muito melhor não olhar, pois o mais provável é que os soldados a notassem se olhasse para lá.

A construção do quartel estreitara o pátio, que agora se reduzira a pouco mais que uma servidão úmida entre a nova construção de madeira sem pintura e o muro lateral. Os soldados de túnica vermelha apinhavam-se na extremidade mais distante do pátio, comprimidos ali por alguma restrição invisível. Nenhum deles lhe lançou sequer um olhar. Sarah continuou seu caminho, embora tudo parecesse ter-se retardado e cada momento parecesse estar-se prolongando. Ao dar mais um passo, seu ângulo de visão mudou e ela viu o motivo que mantinha os homens parados lá no fundo, seus rostos virados de lado.

O motivo estava no pelourinho, diante do portão, entre os soldados e ela.

Seus olhos não atinaram de imediato com o que viram.

Logo, porém, ela percebeu que era um porco. Uma carcaça. Um enorme naco de carne à espera de ser esfolado.

No entanto, suas percepções se alteraram de novo e traços verdadeiros se formaram: ela viu as formas de músculos humanos, uma omoplata, um pedaço de cabeleira negra, um pouco de pescoço.

No instante em que viu isso, desviou o olhar, mas já era tarde. A imagem se impôs à sua visão como um selo marcando o lacre. A pele do homem estava lívida à luz mortiça e seu rosto, escurecido pela barba de alguns dias, colava-se ao madeiro escuro e desgastado. Tinha os olhos muito abertos e a boca cerrada. O corpo, imobilizado por correntes, agitava-se com fúria: os músculos do braço contraíam-se e se contorciam, os pés se mexiam e batiam nas pedras do calçamento como as patas de um cavalo.

Na extremidade do pátio, os soldados se agitavam, murmuravam entre si. Alguns eram muito jovens e um deles, rapazinho de seus catorze anos, parecia prestes a chorar, mas nenhum deles conseguia dirigir o olhar ao homem mantido a ferros. A multidão se abriu e apareceu um homem em mangas de camisa que trazia um chicote enrolado na mão. Também não olhou para o prisioneiro.

Ela já quase ia além do portão, sentindo no rosto a chuva fria, quando avistou o ponto em que se fixava a atenção do homem, o ponto final nessa teia de cumplicidade. Oficiais fardados se agrupavam num dos lados do portão, perto da parede. Um ou dois já chegavam à meia-idade e outros eram mais jovens. Um deles, pálido, tinha o rosto tão liso que quase parecia uma moça.

Os oficiais estavam à vontade, envolvidos numa discussão. O homem da chibata, o prisioneiro e os soldados fardados esperavam uma ordem deles.

“Bem, Chamberlayne, o que você diz?” Quem perguntava era um homem mais velho. “Está pronto para isso?”

“Sim, senhor, coronel Forster.” Chamberlayne. Era o rapaz de rosto liso.

“Ele parece mesmo que quer vomitar.”

“Eu, não. Eu só... Havia alguma coisa de errado com aquela cerveja.”

“Você não tem estômago para algumas coisas, isso é certo.”

“Admita, Denny. Vinte açoites não são coisa à toa.”

“Sim, senhor, capitão Carter.”

“Eles precisam disso, você sabe, Chamberlayne”, disse o homem mais velho, o coronel. “Eles nada são sem disciplina. Não têm autocontrole, por isso cabe a nós controlá-los. Faltaríamos ao nosso dever se negligenciássemos isso. Não prestar continência a um oficial é uma insubordinação clara, isso não se discute.”

Sarah não via mais nada disso, pois já caminhava ao longo da parede caiada; ainda assim, ouvia claramente as vozes, trazidas pelo silêncio e pela chuva.

A voz aflautada de Chamberlayne de novo: “Se pudéssemos acabar logo com isso, eu me sentiria muito bem”.

“Pois então, sargento. O senhor ouviu o oficial e sabe o que lhe cabe fazer.”

“Senhor.”

Ela sentiu o que viria e sua pele se arrepiou. Uma pausa momentânea, quando os homens cerraram fileiras. A chibata silvou. O golpe e o corte.

O prisioneiro gritou. Sarah levou uma mão à boca com força.

“Uma”, bradou o sargento.

Outro silvo e o golpe da chibata. O homem gritou. Sarah deixou a sombrinha cair. Levou a mão à parede de pedras molhadas.

Outra pausa. A chibata silvando de novo. Outro grito.

Ela teve certeza de que passaria mal. Ficou parada, o coração aos saltos. *Vinte?* Se continuassem com aquilo, o matariam. Ela devia retroceder, interpor-se entre ele e a dor. Eles seriam obrigados a parar. A chibata estalou de novo. Ela fechou os olhos e a escuridão a engolfou. O estalo: o grito. Outra vez, outra vez. Os gritos do homem enfraqueciam.

Ela avançou, tonta, os pés se embaraçando com as saias molhadas, a mão roçando a parede, meio aos tropeções, a sombrinha balançando de um lado para o outro, a chuva batendo em seu rosto.

Pouco depois da saída de Sarah, o mulato (por que sempre ele? Porventura o sr. Bingley não tinha outro laçaió para lhe servir de mensageiro na região?) chegou com outro bilhete da srta. Elizabeth.

Fez um agrado a Polly sob o queixo, apertou a mão que James lhe estendeu de má vontade e olhou em torno na cozinha com ar inquisitivo.

“Onde está... hum...”

“A criada?”, perguntou a sra. Hill.

“Hum, imagino que sim. A menina bonita.”

A sra. Hill deu o bilhete de Elizabeth a James e fez um gesto com a cabeça em direção à sala. Ele se dirigiu para lá.

“Em outro lugar”, disse ela.

Nada ofereceu ao laçao. Nem chá, nem mesmo uma cadeira, e, claro, mais nenhuma informação sobre Sarah. Eles poderiam ter-se encontrado no caminho, só por sorte isso não ocorrera. Teria de pensar em outros meios de manter Sarah longe das garras dele. E o laçao teria de se contentar com uma resposta rápida da sra. Bennet, na forma de um bilhete dobrado, e pôr-se a caminho de casa.

Ao vê-lo se afastar, a sra. Hill sentiu-se orgulhosa pela eficácia de seu plano. Logo ele mudaria de interesses, iria fixar-se em objetivos mais possíveis. Não era o tipo de pessoa que insistia numa coisa só.

Na mercearia, Sarah dobrou a sombrinha e pediu um pão de açúcar. Em vez de apenas embrulhar o cone e anotá-lo na conta dos Bennet, o vendeiro olhou para ela e disse: “Minha querida, você está bem?”.

“Estou, obrigada.”

“Você está branca como cal. Precisa tomar alguma coisa.”

O homem gritou para a cozinha, chamando a filha. A moça, rechonchuda e de olhos escuros, levou Sarah para se aquecer e tomar uma xícara de chá.

Pouco depois, o vendeiro meteu a cabeça na porta para ver as duas e disse que ao menos tinham conseguido recobrar um pouco a cor nas faces de Sarah, o que era bom, porque ele temera que a caminhada de volta a Longbourn seria um esforço excessivo para ela e que na manhã seguinte a encontrariam morta em alguma valeta.

Contrariando seus hábitos, James mostrava-se sociável com a sra. Hill e, de uma hora para outra, tornou-se falador. Fizera o trajeto de ida e volta a Netherfield com a sra. Bennet e uma carruagem cheia de moças, e naquele dia passara por Meryton duas vezes. Por que ela não pensara em pedir a ele que buscasse o açúcar e poupasse a Sarah aquele trabalho? Ele quase não saía da janela, e quando ela o tirou dali para pegar o vaso de salsinha no peitoril, ele se afastou só um pouco, tornando a atrapalhá-la quando ela voltou com o vaso.

“Preciso lhe pedir licença de novo, sr. Smith.”

Ele se afastou para lhe dar acesso à janela, mas logo voltou para lá. Limpou a névoa de uma vidraça. “Está escurecendo.”

“É só o céu que está nublado. Esteve cinzento o dia inteiro.”

“Foi. E agora está escurecendo.”

A sra. Hill pôs o panelão de peixe na mesa. “Eu diria que ela ainda tem mais ou menos uma hora para chegar antes do sol se pôr.”

James franziu a testa e assentiu com a cabeça. No entanto, logo depois disse: “Mas acho que ela já devia ter voltado, não é mesmo? Devia ter voltado há horas”.

As implicações daquele comportamento do rapaz ficaram girando na cabeça da sra. Hill como um

bando de estorninhos, enquanto ela tirava o peixegotejante do panelão e o arrumava na travessa. Com que então ele estava caído pela delambida. Ora, vejam só. E se Sarah também gostasse dele — desde que o mulato fosse impedido de virar a cabeça dela —, as coisas poderiam dar muito certo. James e Sarah casados. Ela não faria objeção alguma a isso, de jeito nenhum. E se ela não objetasse, quem haveria de objetar?

“Pronto”, disse, batendo com uma unha na travessa. “O peixe está pronto. Por favor, leve-o para cima agora.”

O rapaz olhou sem nenhuma expressão para o peixe. Em seguida foi até a janela outra vez.

“Ela voltará antes deles acabarem o jantar. Não se aflija.”

“Não estou aflito.”

A ansiedade dele começava a se tornar contagiosa. A sra. Hill sentiu agora uma pontada de intranquilidade. Teria acontecido alguma coisa com Sarah?

“O jantar está esfriando.”

Ele se afastou da janela a contragosto, pegou uma toalha de bandeja e levantou o prato.

“Ela é uma moça sensata”, disse a sra. Hill. “E por aqui há muita segurança. Não estamos habituados a nenhum tipo de problema.”

“É”, concordou ele. “Claro.”

“E quem molestaria uma moça respeitável, com a milícia aquartelada tão perto?”

Houve um átimo de hesitação, mas ele aquiesceu com um gesto de cabeça.

“Nisso temos sorte”, disse a sra. Hill. “Podemos nos considerar bem protegidos.”

James olhou para o peixe, empolado e de olhos vítreos na travessa. Esperaria até tirarem a mesa do jantar; se Sarah ainda não tivesse voltado, sairia para procurá-la.

\* \* \*

Ele não precisou ir longe. Do cume ventoso do morro, divisou-a. Ela vinha pela estrada que rodeava o pé do morro. O motivo pelo qual preferira tomar aquele caminho lamacento e difícil, e não a trilha que passava pelos campos, era coisa que ele não imaginava.

Vê-la fez alguma coisa dentro dele girar e se soltar. James deu um suspiro, que foi levado pelo vento.

Agachou-se, encostado no muro que delimitava o campo, e observou-a avançar pelo lameirão, as saias agitadas pelo vento. Parecia tão franzina e frágil, como se a ventania pudesse carregá-la para longe.

Quando ela havia percorrido cerca de vinte metros, ele se pôs de pé e desceu a encosta quase correndo. Acompanhou a caminhada dela para casa, mantendo-a sob sua vista até Sarah cruzar o portão. Esperou no pilar do portão, enquanto ela seguia pela entrada de cascalho e contornava a casa. Parecia enregelada e exausta. Depois que ela virou a esquina da casa, ele correu para lá e se abaixou, vendo-a chegar aos estábulos e atravessar o pátio. Em seguida, ela entrou na cozinha e a porta se fechou às suas costas.

James dirigiu-se aos estábulos, onde as impetuosas e ruidosas rajadas de vento estavam deixando os cavalos alvoroçados. Deu batidinhas em seus pescoços e os acalmou. Isso sossegou seus próprios

nervos, como também os deles. James secou o cabelo e pendurou o sobretudo molhado e gotejante num prego.

Preocupara-se com ela, nada mais. Ninguém ali parecia ter uma noção real de como era o mundo — uma inocência tão profunda e perigosa quanto uma pedreira. Ele, porém, sabia. Sabia do que os homens eram capazes, e na verdade passara a acreditar que alguns deles nada tinham de humanos, por mais que andassem, conversassem, rezassem, comessem, dormissem e se vestissem como seres humanos. Bastava dar-lhes tempo e oportunidade e eles se revelavam criaturas frias de apetites estranhos. E, para satisfazê-los, não se importavam com o mal que causavam.

Enquanto, lá fora, James lutava com o vento e a lama à procura de Sarah, a sra. Hill subia a escada com uma bandeja carregada. Abriu a porta da sala com o ombro. O restante da família Bennet regozijou-se com a chegada de café e biscoitos. Kitty e Lydia largaram seus trabalhos — se é que se podia chamar de trabalho desfazer toucas perfeitas para refazê-las de maneira um pouco pior — e aproximaram-se da mesa. A sra. B. e Mary olharam de longe a merenda, e até o sr. B. dobrou seu jornal e o pôs de lado, dizendo: “Bom, muito bom”. Tudo lhes parecia agradabilíssimo. Entretanto, a sra. Hill começava a ser invadida por uma dolorida preocupação. A angústia de James a angustiara. O que ele vira, o que fizera, o que ele sabia que ela não sabia?

Sarah, naturalmente, voltara para casa em plena segurança, ainda que cansada, enlameada e gelada. Pôs o cone de açúcar na mesa e afundou numa cadeira à beira do fogo. Polly veio furtivamente da área de serviço, mordendo uma unha.

“Já estávamos começando a nos preocupar, menina.”

Sarah olhou para a sra. Hill com uma expressão de surpresa. Parecia que séculos haviam se passado desde que ela saíra. Era como se agora estivesse num mundo diferente.

“Os caminhos estão muito ruins, sra. Hill. É difícil andar com toda essa lama.”

Sarah teve um estremecimento. Polly achegou-se a ela e a abraçou, buscando aconchego. O polegar deslizou para sua boca.

“Polly, meu amor, não faça isso. Você já está crescida.”

Polly abriu um sorriso em torno do polegar, achegando-se mais a Sarah. Suas palavras saíram abafadas. “Você está queimando!”

“Estou? Sinto frio.”

Preocupada, a sra. Hill levou a mão à testa de Sarah. Sua expressão de desagrado se intensificou. Sarah não fez objeção a tomar leite quente com mel e ser mandada cedo para a cama.

Quando James entrou na cozinha pouco depois, perfeitamente seco e arrumado e parecendo não ter feito nada de mais, Sarah não estava ali, e a sra. Hill exibia uma expressão tensa e defensiva. Polly informou a ele, como se estivesse com medo, que Sarah tinha saído de casa e voltado exausta e gelada, por isso a sra. Hill tivera de mandá-la cedo para a cama.

O cone de açúcar, bem embrulhado na mercearia e mantido apertado contra o peito de Sarah na

volta para casa, continuava sobre a mesa, translúcido, aninhado em seus envoltórios meio soltos. James tocou-o com a ponta de um dedo, esperando encontrá-lo frio, mas constatou que isso não acontecia e que ele até guardava algo do calor persistente do corpo de Sarah.

Lá em cima, no sótão, tendo tirado as roupas molhadas e vestido o camisão de dormir, com um xale em torno dos ombros e meias até os joelhos, Sarah tremia sob os cobertores. Com os olhos fechados e contraídos, via a pele mortalmente pálida do prisioneiro. Ainda escutava seus gritos atrozes, a forma revoltante como enfraqueceram e cessaram.

*Bingley insistiu que o senhor Jones fosse chamado imediatamente; enquanto as irmãs, convencidas de que um especialista da região não seria ajuda suficiente, sugeriram que mandassem um expresso buscar um médico mais eminente na cidade.*

Na sexta-feira, Sarah queimava de febre. Sua cabeça rolava de um lado para o outro no travesseiro e ela murmurava coisas. Sempre que podia, a sra. Hill subia ao sótão, ou mandava Polly, com um caldo ou uma xícara de chá. Faziam com que ela se sentasse e lhe metiam uma colher nos lábios trêmulos. Entretanto, o sótão ficava bem distante da cozinha e não era toda hora que alguém podia sair, portanto era breve o tempo em que podiam ficar a seu lado e confortá-la.

Se Sarah não melhorasse dali a poucos dias, a sra. Hill perguntaria à sra. Bennet se podia mandar chamar o boticário. Ou talvez lhe pedisse uma dose do Bálsamo Estimulante de Gilead. Nunca se ouvira dizer que essa preparação não tivesse curado os achaques da sra. Bennet, mas como o vidro custava meio guinéu, não era coisa que se ministrasse a criados sem um motivo justificado.

No andar de baixo, James se preocupava, trabalhava como sempre e perguntava por Sarah com muito mais frequência do que Polly ou a sra. Hill podiam ir vê-la para informá-lo. Se a sra. Hill soubesse a verdade — que ele só se permitia pedir notícias dela uma fração minúscula do número de vezes em que na realidade desejava fazê-lo —, teria inteiramente confirmadas suas suspeitas sobre os sentimentos do rapaz.

No sábado, a febre de Sarah cedeu e ela já se sentava. Polly levou-lhe nozes e maçãs, mas como Sarah não conseguiu comê-las, a menina partiu e amassou os frutos para ela, enquanto avaliava seu estado.

“Gostaria de alguma coisa em especial?”

“Não consigo pensar em nada.”

Polly ergueu um dedo, levantou-se e saiu depressa. Voltou em poucos minutos com um vidro de geleia de amora e uma colher.

“A sra. Hill não vai notar”, disse.

Como os pardais para Nosso Senhor, assim era a lista do que havia na despensa para a sra. Hill. O destino de cada artigo tinha de ser explicado, e Sarah sabia disso. Fez Polly prometer que devolveria o

vidro sem abri-lo.

“Mas só se você prometer melhorar depressa. É horrível saber que você está nesta situação. Sinto sua falta.”

Durante a doença de Sarah, Polly foi obrigada a dormir no quarto dos Hill. Tinha uma enxerga no chão.

“Os dois roncam como porcos! E ele é um velho peidorreiro.”

“Polly!”

“Mas é verdade! Ele peida mais que um cavalo.”

No domingo, quando a sra. Hill entrou na cozinha para atizar os fogos e ferver água, pois queria uma xícara de chá antes do culto da manhã, deu com Sarah já ali, vestida e preparando a massa para os pãezinhos do desjejum. Entretanto, estava sentada à mesa. Certamente ainda não se sentia capaz de passar algum tempo de pé. E continuava com uma cor de cera. Não poderia ir à igreja.

“Bem”, disse a sra. Hill, levando a mão à testa dela e sentindo-a normal, “como é bom ver você de pé e ativa!”

“Eu queria me ocupar de alguma coisa”, disse Sarah.

A chegada da carruagem dos Bingley, trazendo Elizabeth e Jane, dividiu claramente em duas partes a longa e monótona manhã de domingo.

O vento fresco provocava tremores em Sarah, que, enrolada num xale, assistia à recepção e à entrada das moças em casa. Jane mostrava-se abatida e fragilizada, mas resistiu aos protestos da mãe — sobre o incômodo que causara aos Bingley ao utilizar a carruagem da família — com sua calma determinação. A bulha, o rebuliço passavam agora por Sarah sem tocá-la. As apreensões da família, embora fossem objeto de exagero e espalhafato, pareciam-lhe distantes e ínfimas. Não tinham importância.

O lacaios negro entregou a maleta a James, que a levou para dentro, e Sarah, dando uma olhada rápida para se certificar de que não estava sendo observada — todos tinham entrado em casa —, aproximou-se dele.

“Faz algum tempo que não a vejo”, ele disse. “Alguns dias já. E tenho vindo e voltado aqui como o braço de um rabequista.”

“Estive acamada.”

“Como é seu nome? Ninguém me diz nada.”

“Sarah.”

Ele levou a mão ao chapéu. “Ptolemy Bingley. Às suas ordens.”

O prenome já era bastante estranho, mas ela não resistiu: “Como você pode ser um Bingley?”

“Se a pessoa trabalha na propriedade do sr. Bingley, ela se chama assim. É assim que ele quer.” Ele reassumiu seu lugar na carruagem e lançou um olhar demorado a Sarah. “Deixaram você esgotada, não foi?”

“Peguei um resfriado.” Ela ajeitou melhor o xale, arrepiando-se de frio.

“Você precisa se cuidar, menina. Ninguém vai fazer isso por você.”

Sarah tomou consciência da presença de outros homens de Netherfield — o segundo lacaio e o cocheiro — e da comunicação silenciosa entre eles, feita de olhares e expressões faciais.

“Onde fica esse lugar”, ela perguntou, “em que todo mundo se chama Bingley?”

“Ah, meu Deus. Bem, lá você não pegaria um resfriado.”

“Então é um lugar quente?”

“Quente como um banho.”

Ela hesitou. O cocheiro estalou a língua, os cavalos se mexeram e bufaram.

“Espero que volte logo a Longbourn, sr. Bingley”, disse ela.

“Ptolemy. Tol. Ao que parece, a eles não faltam bons motivos para incumbir-me dessa missão.”

As rodas começaram a girar sobre o cascalho. Mais uma vez ele levou a mão ao chapéu e se foi. Sarah olhou para a carruagem que se afastava e foi tomada por uma inquietante sensação de prazer. A única coisa de que tinha certeza agora era que ela não continuaria daquela forma para sempre. As coisas estavam às soltas, se modificando. Nada mais prosseguiria como fora até então.

*Fim do Livro Um*

# LIVRO DOIS

1.

*“Há coisa de um mês recebi esta carta, e cerca de duas semanas atrás a respondi, pois achei um caso delicado, que demandava pronta atenção.”*

Com Jane e Elizabeth devolvidas ao seio da família e Sarah recuperando algo assim como uma boa saúde, a sra. Hill poderia ter-se permitido esperar que as rotinas fossem retomadas e que se voltasse ao que se podia chamar de normalidade.

Se essa expectativa de fato florescera em seu coração, ela foi inteiramente desfeita, no dia seguinte por uma declaração do sr. Bennet durante o desjejum. Seu primo, o sr. Collins, era esperado naquela tarde e ficaria com eles até a noite do sábado seguinte. Tendo transmitido essa informação à família, deixou-a com suas migalhas e restos de café, refugiando-se na biblioteca, a fim de melhor saborear seu *coup de théâtre*. No entanto, sua fuga não foi de todo bem-sucedida. A sra. Hill seguiu-o até seu esconderijo. Entrou sem bater.

“Esse cavalheiro ficará hospedado conosco durante doze dias, sr. Bennet?”

O sr. Bennet assentiu com um gesto de cabeça.

“E espera-se para hoje a sua chegada?”

O sr. Bennet sacudiu seu exemplar do *Courier*. “É exatamente como a senhora diz.”

“O senhor deve saber que não estou de modo algum preparada para isso.”

“Ainda assim”, retrucou o sr. Bennet, “salvo a vontade divina ou ações de bandidos, ele estará conosco às quatro horas da tarde.” Tirou o relógio da algibeira e o examinou. “E só faltam quinze minutos para as onze. Tique-taque, sra. Hill. Tique-taque.”

“Isso é uma grande descortesia, senhor.”

Ele devolveu o relógio ao colete. “E isso é injusto, sra. Hill. Estamos diante de questões de ordem prática, e não de cortesias. Tudo o que lhe cabe fazer é aquilo para o qual a empregamos.” O sr. Bennet meteu o queixo entre as dobras do laço da gravata e sacudiu o jornal de novo. “A senhora não acha melhor começar a tomar as providências cabíveis?”

A sra. Hill inspirou fundo para protestar, mas se deteve. Discutir com ele era — sempre era — perda de tempo. Ele a estava castigando. Esperara até aquele momento para dar a notícia, mas fora

ela quem provocara isso, poucos meses antes, por ocasião da chegada de James, ao lhe dizer o que pensava. Se fizesse outra objeção agora, ele apenas a registraria contra ela naquele seu livro secreto de contas e daria tempo ao tempo. Por isso, que ele desfrutasse essa sua pequena vitória. Ela continuaria a fazer o que devia ser feito, fingindo não estar magoada. Fez uma mesura e bateu a porta da biblioteca às suas costas, subindo a escada com passadas ruidosas para o quarto de hóspedes.

O sr. Bennet sabia muito bem o que o sr. Collins significava para ela, para todos os serviçais. O emprego de cada um deles em Longbourn só estava seguro enquanto o coração do sr. Bennet continuasse batendo. Depois disso, eles passariam a depender inteiramente da vontade daquele estranho. E a sra. Hill sempre desejara que, se aquele cavalheiro um dia os visitasse, ela pudesse dispor de um mês para planejar os cardápios, de duas semanas para arejar e passar a ferro as melhores roupas de cama e mesa, e de vários dias para arrumar o quarto de hóspedes e dar-lhe o maior brilho possível com vinagre, um boa tisana fria de ervas e a melhor cera.

Isso porque, naturalmente, era preciso fazer com que o sr. Collins visse o quanto a atual criadagem era necessária para o futuro gozo de sua herança: se quisesse, ele poderia dispensar todos eles com um estalar de dedos tão logo o sr. Bennet partisse desta para melhor, e aquele arranjozinho seguro seria reduzido a pó e espalhado aos quatro ventos. Isso seria a morte para o pobre do sr. Hill, ela disso sabia com certeza. A pequena Polly se encrencaria com alguma coisa ou com alguém, pois era demasiado jovem e tolinha para se arranjar por si só, e Sarah era simplesmente ingênua demais para enfrentar o mundo sozinha. James acabara de se juntar a eles. Não poderia permitir que ele fosse descartado assim sem mais nem menos, não agora que todos estavam se acostumando a tê-lo por perto.

Era nisso que pensava a sra. Hill ao subir a escada, pisando firme em cada degrau, ao abrir a porta do quarto de hóspedes, atravessar o cômodo e levantar a janela de guilhotina. O ar gélido de novembro invadiu a peça. Não, de nada lhe valeria protestar. A única coisa a fazer era contrariar o rancor do sr. Bennet. O sr. Collins ficaria estupefato com a qualidade do serviço prestado pelos criados de Longbourn, nem que isso a matasse. Nem que matasse a todos eles.

À luz do inverno, o quarto se mostrava triste e malcuidado. O estrado da cama estava nu, o toucador tinha uma camada de poeira e havia uma cascata de fuligem na lareira. O cômodo cheirava a mofo.

Às quatro da tarde, ele teria de estar quente, limpíssimo e alegre, enquanto um jantar excelente estaria à espera do sr. Collins. Jantar, aliás, que ainda tinha de ser planejado e preparado. E ela já sabia que não iria conseguir um peixe decente naquele dia. Mataria uma galinha, e teria de se arranjar com ela. Sarah e Polly cuidariam do quarto. Acender o fogo, espanar, varrer, arrumar a cama. Um buquê de folhas e bagas num vaso. Sarah era exigente e podia-se confiar nela para ficar de olho em Polly. James poderia levar para lá a bergère da biblioteca. Uns poucos confortos masculinos dessa natureza bastariam. O quarto logo ficaria bom. Com seu grupinho trabalhando nele, em pouco tempo estaria aquecido e agradável, livre do cheiro de mofo.

Ela iria assar a galinha com algumas cenouras. Faria uma sopa branca. Nozes e frutas como sobremesa. Não se veria uma ruga sequer na superfície das coisas. Por mais que tentasse, o sr. Bennet não iria tirá-la do sério. Isso não aconteceria de novo.

Sarah ouviu as ordens e saiu para reunir o material de que precisava: grafite, vinagre, o jarro de ervas para a tisana, esfregões e vassoura. Em momentos como aquele, só se podia rilhar os dentes e ir em frente. Levou a cesta para cima e, com Polly, abaixou-se para enrolar o tapete. Varreu a lareira e aplicou grafite em sua grade. Depois, ajudada por Polly, arrastou o tapete escada abaixo. Um trabalho insano — Sarah não atinava com o motivo pelo qual os tapeceiros nunca haviam pensado em costurar alças debaixo dos tapetes —, e tiveram de puxá-lo por locais estreitos e angulosos, esfolando os nós dos dedos em portais e quebrando as unhas na trama densa do tapete. A tapeçaria foi conduzida até o cercado e posta na corda, onde foi batida para ficar limpa, com Sarah tossindo por causa da poeira, sentindo-se ainda fraca e cansando-se facilmente.

Polly enxugou os olhos. “Ele deve ser importante, esse sr. Collins.”

“Pode acreditar que é.”

De volta ao andar de cima, deixaram o tapete enrolado junto à porta e puseram-se a limpar o assoalho. Empurraram a cama para junto da parede e puseram sobre ela a cadeira e o suporte da bacia e do jarro de água. Em seguida, como se estivessem semeando um campo, espalharam as ervas desfiadas e úmidas, atirando-as para o alto. Depois as juntaram em montinhos, que varreram para a porta — de cambulhada com poeira, insetos mortos e fios de cabelo.

“O que você acha?”, perguntou Sarah, examinando o aposento em busca de sujeiras que tivessem passado despercebidas.

Polly fez um gesto de cabeça. “Está bom.”

James subiu, trazendo gravetos e achas de lenha. Sarah passou por ele e desceu a escada, levando o que tinha varrido. Daí a pouco voltou, trazendo água quente com vinagre para as janelas e o espelho. Polly continuou trabalhando em torno do cômodo com um esfregão.

Quando o relógio deu quinze para as quatro, a sra. Hill, ainda com sangue no avental, subiu para conferir o trabalho. Passou o dedo no aparador da lareira, tateou a roupa de cama branca como neve e correu a mão pelos entalhes do toucador de mogno. O cômodo recendia a cera de abelha e vinagre. Da lareira vinha o calor suave das chamas crepitantes.

“Bom trabalho, meninas. Podem ficar orgulhosas.”

Sarah não estava orgulhosa. Estava aterrorizada. Toda a criadagem tinha sido reunida na escada de entrada para receber o homem que seria o amo deles no futuro, se conseguissem persuadi-los da necessidade de mantê-los. Ela imaginara um sr. Collins tão severo e exigente que não conseguia conciliar a imagem que fizera dele com o jovem simpático e um tanto corpulento de cerca de vinte e cinco anos que apeou da sege alugada, fez uma série de medidas desajeitadas para os Bennet e, depois, para o sr. e a sra. Hill, para ela, para James e até para Polly, que o fitava, nervosa.

Sarah cutucou as costelas de Polly. “Uma medida. E feche a boca.”

Logo ficou claro que o sr. Collins estava maravilhosamente disposto a aprovar tudo o que via, desde o tamanho do vestíbulo à largura da escada. Chegou até a comentar a boa qualidade da porta do quarto de hóspedes. Por ter levado a bagagem dele para cima, James pôde informar que ele ficara encantado com o conforto prazenteiro de suas acomodações e perguntara a quem deveria agradecer por todas aquelas amáveis atenções.

“E o que você respondeu?”

“Que tudo fora obra das criadas Sarah e Polly, sob sua cuidadosa direção.”

“Bom rapaz. Muito bem. Sarah, não se esqueça de levar água quente ao quarto dele, pois o sr. Collins há de querer lavar as mãos antes do jantar.”

Quando Sarah levou-lhe o jarro de água quente, o sr. Collins olhava pela janela, apreciando a vista com as mãos entrelaçadas nas costas e apoiando-se ora nos calcanhares, ora nas pontas dos dedos dos pés. Ela pôs o jarro no suporte da bacia. Ele escutou o ruído e virou-se. Dirigiu-se a ela de maneira formal mas gentil, indagando se ela era uma das duas criadas a quem ele devia agradecer. Ela lhe fez uma mesura e assentiu. Ele comentou como era agradável, depois de uma longa viagem, durante o inverno, ser alvo de recepção tão calorosa — e disse isso com um sorriso e um gesto de cabeça em direção ao fogo.

Sarah ficou embaraçada com a atenção que ele lhe dedicava: em geral os cavalheiros não se dignavam a conversar com criadas. Pelo menos não na experiência dela: talvez fizessem isso em *Pâmela*... Mas com certeza ele não tinha em mente aquilo. Ela não conseguia imaginá-lo, com suas mãos gorduchas e seu jeito desengonçado, perseguindo-a pelo quarto como o sr. B. de *Pâmela*. Ou melhor, preferia não imaginá-lo nesse papel.

“E os outros quartos? São tão agradáveis como este?”

Sarah não soube o que dizer. O quarto que Lydia e Kitty dividiam era uma barafunda de roupas jogadas no chão por cima das quais, de vez em quando, ela tentava passar. O de Mary era pequeno demais para o piano que a sra. Bennet deportara para lá, que diria para as precárias pilhas de partituras e livros. O de Elizabeth e Jane era bem simpático e relativamente arrumado, mas mesmo nele era difícil fechar as portas dos armários... Mas será que ele queria mesmo, ali de pé, com sua roupa negra de eclesiástico, conversar sobre os quartos das moças com ela? E quanto ao quarto do sr. e da sra. B. — o aposento de um casal —, com certeza não ficava bem opinar sobre ele.

“São todos quase a mesma coisa, muito parecidos, acho.”

“Com efeito! Que delícia!” O sr. Collins esfregou as mãos. “Ah, água quente! Maravilha!”

Uma raposa atacara os faisões. Aves idiotas: embora já estivessem emplumadas, ainda se reuniam em torno dos viveiros de plantas nos bosques dos Bennet, esperando ser alimentadas. A raposa matara uma dúzia deles enquanto ciscavam e bicavam, desatentos a tudo mais. E devia ter levado consigo mais um ou dois faisões.

O solo estava encharcado depois das chuvas recentes. As águas se precipitavam, o ribeirão se tornara caudaloso. James juntou os cadáveres numa fieira, com os bicos muito abertos, os corpos bamboleando. As aves restantes o seguiam de um lado para o outro, com seus grasnidos que lembravam assovios. Deu-lhes um chute: eram confiantes demais. Precisariam tornar-se muito mais medrosas se quisessem viver o suficiente para que os cavalheiros as abatessem a tiros.

Quanto juntou todas, enfiou-as num saco, amontoando seus corpos moles e sanguinolentos. A sra. Hill encontraria alguma utilidade para elas, sem dúvida. No final das contas, o destino daqueles bichos era mesmo a panela. Só tinham chegado lá mais cedo do que se esperava. Tudo que se

perdera fora o prazer dos cavalheiros de matá-las. Esse prazer talvez tivesse cabido à raposa, e, no que dizia respeito a James, ela bem que o merecia.

Nesse caso, por que ele se sentia triste?

Porque ele as alimentara, supunha. Havia feito com que confiassem nele, que dependessem dele. Vira-as bicar e ciscar, ruflar e brigar. Afeiçãoara-se a elas.

James desviou o olhar de seus corpinhos machucados e quebrados, pousando-o na orla dos bosques, na aleia de árvores e na encosta do morro, iluminado pela luz fria do inverno. Um vislumbre de distância, do mundo amplo que se estendia para longe dali.

Não era bom tornar-se dependente. Não era bom afeiçãoar-se.

Ele se lavou junto à bomba, depois subiu para o palheiro e vestiu a libré, mudando a camisa, erguendo o queixo e fechando os olhos para dar direito o laço na gravata. O jantar daquela noite era um simples jantar em família, por isso não o deixava muito nervoso. Já houvera — e ainda haveria — ocasiões muito mais penosas que essa. Meteu as luvas no bolso, puxou as mangas para o ponto certo. Não havia esperado encontrar a Milícia naquele lugar retirado; tampouco previra aquela intimidade tão rápida entre os oficiais e o sr. Bennet. Também não imaginara o quanto a sra. Bennet gostaria de exibi-lo.

Deixou a trouxa com os faisõezinhos na prateleira fria de pedra na área de serviço. Virou-se e ali estava Polly, sentada com as costas apoiadas na parede quente, olhando para ele, fora das vistas da sra. Hill. Ele se sentou ao lado dela.

“A raposa pegou elas?”, perguntou a menina.

Ele fez que sim com a cabeça. “Você não quer ser vista?”

“Está uma loucura lá.”

Polly indicou a cozinha com a cabeça. Barulho de tigelas e travessas, o chocalhar de colheres em panelas. Então alguém se atrapalhou e alguma coisa caiu e bateu com um clangor no chão de pedra.

“Sarah!”

“Desculpe!”

“Por que não toma mais cuidado?”

Escutaram o esbarrão e o alvoroço quando a sra. Hill pegou o que Sarah deixara cair e passou um pano no que fora derramado. Nem por um instante interrompeu suas censuras. James resolveu falar com a sra. Hill sobre os faisões mais tarde. Afinal, a questão não era urgente.

Ruborizada e aborrecida, Sarah foi para a área de serviço logo depois. Jogou-se nos estrados diante de Polly e James, cruzou os tornozelos, expirou com força para o alto, o que fez a orla de sua touca agitar-se.

“A sra. Hill está danada da vida.”

James virou a cabeça para esconder um sorriso.

Ficaram por algum tempo em silêncio, escutando a sra. Hill mexendo no forno, fazendo barulho bem atrás deles, do outro lado da parede. Sentiram o cheiro da galinha que estava sendo preparada e o perfume quase floral de cenouras cozidas. O estômago de Polly roncou e ela o apertou com as mãos e revirou os olhos, fazendo com que James sorrisse abertamente e Sarah reprimisse o riso.

“Vocês aí!”, gritou a sra. Hill.

Uma repreensão coletiva. “Sim, senhora...”, respondeu Sarah, hesitante.

“Mexam esses traseiros preguiçosos. James, vá arrumar a mesa! Meninas, venham cá.”

Os três trocaram um olhar e puseram-se de pé.

Não fora há tanto tempo assim que jantar significara engolir correndo qualquer coisa que ele pudesse agarrar com suas mãos sujas: verduras e legumes surripiados, que depois o deixavam, durante horas, com grânulos de areia na boca, um naco de pão duro como um pau e com um azul de mofo, ou ainda restos de comida impossíveis de identificar, raspados do fundo de panelas. E essas coisas eram devoradas o mais depressa possível, pois se não fossem logo para sua barriga ele não tinha certeza de que depois conseguiria comê-las.

Ali, o jantar era uma coisa diferente. Significava meio dia de trabalho para duas mulheres. Significava cristais e pratarias polidas, uma troca de roupa para os comensais e roupas especiais para os criados que o serviam. Ali, jantar significava delonga; significava prolongar, com todas as complexidades da preparação e todos aqueles rituais de civilidade, a brecha entre a fome e sua satisfação. Ali, agora, parecia que a própria fome podia ser desfrutada, pois sua cessação estava garantida. Sempre havia — sempre haveria — carne, legumes e verduras, croquetes, bolos e tortas, pratos e talheres, fórmulas de cortesia e agradecimentos, e ainda infindáveis pratinhos de pão e manteiga.

E tudo isso já se tornava normal para ele; já estava se acostumando a isso.

Portanto, quando uma raposa — ou o equivalente a uma raposa, uma pessoa de vista aguçada e com propensão a malfeitos — chegasse por trás dele, sorrateira, o que aconteceria? Estaria ele acostumado demais com todo esse conforto, gordo demais, bobo demais, com os sentidos tão prejudicados a ponto de não pressentir o perigo? Será que ele ao menos se aperceberia do perigo se avizinhandando antes de cair em suas garras?

Vozes vinham da sala de visitas enquanto ele arrumava a mesa do jantar. A família estava reunida ali com o recém-chegado, aquele jovem e maneiroso sr. Collins. James via dedos limpos impressos na haste de uma taça de vinho, a forma das dobras de pele e o brilho do cristal. Um dia chegara a pensar que suas mãos nunca mais ficariam limpas outra vez. No entanto, não estaria se comportando como um animal mais agora do que naquela época? Contentava-se com labutar, puxar, carregar e servir, na expectativa tranquila de no fim de tudo estar de barriga cheia e em um local seguro e quente para dormir.

A sra. Bennet estava no meio de algo que decerto era uma discreta troca de confidências com o sr. Collins. As palavras chegavam até ele só um pouco abafadas pelas divisórias de madeira e gesso. Eles deviam estar sentados no sofá. James arrumava a prataria e procurava não ouvir.

“... uma questão dolorosa para as minhas filhas, o senhor deve admitir...”

Uma risada mais distante — era Lydia rindo — e, um momento depois, Kitty contribuindo com seus risinhos.

“Não que eu queira dizer que vejo defeitos no *senhor*, pois todas essas coisas, eu sei, acontecem por acaso neste mundo...”

Por acaso ela achava que sua voz não seria ouvida na outra sala? Não lhe ocorria que àquela hora alguém estaria ali, arrumando a mesa? Ele deixou vários talheres se chocarem contra os outros, mas seus sinais pareceram não ter sido percebidos.

“Não há como saber o que acontece às propriedades quando são deixadas como morgadio.”

Em seguida, ouviu-se a voz do sr. Collins, mais grave, porém não mais baixa: “Estou bastante consciente, minha senhora, do problema que isso representa para minhas belas primas... e poderia falar bastante a respeito do assunto, mas tenho o cuidado de não parecer audacioso...”.

Então, o jovem Collins estava ali para escolher uma das moças, como se escolhe uma maçã na banca de um feirante. Um breve olhar no sortimento: uma das maiores, as mais maduras — aquela ali serve. No final das contas, eram todas iguais, não eram? Tinham boa procedência. Todas da mesma cepa, da mesma árvore. Por que se dar ao trabalho de procurar mais detidamente ou de examinar com mais atenção cada um dos frutos?

Homem idiota. James arrastou uma cadeira para trás e bateu-a no piso, esperando que o ruído comunicasse algo ao falante, mas, desatento, o sr. Collins continuou com seus balbucios.

“Quero lhe garantir que vim disposto a admirá-las. Por ora, não direi mais nada. Entretanto...”

Pobre rapaz virgem, mais digno de pena que de desprezo. Sem ideia nenhuma da estranheza das mulheres, de como se podia amar e julgar-se amado e ainda assim encontrar no fundo do coração algo tão prático e frio que transformaria seu sangue em pedra. Do amor, pouquíssima noção; e das manifestações físicas do amor, absolutamente nenhuma noção.

“... quando nos conhecermos melhor...”

James não suportou mais. Avançou pelo corredor e caminhou até a porta da sala de visitas. Abriu-a de par em par, causando um sobressalto a toda a família, que olhou em torno.

“O jantar está servido.”

O sr. Collins pôs-se de pé, espantado com aquela sem-cerimônia. Isso jamais seria tolerado em Rosings e, na verdade, não seria aceito em Longbourn, quando ele fosse o senhor dali. Entretanto, e este era o pensamento mais urgente, ele estava muito faminto depois da longa viagem. Muito tempo e muitos quilômetros já haviam transcorrido desde seu desjejum na pousada de Bromley. A falta de alimentação, associada à conversa perscrutadora da sra. Bennet, o deixara tonto, nervoso e um pouco mais confessional do que pretendia. Por conseguinte, o anúncio do lacaio, ainda que meio rude, na verdade fora muito bem-vindo.

[...] *a carruagem entregou-o com as cinco primas  
na hora marcada em Meryton [...]*

A irmã da sra. Bennet e seu marido tinham, claramente, muitos amigos na milícia: a casa dos Philips — situada na mesma rua, com suas janelas iluminadas lançando clarões na calçada — fervilhava de oficiais como a cabeça de um mendigo fervilha de piolhos. James simplesmente não conseguia entender o atrativo daquilo: ceia e jogos de cartas numa casa sem graça numa cidadezinha enfadonha e provinciana, com um velho advogado cheirando a mofo e sua cara-metade nada generosa, que serviam torradas de queijo, nozes, dedaizinhos de xerez e convencionalismos tediosos a um bando de matronas e velhotes. Bandos de galanteadores locais de barbas mal aparadas olhavam de longe, sem poder se aproximar, e moças desinteressantes que julgavam ter o direito, concedido por graça divina, de ser cortejadas, mas jamais, de modo algum, ser tocadas. Ele preferia ficar onde estava, esperando do lado de fora, na chuva.

Já esses oficiais, porém, deixavam seus alojamentos na cidade, reuniam-se na calçada, subiam, apressados, a escada da casa, pareciam ávidos como moscas diante de geleia.

Alguns o fitavam de passagem, fazendo-o virar o rosto, mas os oficiais queriam somente confraternizar — um deles o cumprimentou com um aceno de cabeça, outro lhe disse boa-noite —, de modo que ele tocava a aba do chapéu em resposta e em seguida dava atenção aos cavalos, afivelando suas capas de oleado, enquanto os homens de uniforme passavam por ele. A chuva caía sem parar, fazendo as crinas e os longos cílios reluzir como se estivessem adornados de brilhantes.

A criadinha dos Philips, uma menina simpática e sardenta, juntou as mãos e perguntou a ele se gostaria de ir à cozinha beber e comer alguma coisa, e também se aquecer, pois, como ela disse, ele devia estar enregelado até os ossos. Lá embaixo, ela contou, a cozinha estava bem abastecida. E também animada: todos os cocheiros estavam esperando ali.

Ela o fez sorrir com seu jeito de falar, sua timidez e sua conversa, mas ele agradeceu e disse que não queria deixar os cavalos sozinhos.

A menina voltou pouco depois com uma caneca de cerveja e um pedaço de assado de porco.

James agradeceu-lhe de novo, comeu e pôs a caneca e o prato num peitoril de janela ao acabar.

Através das vidraças molhadas, viu os convidados reunidos em pequenos grupos. Viu um jovem oficial aproximar-se da srta. Elizabeth e sentar-se a seu lado. Viu o oficial falar, alisando o bigode, primeiro um lado, depois o outro, e viu a resposta risonha de Elizabeth, cujas faces coraram. James só pôde conjecturar sobre o que conversavam — sobre o tempo, sem dúvida. Realmente chovia demais e, sim, ela esperava que a estação fosse de muita chuva —, mas a srta. Elizabeth claramente estava achando tudo muito agradável. O oficial sorriu, mostrando dentes brancos, e talvez tenha sido apenas a umidade que provocou um arrepio assustador na nuca de James, fazendo-o esfregar a região e levantar a gola do casaco, ou quem sabe uma inquietação real e conhecida. No entanto, nada podia ser feito, afinal, com relação àquelas intimidades. Tirou do gancho a lanterna da carruagem e entrou no veículo, fechando a porta para a noite chuvosa e a apreensão. Recostou-se no assento estofado, fazendo as molas rangerem, e abriu seu livro. Havia trazido consigo as *Observações*, de Gilpin, livro tomado de empréstimo da biblioteca do sr. Bennet. Progredira na leitura até Lancaster, no norte, discordando aqui e ali do gosto do autor.

A noite avançava, cada vez mais fria, e o ruído que vinha da casa dos Philips ora crescia, ora diminuía e logo recrudescia. James cochilava, a cabeça apoiada no encosto, quando as moças saíram da festa trazendo a reboque o sr. Collins, numa onda de garrulice e estardalhaço. James aviou-se e desceu da carruagem, desdobrou os degraus e pôs-se à espera, com a lanterna, para ajudá-los a entrar. Sentiu no braço a compressão quente, úmida e alvoroçada de cinco pares de luvas de pelica branca. Deixou que o sr. Collins se arranjasse sozinho, e o rapaz entrou no veículo.

O percurso de volta foi agitado. Ouvia-se Lydia a tagarelar sobre os jogos de que participara naquela noite, sobre as fichas que perdera e as que ganhara. Do sr. Collins escutou-se uma lengalenga a respeito da impressionante fineza dos Philips, dos pratos servidos na ceia e de suas perdas no *whist*. Ninguém se referiu aos oficiais durante o trajeto de volta, não que James ouvisse, embora isso não indicasse, necessariamente, que ninguém estivesse pensando neles. Sentado no alto da carruagem, sofrendo o impacto do vento frio no rosto, ele se sentia vulnerável. Uma batida forte o faria em pedacinhos. Percebendo sua intranquilidade, os cavalos aguçaram os ouvidos, as ilhargas se crispando como se incomodadas por moscas no verão.

*“Você me desculpe; — sabemos muito bem o que pensar.”*

Sarah foi chamada na área de serviço por sacudidelas furiosas da sineta da sala de desjejum. Não se apressou: a refeição tinha sido servida e retirada. Agora viriam atividades tranquilas, como trabalhos de agulha, música, leitura ou visitas a vizinhos. Nada que envolvesse os criados. O que desejavam com tanta urgência?

A sra. Bennet estava afogueada e agitada, e precisava que sua empolgação fosse reconhecida e tivesse testemunhas. Além disso, muitas coisas tinham de ser feitas o mais depressa possível. De sua janela, vira a carruagem dos Bingley entrar no caminho que levava à sua casa.

“Ah, isso é maravilhoso, muito maravilhoso, não acha?”

Sarah olhou para fora ao lado dela. Lá estava ele. Bingley, Ptolemy Bingley, na traseira da carruagem, juntamente com outro laçai, e o veículo subia pelo caminho em direção à escada de entrada. Ela sentiu o estômago dar um breve salto, como se quisesse precipitar-se para fora. Não sabia que nome tinha aquela sensação, mas não teve tempo de pensar e procurá-lo na mente, pois a sra. Bennet deu-lhe uma cotovelada nas costelas, trazendo-a de volta à realidade, à sala do desjejum, à próxima tarefa a ser cumprida. Sua ama tinha no rosto um sorriso de menina, quase dava saltinhos de felicidade. Sarah não conseguiu reprimir um sorriso.

“Corra e chame Jane, sim? Mas é isso mesmo: corra de verdade”, disse a sra. Bennet. “Ela deve estar passeando à toa pelo arvoredo. Depressa, o mais depressa que puder, querida. Vá buscá-la.”

O sr. Bingley e suas irmãs foram conduzidos ao salão. O som de suas vozes os precedia: tinham vindo entregar à família Bennet o convite para o baile em Netherfield, marcado para a terça-feira seguinte. A notícia mortificou a sra. Hill.

Depois de ter ido chamar as moças que passeavam, Sarah agora pendurava as capas e guardava as toucas das senhoras no vestiário. Correu os dedos por uma pluma de avestruz, tocou um botão de seda escarlate. Em seguida, lançou um olhar rápido ao salão: estava vazio, embora ouvisse as frases incisivas do sr. Bingley e os risos de suas irmãs. Sarah esgueirou-se para o vestíbulo e dali saiu pela porta da frente.

A carruagem dos Bingley esperava seu proprietário, e o cocheiro descera da boleia para verificar alguma coisa nos arreios. Os lacaios estavam reunidos na traseira do veículo, à vontade, conversando e dividindo uma cigarrilha.

Agora que tinha ido tão longe — na verdade, saíra de casa, fechando a porta atrás de si, piscando os olhos à luz fria da manhã —, Sarah estava estarrecida com sua audácia. Ela simplesmente passaria por ele, poderia estar a caminho de algum lugar qualquer. Sua atitude não precisava significar coisa alguma. Ele não tinha nenhum motivo especial para pensar que sua presença a atraía.

Enquanto Sarah passava, porém, ela percebeu como ele mudou o foco de sua atenção e a forma como um sorriso iluminou seu rosto. Era maravilhoso ser notada, era atordoante. Ela sentiu o cascalho ranger sob seus pés, sentiu também o roçar das saias em torno dos tornozelos, a pressão do espartilho, as cócegas provocadas por um anel de cabelo na nuca. Era como se a presença dela *ali* fosse mais intensa simplesmente por ele a ter notado. Nesse momento, ele tirou a cigarrilha dos lábios e caminhou na direção dela, com uma nuvem de fumo saindo do canto da boca.

“Bem agradável aqui, não é?”

“É mesmo, senhor.”

“Você deve ter tempo para um passeio. Mostre-me alguma coisa, enquanto os patrões estão lá dentro.”

Ele lhe ofereceu o braço. Ela riu.

Ele manteve o braço estendido, indicou-o com a cabeça.

Ela fitou o braço e ergueu os olhos. “Não posso.”

“É claro que pode.”

“Estou trabalhando.”

“Não está, não. Está vadiando. Está escrito em seu rostinho. E se você veio até aqui, por que não fazer a coisa direito?”

“E se eu for pega...?”

Ele abriu um sorriso largo. Um sol. “Não vai.”

Ela passou o braço no dele. Era quente e firme. A manga de seu casaco, encostado na dela, era de uma boa sarja azul. Ele se pôs a caminhar, e ela, com um riso nervoso, deixou-se levar por ele, primeiro pelo caminho de entrada, depois pelo relvado. Ela os via como os outros deviam vê-los agora, duas figuras airosoas e quase comicamente disparatadas: ele, corpulento, com seu sobretudo azul de boa qualidade; a figurinha dela num vestido mole de baetilha, puxada por ele, os dois acompanhados por um fio tênue de fumaça de tabaco.

“Por aqui...”

“Ah, mas eu...”

Entretanto, ele a puxou para a pequena área do parque deixada inculta, e dali seguiram pelo caminho através da maranha de grama morta. Ele levantou um galho baixo para que ela passasse. As sorveiras ainda retinham algumas bagas escarlates não bicadas por pássaros, e tudo estava coberto de gotas da chuva e cheirava a decomposição. Às suas costas, na ausência dela, a casa continuava a funcionar, com suas rodas girando, as engrenagens imprimindo movimento e as correias rangendo, mas com certeza chegaria o momento — agora devia estar próximo — em que uma engrenagem

nada encontraria e giraria em falso: alguma ação necessária não seria executada, algum serviço não seria realizado; o mecanismo inteiro travaria, se quebraria, protestaria com um uivo e pararia de repente porque ela não estava lá. E o tempo todo ela estava se afastando para ainda mais longe, cada vez mais longe, como um fuso que girasse e girasse, puxando um fio de linho. Se puxasse bastante, girasse e o esticasse demais, o fio se partiria.

Sarah semicerrou os olhos para fitar as nuvens cinzentas, sentindo com muita força o volume dele tão perto dela, a fragrância do fumo. E pensar que aquele era o mesmo céu que cobria, como uma manta, todo o mundo, que se estendia sobre a América e até a Austrália e a Nova Zelândia. Que ele mesmo tinha vindo de tão longe.

“Você se sente infeliz aqui?”, ela perguntou.

“A Inglaterra tem seus encantos especiais.”

Ela pestanejou. “É mesmo?”

“Estava tentando ser gentil.” Ele olhou para ela longamente, o que a fez desviar os olhos. “Mas uma coisa boa neste país é que assim que a pessoa pisa aqui, deixa de ser um escravo.”

“Você era escravo?”

“Eu nasci escravo.”

“Sua mãe...”

“Era uma das escravas do sr. Bingley... o pai.” Ptolemy levou a cigarrilha aos lábios e deu uma tragada.

Sarah não sabia onde esconder o rosto ou o que dizer. Sentiu que corava. “Desculpe.”

“Não foi culpa sua, minha querida.”

Continuaram a caminhar juntos, em silêncio, pelo matagal.

“O sr. Bingley, pai, que Deus o tenha, trouxe-me de volta para cá”, disse ele passado algum tempo. “Ele sempre teve muita afeição por mim. E por minha mãe também, embora a deixasse lá. Eu era um menino.”

Ele lhe ofereceu a cigarrilha fumegante. Ela a olhou, hesitante. Ele a aproximou mais: *Vamos*. Mais por timidez que por qualquer outra coisa, ela a pegou e levou aos lábios. A fumaça, melosa e forte, transformou-se num bolo em sua garganta. Tossindo, ela lhe devolveu a cigarrilha.

“Você precisa treinar.” Ele lhe deu palmadinhas nas costas. “Não puxe tanto assim.”

Ela assentiu, sentindo-se enjoada. Prosseguiram pelo caminho, e a mão dele parou nas costas dela, onde as barbatanas do espartilho acabavam e os ombros só tinham a cobri-los os tecidos finos da combinação e do vestido.

“Posso lhe contar um segredo?”, ele perguntou.

“Se você quiser...” A cabeça dela girava.

“Um dia vou ter minha própria tabacaria. Só os melhores fumos, ah, será assim. Só os melhores fumos da Virgínia.”

Ele parou de repente e Sarah teve de virar-se para encará-lo. Ele estava fulgurante naquela acanhada área inculta do parque. Examinou a espiral de fumo de sua cigarrilha, em seguida seu rosto se iluminou com um de seus sorrisos milagrosos e ele olhou para ela.

“Eles nunca têm fumo que lhes baste, os legítimos cavalheiros de Londres. Homens desse calibre

apreciam o fumo tanto quanto o açúcar.”

De súbito, ela se sentiu tonta com tudo aquilo: a novidade, a transgressão, a emoção que lhe causava o jeito diferente dele; a maneira como todo o embaraço em relação a ele parecia ter-se dissolvido e desvanecido com a fumaça da cigarrilha. Ela a pegou da mão de Ptolemy para demonstrar que o aprovava, e também a seu fumo e a seus planos grandiosos, e que ela mesma era uma criatura igual a ele, disposta, como ele recomendara, a treinar. Dessa vez, exalou a fumaça no ar com um pouco mais de serenidade.

Ele disse alguma coisa que ela não entendeu direito.

“Hum?” Ela o fitou com olhos semicerrados.

“Ela vai brigar muito com você?”

Ele apontou com a cabeça para as margens da área inculta. A sra. Hill vinha na direção deles, balançando os braços com expressão furiosa.

“Ai, meu Deus.”

Ela repôs a cigarrilha depressa na mão dele.

“Encrença?”

Ela fez que sim, aterrorizada. Como poderia justificar aquilo para a sra. Hill? Ela se virou para ir embora.

“Podemos dar um passeio”, ele disse. “Quando você tirar sua tarde de folga.”

Ela lhe dirigiu um olhar rápido, metade de medo, metade de prazer. Depois arrepanhou as saias e correu na direção da sra. Hill.

Felizmente, a sra. Hill não pediu explicações nem desculpas. Na verdade, Sarah nem teve oportunidade de dar alguma. A sra. Hill recebeu-a com um tapa na cabeça — “Ai!” — e em seguida com um empurrão nas costas que a fez cambalear em direção à casa.

“Sra. Hill, por favor...”

“Não me venha com histórias! Quando eu penso... Com o sr. Collins e os Bingley na casa! E você ali, à vista de qualquer pessoa...”

A sra. Hill deu-lhe mais um empurrão, para fazê-la subir a escadaria, depois agarrou o braço de Sarah e a arrastou pela porta, entrando no vestíbulo.

“Traga as coisas dos Bingley. Eles estão de saída.”

“Eles não demoraram muito.”

A voz da sra. Hill baixou para um sussurro. “Eu a chamei, Sarah, e você não estava aqui. Quis morrer de vergonha. Agora faça o seu trabalho. Não perca tempo, menina. Depressa, como você sabe.”

Depressa como eu sei, pensou Sarah, é muito mais lento do que estou fazendo agora. Mas suas faces ardiavam de tristeza ao pensar que envergonhara a sra. Hill.

*A perspectiva do baile em Netherfield era extremamente agradável para todas as mulheres da família.*

Com a partida dos Bingley, a torneira do céu se abriu e uma enfiada de aguaceiros impediu que as moças pusessem os pés fora de casa.

O mau tempo também impediu que Sarah dormisse. A chuva matraqueava no telhado do sótão, martelava na pequena claraboia, burburejava nas calhas e rodopiava nos canos de drenagem. Polly, porém, não se incomodou e continuou roncando como sempre, com os braços abertos e jogados para trás, acima da cabeça. Já Sarah se manteve acordada, pensando em Tol Bingley: sua cigarrilha doce, seus olhos escuros, sua mão quente na parte superior do espartilho dela.

A chuva caía também no telhado do estábulo e gotejava, gotejava sem parar, em algum ponto fora do clarão da lâmpada, fora do campo do livro de James. Aquilo desviava sua atenção e ele se deu conta de que virava as páginas sem nem ler as palavras. Viu-se obrigado a marcar onde estava, vestir o casaco, calçar a bota e sair para a noite chuvosa com uma lanterna de tempestade e uma escada, subir no telhado dos estábulos e procurar, em meio à chuvarada, a origem da goteira. Por fim achou a placa de ardósia solta e a repôs no lugar. O reparo definitivo teria de esperar por um dia seco e de sol, quando o conserto de emergência pudesse ser refeito de forma correta.

Insone em sua janela, enquanto o marido ressonava às suas costas, a sra. Hill olhava para o pátio cheio de poças, acompanhando a movimentação da lanterna, que parecia orlada de cristais nos pontos em que os pingos da chuva refratavam a luz. Viu James subir pela escada para o telhado, consertar a placa solta, descer em segurança, guardar a escada no estábulo, fechar a porta. Só então a janela do palheiro voltou a iluminar-se.

Quando, enfim, James apagou a luz, ela se deu conta de que sentia frio e ajeitou melhor o xale no corpo, foi até sua cama e ajoelhou-se junto dela, fazendo em silêncio suas orações. Depois de fazê-las por inteiro, ouvindo a chuva que tamborilava na claraboia, rezou-as mais uma vez, tremendo de frio, os lábios articulando as palavras não pronunciadas. Por um instante, fixava cada frase no pensamento, a fim de tentar dar-lhe a plena atenção que merecia. Eram tantas as coisas pelas quais dar graças: havia o prazer em seu trabalho, nos rituais e nas rotinas de suas tarefas, no cuidado e na

conservação de coisas belas, em assar um bom pão e em transformar ingredientes brutos em refeições saborosas e restauradoras. Havia prazer também no grupelho de pessoas que ela reunira em torno de si. Se pudesse ter certeza de que eles se manteriam assim, de que James ficaria ali para sempre, de que Sarah criaria juízo, de que Polly se tornaria laboriosa e útil, se pudesse confiar em que a situação tenderia para a permanência, e não para a dissolução, nesse caso seu contentamento seria completo.

No entanto... No entanto, subsistia uma sensação que ela não conseguia sufocar. Havia a realidade dela própria. Poderia ela um dia cuidar de seus interesses pessoais, de sua vida, de suas próprias necessidades, e não apenas dos desejos dos outros? Poderia um dia ter o que desejava, em vez de depender do fulgor da felicidade alheia para se aquecer?

O trabalho, a sra. Hill sabia, podia não ser a cura de todos os males, mas era um excelente remédio para os males mais melancólicos. Como Sarah estava a braços com uma avalanche de vestidos e anáguas, acoçada por pedidos de milagres de reparos e renovação, teria pouco tempo para devanear e estava convenientemente distante daquele mulato inoportuno.

Por sorte, ele se fazia menos presente na cozinha do que nos últimos tempos. A chuva e a perspectiva de um importante evento social no futuro próximo provocaram uma diminuição temporária nos contatos entre as duas famílias. Era uma sensação prazerosa, achava a sra. Hill, estar trancada na segurança e na paz de Longbourn. A chuva escorrendo pelas vidraças, os campos cobertos de diversas tonalidades de cinza, as estradas empoçadas, as trilhas lamacentas, ninguém vindo à casa, ninguém saindo dela: era tudo como no Dilúvio, e Longbourn era a arca em que sobreviviam. Não importava o que acontecia no mundo lá fora. Ali, os poucos moradores estavam em segurança.

Mas tratava-se, no melhor dos casos, de uma situação temporária. Não poderia durar para sempre.

Por isso era preciso conversar com Sarah: comportamentos daquela índole não podiam ser relevados. Entretanto, como falar sobre aquele assunto sem causar dano à inocência da jovem? A inocência era uma lâmina imaculada de vidro, um escudo contra a dureza do mau tempo. Uma escorregadela e Sarah faria um mal terrível e sangrento a si própria e a outras pessoas, e o vidro estilhaçaria no chão.

Era melhor agir com simplicidade. Regras simples a serem seguidas por uma moça simples.

“Eu a proíbo de ver aquele mulato de novo.”

“O quê?” A expressão da moça denotava choque e surpresa. “A senhora se refere a Ptolemy? Por quê?”

“Preciso mesmo lhe dizer? É preciso?”

Com os lábios apertados, Sarah fez que sim com a cabeça.

“Você estava *fumando*, Sarah. Você estava passeando pela propriedade... não uma propriedade *sua*, entendo que não há necessidade de dizer isso, mas de seu amo... quando deveria estar cuidando do seu trabalho. E com aquele homem... Um... um estranho para nós, inteiramente desconhecido. Você poderia ser demitida por menos do que isso e, além do mais, ser multada. Quando penso no mal que isso poderia causar, para a reputação da família...”

A sra. Hill cruzou os braços sob os seios, ciente de que só seria capaz de sustentar cerca de três

quintos do que estava dizendo. Cônsia também de que, por um momento, o marido deixara de lado seu trabalho para olhá-la, de que James entrava na cozinha, vindo do salão, mas se detivera no umbral da porta, de que Polly se esgueirava para a área de serviço antes que alguém começasse a culpá-la de alguma coisa. Deu-se conta de que uma coisa ao menos Sarah merecia: ser repreendida em particular.

Isso porque Sarah estava se eriçando. Endireitou os ombros e firmou os pés, se preparando. “E quando ele for mandado para cá?”

A sra. Hill não gostou disso. Do desafio. Eriçou-se também. “Ausente-se.”

Sarah ergueu o sobrolho e apenas olhou para a sra. Hill.

“O que você espera que eu diga?” Indignada, a sra. Hill levantou a voz. “Acha que eu deveria lhe dar permissão para se exhibir? Para fazer de todos nós motivo de escárnio?”

“Então não posso nem ter um amigo?”

“Ele não é seu amigo.”

Sarah hesitou. Depois assentiu. “Isso é tudo?”

“Se você ouviu bem minhas palavras e vai se lembrar delas, acho que isso basta.”

Sarah fez uma mesura. Mordendo o lábio, virou-se para continuar trabalhando, uma vez que isso era tudo o que lhe permitiam. Levou o bule de chá para a área de serviço, verteu o líquido no balde usado para a limpeza dos assoalhos, coando as folhinhas e atirando-as ao jarro de pedra em que eram guardadas para varrer a casa. Remexeu-as, espalhando as folhas molhadas.

Suas mãos tremiam. Enxugou-as no avental, depois as esfregou no rosto, os calos lhe arranhando as bochechas.

Tudo o que era feito de má vontade era malfeito. Quantas vezes a sra. Hill lhe dissera isso?

Na cozinha, a sra. Hill olhava com preocupação para seus pães de ló, que não tinham crescido e mais pareciam biscoitos. Ela só queria o melhor para Sarah, mas era claro que a moça não veria as coisas assim. Não poderia. Não sabia a que estava se arriscando.

Quando Sarah levou a água quente para o sr. Collins na manhã seguinte, ele já estava acordado, sentado na cama. Ela só iria colocar o jarro pesado em seu suporte e sair — havia outros quatro jarros daqueles para ser levados aos outros quartos, e decerto ela não falava se não lhe dirigiam a palavra primeiro —, mas ele pigarreou e lhe perguntou com ar despreocupado, como que a propósito de nada: “Você diria que elas, as moças, foram criadas com muito luxo?”

“Senhor?”

“Vejo que elas não fazem nada na cozinha, o que me causa certa preocupação, e até certa surpresa, se posso dizer assim. Mas imagino que elas tenham *algumas* tarefas na casa, que façam algum *trabalho* real. Uma família desse tamanho, com a renda do sr. Bennet... Não vejo como todas possam ser ociosas. Ou, na realidade, de que vale criar filhos que não façam alguma coisa para si mesmos ou para os outros?”

Ele mexeu com preocupação exagerada nos lençóis que o cobriam. Parecia um menininho.

“Elas são moças amáveis e ajuizadas, senhor, moças espertas”, disse Sarah. Isso era verdade, até certo ponto, em relação a algumas delas.

“Mas são obedientes?”

Sarah hesitou. Ninguém nunca as mandava fazer nada que contrariasse seus próprios desejos, portanto era difícil responder àquela pergunta. No entanto, ela não queria desapontá-lo. Fez que sim com um gesto de cabeça.

O rosto dele se iluminou. “E a srta. Elizabeth é uma pessoa ativa e prestativa? Seria capaz de fazer uma renda modesta render bastante?”

Sarah inclinou a cabeça. Gostaria de se mostrar mais encorajadora. *Pense em Mary, sr. Collins.* Essa seria a resposta mais útil e gentil a lhe dar. Em questões de interesses e temperamento, bem como de beleza, Mary e o sr. Collins seriam um casal bem mais viável, mas se ele não era capaz de ver isso por conta própria, não competia a ela dizê-lo.

“É uma questão de certa importância. Você deve me dizer o que pensa, menina.”

Elizabeth incumbira Sarah de costurar seu vestido de noite para o baile em Netherfield. E, com retalhos, estava sempre produzindo flores e adereços de cabeça para si mesma. Nenhum pedacinho de linha, de seda ou de linho jamais era desperdiçado.

“Elas são *econômicas*”, arriscou Sarah. Quando se tratava de adornos para si mesmas, isso era verdade. Eram obrigadas a ser econômicas.

O sr. Collins ouviu isso com prazer, endireitando-se mais na cama. “E a srta. Elizabeth? É sempre amável como parece?”

O cabelo de Elizabeth encaracolava de forma natural, o que facilitava bastante sua vida. E como eram da mesma idade e tinham crescido juntas, Elizabeth sempre dava ouvidos a Sarah, interessava-se por ela e lhe emprestava um livro. Contudo, Elizabeth tinha também um cerne de marfim, e o sr. Collins teria de descobrir isso por si mesmo, pois jamais viria a saber, por Sarah, que ele e Elizabeth jamais dariam certo.

“A srta. Elizabeth é a mais amável das pessoas.”

Ele mais uma vez assentiu com a cabeça, esfregou as mãos e mostrou-se satisfeito. Afastando de lado as cobertas, tirou as pernas da cama. Pálidos e descalços, seus pés caminharam pelo tapete. Ele correu as cortinas e olhou para fora como que esquecido de que ela se achava ali. Sarah lembrou-se das nuvens de pó que haviam se levantado quando ela e Polly bateram o tapete que ele pisava agora, a sensação de sufocação e os espirros. Nesse instante, lembrou-se dos jarros de água quente que a esperavam na área de serviço e já começavam a esfriar.

“Senhor?”

Ele se virou, olhou para ela, surpreso, mas com afabilidade.

“O senhor poderia me aconselhar também? Quero dizer, como clérigo.”

Diante dessas palavras, ele se inflou como uma ave no inverno. “Filha, o que é que a perturba?”

“Eu trabalho duro.” Ela passou o peso do corpo de um pé para outro. “Procuro trabalhar direito. Faço o que me mandam fazer.”

“Bem, nesse caso você cumpre o seu dever, justamente como deve ser. O trabalho é santo e santifica. Lembre-se da parábola da vinha.”

Ela assentiu, embora hesitante. Aquela história falava de trabalhadores recompensados com a mesma paga — tanto os que tinham feito muito quanto os que tinham feito pouco. Sempre fazia

Sarah sentir-se desalentada e desesperançada.

“Mas e Marta?”, ela perguntou. “Não aprendemos, com a história de Marta, que deve haver uma pausa, que deve haver tempo para, sem fazer nada, ouvir e aprender?”

“Ah, sim...” Os olhos dele se estreitaram ao contemplá-la.

“E o que dizer dos lírios do campo, que não trabalhavam nem fiavam, nem faziam muita coisa mesmo?”

“Sim, sim, mas... Você deve entender que seu dever é trabalhar e que, como todos nós, você encontrará satisfação em cumprir com seu dever.”

“Mas eu não encontro satisfação...” A vontade de Sarah era bater o pé no chão. “Eu fico cansada e dolorida e, embora eu trabalhe tanto, parece que não posso tirar um momento para mim, nem um momento de prazer; sou repreendida e dizem que estou errada.”

“Prazer?” O sr. Collins caminhou para ela, agora de olhos arregalados. Cheirava a sono, óleo de cabelo e dentes ruins. “Você cometeu algum erro, minha filha?”

Sarah deu um passo atrás. Deixara-se levar e fora muito mais longe do que pretendia.

“Desculpe, senhor, eu não devia ter falado.”

Ele a deteve com uma mão macia. “Que erro foi esse, filha? Por sua alma. Você deve me dizer.”

Tudo o que tinha sido feito, visto, pensado e sentido desde a chegada de James à casa — a colisão com o carrinho de mão, os discos e as espirais cretáceas na bolsa dele, seu quarto limpo e modesto; Tol Bingley e os devaneios sobre os jardins de Vauxhall e os espetáculos de Astley; a escuridão e a sujeira da viela em Meryton, a pele nua do soldado e seus gritos, a sensação nauseante e enjoativa causada pela fumaça da cigarrilha —, tudo isso se precipitou sobre ela de uma só vez, e foi excessivo, era amplo demais para fazer sentido e ser transmitido e explicado ao sr. Collins, apresentado num pacote benfeito e com um laço.

“Eu conversei com o lacaio de um vizinho...”

Ele se retraiu, sua fisionomia comprimindo-se numa careta. “Só isso?”

Ela fez que sim com a cabeça

“Só... conversou?”

Ela repetiu o gesto.

“Bem, creio que isso deva ser necessário de vez em quando.” Sarah continuou a fitar o sr. Collins, cujos pensamentos vaguearam e depois se fixaram em alguma coisa. “Você sentiu um prazer invulgar ao conversar com ele?”

Ela sentira alguma coisa, sem dúvida, mas o que sentira não fora um prazer invulgar. Talvez não tivesse sido nem um prazer, e sim o surgimento da percepção de que o prazer era uma possibilidade para ela.

“Invulgar, não. Não acho que tenha sido invulgar, senhor.”

“Bem, nesse caso”, disse ele, “acho que seria melhor você conversar com a governanta do que comigo. Isso parece ser mais uma questão de disciplina doméstica do que um assunto religioso ou moral.”

Ele a dispensou com um aceno e voltou à janela, contemplando os amplos relvados verdes, os arvoredos e os bosques de sua herança. No momento em que saiu, Sarah pegou o urinol dele debaixo

da cama e o levou para fora, virando a cabeça para não ficar perto demais de seu conteúdo.

Isto, ela refletiu, enquanto cruzava o pátio chuvoso e se dirigia à sentina, onde despejou o conteúdo do urinol na fossa, *isto* era seu dever, e ela não achava satisfação nenhuma nele. Aliás, era estranho que alguém julgasse isso possível. Lavou o urinol na bomba e deixou-o ali para tomar chuva. Se aquilo era o seu dever, ela desejava o de outra pessoa.

[...] até os ornamentos dos sapatos para  
Netherfield tiveram de ser improvisados.

Sarah costurava junto da janela. Elizabeth e Jane conversavam a meia-voz, bem próximas uma da outra, ao pé da lareira. Também costuravam, envoltas em chambres e xales. O clarão do fogo se infiltrava em seus cachos.

Era segunda-feira, véspera do baile. Sarah tinha uma bolha na carne macia entre o indicador e o polegar, onde os ferros de engomar haviam machucado sua pele. Toda vez que fechava os olhos, via o dardo minúsculo da agulha atravessar a musselina e puxar o fio pela trama aberta.

*Wickham*, escutou, e logo *Wickham, Wickham, Wickham*. Aquilo parecia os estalidos de agulhas de tricô.

O vento sacudia a janela do aposento em seus caixilhos. Lá fora, agitava os galhos nus. O arvoredo molhado reluzia e todos os caminhos de cascalho tinham poças d'água. A pequena área inculta do parque estava encharcada; o céu, baixo e carregado de nuvens; e o vento trazia mais nuvens, mais chuva. A natureza parodiava o estado de espírito de Sarah — cinzento, sem nenhum vislumbre de um futuro de coisas melhores, agora que ela estava proibida de ter qualquer contato com Ptolemy Bingley.

A porta foi aberta com força e Lydia entrou aos tropeções no quarto das irmãs. Aparentemente, não era capaz de aprender a bater. Fazia dias que não tinha como dar largas a pelo menos parte de seu entusiasmo natural: estar confinada em casa era um absoluto tormento para ela. Lydia precisava ser levada a espaços abertos para galopar à solta; precisava, pobre criança, que alguém atirasse paus à distância para que ela fosse buscá-los.

“Nada de visitas, nada de oficiais, nada de notícias, nada! Deus do céu! Não sei como vou suportar isto!”

Jogou-se na cama das irmãs, batendo os pés na colcha de retalhos. Sem nada mais para fazer, pegou um pedaço de fita cor-de-rosa e pôs-se a corrê-la pelos dedos.

“Lydia, largue essa fita, por favor. Você vai estragá-la.”

Ela fez uma careta, soltando a fita, que se enrolou sobre a colcha. “Vocês duas se saíram bem,

escondendo-se aqui em cima para fugir do sr. Collins.”

“Lydia! Isso não é verdade. Estamos trabalhando.”

Lydia deu de ombros, desfazendo-se dos chinelos com um chute e metendo os pés no sapato de baile de Jane, que estava no chão.

“Ah, só Sarah está ouvindo, e ela é um anjo. Não vai contar a ninguém, não é, Sarah?”

Lydia riu para Sarah, fazendo-a sorrir. Em seguida, começou a mexer os pés para um lado e para o outro, avaliando os sapatos. “Seja como for, não vou ficar lá embaixo para ouvir sermões, e ponto final.”

Seguiu-se uma pausa e Jane disse calmamente: “Ele vai atrás de papai na biblioteca, você sabe”.

“E isso é uma transgressão”, disse Elizabeth.

“Está vendo só? Se até papai procura fugir desse sujeito medonho, não vejo por que eu não posso fazer o mesmo. Jesus! Como ele é chato! Não sei como alguém o suporta.”

Sarah baixou os olhos ainda mais para a costura, os lábios apertados. O sr. Collins não era culpado por seu desajeitamento. Não tinha culpa de suas origens ou das oportunidades que a natureza ou a criação lhe haviam dado ou deixado de dar. E se não conhecia as regras da casa era porque ninguém lhe informara sobre elas. Esperavam que ele as intuísse e depois o inculpavam dessa falha.

“Papai nunca recebe visitas ali.”

“Se puder, papai nunca recebe visitas em parte alguma.”

“Sim, mas na *biblioteca!* Meu Deus do céu.”

Sarah lançou um olhar aos rostos graciosos e roliços das irmãs, tão encantadas com sua própria ousadia. Foi transportada de volta àquela manhã antes do dia de São Miguel, ao corredor frio e ao cheiro de urina, às vozes enleadas que lhe chegavam através da porta bem fechada da biblioteca. A sra. Hill tinha acesso àquele lugar, pensou, embora, evidentemente, ela não fosse tida como visita.

Lydia fungou, bateu um calcanhar no outro, agitando o sapato de Jane diante de si. “O sr. Collins é primo de papai, portanto se alguém tem de aguentar esse camarada, é ele.”

Nesse instante, ela olhou melhor para o sapato, como se ele tivesse chamado sua atenção. Levantou o olhar.

“Nós encomendamos rosetas novas?”

Todos os olhares se fixaram no sapato de baile pendurado nos dedos dos pés de Lydia. Uma roseta estava meio solta, desgastada e cinzenta, e seu estado lamentável era o resultado do entusiasmo do sr. Collins ao dançar com Jane no baile em Meryton. A outra tinha sumido.

“Santo Deus! Encomendamos?”

“Eu não.”

“Nem eu.”

“Você falou disso a mamãe?”

“Não.”

“Devemos ter algumas por aí.”

Jane foi ao toucador, abriu uma gaveta e pôs-se a remexer no que havia ali, franzindo a testa graciosamente.

Realmente, havia rosetas de sapatos ali, mas eram de procedência, cores e graus de uso tão

variados que ela só pôde formar dois pares. Um deles era azul, o outro amarelo, e ainda assim o par amarelo só compunha um conjunto no sentido mais genérico da palavra. As rosetas eram quase do mesmo tamanho, mas de tonalidades visivelmente diferentes: uma amarelo-limão e a outra, como observou Lydia, tendia mais ao creme.

Enquanto tudo isso acontecia, Sarah continuou sentada, costurando, os olhos postos no trabalho. Escutava o vento na chaminé, observando como ele fazia o fogo estremecer e a luz dançar, sentindo que sua pele já começava a formigar, na expectativa do frio.

“Preciso de rosetas cor-de-rosa para combinar com meu vestido”, disse Lydia.

Sarah fechou os olhos. Deu um leve suspiro. Olhou para cima.

“Do tamanho de repolhos! As maiores que você puder fazer. Você sabe que tom de cor-de-rosa é, como o da musselina. Se quiser, pode levar a faixa para fazer as rosetas o mais parecidas possível. Obrigada, Sarah. Você é *mesmo* um anjo, você sabe.”

Sarah pôs sua costura de lado.

“É”, disse Elizabeth, lançando um olhar pesaroso para a janela embaçada e para a chuva que a castigava. O vento sacudia as vidraças. “Acho que vamos ter de comprar as rosetas por procuração.”

\* \* \*

O percurso pelo caminho com pedágio era lento e penoso, e o aguaceiro caía com uma intensidade que parecia isolar Sarah de tudo e de todos no mundo. Logo a água já se infiltrava no tecido da sombrinha, pingando com força em seus ombros e fazendo a umidade penetrar em sua pele. Empapadas de água, as saias ficaram pesadas. Com tanta chuva, não passavam carruagens, o que era uma bênção.

Ela tentou imaginar que andava por uma rua de Londres, pavimentada e ladeada por janelas iluminadas. Daí a pouco entrou por uma arcada — quente, brilhante e seca. Parava aqui e ali para ver as vitrines com toucas enfeitadas, joias reluzentes e montanhas de confeitos. À sua frente, seguia uma senhora que parecia Elizabeth mais velha, com um *spencer* e uma touca, ambos cor de laranja. A senhora entregou-lhe um pacote, depois outro e, em seguida, uma caixa de chapéu, empilhando cada vez mais pacotes nos braços de Sarah, e quando ela tentou recusá-los e devolvê-los, a Elizabeth mais velha admoestou-a por ser inábil e não prestar a devida atenção ao que fazia.

Nesse momento, a diligência postal se aproximou com estrondo e a trouxe à realidade com um sobressalto, fazendo-a saltar sobre a valeta e se chocar contra a cerca viva gotejante e espinhenta. A diligência passou com um clangor de buzinas, um tumulto de cascos e rodas, levantando uma nuvem de lama que a sujou da cabeça aos pés. Sarah limpou o rosto e as mãos com o lenço encharcado. Curvou-se para passar o lenço nas saias, mas desistiu. De que adiantava? Já estava absurdamente molhada; um banho de lama fazia pouca diferença agora.

Em Meryton, o homem do armarinho estendeu um oleado para que ela pisasse nele. O fogo da lareira fazia suas saias exalar vapores.

Molhada até os ossos, ficou de pé ali por meia hora, enquanto o dono da loja e seu jovem ajudante confeccionavam seis pares de rosetas de sapatos nas cores pedidas, levando a Sarah os diferentes tecidos e trancelins para sua aprovação, de modo que ela não espalhasse água e lama pela loja limpa

e bem-arrumada. Ela aquiescia a tudo o que lhe mostravam, inteiramente desinteressada pelas diferenças de tonalidade e textura. As moças que gostassem das rosetas ou as jogassem fora. Na verdade, ela iria gostar se as jogassem fora. Aliás, até esperava que tivessem de jogá-las fora.

Outras freguesas, mais secas, entravam e saíam da loja depois de apeiar de seus veículos ou de haverem percorrido pequenas distâncias nas ruas, ao virem de suas casas na cidade. Deixavam as sombrinhas pingando perto da porta e olhavam para ela com a peculiar mescla de solidariedade e divertimento que os ensopados sempre parecem despertar nos enxutos.

Uma vez terminadas, as rosetas foram embrulhadas em papel de seda, depois em papel manilha e depois em lona, para que permanecessem secas. Ela sobraçou o pacote e saiu para a rua.

Sarah acabara de passar pela guarita do pedágio e de rodear a cancela, quando ouviu uma carruagem se aproximando às suas costas, ouviu o cocheiro falar com o atendente e, em seguida, o estalido de uma moeda sendo arremessada e pega no ar, bem como o agradecimento. Depois do ruído da taramela, a dobradiça rangeu e a cancela se abriu para que a carruagem passasse.

Ela arrepanhou as saias e se moveu para a margem da estrada, a fim de abrir caminho, encostando-se nas estacas de madeira da cerca. Um pouco mais de lama não tinha quase importância, mas ela preferia não ser derrubada no lamaçal. Olhou sobre o ombro para ver o veículo se aproximar.

As lanternas brilhavam com um fulgor cálido na tarde cinzenta. O atendente estava apoiado na cancela com o chapéu encharcado e um saco nos ombros. O cocheiro estalou a língua, deu um puxão nas rédeas e a carruagem avançou. Ela reconheceu a libré e sentiu uma pontada de — o quê? — emoção, inquietude... culpa? Porque ali estava Ptolemy. E ela devia manter-se longe de Ptolemy. Mas estava presa ali, comprimida contra a cerca áspera, e o estado em que se encontrava, ah, Deus... A carruagem passou devagar por ela: cavalos quentes e couro macio, em seguida um relance, pela janela, da sra. Hurst e da srta. Bingley, belas e entediadas dentro do veículo. E os lacaios na traseira, de pé no estribo, com seus sobretudos riscados pela chuva e chapéus tricornes. Tol Bingley a viu e levou a mão ao chapéu, fazendo a água escorrer da aba.

Ele disse uma ou duas palavras rápidas ao outro lacaio, que assentiu com a cabeça. Em seguida, virou-se para Sarah e fez um gesto, chamando-a. Erguendo o sobrolho, apontou os dedos para si próprio e fez um sinal para a plataforma em que estava: queria uma carona?

Tudo aconteceu num instante: ela deu um passo à frente, ele estendeu a mão para baixo e ela fez o mesmo para cima. Ele pegou seu braço acima do cotovelo e levantou-a. Um pé achou o degrau, o outro o estribo, e logo Sarah estava instalada na ponta da plataforma ao lado de Ptolemy. Dele vinha calor, um cheiro de fumaça velha e de lã molhada, e também solidez.

“Leve como uma pena!”, ele elogiou.

Ela riu e olhou para ele, ansiosa.

“Segure aqui.”

Ela agarrou o corrimão, as mãos nuas ao lado das mãos enluvadas dele.

Com um breve olhar cúmplice para trás, o cocheiro tentou as rédeas de novo e os cavalos passaram para um trote alto, cujos movimentos empurravam Sarah para trás. Tol passou o braço em sua cintura para firmá-la.

Sarah sentia o vento no rosto, e a umidade a envolveu. Os cavalos trotavam sem esforço aparente, e o balanço da carruagem a fazia encostar-se em Tol, quadril contra quadril. A velocidade transformava o chão num borrão. Aquilo era realmente um progresso, comparado ao sofrimento contínuo no lamaçal.

Chegaram a pontos familiares da estrada e passaram por eles antes que ela desse por isso — o celeiro de feno, um velho carvalho de bruxedos cujos galhos quebrados se reduziam a cotos, um trecho pantanoso. Então, aquilo era o luxo da velocidade, a capacidade de comprimir o mundo em dobras e passar por elas como uma agulha. A encruzilhada de Longbourn já despontava na chuva e chegava mais perto. A carruagem diminuiu a marcha.

“Salte quando fizermos a curva.”

Ela se voltou para ele, de olhos muito abertos. “Você não vai parar?”

Ele fez um gesto de ombros, pedindo solidariedade. “Não podem saber que andei dando carona.”

Ela olhou para a estrada indistinta. Com certeza quebraria a perna, o pescoço. Quebraria alguma coisa. Sentiu que ele segurava seu braço de novo. Apertava-o no mesmo local de antes, acima do cotovelo.

“Agora”, disse ele. “Pule.”

Os cavalos retardaram o trote ao entrarem na curva, mas ainda iam depressa demais. Ela não podia saltar.

“Agora, Sarah. Agora.”

Ela saltou.

Durante um momento, viu-se no ar, o chão passando veloz. Em seguida seus pés tocaram a estrada, ele a soltou e ela começou a correr para a frente, aos tropeções. A carruagem já ia distante. Sarah parou.

Olhando para trás, sobre o ombro, Tol Bingley levou a mão ao chapéu de novo, e ela ergueu a mão para acenar. Logo o coche fez a curva e desapareceu.

Ela começou a subir a ladeira da vila, toda encolhida. Saber que tinha feito aquilo era como carregar um saco de castanhas quentes. Fizera algo que lhe fora proibido fazer e se saíra bem dessa aventura, sem ser vista. Ninguém em Longbourn jamais saberia! Estava tão absorta na admiração exultante de sua transgressão que não notou a figura no caminho elevado que atravessava os campos, de pé com um casaco ensopado, observando-a sob a aba gotejante do chapéu.

Ele vira a carruagem diminuir a velocidade ao entrar na curva e, com um medo súbito de que ela se ferisse, viu sua figurinha soltar-se da traseira do veículo, dar uma corridinha e parar, aparentemente incólume. Ele a vira acenar para a carruagem que desaparecia, a vira subindo a rua da vila, devagar como se devaneasse, como se aquele fosse um dia ensolarado de maio.

Só depois que ela transpôs o portão principal e sumiu de vista foi que ele se virou e seguiu caminhando em direção à casa.

James estava na cozinha quando ela desceu, já de roupa trocada e trazendo as roupas molhadas amontoadas nos braços. Sarah foi para a área de serviço, onde ele a ouviu mergulhar as roupas numa tina para amolecer a lama. Voltou enxugando as mãos. Havia perdido o jantar; a cozinha estava um

caos, mas ela não parecia se importar. Parecia longe de tudo e indiferente.

James arrumou o serviço de café. Pôs-se a imaginar se ela iria notar que os punhos da camisa dele estavam úmidos, seus pulsos arrepiados e que ele parecia ter estado exposto ao frio. Dirigiu a ela um prolongado olhar avaliador, notando o rubor do ar livre em suas faces, o brilho em seus olhos, pensando em como ela ficava bonita quando se sentia feliz como agora. Mas ela só lhe lançou um olhar brevíssimo.

“Você leva essas coisas para a sala de visitas, quando for para lá?”

Ela deixou o pacote na mesa da cozinha, retirando a camada externa de lona úmida.

“Claro.”

E logo depois, quando ela já começara a separar a montanha de porcelanas e coisas de cozinha, ele perguntou.

“O que há nesse pacote?”

Ele pegou o embrulho do armarinho, colocando-o na bandeja, entre as xícaras de café.

“Hum?”

“O pacote. O que tem dentro dele?”

“Rosetas de sapatos”, ela respondeu.

“Rosetas de sapatos?”

“Rosetas de sapatos. Rosetas para sapatos.”

“Não entendi.”

Ela se impacientou. “Os sapatos de baile têm rosetas, que são presas neles.”

“Para que se faz isso?”

“Para que fiquem bonitos.”

Ele ergueu os olhos para o céu.

“O que foi?”

“Nada. É que, se a encarregarem de novo para uma incumbência tola como essa, debaixo de uma chuva tola como essa”, ele disse, “me procure, me ache, que eu irei no seu lugar.”

Ela pôs as mãos nos quadris, os olhos chispando.

“E por que você deve determinar o que eu posso e não posso fazer?”

Ele ergueu as palmas das mãos. “Eu não quis...”

“E se eu *quiser* ir? E se para mim for um *prazer* ir? E se eu não quiser que você meta o bedelho onde não é chamado?”

“Não falei por mal”, disse ele. “Não quero privar você de nenhum prazer.”

Ele fez uma mesura, levantou a bandeja e saiu da cozinha.

Sarah ficou com a desagradável sensação de que fora injusta e de que o sr. Smith colhera, por má sorte, o que a sra. Hill semeara.

James não tinha planos. Não podia se permitir tê-los. Não podia se dar ao luxo de amarrar outra pessoa a sua sela. Tudo o que podia fazer era manter a cabeça baixa e trabalhar. Por isso o impulso que ele sentia, o aguilhão do desejo em seu ventre, a pontada de ciúme, também ali, o incomodavam tanto. Era preciso sufocá-los. Afinal, nada significavam. Era uma vergonha: isso era o máximo que se

podia dizer sobre eles. Era uma vergonha ter de virar a cabeça para o outro lado, quando gostaria muito mais de olhar; uma vergonha Sarah se apaixonar por alguém que não fosse ele. No entanto, a tristeza daquilo lhe parecia um tanto surpreendente: ele devia, àquela altura, estar totalmente acostumado a fazer o que não queria, a deixar que acontecessem coisas que ele não desejava que acontecessem. Mas isso? Não, isso ele não podia aceitar. A ideia o perseguia como um cão persegue carneiros: ele sabia que vê-la feliz com outra pessoa não o mataria. Essas coisas não eram fatais, por mais que os poetas e romancistas gostem de fingir que são. Ele poderia não *gostar* disso, poderia não gostar nem um pouco. Aquilo poderia fazer seu peito contorcer-se com alguma coisa muito semelhante ao medo, mas não o *mataria*. Ele sabia perfeitamente disso.

Foi com tudo isso em mente que ele se pôs a secar as xícaras de café. A tarefa lhe permitia ficar perto de Sarah, que enxaguava as magníficas porcelanas. As mangas de seu vestido estavam enroladas, mostrando os braços nus e cobertos por uma penugem fina. Polly estava agachada como um duende no chão da área de serviço, polindo os sapatos de baile enfileirados e resmungando com maus modos. Era tudo absolutamente inocente. Sarah não podia imaginar que, ao secar as xícaras que ela lavava, ele pretendia chamar a atenção dela de alguma maneira.

As unhas dele, ela notou, pareciam luas pálidas — e chamou-lhe a atenção o movimento de seus músculos no antebraço enquanto ele passava o pano no interior das xícaras —, mas ele permanecia tão silencioso como uma pedra. Depois ela se lembrou do braço de Tol Bingley em torno de sua cintura, da chuva pinicando sua pele, do milagre que era a velocidade e de como *ele* a notava, de como *ele* lhe dirigia todas aquelas atenções, enquanto ninguém mais no mundo jamais lhe dera atenção alguma. Mergulhou outro pires na água, virou-o e o levantou, pingando, e o entregou a James, pensando em até onde Tol Bingley tinha ido naquele dia ou no que ele poderia ter visto sentado na traseira do coche dos Bingley. Se ela discriminasse os percursos de seu próprio dia, o trajeto de ida e volta a Meryton, as subidas e descidas das escadas e as caminhadas pelos corredores, se ela computasse tudo isso, a que distância chegaria? Daria para transpor aqueles trinta e poucos quilômetros que os separavam de Londres? Ou até um percurso maior, pelas sinuosas estradinhas rurais, até o mar?

James trabalhava com deliberada lentidão, enxugando cada xícara e cada copo até rangerem, mantendo-se perto dela, apreciando sua expressão de enfado, seu silêncio obstinado. Aquela pertinácia, aquela carranca o encantavam de uma forma que ele não entendia claramente. Quando se oferecera para ir a Meryton em seu lugar, ela se voltara contra ele, faiscando, como um aço frio, reluzente. Fora de uma crueldade contundente: *E se eu quiser ir? E se para mim for um prazer ir?*

Ela era mais dura do que ele imaginava. Não queria nada dele. Ela o afastava de si como uma mosca.

Ele se deliciava com isso.

[...] e só mesmo o baile da terça foi capaz de tornar a sexta,  
o sábado, o domingo e a segunda suportáveis [...]

O dia pelo qual mal se podia esperar acabou chegando, como todos chegam. A casa esteve num rebuliço a tarde inteira, e Sarah, depois que acabou de encaracolar o cabelo de Kitty, poderia ter chorado de dor por causa dos eritemas. Vermelhos e nodosos, eles latejavam e pioravam cada vez que ela se abaixava para esquentar os ferros no fogo. Até mesmo o sr. Bennet, que costumava manter uma indiferença jovial em questões de aparência, tinha se preparado com um cuidado especial e pedira que James escovasse seu antigo traje solene e empoasse sua peruca.

Numa ordem estranha, o sr. Bennet teceu comentários, enquanto James abotoava o colete justo do patrão, sobre os insuportáveis bailes públicos dos Salões de Reunião de Meryton, com suas multidões, seu barulho e suas conversas enfadonhas. Jamais seria convencido a participar deles, embora sua mulher e suas filhas o fizessem com assiduidade. Algum aperto e um pouco de barulho eram sempre de esperar, mesmo num baile privado, porém a cortesia entre vizinhos superava tais inconveniências.

Sempre assentindo com a cabeça, James, ajudou-o, com uma calçadeira, a meter seus calos no velho sapato de baile.

O sr. Bennet jamais admitiria a ninguém, mas a principal razão de sua presença no baile em Netherfield era que, se não fosse, sua mulher jamais pararia de falar do evento. Era mais fácil tolerar os aborrecimentos de um baile que o mau humor da mulher por ele não ter ido. No momento em que James o ajudou a subir na carruagem, o sr. Bennet dirigiu-lhe um olhar solidário. James fora obrigado a usar uma peruca e um tricórnio, assim como uma libré engomada, apenas para conduzir a carruagem pelos breves cinco quilômetros até Netherfield.

“Vejo que elas o enfaixaram todo também como uma perdiz”, disse o sr. Bennet.

“Com efeito, senhor”, disse James, sempre pronto a comprazer o bom velhote.

A sra. Hill passou a ferro, com apuro, o traje de noite do sr. Collins e o pendurou, para que ele atentasse para esse cuidado especial, verificou se Polly lustrara direito o sapato de baile do cavalheiro e, além disso, fez uma medida quando ele desceu para o saguão. No entanto, não ouviu, da parte

dele, uma única palavra de agradecimento. Um tanto sorumbática, ela se postou na escadaria de entrada, com o marido e as criadas, para assistir à saída da carruagem.

“Graças a Deus”, disse Polly, voltando para a casa. “Que bom que isso acabou.”

Cruzaram o vestíbulo e passaram ao saguão silencioso. Pelo menos durante algumas horas ninguém pediria nada a nenhum deles, o que era uma bênção a agradecer aos céus. Sem uma palavra, o sr. Hill pôs-se a subir as escadas do sótão. Era um homem idoso e estava extenuado. Precisava dormir.

“Desculpe, Sarah”, disse a sra. Hill, “mas você vai ter de dormir mais tarde esta noite. Estou esbodegada. Vamos, Polly.”

Com os olhos quase fechando, Sarah esperou a sra. Hill, bamboleando as nádegas, transpor a curva da escada, com Polly se arrastando atrás dela como um cachorrinho cansado. Apertou a ponta do pé no tapete, as mãos machucadas metidas nas axilas. Quedou-se ali com uma vela acesa, o tique-taque do relógio, tendo pela frente uma noite longa e vazia. Aquilo era uma malvadeza: da última vez, também coubera a ela esperar a volta da família. Desta vez, a sra. Hill nem sabia que Sarah havia se comportado mal e mesmo assim a castigava.

Entretanto, naquela noite, tinha a casa a seu dispor. Tirou uma das mãos que aquecia sob o braço, pegou a vela no aparador e saiu em direção à sala de visitas. Pegou um bibelô de porcelana, uma mulher, e examinou seus olhos e lábios pintados, e ainda o rosado das faces. Virou o bibelô para ver a base áspera e a abertura escura do interior oco. Repôs o adorno no lugar, deu alguns passos e pegou um bastidor de bordar na mesa de trabalho: o bordado em que Jane vinha trabalhando estava esticado no caixilho de faia. À luz da vela, Sarah analisou os pássaros, as flores e as folhagens, que tanto tempo consumiam, e deixou o bastidor de lado. Aquilo era uma coisa que ela nunca faria enquanto houvesse bainhas e peças para costurar e meias para cerzir. Na mesa de jogo, junto da janela, depôs o castiçal e pegou um baralho. Tentou um jogo de paciência, mas logo constatou que isso era uma coisa que ela não tinha e desistiu, desfazendo o jogo, juntando as cartas e guardando-as de volta na caixa de madeira.

Sentou-se na cadeira da sra. Bennet, mexendo-se de um lado para o outro no estofamento, esticando as pernas e apoiando os pés no guarda-fogo da lareira. A gata veio se chegando e saltou em seu colo. Ronronou e espreguiçou-se, arranhando-lhe a perna. Em seguida, cravou as garras com força. Sarah levantou-a e a pôs no chão. A gata foi se deitar no tapete diante da lareira, onde assumiu uma postura de esfinge e fechou os olhos.

O relógio tiquetaqueava. Ela deveria fechar as cortinas. Para além das vidraças, estendiam-se o parque e os campos amplos e vazios. Mas para isso teria de se levantar. A chirriada de uma coruja quebrou o silêncio. Ela podia ir buscar seu livro, mas ele estava a três lances de escada de distância, ou seja, muito longe. Ficou sentada, esfregando os pés no tapete, enquanto a gata rolava de costas. Pensou em fogos de artifício, ursos dançarinos e proezas de força e agilidade, nos babados que ela desfizera e depois costurara de novo, no cabelo que encaracolara e nos vestidos que naquele momento deslizavam sobre assoalhos de caramelos polidos, entre colunas de açúcar mascavo e sob lustres de jujubas. Pensou em Netherfield e em Londres, e na amplidão do mundo além das vidraças escuras da janela.

Obrigou-se a se levantar e foi até o bufete, onde se serviu de uma taça de vinho das Canárias. Se viesse a ser condenada por pouco ou até, do jeito que iam as coisas, pela mera suspeita de pouco, que fosse condenada por muito. Provou o vinho. Era doce e arranhava.

Então a sra. Hill estava de lua com ela — e a sra. Hill, naturalmente, era perfeita. Nunca pisara em falso nenhum dia de sua vida, mesmo porque evitava pisar em qualquer lugar que não lhe dissesse respeito. Nunca vivera, nunca pusera o pé para fora daquela bolhazinha de segurança, no entanto sempre sabia mais, sempre tinha opinião sobre tudo. Era sempre a dona da verdade. Mas, pensando bem, o que a sra. Hill sabia do mundo, das pessoas, ou do que quer que fosse, se só sabia cuidar da casa, de seu marido decrépito e dos Bennet?

Sarah serviu-se de outra taça, dessa vez de xerez, para que nenhuma grande quantidade faltasse em apenas uma das garrafas (se notassem, culpariam o sr. Collins, pois tendiam a atribuir-lhe muitos deslizes). Além disso, a sra. Hill considerava-se uma escrava dos Bennet, ela parecia vê-los como pequenos deuses. Bem, Sarah, não se transformaria numa pessoa assim. Isso estava fora de cogitação. Não aceitaria tão pouco. Na verdade, não aceitaria nada, ou menos que nada, uma vez que tudo que a sra. Hill fazia — tudo o que ela limpava, assava, cozia, cerzia, tricotava, crochetava e costurava, tudo em que punha as mãos — já pertencia a outra pessoa ou lhe estava destinado.

Sarah esvaziou a taça e voltou a enchê-la com o conteúdo de uma terceira garrafa.

O relógio deu a meia hora. As moças já estariam dançando ou tinham acabado de chegar a Netherfield? Com os vestidos de musselina, leves como claras em neve, as rosetas dos sapatos aparecendo e sumindo, os penteados com tranças, cachos e adereços. Elas eram como confeitos, muito decoradas e embrulhadas à perfeição.

Sarah tomou outro gole. Aquela bebida queimava.

E se tudo fosse retirado — as rosetas, as musselinas, toda a embalagem caprichada —, o que aconteceria? Um cavalheiro as olharia duas vezes se elas tivessem mãos ásperas, eritemas, lábios gretados e plataformas de madeira nas botinas pesadas? E, se olhassem, seria como um cavalheiro olhava para uma dama — de forma avaliadora, mas distante — ou seria da maneira como, em *Pâmela*, o senhorzinho lúbrico olhava para a sua criada? Como um objeto em que ele podia pôr as mãos e cujo embrulho podia desfazer?

Sarah esvaziou o copo, secou-o com o avental e o repôs na bandeja.

De volta à cozinha, tentou cumprir as tarefas restantes do dia. Esfregou a mesa e, em seguida, dispôs as coisas para o regresso da família: leite, biscoitos, uma tigela de açúcar tirado da superfície do cone que ela comprara.

*Podemos dar um passeio. Quando você tirar sua tarde de folga.*

*Atenção, tolerância e paciência [...]*

Aquela foi uma noite de muita ventania, uma noite em que as nuvens ora escondiam, ora deixavam ver uma lua grande e brilhante. Sarah ergueu o rosto para o céu, andando aos tropeções pelos campos pisoteados pelas vacas. Pensou: Como é gostoso estar aqui fora. Pensou: Eu já devia ter feito isso há muito tempo. Pensou: Eu deveria fazer isso com mais frequência. No final das contas, não fazia tanto frio assim.

Ela veria Netherfield iluminada e decorada para o baile. Ouviria a música, veria os vestidos. Olharia o baile durante algum tempo através de uma janela. Não podia ir ao baile, mas podia vê-lo. Depois acharia Tol Bingley — não se preocupou com os aspectos práticos de como o encontraria — e talvez desse um passeio e fumasse um pouco com ele. Bem que gostaria de fumar já, naquele momento. Afinal, ele não a convidara para um passeio? Não era de tarde, ela admitiu prontamente, mas por que não lhe seria permitido usufruir seus prazeres onde e quando pudesse, como todo mundo?

Sarah percorreu os cinco quilômetros com justificativas resolutas e jactanciosas, ajudadas pela bebida. Vestia a velha peliça azul e levava uma touca, bem presa sob o queixo. Chegou ao muro da propriedade Netherfield e meteu-se pelo portãozinho que conduzia aos bosques.

De modo estranho, a escuridão estreitava o caminho, bastante largo à luz do dia. A vegetação rasteira parecia mais densa e o vento fazia as galharias das árvores baterem umas nas outras. Suas mãos, estendidas à frente, tateavam as folhas, as ceráceas de louros e as elásticas de alfenas, mas a qualquer momento, ela temia, poderiam tocar em outra coisa. Escutara coisas sussurradas — coisas inquietantes —, histórias assustadoras de moças que tinham andado de bebedeiras tolas e nunca mais voltado, ou que tinham voltado esquisitas, ou com um bebê na barriga, e começou a sentir uma ponta de medo. Mas então ouviu a música. Traços dela ao vento, vestígios que vinham e logo desapareciam. E agora, quando o arvoredo já raleava, surgiam vislumbres de luzes entre a galharia, e lá estava a música de novo. Dessa vez eram sons nítidos, e eles a fizeram esquecer que sentira medo.

As árvores ali eram bem distanciadas umas das outras, com galhos baixos e nus agitados pelo vento. Ela chegou às margens das sombras. À sua frente, iluminado pelo luar, havia um trecho de grama,

depois o redondel das carruagens e a casa propriamente dita.

Sobre a fachada de mármore corriam sombras projetadas por nuvens cambiantes. As janelas tinham as cortinas abertas e vultos moviam-se dentro da casa, silhuetados pela claridade das velas. As carruagens dos convidados deviam ter sido levadas para os fundos da casa, pois sua entrada estava desimpedida e o redondel das carruagens se achava vazio ao luar. James estaria lá, na sala dos criados. Tomando cerveja e jogando dados. Pois quem era capaz de saber o que James pretendia, quem saberia dizer, pelo menos, como ele procedia longe de Longbourn?

Ela avançou, furtiva, para além do limite das árvores, atravessou o relvado e postou-se no caminho de cascalho, numa área iluminada, olhando para a janela alta. O vento tentava arrancar-lhe a peleça e puxava seu cabelo para fora da touca. Havia muita gente na casa, andando de lá para cá. Sarah reconheceu Charlotte Lucas, que caminhava com Elizabeth, em seguida Kitty e Lydia passaram rindo, com dois oficiais de túnica vermelha, e logo o sr. Goulding se deteve bem diante da janela a fim de conversar com o sr. Long, com seus trajes negros de clérigo, e ela até ouvia o que diziam, tão perto estavam. A raposa atacara as aves dele; a temporada de caça em breve chegaria ao fim. As estradas. O tempo horrível, a certeza de que aquilo não poderia durar por muito tempo.

O gesso não era de hortelã, claro que não. Os pisos não eram feitos de caramelo polido. A luz vinha de lustres convencionais de cristal, e não de jujubas. E era isso, no final das contas, que ela havia esperado, porque uma casa não pode mesmo ser feita de açúcar, e tudo nela era de alta qualidade e lindo, com certeza. Mas as pessoas! Ela simplesmente não podia conceber que as pessoas fossem tão obtusas. Certo, havia os oficiais, e os Bingley eram jovens e ricos, o que sem dúvida era emocionante. Afora isso, porém, eram sempre os Long, os Lucas, os Goulding, os mesmos velhos vizinhos que frequentavam Longbourn ano após ano, e por cujos salões os Bennet passavam também, e haviam feito isso por toda a eternidade, tinham jogado os mesmos jogos de cartas, comido as mesmas ceias de sempre e dançado as mesmas danças antigas e usado os mesmos vestidos, em nada diferentes dos outros. E todos os vestidos novos — com exceção dos da srta. Bingley e de suas irmãs — eram feitos de tecidos que Sarah vira desbotando na loja de tecidos durante meses. E todos eles com as mesmas manchas e rugas de velhice, o mesmo mau hálito, as mesmas marcas de bexigas e a mesma coxeadura de gota. Todos defendendo a mesmas opiniões de sempre, mantendo as mesmas conversas, sobre as caçadas, as estradas e o tempo, ano após ano depois de anos sem fim.

Como suportavam aquilo?

A inveja de Sarah extinguiu-se num sopro e desapareceu com o vento. Ela se virou e se afastou. Que importância tinha não poder participar daquilo? Não queria aquelas coisas. Sentiu uma leveza no coração — e a sensação de alívio causou-lhe quase uma vertigem.

Estava quase penetrando nas sombras das primeiras árvores, quando viu um ponto vermelho na escuridão. Não conseguiu identificar o que era nem calcular a que distância estava. Parecia algo suspenso no ar. De um instante para o outro, causando-lhe um sobressalto, o ponto vermelho subiu dois ou três palmos no ar, tornando-se por um momento mais brilhante, mais quente, e logo baixou, pairando de novo a poucos palmos do chão.

De repente, aquilo fez sentido: a brasa da ponta de uma cigarrilha, que um homem segurava, subira a seus lábios. No momento em que entendeu isso, o homem caminhou em sua direção. Tol

Bingley, olhando para ela do meio da escuridão.

“Olá. Quem está aí?”

“Boa noite, sr. Bingley...”

“A jovem Sarah?”

“Eu.”

“Muito bem. Veio ver a festa?”

“Vim, foi isso.”

Ele apareceu ao luar. Agora mais próximo, Sarah o distinguia melhor. Ele levou a mão ao bolso do casaco, tirou um objeto, que lhe estendeu. Ele cheirava a bebida forte.

“Posso lhe oferecer alguma coisa?”

Ela hesitou. O que queria de verdade era estar na cozinha de Longbourn, com um fogo na lareira e uma xícara de chá.

“É um lugar hospitaleiro este, Netherfield.” Ele falava com cuidado, tendendo a engrolar as sílabas.

“Acho que provavelmente...”

“Temos muito mais lá dentro”, disse ele. “Vamos, só um gole.”

Ela pegou o frasco de sua mão.

“É rum”, disse ele. “O melhor dos Bingley, direto da propriedade.”

Ela destapou o frasco e o levou aos lábios. A bebida queimou-lhe a garganta e subiu pelo nariz.

“Coisa de primeira, eh?”

Uma onda de riso irrompeu dos salões iluminados e passou acima deles, juntos nas sombras.

“Estão se divertindo como nunca esta noite”, disse ele.

Ele levou um pequeno tropeção. Ela devolveu-lhe o frasco.

“Dá para imaginar que não há nada o que fazer no mundo senão dançar, beber, rir, comer e acordar no dia seguinte ao meio-dia, abrir outra garrafa de vinho e começar tudo de novo. Não é mesmo?”

Sarah olhou para ele. As anáguas batiam em suas pernas, os pés estavam frios na botina úmida, o vento gelava seu rosto e puxava seu cabelo coberto pela touca. Feria-lhe as orelhas. Ptolemy parecia ter algo a dizer. Deu uma tragada na cigarrilha e exalou a fumaça. “Bestas-feras, isso é o que eles são, todos eles, não acha? Uns animais.”

Ela piscou. A piscadela tinha uma lentidão estranha, e, quando seus olhos se fecharam, sua cabeça andou à roda e ela regurgitou. Engoliu de volta a queimação.

“A serem ordenhados, tosquiados e transformados em toucinho”, ele disse.

Ele lhe estendeu o frasco de novo. Sacudiu a cabeça, numa tentativa de fazê-la voltar ao normal: era como se a tampa de um jarro de pedra comum tivesse sido tirada, deixando sair uma nuvem de moscas que agora vojavam em torno dela.

“Mas você e eu, Sarah... Você e eu... nós sabemos o que são as coisas.”

O braço dele deslizou em torno da cintura de Sarah e a apertou contra seu corpo. Ele ia beijá-la. Aquele era o momento em que o mundo se transformaria. Porque Ptolemy Bingley era formidável. Era brilhantemente formidável. Ele se movia num mundo diferente, um mundo de ruas de Londres,

de bailes, de diversões, de fumo e de lugares distantes, onde o ar era como um banho quente e a pessoa nunca se resfriava. E se ela o beijasse agora, ela iria com ele para lá. Ela também poderia nadar naquele mundo, como um peixe na água.

Ele exalou fumo e bebida em seu rosto, aproximando-se depressa. Logo sua boca estava na dela, molhada, com gosto de fumo, bebida, dentes e cebolas. E havia também a pressão de seus lábios — como respirar quando se era beijada? E havia também a música e o tumulto de vozes que vinham do casarão, como havia também o vento que os empurrava e os puxava, e ela pensou eu quero isto, eu sei que quero isto. É assim que se passa de um mundo para outro.

[...] *se estimulado a ler e se aperfeiçoar tomando-a como exemplo, ele poderia se tornar uma companhia agradável.*  
*Mas, na manhã seguinte, toda esperança nesse sentido se desfez.*

A família reuniu-se para o desjejum com mau aspecto, e até o sr. Collins, de quem, como clérigo, se esperaria moderação em seus prazeres, estava com um aspecto de peixe morto. A própria Sarah não se sentia muito bem: parecia que alguém lhe metera uma faca na cabeça e, de vez em quando, resolvia cutucar seu cabo com o dedo.

Seu estômago revirava enquanto ela servia à mesa. Tudo a nauseava: a comida que metiam na boca, onde era mastigada e depois descia pela garganta, o som de mandíbulas, a deglutição de chá e café. Lembrava as palavras de Ptolemy em meio ao mal-estar e à desmemória da bebida: *bestas-feras, isso é o que eles são. Vacas, carneiros e porcos, a serem ordenhados, tosquiados e transformados em toucinho. Mas você e eu, Sarah... Você e eu.* Agora essas palavras adquiriam um sentido literal para ela: a maneira como olhavam, agarravam e farejavam cada novo prato de brioques tostados, toucinho e ovos mexidos.

Ela não devia ter feito Sarah ir dormir tarde, pensava a sra. Hill. A moça precisava de uma mão firme, mas também precisava dormir. Isso era uma verdade atestada pela debilidade dela naquele dia. A própria sra. Hill pouco se beneficiara de ter ido dormir cedo: ficara acordada durante horas, ouvindo os sons da casa, os movimentos de Sarah arrumando as coisas lá embaixo (era uma boa menina, afinal, quando não a desencaminhavam), os resmungos e os ruídos de Polly sonhando do outro lado do patamar estreito, as surtidas dos camundongos nos lambris de madeira, o sibilo da respiração do marido, o vento castigando o telhado e uivando nas chaminés. Quando enfim dormiu, ainda tinha consciência da noite tormentosa lá fora. Sonhou que esperava a volta da família e que, quando a carruagem chegou e a porta da frente se abriu, uma ninhada de porquinhos se precipitou casa adentro com vestidos de musselina e sapatos de baile.

Na luz baça do dia, a sra. Hill entendeu que tinha de achar um meio de resolver aquilo, uma forma de lidar com Sarah que não fosse pelo confronto direto, mas que contornasse a atitude obstinada da moça e penetrasse na natureza meiga e acessível que essa atitude defendia. Não

obstante, mesmo pensando assim, a sra. Hill repreendeu a jovem, dizendo que era melhor ela deixar de fazer bico. A única resposta que obteve foi um longo olhar, acompanhado por um endurecer de ombros e pelo barulho de pratos postos na mesa com força.

“Espero uma resposta educada quando falo com você.”

“Fale comigo educadamente e a senhora a terá.”

A sra. Hill ficou de queixo caído. Estava a ponto de perder as estribeiras, quando James entrou na cozinha pela porta do salão e ela viu a si mesma como certamente ele a via — uma megera amarga, sempre de cara feia — e fechou a boca. Diria alguma coisa amável. Palavras calmas e amistosas que a reconciliariam com a moça — se conseguisse imaginá-las.

Um repentino bulício no andar de cima interrompeu seus esforços para encontrar essas palavras serenas. Ouviram a porta da sala de desjejum se abrir e bater com força, e, depois, passos leves e rápidos seguindo pelo corredor e subindo as escadas. Uma das moças correndo para seu quarto. Em seguida, outros passos, mais pesados, indo na direção oposta à dos primeiros: a sra. Bennet. Ela caminhava para a sala de desjejum.

Na cozinha, os quatro ficaram petrificados, de ouvidos atentos. James, no umbral, abriu a porta um pouco mais.

“O que é?”, perguntou Polly. “O que está havendo?”

“Deve ser o sr. Collins”, disse Sarah. “Deve ter feito sua proposta.”

Polly estava impaciente. “Para quem?”

“Elizabeth.”

“É mesmo?”

“Psiu.”

A sra. Hill e Sarah puseram-se ao lado de James. Polly também foi para onde eles estavam, e daí a pouco o sr. Hill juntou-se ao grupo perto da porta, balançando a cabeça. Apuraram os ouvidos, tentando escutar.

“O que estão dizendo?”

Sarah levou um dedo aos lábios.

Ouviram a porta da sala de desjejum abrir-se de novo e, em seguida, os passos fortes da sra. Bennet no corredor. Logo ela entrou na linha de visão deles. Todos recuaram. Polly se abaixou, o sr. Hill deu vários passos para trás, Sarah se escondeu atrás de James e a sra. Hill virou-se e voltou para a cozinha.

“Nunca imaginei que ela pudesse andar tão depressa!”, disse Polly.

Viram-na escancarar a porta da biblioteca. Polly arregalou os olhos para Sarah: ela nem batera à porta!

“Ah! Sr. Bennet, precisamos lhe falar imediatamente...”

A sra. Bennet fechou a porta ao entrar, e nada mais escutaram. James afastou-se da porta da cozinha, deixando que ela se fechasse.

Sarah voltou para a mesa, pegando os pratos. “Coitado.”

“Um boboca”, disse James.

A sra. Hill balançou a cabeça. “Que vergonha!”

“Mary ficaria feliz com ele...” Sarah encaminhou-se para a área de serviço.

A sineta da biblioteca soou. Todos pararam, vendo-a vibrar em sua mola.

“Eu vou”, disse James.

“Não”, disse o sr. Hill. “Como vão pedir que a srta. Lizzie desça, eu...”

“Eu vou”, disse Sarah.

A sra. Hill afastou-se para ela passar. Aquilo era um desastre e atingiu-a como um coice. Agora ele podia se casar com *qualquer uma*. Quem poderia dizer que tolinha, com a cabeça cheia de bobagens da moda ele iria escolher em Bath, Bristol ou Cantuária, ou onde quer que os clérigos procurassem uma mulher para se casar? Mas se, como dissera Sarah, Mary ficasse feliz com ele, se ela pudesse prendê-lo, eles estariam seguros: Mary não iria querer novidades pelo simples fato de serem novidades. Com Mary no comando, o mundo no pavimento térreo estaria tão seguro quanto se pode imaginar.

As duas moças mais velhas estavam sentadas na cama que dividiam, de mãos dadas e cabeças juntas. Ergueram o olhar, apreensivas, quando Sarah bateu à porta e meteu a cabeça no quarto. Tranquilizaram-se ao ver que era ela.

“Srta. Lizzy, seus pais a chamam na biblioteca.”

Elizabeth não conseguia acalmar-se como devia. Parecia prestes a ser tomada por um transporte de emoção, embora Sarah não fosse capaz de julgar se seria de riso ou de fúria, ou mesmo um grito de mortificação.

“Então, toda a casa já sabe, suponho?”

“Sabe o quê, senhorita?”

Elizabeth ergueu o olhar. “Sabidinha!”

Jane deu um beijo no rosto da irmã e, quando ela se levantou para ir ter com os pais, deteve-a por um instante.

“Não se esqueça, Lizzie, de que ele é um homem respeitável e que, ao pedi-la em casamento, pretendeu fazer o que julgava apropriado e correto. Por isso, seja gentil com ele, querida.”

“Por nada neste mundo, Jane! Chegamos a *isto* com um mínimo de civilidade. Não me atrevo a pensar no que poderá acontecer se eu for gentil.”

Jane balançou a cabeça e sorriu. “Você não está falando a sério. Sabe que não.”

Em seguida, voltou-se para Sarah, dando mostras de realmente prestar atenção nela, olhando-a de alto a baixo e, depois, passando os olhos por ela de novo, notando o vestido de popelina verde-amarelo.

“Não está usando seu vestido novo, Sarah?”

Sarah fez uma mesura. “Ele está sendo guardado para ocasiões especiais.”

Sarah acompanhou a srta. Elizabeth à biblioteca, bateu e abriu a porta para ela, enquanto Elizabeth se detinha um passo atrás, controlando-se. No aposento, Sarah viu a sra. Bennet de pé ao lado da mesa do marido, de braços cruzados e rosto fechado, e o sr. Bennet ainda sentado, no ato de tirar os óculos.

“Entre, minha filha”, bradou o pai quando Elizabeth surgiu. “Pedi que a chamassem por um motivo importante. Entendo que Collins a pediu em casamento. É verdade?”

Sarah saiu e fechou a porta.

\* \* \*

Via-se, o tempo todo, que as coisas não caminhavam bem.

A sra. Hill levou o café para a sala de desjejum, onde a sra. Bennet, furiosa com sua segunda filha, tentava mobilizar o apoio de Charlotte Lucas para a sua causa e onde as moças tinham se reunido para tagarelar. Casamento era como comprar nabos em saco. Impossível saber o que se estava levando para casa, e em geral negociava-se mal. Viam-se belas mocinhas provincianas de braço com um contabilista idoso. Homens de meia-idade ainda vigorosos e vistosos com uma mulher já gorda e decadente. Se isso era uma tragédia ou não, dependia da posição em que a pessoa estava. Enquanto um talvez fosse vítima de um conto do vigário, o outro viria a desfrutar de uma esplêndida transação.

A sra. Hill serviu o café e distribuiu as xícaras. Elizabeth pegou a dela com mão firme, recompensando a sra. Hill com um sorriso.

A sra. Hill pensou: Que bom ser jovem, linda e saber muito bem disso! Que bom é saber que só aceitará o mais ardente amor, a mais perfeita união.

O dia seguinte não trouxe melhora para a cólera ou o mal-estar da sra. Bennet. Ela se queixou de seu estado de nervos, refugiou-se no toucador com a sra. Hill e tomou quase metade de um vidro do Bálsamo Estimulante de Gilead. Primeiro, a panaceia a deixou irascível, em seguida a fez resmonear e, por fim, levou-a a cair no sono, com o hálito trescalando *Eau de Vie*. As irmãs — todas menos Mary, que preferiu ficar em casa — saíram para um passeio matutino a Meryton, a fim de fugir dos sofrimentos da mãe e do orgulho ferido do sr. Collins, e também para buscar notícias do sr. Wickham, que, imperdoavelmente, não dera o ar da graça no baile de Netherfield.

A sra. Hill e Sarah não tiveram essa chance de fugir. A sra. Hill gastou mais tempo do que julgava conveniente confinada no toucador da sra. Bennet, ajustando espartilhos, echarpes e travesseiros. Quando lhe foi possível escapar, a primeira coisa que fez foi bater na porta do quarto de Mary, fazendo-a parar de repente em meio a uma escala de mi bemol maior. A sra. Hill olhou para ela pela porta semiaberta, e Mary devolveu-lhe o olhar, alarmada.

“O que foi, Hill?”

“Desculpe-me, srta. Mary, mas...” Ela entrou no quarto. “O sr. Collins está sozinho lá embaixo e achei que a senhorita devia saber disso.”

“Eu estava estudando...”

“Sim, mas a senhorita não sabia que ele estava sozinho... e não gostaria de ser vista como descortês.”

“Ele pediu minha irmã em casamento, não foi?”

A sra. Hill apenas assentiu com um gesto de cabeça.

Mary ficou em silêncio. Depois, decidida, levantou-se e alisou as saias. A sra. Hill então percebeu que seus olhos estavam orlados de vermelho. Ela estivera chorando. Ótimos presságios. A moça passou pela sra. Hill e foi em direção à escada.

“Mas, veja bem, apenas porque não quero ser vista como descortês.”

Nesse ínterim, Sarah não parava se subir e descer as escadas, atendendo a pedidos do sr. Collins para que atiçasse o fogo, lhe trouxesse quitutes e respondesse a perguntas sobre a localização de seu exemplar dos *Sermões*, de Fordyce. Achava que podia tê-lo deixado na biblioteca do sr. Bennet, mas hesitava em perturbar o cavalheiro, que demonstrara uma singular falta de sentimentos corretos em relação ao pedido de casamento que fizera. Poderia Sarah verificar para ele?

Sarah podia e o fez. No momento em que bateu de leve à porta e a abriu alguns dedos, o sr. Bennet ergueu o olhar sob as sobrancelhas espessas. Sem uma palavra, estendeu-lhe o pequeno volume marrom. Ela o pegou com uma mesura.

Já Polly, como ninguém a vigiasse, gozou de mais liberdade. Passou algum tempo vagueando pela casa com um espanador e seu ar sonhador, e um pouco antes do meio-dia escapuliu e poderia ter sido encontrada — se alguém a procurasse — jogando o jogo das pedrinhas com James, ambos encostados na parede dos estábulos. Polly ficava tão feliz quando ganhava, que ele se tornou cada vez mais desajeitado, para melhor apreciar sua alegria exultante.

Sarah entregou ao sr. Collins o livrinho.

“Você é uma boa moça”, disse ele. “Acho que você é boa, sabe, não importa o que digam.”

“Obrigada, senhor.”

“Uma coisa eu descobri aqui...” Ele baixou a voz. “Um tanto perplexo, descobri que a minha situação é muito parecida com a sua.”

Sarah apenas o olhou. “É mesmo, senhor?”

“Quero dizer...” Ele olhou em torno, como se temesse ser ouvido, embora a sala de desjejum estivesse vazia àquela hora e toda a casa praticamente deserta. “A pessoa só pretende o que é certo e bom, faz o que crê ser seu dever. E por seus esforços ela é rejeitada. Criticada. Escarnecida.”

“Lamento que o senhor esteja infeliz.”

“Obrigado”, ele disse com emoção genuína. “Obrigado, minha filha.”

Ele próprio não passava de uma criança, percebeu Sarah. E solitária. Era o tipo de homem que provavelmente seria solitário a vida toda.

“O senhor gostaria de uma fatia de bolo?”, propôs ela.

A fisionomia dele iluminou-se. Ele se deu conta de que gostaria mesmo de um pouco de bolo. Gostaria muitíssimo, realmente, de um pedaço de bolo. Gostaria disso mais do que tudo no mundo.

Ao trazer-lhe uma fatia de bolo de frutas num belo prato orlado de azul, Sarah viu que agora Mary também estava na sala de desjejum, rígida, sentada numa cadeira de espaldar reto, perto do jovem clérigo. Ela olhou em torno com expressão tristonha quando Sarah entrou. Sarah teve a clara impressão de que ela interrompera não uma conversa, e sim um silêncio. Mary devia estar se esforçando para conversar com o sr. Collins — Sarah sabia ser solidária —, mas o enorme tempo dedicado aos livros não a preparara para se mostrar desembaraçada consigo mesma e com outras pessoas. De repente, a moça levantou-se e foi até a janela, e o sr. Collins ficou de pé também, parecendo aliviado. Pegou o prato das mãos de Sarah, desdobrando-se em agradecimentos, mas agora, com Mary ali, ele não sabia o que fazer com o bolo.

Dois oficiais acompanharam as moças de Meryton a Longbourn. Olhando por uma janela do

primeiro andar, Sarah os viu chegando pela trilha — as quatro moças, os dois militares com túnicas vermelhas, todos caminhando juntos muito à vontade, como velhos amigos. Chegariam a Longbourn em breve, à espera de serem recebidos com beberetes, e a casa estava em grande desordem, sem nada arrumado ou em condições de ser visto.

Ela correu ao toucador da sra. Bennet, a fim de avisar a sra. Hill, que fechou os olhos e apertou os lábios, murmurando alguma coisa a que era melhor não prestar atenção. A governanta informou então a sua ama que daí a pouco chegariam visitas e desceu com pressa para a cozinha. No momento em que o grupo entrou no salão, a sra. Bennet já recuperara toda a sua animação e, trajada corretamente, descia as escadas para receber os convidados. Sarah juntou as capas e os chapéus, e foi pendurá-los. A sra. Bennet deteve Sarah com uma mão.

“Onde está James?”

“Não sei.”

“Eu quero James. Não quero você aqui. Não vejo por que termos um laçao se mulheres nos servem o tempo todo.”

Sarah só pôde concordar. Com os convidados agora instalados na sala de visitas, ela desceu correndo para a cozinha. A sra. Hill começou a cuidar do incômodo adicional que era servir mais um chá. Sarah ficou a rodeá-la, mostrando-se disposta a ajudar, pois se não fizesse nada ou a atrapalhasse, ouviria poucas e boas.

Nesse momento, a porta externa se abriu, e ali estava Ptolemy Bingley, revigorado como pão fresco e lançando um olhar direto para Sarah que a fez desviar o rosto e levou a sra. Hill a bater o bule de chá na bandeja, ir até ele e perguntar, com as mãos na cintura, o que ele queria àquela hora ali.

Esperava-se que Sarah desaparecesse. Quanto mais tempo ela permanecesse ali, maior seria o risco de que ele deixasse escapar alguma coisa sobre a carona na carruagem ou o encontro deles em Netherfield. Ela já recuava para a porta do salão, quando ele fez uma mesura para a sra. Hill e estendeu-lhe um bilhete. Dessa vez tinha um ar sério. Solene.

“Para a srta. Bennet.”

A sra. Hill pegou o bilhete e colocou-o de maus modos na bandeja de chá, que pegou da mesa. Sarah tirou a bandeja de suas mãos. O bilhete, lacrado com um bonito disco adesivo amarelo, parecia inocente. Sarah desviou os olhos da missiva para Ptolemy.

“Muito bem, você”, disse a sra. Hill. “Leve isso lá para cima.”

Sarah saiu. A sra. Hill voltou sua atenção para o mulato. Ele continuava no umbral, o que fazia o frio entrar.

“Está esperando a resposta?”

Ele cruzou o umbral e fechou a porta às suas costas.

“Vai esperar uma resposta, então?”

“É claro que levarei uma resposta, se houver.”

Polly entrou sem pressa na cozinha e passou por Ptolemy, lançando-lhe um de seus longos olhares. Em resposta, ele lhe fez uma mesura. Em seguida, como que para deixar patente a descortesia com que era recebido, atravessou o cômodo e foi sentar-se numa cadeira ao pé da lareira. A sra. Hill não se importaria, comentou, se ele se aquecesse um pouco.

Ela se importava. Na verdade, importava-se muitíssimo, e estava prestes a lhe dizer francamente o que pensava dele — andando por ali cheio de si, com sua boa aparência, suas belas roupas e seus costumes londrinos, virando a cabeça das moças que estavam sob a orientação dela —, se Sarah não tivesse voltado à cozinha naquele exato momento. Ao vê-lo ali, à beira do fogo, ela estacou como um cavalo. A sra. Hill notou que seus olhares se cruzaram apenas por um instante, mas não gostou da forma como Sarah sorriu para si mesma ao se virar. Fora um sorriso íntimo demais.

Ela não fora bem-vinda na sala de visitas, disse à sra. Hill, embora só tivesse ido lá entregar o bilhete que chegara de Netherfield. Tinham-lhe dito que deixasse a bandeja ali e chispasse de volta à cozinha, e não subisse mais as escadas até os convidados terem ido embora.

“A sra. Bennet quer que mandemos James subir imediatamente para servir os oficiais.”

A sra. Hill fez um gesto de desalento. “Você o está vendo aqui?”

Sarah olhou em torno e deu de ombros.

“Estou até aqui de trabalho, Sarah. Se você o quer, saia e procure por ele.”

“Não sou eu quem o quer. É a sra. Bennet. Só achei que a senhora soubesse onde ele está.”

“Não sei, não.”

“Ah, isso é fácil”, disse Polly. “Eu sei.”

A sra. Hill olhou para ela mal-humorada. “Onde ele está, então?”

Polly deu de ombros. “Está se escondendo.”

A sra. Hill e Sarah a fitaram. Polly estendeu a mão para um jarro no aparador da lareira e tirou dele um pirulito. Sentou-se na outra cadeira junto da lareira, olhando fixamente para Ptolemy.

“Ele não gosta de soldados”, disse, já chupando o pirulito. “Vimos os soldados chegando e nos escondemos. Mas depois fiquei amolada com aquilo e achei que a senhora pudesse ficar zangada se eu demorasse para aparecer, por isso o deixei lá e vim ajudá-la.”

Polly contorceu-se na cadeira, enfatuada. James era desobediente; ela agira bem.

A sra. Hill indicou com um gesto que não acreditava naquilo. “Bobagem. Não diga tolices. Se escondendo!”

Polly começou a protestar: não era bobagem nem ela estava dizendo tolices. Eles tinham se escondido *mesmo*. E se aquilo era bobagem, a bobagem não era dela, e sim de James, mas, irritada, a sra. Hill mandou-a se calar. Sarah tinha plena consciência de que Ptolemy Bingley, de sua cadeira, assistia a toda aquela demonstração de mau humor e irritação, mas se mantinha em silêncio, erguendo o sobrolho. Sarah sentiu uma necessidade urgente de mudar de assunto.

“Então, sr. Bingley, é um jantar ou outro baile?”

“Como?”

“O bilhete. Um convite, eu suponho?”

“Não”, ele respondeu. “Não é. É que... Estamos indo embora.”

“Indo embora?”

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça, comprimindo os lábios.

Sarah levou a mão a uma cadeira, puxou-a e sentou-se. “Assim, de repente?”

“O sr. Bingley viajou para Londres a negócios, e logo depois suas irmãs resolveram segui-lo... E o sr. Darcy, um amigo dele, hospedado em Netherfield...” Ptolemy fez uma pausa momentânea, só

olhando para ela. “E é isso. Vamos embora. O grupo todo.”

“E o senhor também vai para Londres.”

Não era uma pergunta, mesmo assim ele assentiu.

Sarah levantou-se e atravessou a cozinha. Abriu uma gaveta e fitou seu conteúdo — paninhos usados como filtros, colheres de pau manchadas por frutas. Ele iria para Londres, sumiria para sempre, para ir ao teatro, ver os espetáculos de Astley, perambular pelas belas galerias.

“E a casa será fechada?”, perguntou a sra. Hill, que deixara de lado seu bate-boca com Polly e parecia ter esquecido, ou considerado desnecessária, sua determinação de que Sarah deveria se manter distante do mulato.

“Com efeito, senhora. A maior parte dos empregados já se foi. Só ficamos uns poucos, para cuidar de questões pendentes. Iremos depois.”

“Claro, claro. E o sr. e a sra. Nicholls continuarão aqui, para ficar de olho nas coisas.”

“Quando é que o senhor vai?” Sarah não conseguia olhar para ele.

“Hoje, mais tarde.”

“E quando é”, Sarah empurrou as musselinas dobradas para um canto e alinhou com cuidado as colheres de pau, “que o senhor volta?”

“Não creio que eu volte neste inverno.”

A sra. Hill assentiu, aprovando tudo. Era muito bom tomar conhecimento de assuntos domésticos tão bem encaminhados, ainda mais quando coincidiam com seus interesses. Sarah, porém, ficou desolada diante da perspectiva de enfrentar um inverno inteiro em Longbourn, sem alegrias, prazer ou pausas. Mordeu o lábio. A primavera estava muito distante. Isso se ele voltasse algum dia. Se não ficasse por Londres e abrisse sua loja. Quem haveria de voltar para ali, tendo toda Londres à sua porta?

“Bem, todos nós sentiremos sua falta, com certeza”, disse a sra. Hill. “Mas não queremos detê-lo. O senhor sem dúvida ainda tem muito a fazer.”

Ele se apoiou nos braços da cadeira, levantando-se. “E tudo isso logo agora, quando eu começava a me acostumar com a lama.”

Sarah sentiu-se sufocar de pura frustração. Fechou com força a gaveta, fazendo as colheres saírem da ordem em que as pusera. Lembrou-se da sensação atordoante daquela noite, do beijo, do gosto de fumaça e cebolas, da pressão do corpo dele contra o dela, que parecera o prenúncio de alguma coisa. Tudo estava acabado agora, e tudo aquilo não fazia mais sentido.

“Procure-me, meu bem”, ele disse baixinho ao passar por ela, de modo que só ela ouvisse. “Quando estiver em Londres.”

Os oficiais não permaneceram muito tempo depois que a srta. Bennet recebeu o bilhete. Jane escapuliu assim que pôde, parecendo branca e doente, o que fez com que Sarah sentisse uma onda de pena dela. Jane havia contado com alguma coisa por parte do outro sr. Bingley — ou pelo menos tivera esperanças.

Sarah trouxe as capas dos cavalheiros. Enquanto as vestiam e as abotoavam, Polly esperou, segurando um chapéu empenachado em cada mão, nervosa por causa do momento e de sua

participação nele. Um vistoso oficial — que era, soube-se depois, o famoso sr. Wickham — deu-lhe uma moedinha em troca do chapéu. Polly sorriu, agradeceu, embolsou-a e fez uma medida. O oficial descalçou a luva e tocou-lhe o rosto. Impressionado, como as pessoas às vezes se sentem, com a inocência, com o encanto de uma criança.

[...] *ela lamentou como um acaso terrível que as damas acabassem precisando partir logo quando estavam todas ficando tão íntimas.*

Jane suportou bem a situação, considerando que tudo o que tinha a fazer era sentar e esperar. Sentar, esperar e ser bela. E pálida. Sentar, esperar e estar apaixonada. Sentar e esperar que o sr. Bingley se livrasse das irmãs e voltasse para pedir sua mão. Era assim que as coisas se passavam para moças como a srta. Jane Bennet.

A situação de Sarah era diferente. Ela não tinha a beleza de Jane, sua doçura ou suas mil libras a juros de quatro por cento. Não tinha nos pensamentos aquela palavra clara e certa que parecia ser a resposta para todas as perguntas e a solução para todas as incertezas, mesmo que não trouxesse felicidade e jamais fosse pronunciada: amor. Nada havia, em suma, a que pudesse se agarrar, nada com que pudesse contar para induzir um homem a abandonar os regalos e as oportunidades oferecidas em outros lugares. Entretanto, tinha uma coisa: um convite para sair em busca dele.

Os Bennet estavam comprometidos a jantar com os Lucas naquele mesmo dia em que a notícia fora recebida, o que proporcionava certa distração para os infelizes, os mortificados e os desgostosos entre eles, assim como um descanso da cozinha para os demais. James estava ocupado em conduzir a família à casa dos anfitriões e trazê-la de volta. Polly varria e limpava a seu modo superficial. A sra. Hill limitava-se a consertar as calças do sr. Collins, cujas casas de botões tinham se alargado de maneira perigosa, com os botões presos apenas por uma linha: resultado, talvez, de um excesso de bolos. Sarah cuidava das botas das moças, enlameadas com a excursão à cidade. Retirava as crostas e os grumos com os dedos, limpava o couro com panos úmidos e, depois, as engraxava com uma mistura de óleo e sebo.

A cinco quilômetros dali, na fria sala de visitas de Netherfield, a sra. Nicholls estendia panos sobre os móveis, enquanto no andar de baixo o sr. Nicholls trancava a adega, depois a sala de armas e, por fim, a sala de baixelas e pratarias, sacudindo as chaves enquanto caminhava pelo corredor vazio. Os baús restantes dos Bingley, juntamente com uns poucos móveis que os Hurst desejavam em sua casa, na rua Grosvenor, rangiam numa carroça coberta de lona que seguia pela estrada de Londres,

enquanto Tol Bingley, de seu assento ao lado do carroceiro, assistia à passagem do imenso mundo molhado e começava a reconsiderar o que mais desejava no mundo — de forma vaga, mas ainda com resistência, surpreso com a dor melancólica que sentia por deixar aquele lugar, por deixar aquela moça, Sarah.

Naquela noite, Sarah escutava os ruídos rascantes que a sra. Hill fazia ao fechar as portas e janelas da casa e observava, à luz do luar, as contrações que, como um cachorrinho, Polly fazia ao dormir. Quando tudo silenciou e Polly já ressonava, Sarah puxou sua caixa de madeira de sob a cama e meteu nela seu pente, a chinela e um livreto de baladas. Naquela caixa, sempre trancada, havia uma velha e gasta boneca de trapos com dois botões diferentes que faziam as vezes de olhos.

Uma raposa regougou em algum lugar no campo gelado. Lá embaixo, o relógio bateu uma hora. Sentada, Sarah ouvia em silêncio, com um cobertor passado nos ombros. O relógio bateu duas horas, despertando-a de um sono leve. Esperou mais alguns minutos. A casa estava mergulhada em silêncio.

Sarah esgueirou-se do quarto com a botinas numa das mãos e a caixa pesada na outra. Fechou a porta sem fazer barulho ao sair. Na cozinha, calçou a botina e fez um afago na gata. “Adeusinho, Bichana. Boa sorte!”

Tol Bingley partira para Londres. Sarah não estaria muito atrás dele.

Saíra no jornal uma reportagem sobre uma jovem espanhola que vestira calça e se alistara no Exército. Mesmo agora, ainda liderava escaramuças contra as tropas de Boney na Espanha. O jornal dizia também — por algum tempo Sarah não entendera os circunlóquios, mas por fim começou a ver o que estava por trás deles e a compreender — que ela tinha amantes. Não eram homens de seu regimento, e sim mulheres, escolhidas entre as vivandeiras. E havia também outras histórias, como a de Mãe Ross, que fora soldado antigamente, era valente, tinha a boca suja e jamais teria sido descoberta se não sofresse um ferimento na coxa, de modo que quando foi despida para que procurassem o ferimento e o tratassem, o assistente do cirurgião vira suas partes pudendas e julgou por um instante que fosse outra ferida, ainda mais grave. O rapaz desmaiara. Só quando ela foi examinada por um homem que vira o que o assistente estava examinando antes, foi que se deram conta de que Ross era mulher. E havia o caso daquelas irlandesas que durante muito tempo tinham atuado como corsárias, auferindo lucros elevados, e escapado à força — pelo menos por algum tempo — alegando estarem grávidas.

Era uma ideia. Não se ligar a um homem, mas confrontar o largo mundo, os amplos campos da França e da Espanha, o oceano, qualquer coisa. Não se prender ao primeiro sujeito que parecesse saber para onde ele ia, e sim ir aonde *ela* desejasse.

Uma semente de inquietude: enquanto Sarah avançava na escuridão, ela germinou e cresceu.

No campo à sua frente, os carneiros se rearranjaram num grupo mais denso. Os pés de Sarah deslizavam no gelo, roçavam em pedras. As árvores se destacavam, desfolhadas, contra o céu estrelado, a forma pálida de uma coruja passou a pouca altura. Ela já subira até a estrada dos boiadeiros e parou ali, na encruzilhada, no limite de todo o mundo que ela até então conhecera. A encosta se estendia ampla e vazia, e era como se não existisse mais nada além de estrelas e aves

noturnas.

Mas, sem que ela soubesse, havia também James. Ele a seguia em segredo, sem ser notado, como aprendera a fazer.

Havia noites em que seu sono era intermitente, como havia noites em que o sono não vinha em absoluto, em que a velha dor recrudescia e o fazia tremer de cima a baixo. A mudança de céu limpo para céu nublado e novamente para limpo provocava crispações de chamas rubras em seu corpo, de modo que em certas noites ele desistia até de tentar dormir e preferia se distrair com livros, lendo com pouca luz, curvado e envolto em cobertores, grato pela sorte e pela generosidade que lhe valia uma vela nova sempre que a velha chegava ao fim, escorrendo em gotas e charcos. Nessas noites, era como se sua carne sonhasse, como se seu corpo recordasse outros tempos e outros lugares. Isso lhe dava uma vívida consciência de que nada era para sempre, que até a dor tinha suas torrentes, suas pausas.

E isso o mantinha alerta ao mundo. Ele ouviu o leve ranger da porta da cozinha sendo aberta e, depois, fechada. Os passos de Sarah pelo pátio foram como o toque da polpa dos dedos em sua pele, e quando ela passou pela extremidade dos estábulos e sumiu ele sentiu o puxão de seu avanço pela noite. A maneira como ela caminhava, inclinada para um lado, indicava que carregava um peso — a caixa de madeira, trancada à chave, que todas as mulheres e moças como ela possuíam. Esse era o único espaço privado delas, além do corpo, numa vida de quartos compartilhados e de contínua vigilância. E se Sarah tinha levado sua caixa, ela não estava apenas insone, inquieta, caminhando para fazer alguma coisa; estava indo embora.

Os pensamentos dele fixaram-se primeiro nas causas imediatas — o fechamento de Netherfield, a partida de Ptolemy Bingley para Londres —, mas logo saltaram para uma vertente atabalhoada de razões, passando pelas possibilidades de ela ser feliz, pelo medo à sua segurança, pelos perigos do mundo lá fora, por ela ignorá-los. E em seguida se detiveram numa imagem daquela casa sem ela, sem seu olhar fixo, seu dar de ombros, seus revirar de olhos, sem o vislumbre de sua figura franzina dobrando uma esquina, sem sua carne firme e viva ao lado dele na casa. Até chegarem ao choque de um ponto final: ele a amava.

Oh.

Aquilo poderia não ter efeito nenhum sobre coisa nenhuma.

O que ele sentia não tinha importância: não mudava nada.

Mas interessava a ele.

Ele manteve a frase na mente como um sacerdote susteria um cálice, aturdido pelo que ela transmitia, além de sua realidade prática. Se ele amava Sarah, isso significava que, apesar de tudo o que fizera ou deixara de fazer, ele era capaz de algum sentimento, de cultivar o bem. Porque ele nada queria dela: aquilo era um sentimento amplo e generoso, desligado da possibilidade de satisfação, era uma felicidade simples advinda de saber que determinada pessoa vivia no mundo. Sentia-se agradecido por esse sentimento, agradecido pelo fato de ela, mesmo sem querer, ter-lhe permitido sentir-se assim.

E embora o amor pudesse não importar, a gratidão importava. Trazia consigo um senso de obrigação.

Ele se pôs de pé com uma contorção, vestiu as calças, meteu os pés nas botas e puxou o casaco sobre a prisão da dor. Em seguida saiu para a noite, perscrutando a escuridão granulosa em busca do vulto de Sarah. Captou-o — uma sombra azulada contra o azul maior — cruzando o cercado. Ele a seguiu obliquamente, esgueirando-se pelo muro da propriedade, detendo-se quando ela abriu o portãozinho para o caminho.

Segui-la não era difícil. Ela não esperava ser seguida, era inexperiente e nada fazia para disfarçar seu avanço. Caminhava devagar, pequenina em todo aquele negrume sob o imenso céu, e o peso de sua caixa a retardava. Ela chegou aos bosques e sumiu na escuridão mais profunda. Ele continuou a segui-la, mas agora com passos mais hesitantes e cautelosos.

O que, afinal, ele esperava fazer? Que com umas poucas palavras suas, bem escolhidas, ela percebesse seu erro, entendesse o perigo e regressasse com ele para uma vida de tranquila servidão em Longbourn? E mesmo que ela voltasse, porventura ele desejava aquilo para ela? Seria aquilo uma expressão adequada de sua gratidão?

Quem poderia dizer que ela não seria feliz com Ptolemy?

Sarah saiu dos bosques para a encosta aberta. A lua brilhava. Ele se deteve na linha das árvores. Ela subia, obstinada, em direção à estrada dos boiadeiros. Ele a observava com os lábios comprimidos. Ela desaparecera. Era dona de seu nariz, e quem era ele para detê-la? Poderia ter voltado naquele instante, deitado em sua cama e de manhã fingir surpresa quando descobrissem que ela fugira no meio da noite. Poderia apenas continuar sua rotina de todos os dias, de cabeça baixa, ao longo de semanas, meses, anos, e começar a se esquecer dela, a esquecer o que ela o fizera sentir — esquecer que ela o fizera sentir alguma coisa — se naquele momento ela não houvesse chegado à bifurcação da estrada dos boiadeiros e se imobilizado, parando ali, seu perfil contra as estrelas. Deixou a caixa cair a seus pés e esfregou a testa com o dorso da mão, olhando para o campo aberto e silencioso.

O caminho estava aberto, a noite era clara. A única coisa capaz de detê-la era a sua própria incerteza.

Embora ele não soubesse disto, Sarah estava pensando em conchas marinhas e nas mangas que ele arregaçara para secar os pratos, no gosto de fumaça e cebolas e num beijo do qual ela não tinha certeza de ter gostado, mas que parecera, ao menos, indicar alguma coisa, sugerir que havia um germe de possibilidades numa vida que até então parecera inteiramente isenta disso. Ela estava avaliando, também, a diferença entre pedir uma carona para a vida toda e não apenas para voltar para casa. A essa altura ela se virou, olhou para trás, e seus olhos grandes captaram a luz das estrelas.

A palavra saiu antes que ele soubesse que a diria: “Fique”.

Ela se retesou, virando-se para o lugar de onde viera a voz dele. James se aproximou, batendo as botas na trilha empedrada, de modo que ela pudesse ouvi-lo e saber onde ele estava. Ele percebeu o momento em que ela o reconheceu — a distensão de seu corpo —, mas então ela voltou a se empertigar e empurrou a caixa para um lado com o pé, como se isso pudesse impedir que ele a visse. Como se fizesse alguma diferença agora. Mas o fez sorrir.

“Seria muito melhor você não ir embora”, disse ele. “Vão sentir saudades suas.”

“Eles mal vão notar. Arranjam outra criada.”

Ela desviou o olhar. Parecia novamente decidida. Em algum ponto, no norte, uma narceja piou.

Quando quis falar de novo, James notou que sua boca estava muito seca.

“Bem”, disse ele, “então, se é assim, que os dois sejam felizes.”

Ela se manteve em silêncio. Encostou a ponta da bota na grama, olhando para longe, sobre os campos.

Aquela era a dúvida, a incerteza. Ela não estava certa sobre Tol Bingley. Ele percebeu.

“Ou...”

“Ou o quê?”

“Quero dizer, não quero interferir de jeito nenhum...”

“Mas então você faz isso de uma forma estranha.”

“... mas se você não tem certeza absoluta de seus... de seus sentimentos, ou das intenções dele, poderia adiar isso, poderia escrever...”

Ela inclinou a cabeça, ainda sem olhá-lo.

“Seria um pouco menos definitivo do que isso.”

Ela continuou calada.

“Ou talvez”, disse ele, “você queira que eu escreva para você.”

Diante dessas palavras, ela fixou o olhar nele. “O senhor é muito presunçoso, não é, sr. Smith?”

Ela se aproximou dele, afastando o cabelo da testa.

“O senhor pensa que é a única pessoa aqui com alguma inteligência, não é mesmo? É como se eu não estivesse viva. Pelo que o senhor diz, eu poderia ser um fantoche ou uma boneca.”

“Não, não é isso, nem por um momento eu...”

“Bem, o senhor claramente acha que não sei escrever.”

“Nem todo mundo sabe.”

“O senhor acha que só frequentei a escola dominical... que aprendi a ler os evangelhos, e só? Bem, na verdade meu pai era letrado e me ensinou a escrever quando eu era pequena. Mas não lhe ocorre, nem por um momento, que eu possa ter esse lado, não é? Claro que não. Porque para o senhor eu sou inferior. Para o senhor, eu não sou nada.”

James sentiu que a ideia que fazia dela era mais uma vez errônea. Ela deixava transparecer inocência e, além disso, independência, mas havia também aquela necessidade feroz de ser notada, uma insistência em ser levada em conta, e isso despertou nele tanta ternura que quase o sufocou. O que ele queria lhe dizer era simplesmente “Na verdade, não importa o que eu penso de você, isso não tem a mínima importância”.

“O senhor se acha muito sabido por causa de seus livros, porque já viajou e viu alguma coisa do mundo, e tem suas conchas bonitas para provar isso, e agora, quando estou tentando fazer alguma coisa por mim mesma...”

“Minhas *conchas*?”

Sarah, boquiaberta, não soube o que fazer ao se dar conta do que dissera. “Eu estava limpando...”

Foi como se um cataplasma tivesse sido arrancado dele, levando junto sua pele. Deu um suspiro.

Ela mudou de posição.

“Eu não contei a ninguém, se é isso que tanto o preocupa.”

Um arrepio percorreu o corpo de James. A encosta vazia, o céu infinito sobre eles, e ela lhe

falando, com tanta liberdade, de coisas que vinham de uma vida diferente, do outro lado do mundo.

Ela caminhou de novo para sua caixa de madeira, cutucou-a com a ponta do pé, para fazer alguma coisa. “Eu já estaria a meio caminho de Londres a esta hora.”

“Eu não a estou impedindo de ir.”

Ela cruzou os braços, olhando para os campos. Seu perfil era firme contra o céu que empalidecia. De repente ela se abaixou, sobraçou a caixa e pôs-se a caminhar depressa pela estrada de grama.

“Sarah!”

Ele correu para alcançá-la. Agarrou-lhe o braço. Ela se contorceu, procurando livrar-se dele. James sentiu a força escassa dela, o movimento de tendões e músculos.

“Sarah.”

Ela bracejou para se soltar. Ele continuou a segurá-la não com força, mas sem ceder.

“Escreva a ele. Eu peço um porte franco para você. Até levo sua carta à agência do correio. Se ele vier buscá-la aqui, se casar com você e levá-la para Londres, e se você achar que isso a fará feliz...” As palavras jorravam dele agora, sem que as planejasse, surpreendendo até a ele mesmo, fazendo com que os olhos dela se fixassem em seu rosto e se arregalassem. “É claro que não vou impedi-la de ir aonde quiser. Nunca faria isso. Mas *não* vou permitir que vá esta noite. Assim, não. Em sã consciência, não posso.”

A respiração contida, e logo a expiração agitada, com ela continuando a forcejar e resistindo a ele.

“Solte-me.”

“Sarah. Isso muda a sua situação para sempre. Neste momento, você ainda pode voltar para Longbourn e ninguém jamais saberá o que aconteceu aqui esta noite. Eu sei guardar segredo, de verdade, eu lhe prometo. Mas quando acordarem e descobrirem que você fugiu, não poderá haver volta. Você ficará marcada por isso.”

Suas palavras cessaram de repente. Ele estava com medo. E fazia anos que não sentia medo.

“Por favor.”

Sarah se aquietou. James sentia a pulsação dela na dobra do braço.

E então ela fez uma coisa que nem por um instante ele julgara possível. Deixou a caixa cair com um baque surdo na trilha gelada, deu um passo à frente, passou o braço em torno da cintura dele, ficou na ponta dos pés e o beijou.

Por ser, em muitos aspectos, uma pessoa de espírito prático, Sarah soubera, o tempo todo, que estava agindo com informações insuficientes. Aquele único beijo em Ptolemy, provocado pela bebida, era tudo em que ela podia se basear: não fora muito bom, mas ela simplesmente não tinha como saber se os beijos eram assim mesmo, ou se fora apenas aquele beijo ou aquela pessoa. Não tinha como saber se o que sentira por Tol Bingley — a tontura, sua vaidade recompensada, o desconforto físico — era amor ou qualquer outra coisa em alto grau. E agora ali estava James, com a mão em torno de seu braço, com seu toque, sua proximidade e sua voz grave e ansiosa, e cada elemento desses parecia importante, todos lhe causavam sensações desconhecidas e agradáveis. Ela se sentiu abrandar, distender-se, como uma gata se deleitando, lânguida, diante do fogo. E só existia o agora, só aquele momento, em que ela vacilava junto ao precipício entre o mundo que ela sempre conhecera e o mundo além, e se ela não agisse agora, jamais conheceria o outro lado.

Ela o pegou, por assim dizer, desprevenido. Os lábios de Sarah colidiram com os dele, surpreendendo-o. James cambaleou, apoiando-se no braço que ela passara em sua cintura. Os lábios de Sarah eram macios, quentes e tímidos, e ela apertava com força seu corpinho no dele. Impossível resistir. James passou os braços ao redor da cintura dela, puxou-a para si e deixou-se beijar.

Nada mais havia além do calor da boca de James e o calor do corpo esguio dele contra o dela. Sarah começou a ofegar. Seu corpo tornou-se ansioso, ávido e ela voltou a apoiar os pés no chão, o coração aos saltos. Apoiou-se nele, abalada pelo que estava acontecendo.

“Ah”, arfou.

Sentia as mãos de James em sua nuca, o outro braço em volta de sua cintura, apertando-a contra si. Ela apoiava a cabeça no peito dele e sentia as batidas de seu coração. Piscava no escuro, os olhos úmidos. Ninguém nunca a segurara assim, nunca, desde criancinha.

“Você volta comigo?”, ele perguntou depois de algum tempo, a mão ainda na nuca dela, onde a pele estava quente e o cabelo, frio.

Houve uma longa pausa, ela não se mexeu nem disse nada. Depois James sentiu no peito que ela respondia: Sarah fez que sim com a cabeça.

Refizeram o caminho de volta à casa, de mãos dadas, ele carregando a caixa no ombro. Agora que a lua se pusera, a escuridão era absoluta no alto da colina e ao longo das sebes. Tropeçando, ela sentia a pressão da palma da mão de James, a polpa de seu polegar, os dedos frios dele no dorso de sua mão. Tinha mais consciência daquilo que da trilha gelada sob os pés, do ar frio ou de qualquer outra coisa em torno de si.

Seus pés pisavam em pedras, resvalavam no gelo e na lama onde ele derreteria. Ela levantava as saias e, quando um dos pés escorregava, a mão dele apertava a dela com mais força, impedindo-a de cair. Isso a fazia virar o rosto para ele, pensando em como era estranho e bom que ele estivesse ali. Sentia o pulso dele em sua mão, mas não via mais do que um vulto indistinto a seu lado.

A casa surgiu, vaga na noite, uma massa sombria e pesada. Pararam na esquina dos estábulos e lançaram um olhar para o pátio. Ela percebeu o brilho fosco da janela da cozinha. Afora isso, o pátio era um bloco de escuridão.

Impossível. Ela não poderia entrar em seu quarto sem que Polly percebesse que ela saíra. Não poderia recolocar a caixa sob a cama sem que alguém a visse fazer isso. Sua bota e a anágua deviam estar imundas, e todo mundo saberia o que ela fizera.

“É tarde demais. Eles vão descobrir. Vão me expulsar.”

“Aqui”, disse ele. “Dê-me...”

James se ajoelhou a seus pés e segurou o tornozelo dela. Sarah deixou que ele o levantasse e sentiu o movimento de suas mãos tirando a lama de sua bota. Via apenas a forma escura dele, a curva da parte posterior da cabeça de James. Ele soltou o tornozelo e estendeu a mão para o outro, que ela o deixou levantar também com sua mão quente.

James ergueu os olhos para ela. Seu rosto estava quase visível agora.

“Baixe as saias sobre a anágua.”

Sarah as alisou para cobrir a lama.

Ele se pôs de pé.

“Entre, sem nervosismo”, ele disse baixinho, falando perto de seu ouvido. “Fique na cozinha. Apoie a cabeça nos braços e durma um pouco, se puder.”

Ela balançou a cabeça, concordando, o cabelo roçando no rosto dele, na barba por fazer.

“Quando o nosso pessoal se levantar, levante-se também e cuide da sua vida como se tivesse dormido a noite toda na cama, como todos os outros.”

“E você?”

James firmou de novo a caixa no ombro. “Eu levo isto depois, quando for seguro.” Ele a tocou de leve na cintura. “Sarah”, disse.

“O quê?”

“Obrigado.”

E no instante seguinte ele já tinha ido embora. Dobrou a esquina e sumiu na escuridão, seguindo rente à parede dos estábulos. Devia ter entrado logo, pois Sarah ouviu os cavalos zurrar saudações.

Às dez e meia, quando ela lhe passou sua xícara de chá no desjejum, ele sorriu francamente, e o coração de Sarah deu um breve salto e seu sorriso saiu um tanto incerto.

Polly tirou dois torrões de açúcar da tigela e depois, quando ninguém parecia estar olhando, pegou um terceiro e meteu-o na boca. Passou a tigela ao sr. Hill, que encheu seu chá com pequenos torrões de açúcar. Chupando seu açúcar, ela fitou James e Sarah. O silêncio dos dois a intrigava.

“Não gosto disto, de gente que come sem dizer uma palavra, sem nem ao menos um com-licença.”

Sarah e James levantaram a cabeça, alarmados. No entanto, a sra. Hill olhava, com ar rabugento pela janela da cozinha.

James limpou a garganta. “O que foi que disse, sra. Hill?”

A sra. Hill fez um gesto de cabeça em direção à janela. “Aonde será que ele vai agora?”

Sarah virou-se para onde ela olhava e viu o sr. Collins, com seus trajes negros de clérigo, atravessar rapidamente o pátio como uma toupeira perdida. Ela deu um suspiro cauteloso.

“Não sei aonde ele vai, mas não pode ser longe”, disse James, “pois do contrário teria pedido a carruagem.”

James ergueu a xícara e tomou um gole. Sarah levantou-se e caminhou até o aparador, mas hesitando, sem imaginar o que poderia querer ali.

O sr. Hill mexeu o chá, fazendo muito barulho com a colher e a louça, e a sra. Hill continuou resmungando sobre aquele hóspede imprevisível. Polly, no entanto, só olhava de James para Sarah, de Sarah para James, e refazia a trajetória. Ela sabia que estava acontecendo alguma coisa. E que tinha relação com a cama fria daquela manhã, com as olheiras nos olhos dos dois. Ambos eram ariscos como coelhos. Alguma coisa havia, e, embora ela não tivesse a menor ideia do que fosse, estava resolvida a investigar.

Nessa noite, quando, cansada, Sarah subiu as escadas para seu quarto no sótão, viu que sua caixa a esperava debaixo da cama, um pouco mais ralada do que antes, talvez, e com uma mozza no lado em

que caíra no chão. Mas não havia nela nenhuma marca de lama nem coisa alguma que desse testemunho de alguma impropriedade. Ela se despiu e atirou-se na cama, fazendo ranger as tábuas do estrado. Apesar de seu enorme cansaço, sua mente corria a toda. Estava longe de sentir sono.

Este mundo era um labirinto. Ela se virava para um lado, depois para o outro, corria um pouco, fazia sua escolha, mas logo se via voltando para trás e deslizando mais uma vez para o começo, para o seu lugar. Para Longbourn.

Mas por enquanto isso não parecia de todo mau.

*Sábado [...] domingo.*

O sr. Collins partiu cedo, na manhã daquele sábado, para poder voltar a Hunsford a tempo para o culto do dia seguinte.

Apesar das decepções causadas por sua visita, o dia da partida do sr. Collins trouxe uma nova esperança ao peito ressequido e ansioso da sra. Hill na forma improvável de sir William Lucas, enfatuado de orgulho com a notícia do noivado de sua filha mais velha. Sua visita ocorreu logo após a de Charlotte, que estivera em Longbourn de manhã e ficou a sós, durante algum tempo, com Elizabeth, embora isso ocorresse com tanta frequência que a sra. Hill de nada suspeitou naquele momento. O principal objetivo de Charlotte fora avisar de antemão à amiga: quando sir William fez o anúncio, enquanto a sra. Hill servia o chá, Lizzie parecia contrafeita, mas não surpresa. Mary, porém, se mostrou desconsolada e teve de deixar a sala logo depois.

Pobre Mary. A sra. Hill reconhecia que lhe cabia alguma culpa por aquilo. Entretanto... foi como se um saco de tijolos houvesse sido tirado de suas costas. O futuro deixava de ser tão aterrorizante. Charlotte Lucas era uma jovem precavida, que bem sabia o valor de uma boa serviçal e tinha bom senso mais que suficiente para não substituir a criadagem somente por amor à novidade ou à moda. Nada era certo, naturalmente — pois nada é certo nesta vida, exceto que um dia vamos deixá-la —, mas Charlotte estava acostumada a entrar e sair da cozinha da sra. Hill desde menina, em busca de receitas, para pedir emprestado um pouco de açúcar ou uma fôrma de gelatina. Todos sabiam que ela apreciava de forma muito especial as tortas de limão da sra. Hill e, com efeito, em várias ocasiões tinha proclamado, para quem quisesse ouvir, que ninguém fazia uma torta de limão como a sra. Hill.

De volta à cozinha, a sra. Hill pôs-se a preparar tortinhas de limão que mandaria para Charlotte por sir Williams. Pequenas atenções como essa mais do que pagavam a pena.

No dia seguinte, o primeiro domingo do Advento, soprou uma ventania ruidosa, e com isso a vela do Advento ardia ao lado do atril e a respiração deles se condensava na nave fria.

Os Bennet sentaram-se todos juntos no reservado apainelado da família, enquanto a criadagem se instalava nos bancos livres dos fundos, James de um lado do volume solene formado pelo sr. e pela

sra. Hill, e Sarah e Polly do outro. O sr. Hill chupava seus poucos dentes, enquanto a sra. Hill colava o queixo no peito, como sempre fazia quando estava contente. Durante os chiados e rangidos que acompanhavam as genuflexões, como os jovens se moviam mais depressa do que o casal idoso, Sarah aproveitava a oportunidade para dirigir um olhar além dos Hill e encontrar os olhos de James. Isso fez com que ela se distraísse bastante durante o longuíssimo sermão do... sr. Long.

Os Bennet demoraram a sair. Como de hábito, apertavam mãos, saudavam pessoas, conversavam com os vizinhos e congestionavam o pórtico de saída, enquanto as duas mocinhas mais jovens riam às gargalhadas, de braços dados com filhas de fazendeiros. Aproveitando a multidão, Sarah analisou o rosto da srta. Lucas com discrição, imaginando o que sentiria uma moça que estava para se casar, sabendo que teria uma casa e uma renda, que se preparava para toda uma vida. Conseguir tudo isso só por concordar em se ligar a determinado homem até ele morrer.

Charlotte parecia meio embaraçada e um tanto cansada. Talvez fosse extenuante realizar tudo isso assim tão de repente.

“Como você está agora?”

Sarah se viu, por acidente ou por trama dele, perto de James. Passaram juntos pelo pórtico e caminharam lado a lado até a extremidade da multidão. Pelo canto do olho dela, ele era uma coluna amarelada e cinzenta. Sarah segurava a touca na cabeça para que o vento não a levasse. Notava como ele penteava os teixos, partindo, repartindo e ondulando as ramagens verdes como a lã de um carneiro. Ela falava baixo, olhando para a frente, de modo que não ficasse óbvio para a sra. Hill, para a sra. Bennet ou para as cerca de duas dúzias de matriarcas e abelhudas ali reunidas, que ela estava conversando com ele.

“Não consigo mais pensar”, disse ela, “no que eu estava fazendo. Não faço ideia de quem eu era naquele momento. Não sei como pude pensar que fazer aquilo era uma boa ideia... Eu não consigo.”

Ele se aproximou um pouco mais, para falar baixo. “Quando você me beijou?”

Ela se virou, radiante. “Não!”

Os cantos dos olhos de James se vincaram e Sarah entendeu que ele estava sorrindo. Ele se afastou, perdendo-se entre os aldeões, metendo-se entre os surrados trajés domingueiros de moças de fazendas e de lavradores corpulentos.

Quando ela era menina, faminta e ainda em crescimento, sempre que havia um pão de ló — que a sra. Hill criava num passe de mágica, com ovos, farinha de trigo e manteiga cremosa, e depois polvilhava com açúcar —, Sarah não se permitia, nunca, sequer olhá-lo, pois sabia que não era para ela. Em vez disso, o levava para o andar de cima, onde era transformado em migalhas, e as migalhas eram catadas pelos dedos úmidos dos Bennet antes que o prato lambuzado fosse levado de novo para baixo. Por isso, Sarah olhava para o tapete sob seus pés, para o quadro pendurado no fim do corredor, que mostrava um cavalo de cabeça estranhamente pequena, ou para as cortinas amarelas pregueadas da sala, fazendo o possível para não respirar, para não inalar o perfume de baunilha, de limão ou de amêndoas. Até *olhar* para o pão de ló era uma agonia inominável.

E por meses, ela agora se dava conta, James praticamente não olhara para ela.

Era uma situação que — embora a nenhum dos dois ocorresse vê-la nestes termos —

inevitavelmente intensificaria o desejo. Depois daquela manhã de domingo, não houve mais oportunidades de comunicação pessoal. Mal podiam trocar uma palavra sem ser notados. Assim, aquelas primeiras semanas de dezembro foram marcadas por olhares, pela troca de sorrisos, por dedos que se triscavam quando objetos trocavam de mãos.

À noite, Sarah se contorcia sob as cobertas, acalorada, apesar do frio do inverno, enquanto Polly ressonava a seu lado. Seus lábios sentiam falta dos lábios de James; seu corpo recordava a pressão do dele. Seu segundo beijo fora em tudo diferente do primeiro. Na mente, ela imaginava, sem querer, desabotoar-lhe a camisa, afastar panos, comprimir lábios em omoplatas, o gosto de pele e de sal. Enroscava-se até a beirada da cama, puxava para cima a camisola e deixava que as pontas dos dedos se molhassem na umidade entre as pernas.

Por isso a luz do dia e a presença dele faziam-na corar. As coisas que ela fizera com ele no escuro, quando ele não estava lá.

Nessa época, o sr. Wickham passou a se fazer cada vez mais presente em Longbourn. Tinha, parecia, uma especial predileção por lugares intermediários — antessalas, vestíbulos, umbrais —, dos quais pudesse observar tanto a tagarelice quanto a movimentação das pessoas, assim como a azáfama da criadagem, e de onde pudesse distribuir seus bocadinhos de bobagens lisonjeiras a cada mulher que passava, não importava sua idade, estado civil ou classe social.

De certa feita, quando carregava uma bandeja pesada, Sarah deu com ele num portal. Tinha o pé encostado na almofada inferior, a porta estava semiaberta. Seu ombro se apoiava no montante lateral da porta. Ele não se afastou para lhe dar passagem. Sarah não gostou do modo avaliador como ele a fitava. Agora que passara a se conhecer um pouco melhor, reconhecia as intenções alheias.

“Difícil isso”, disse ele, apontando com a cabeça para a bandeja.

“Posso passar, senhor?”

Ele fez que não a ouvira. “Pesado para você, tão magrinha.”

Ela mudou a bandeja de posição. “Posso ajudá-lo em alguma coisa, senhor? O senhor precisa de alguma coisa?”

“Não, não. Não se preocupe, sou filho de mordomo, portanto...”

Sarah levantou o pé direito, apoiou o peso no outro, e com isso conseguiu algum descanso para os tornozelos cansados. Então, ele era filho de um mordomo... E daí? Não estava se oferecendo para carregar a bandeja tão pesada para a cozinha, estava?

“Se o senhor não deseja mesmo nada...”

Ele fez um gesto negativo, os lábios comprimidos sob o bigode. “Isso, nada. Tenho sido admiravelmente bem servido.”

Com uma mesura cuidadosa, para não derrubar as louças, Sarah avançou na direção dele. O sr. Wickham recuou um pouco, a fim de lhe abrir caminho, mas não o suficiente, de modo que ela teve de passar muito perto dele, as saias roçando em sua perna. Sarah sabia que ele pretendia olhá-la quando ela passasse, mas não lhe daria a satisfação de vê-la olhar para trás.

O sr. Collins não demorou a voltar a Longbourn. Isso foi um incômodo e um aborrecimento para a

sra. Hill: ela ainda precisava garanti-lo como seu amo no futuro, e por isso dispunha-se a agradá-lo como sempre, mas agora tinha muito menos oportunidade para tanto, uma vez que ele passava boa parte dos dias com a noiva em Lucas Lodge. E Mary também era uma fonte de inquietude e culpa. Ela não devia ter incentivado o interesse da menina por ele, pois isso não beneficiaria ninguém. Mas agora não havia nada que pudesse ser feito sobre isso, ao menos por ela. A sra. Hill se esforçava por cumular o sr. Collins do maior número possível de agrados todo começo e fim de cada dia. A água quente para ele lavar as mãos e o rosto era renovada todas as manhãs; suas toalhas, as melhores que havia na cômoda de roupas de cama, mesa e banho, eram perfumadas com lavanda. À sua lareira destinavam-se as melhores achas de freixo, e ele sempre encontrava leite quente e adoçado em seu criado-mudo quando voltava para dormir. Se ele notava essas pequenas atenções ou se as atribuía à fonte correta, a sra. Hill não fazia ideia, nem recebia nenhuma indicação disso: ele nada comentava a respeito. Mas a verdade é que ele não falava quase nada com quem quer que fosse em Longbourn, tão ocupado estava com seus planos de casamento e com sua noiva.

E logo ele se foi de novo, afastado de Longbourn e de sua encantadora Charlotte pela chegada de outro sábado. A sra. Hill via-se assaltada por intenções frustradas: se pudesse estar com Charlotte Lucas, mesmo que por pouco tempo, se pudesse preparar-lhe um bom jantar e outra partida de tortinhas de limão, ela se sentiria muito mais à vontade. Charlotte Lucas conhecia o valor de um bom jantar e não ficaria ressentida se alguém lhe recordasse isso.

Mas não havia como alimentar esperanças. Charlotte, por motivos óbvios, mantinha-se distante de Longbourn.

Dois dias depois da mais recente visita do sr. Collins, chegaram os Gardiner. O irmão da sra. Bennet, a mulher e seus filhos pequenos tinham vindo passar o Natal em Longbourn. Ficariam uma semana, e a sra. Bennet planejava diversões para eles com tanto esmero que nem uma só vez, em todo esse tempo, eles se sentaram juntos para um jantar tranquilo em família: ou a casa estava cheia de visitas, ou seus moradores corriam a fim de se preparar para algum evento público ou privado nas vizinhanças e os criados ficavam com toda a casa para si.

As honras da casa tinham de ser preparadas na cozinha. Sendo aquela a época do Natal, havia sempre alguma iguaria especial para ser oferecida, alguma refeição especial para preparar e servir, alguma peça de roupa para ser lavada. A cozinha sempre estava atulhada de criados adicionais, que causavam confusão: a criada dos Gardiner, os cocheiros de visitantes, um vaivém de criados de famílias vizinhas com convites ou respostas. Todos eles tinham corpos que se interpunham entre a pessoa e a coisa solicitada, pernas e pés a serem evitados, cotovelos a empurrar objetos preciosos para a beirada perigosa de aparadores e prateleiras. Para James e Sarah, nunca havia um momento de privacidade, mesmo quando a casa estava tranquila. Ela e a sra. Hill viviam empapadas de suor, de dentes rangendo e enregeladas até os ossos no momento em que pisavam fora de casa.

O sr. Wickham parecia imiscuir-se em toda parte, surgindo nos lugares mais inesperados, como mercúrio derramado. Subia-se uma escada, e lá estava ele, num patamar, aparentemente examinando um quadro; entrava-se na sala de desjejum, já vazia, e lá estava ele matando o tempo ao lado de um bufete, a morder um pedaço de arenque defumado e correndo a unha ao longo das

juntas do verniz. Um dia, James sentiu o cheiro de um charuto, ergueu os olhos, a ponta de uma cilha numa das mãos, a fivela na outra, a barriga do cavalo na altura de seu rosto, e viu o jovem oficial na porta do estábulo, em silêncio, olhando, perfumando o ar hibernal com seu tabaco.

Wickham bateu continência.

Em resposta, James dirigiu-lhe um cumprimento de cabeça e continuou seu trabalho. Soltou a fivela e levantou o silhão, com o estribo e a cilha pendurados neles, e foi guardá-lo junto com as outras selas. Percebeu que Wickham o seguia com o olhar. James arrumou o silhão no cavalete das selas, enxugando-o com um pano.

“O que você está fazendo aqui?”, perguntou Wickham em dado momento.

A égua bufou. “Cuidando da vida”, respondeu James, tirando um resto de comida, molhado de saliva, dos dentes do animal. Wickham afastou-se da porta e se aproximou. James continuou limpando os dentes da égua.

“Tudo isso é coisa para meninos”, disse Wickham, apontando com o charuto para as lajes limpas do chão, a palha amontoada, os arreios de couro, os animais bem tratados. “Isso é coisa para rapazinhos ou velhos malucos. Não é trabalho apropriado para um homem.”

“É possível, senhor.”

“E há muito trabalho decente a ser feito, se você quiser, mas não aqui.”

James endireitou-se. Juntou os arreios. Wickham não passava de um janota inexperiente, cheio de bazófia gratuita e de presunção. Rosnando para o nada.

O jovem oficial inclinou a cabeça, mostrando-se muito compenetrado. “Quero dizer, o velho mordomo aqui é um saco de ossos, um imprestável que pode, por isso, viver metido nestes cafundós.” Nessa altura, apontou com o charuto para James. “Mas você... Hah! Você é um caso muito diferente.”

“É possível, senhor.”

Afrouxando um pouco o cabresto da égua, James manteve os olhos em seu trabalho, soltando a crina no ponto em que ela estava presa sob a pescoceira.

“Um homem sem dependentes e também sem outras perspectivas...” Wickham deu uma última tragada no charuto e falou ao mesmo tempo que exalava a fumaça. “Você deve procurar o oficial de recrutamento. É isso que deve fazer. É isso o que todo homem apto, que se importa com seu país, deve fazer num momento como este.”

“Estou muito bem aqui”, disse James, pendurando a brida e em seguida esfregando as palmas das mãos.

“Muito bem. Então é assim.” Wickham deixou cair a ponta do charuto e pisou nela com a biqueira da bota reluzente. “Você é mesmo um covarde, estou vendo, e para isso não há remédio.”

“O senhor acha?”

“Acho, não. Eu sei.”

“Então me diga uma coisa, senhor”, disse James sem pensar. “Por favor.”

Wickham, que já se virava para sair, deteve-se e olhou para trás. “O quê?”

“Apenas para eu saber.”

“Sim...”

“Onde o senhor esteve em ação pela última vez?”

Wickham empalideceu, fez menção de menear a cabeça.

“Foi na Espanha ou em Portugal?”

Wickham fechou a cara. “O que quer dizer com isso, rapaz?”

“Por acaso o senhor participou do cerco de Rosas? Esteve lá, na batalha de Vimeiro? Ou lutou com os franceses em La Coruña?”

Agora o rosto do jovem oficial estava rubro. “Como se atreve...”

A expressão com que James olhou para ele era de absoluta inocência. “Eu só queria saber onde foi que o senhor ganhou o direito de me chamar de covarde.”

“Se eu tivesse tido a sorte... Eu teria servido...”

James fez uma reverência. “Peço desculpas, senhor. Por um momento esqueci que foi só recentemente que o senhor comprou sua patente.”

“Hei de fazer o que for necessário...”

James puxou a égua pelo cabresto. Passou por Wickham, levou-a ao pátio.

“É provável que o senhor suje as mãos de sangue em breve. A situação vem se complicando no Norte. Massacrar operários é trabalho adequado para um homem.”

“Os luditas são uma ameaça...”

James virou-se para ir buscar o garanhão tobiano, que saiu para o pátio orgulhoso de suas patas peludas.

Wickham deu prosseguimento a seu discurso. “Eles são uma ameaça, esses lavradores, todos eles luditas, uma ameaça à propriedade, à sua própria gente, à prosperidade da nação...”

“Eu me curvo a seus conhecimentos, senhor.”

James fez mesmo uma curvatura. Cruzou o pátio com os dois animais, um de cada lado, e desceu para o campo baixo, onde eram esperados para a aradura de inverno. A respiração dos animais se condensava no ar frio, cada qual sacudindo a cabeça à esquerda e à direita, numa espécie de aprovação tácita e amistosa.

James, entretanto, fora um tolo e sabia disso. Se tivesse sorte, Wickham não levaria avante seu ressentimento, já que um laçaiio estava muito abaixo dele na escala social. Na primavera, a milícia seria aquartelada em outro lugar, por isso James não via a hora de chegar a primavera.

O mesmo se poderia desejar, aliás, em relação ao fim das festas natalinas.

As quatro crianças dos Gardiner divertiam-se dentro de casa como uma ninhada de cachorrinhos, fazendo estripulias por toda parte. Sarah e James não podiam passar um pelo outro num corredor, ou até nas escadas dos criados, sem que os pequerruchos subissem ou descessem também, ou passassem por eles fazendo algazarra, entregues a uma formidável aventura pela casa. Se não era isso, um deles estava agarrado às tiras do avental de Sarah e choramingando, enquanto ela sorria de esguelha para James e seguia seu caminho com a criança a puxá-la.

Não havia um só momento de paz, nem mesmo à noite. Sarah e Polly foram obrigadas a dividir o quarto com Martha, a criada dos Gardiner, que tinha cachos louro-avermelhados de que muito se orgulhava, dormia num colchão que, como ela se queixava, estava recheado de cacos de louça e adorava falar de Londres, de bailes, cervejarias e namorados, de clubes de baixa moralidade e de

perseguições a novinhos aos domingos. Sentada na cama, boquiaberta e envolta em xales e cobertores, parecendo uma lagarta em seu casulo, Polly escutava as histórias da moça. Com a cabeça apoiada em uma das mãos, Sarah sorria, quase sem prestar atenção, temendo a qualquer momento uma menção a um certo sr. Ptolemy Bingley, ex-lacaio da propriedade Bingley, que abrisse uma nova tabacaria que estava fazendo furor entre os cavalheiros elegantes, e temendo também que notassem como ela enrubescia e caçoassem dela por isso. Arrependia-se não de tê-lo esquecido, mas de um dia ter pensando nele como uma possibilidade.

O filho mais novo dos Gardiner ainda usava fraldas, por isso havia um balde de fraldas de molho junto à porta da área de serviço, e o fedor vazava pela tampa. Alguém precisava limpar, enxaguar e, depois, ferver as fraldas todos os dias, pois era impossível deixá-las mais tempo sujas, já que o cheiro era terrível. Se chovia, tinham de ser postas a secar na área de serviço. Havia dias em que a tarefa cabia a Polly, cujo rosto se tornava a imagem da repugnância — era jovem demais para ter tido a enriquecedora experiência de lavar as fraldas das moças Bennet —, mas às vezes o trabalho cabia a Sarah: a criada dos Gardiner parecia pensar que essa estada em Longbourn representava um período de férias em que ela estava dispensada dessa incumbência. Um belo e gélido dia, quando Sarah ergueu o balde, descobriu que ele estava vazio; chegando ao cercado, viu uma fileira de fraldas agitando-se, brancas, na corda, como bandeiras de sinalização de um navio — uma rendição incondicional. James estava prendendo a última delas e, ao perceber que era observado, e ver quem o observava, pareceu um tanto acanhado, mas acabou de pendurar os quadrados de pano.

“Muita gentileza sua”, disse ela, aproximando-se.

“Suas mãos pareciam irritadas.”

Sarah não conseguiu se conter, e seus olhos marejaram, seu nariz formigou e ela foi obrigada a se virar e levantar a cesta. Voltaram para a casa lado a lado, e ela sentiu, naqueles breves momentos, uma leveza e um bem-estar que só depois entendeu que era simplesmente felicidade.

\* \* \*

Wickham era sempre foco de muita atenção à mesa. Todas as senhoras pareciam fascinadas com sua tragédia. Sarah ouviu a história aos pedacinhos, ao trazer os pratos e as travessas. A igreja em que ele devia ter pregado, a vida que devia ter levado. A posição que lhe caberia ocupar no mundo, se não fosse o orgulho abominável daquele cavalheiro alto, o sr. Darcy. Sarah tentava imaginar Wickham com trajes clericais negros, como o sr. Collins, avaliando a congregação, do púlpito, com aqueles olhos perscrutadores. Olhos que pareciam não ver apenas a superfície das coisas, não só as roupas, o aspecto externo, a aparência: olhos que viam através de tudo aquilo, que sabiam tudo o que ocorria por baixo.

Naquela noite, depois de, no vestíbulo, terem sido entregues os chapéus e as capas dos convidados, Polly seguiu pelo corredor tilintando moedas no bolso do avental. Ao chegar à cozinha, pôs-se a passar as moedinhas de uma mão para a outra.

“Onde foi que conseguiu tudo isso? E quando?”, quis saber Sarah.

Polly balançou a cabeça. “Vocês todos acham que eu não passo de uma coitadinha, que só serve para acender o fogo e esvaziar penicos. Mas saibam que certas pessoas me consideram muito

competente para atendê-las, e me dão muito valor, por ser atenciosa, lhes servir o jantar e lhes entregar os chapéus.”

Sarah não estava em condições de julgar a situação do sr. Wickham, mas de uma coisa tinha certeza: não gostava dele. Não gostava nada das moedas que tilintavam no bolso de Polly nem, ocorreu-lhe, da maneira como ele descalçara a luva, aquela vez, para tocar na face bronzeada da menina. Mas não havia perigo nenhum naquilo, como poderia haver? Polly era apenas um fiapo de gente, uma potrinha desengonçada. Nem mesmo suas regras tinham começado. Ela não podia ser um objeto de interesse para ele, claro. Não nesse sentido.

James, por sua vez, viu os oficiais partirem, naquela noite, com o alívio de um condenado diante do adiamento da execução. Manteve-se nas sombras depois de trazer os cavalos e amarrá-los junto à escada de entrada. Os oficiais montaram e saíram a trote, com as moças acenando para eles. Eram cavalheiros garbosos e jovens, e com eles iam seus botões reluzentes, os cabelos bem penteados e a animação ruidosa que deixava Longbourn, levada noite afora, seguindo-os pela estrada escura até Meryton.

Não passavam de meninos, refletiu James. Apenas brincavam de soldados. E Wickham talvez fosse indolente e covarde o bastante para deixar que isso transparecesse — em breve ele encontraria atividades mais interessantes do que importunar a criadagem de Longbourn. Contudo, fosse lá o que James pensasse, nada o consolava: as coisas não tinham mais como ser a mesmas em Longbourn. Ele deixara sua máscara cair; seu outro eu havia se manifestado, e ele não podia deixar essa criatura à solta. Não ali.

*“Mas será que conseguimos convencê-la a voltar para a cidade conosco? Uma mudança de ares pode vir a calhar — e talvez simplesmente sair um pouco de casa seja o melhor a fazer.”*

Jane, é claro, podia viajar a Londres assim sem mais nem menos, pois isso não era uma coisa do outro mundo: podia ir e, tendo ido, podia voltar. Tinha uma carruagem para levá-la, parentes para protegê-la, a casa dos Gardiner, na rua Gracechurch, onde se hospedar e sua tia para acompanhá-la quando ela quisesse passear pela cidade, desfrutar o que ela lhe oferecia e ficar de olho atento, batendo perna, à procura do sr. Bingley.

Esta última ideia, Sarah sabia, era injusta da parte dela. Não devia negar a Jane o direito a ter prazeres simplesmente por eles lhe serem negados. Jane era boa e bela, e por isso merecia coisas boas e belas. Se a pessoa se mostrava amarga e ressentida — Sarah sorriu enquanto, de joelhos, esfregava grafite na grade da lareira da sala de desjejum, com os dedos cobertos de fuligem e o nariz coçando —, só ganhava amargura e ressentimento: talvez ganhasse James.

Passado o Natal, a casa esvaziou-se. Os Gardiner, com seu bando de pestinhas, e Jane foram embora. E Longbourn pareceu se distender, respirar aliviada.

O sr. Collins voltou para as vizinhanças, como a sra. Hill logo soube, embora não para Longbourn. Como o casamento se aproximava rapidamente, ele passou a morar em Lucas Lodge. Os sentimentos da sra. Hill com relação a isso foram contraditórios. Por um lado, perdia a possibilidade de impressioná-lo; por outro, seus esforços para lhe causar boa impressão a haviam deixado exausta — e um tanto desalentada, uma vez que não tinha uma ideia de seu grau de sucesso.

Consolava-a saber que em Lucas Lodge nada havia de especialmente deleitoso, a não ser as tortas de frutas de sua futura mulher, mas a sra. Hill não estava competindo com ela. Por isso, usando um pedaço de fustão cinzento de Norwich, começou a fazer para a srta. Lucas uma bolsinha que, em sua opinião, era muito adequada para a nova situação da moça como esposa de um clérigo. Deu-a à noiva por ocasião da visita de despedida de Charlotte a Longbourn naquela quarta-feira. A jovem a recebeu com a simpatia de sempre e mostrando um prazer genuíno. Não estava acima dessas pequenas gentilezas, e era provável que, no presbitério, não sobrasse muito para seus alfinetes. A bolsinha, pelo que cabia esperar, seria de grande serventia e, a cada momento, faria Charlotte

lembrar-se com afeição da sra. Hill e dos bons criados de Longbourn.

A srta. Lucas casou-se na quinta-feira, e da porta da igreja o casal partiu para Kent. A sra. Hill, Sarah e Polly postaram-se perto do portão coberto do cemitério contíguo, para se despedir do casal.

“A sra. Collins está linda”, disse Sarah, quando o casal subiu para a sege.

“Todas as noivas são lindas”, disse a sra. Hill. “Esse é o único dia em que toda mulher tem esse direito.”

“Como foi o dia de seu casamento, sra. Hill?”

“Foi um dia frio também”, ela respondeu. “Foi há muito tempo.”

A elas veio se juntar, quando os convidados se retiravam, a família Bennet, e todos caminharam juntos de volta à Casa Longbourn. Durante todo o percurso, a sra. Bennet repetiu que *desejava* que eles fossem felizes, embora seu tom de voz deixasse claro para a sra. Hill que os pensamentos dela dirigiam-se a suas próprias filhas, e não, na verdade, à sra. Collins, e que ela não estava nada confiante em suas esperanças.

Os votos de felicidade da sra. Hill, entretanto, eram ardorosos. Ao entrar na sege, a sra. Collins segurara sua bolsa nova no colo, o que era de bom augúrio. O casamento do sr. Collins com a srta. Lucas não era o pior resultado possível para a criadagem, de modo algum — ainda que Mary, a pobre Mary, caminhasse um pouco à frente dos demais e, assim que chegou, subisse logo para o piano e tocasse árias melancólicas a tarde toda.

“Ela é uma boa moça”, disse a sra. Hill, mais tarde, enquanto fazia um trabalho de agulha e sublinhando as palavras com um balançar de cabeça. “Eu sempre gostei da srta. Lucas, e acho que temos um pouco mais de segurança com esse casamento.”

Entretanto, aquela situação incomodava bastante Sarah. Era tudo muito arbitrário e fora do controle deles, como o tempo. Viver assim, inteiramente à mercê dos caprichos e das fantasias de outras pessoas, ela pensou, não era viver.

Naquela noite, galhos quebraram-se por causa da geada, o gelo engrossou meio palmo e os carneiros se amontoaram mais ainda na colina, e do rebanho subiu uma verdadeira nuvem de vapor. Sarah não conseguia dormir, e o relógio da igreja acabara de dar meia-noite. Sua respiração se condensava e o nariz estava frio. Nada quebrava o silêncio, salvo o ressonar de Polly e os arquejos brônquicos do sr. Hill do outro lado do patamar da escada.

No palheiro do estábulo, o gelo se insinuava na parte interna das janelas. O frio fazia o corpo de James doer e retesava os cordões cicatriciais em sua carne, o que o impossibilitava de dormir. A vela proporcionava apenas uma ilusão de calor, além de pouquíssima luz, e ainda havia o cheiro râncido de gordura velha de carneiro. Um leve calor animal subia dos cavalos lá embaixo, o que o impedia de congelar inteiramente. Com ele vinha o odor de estábulo: cheiro de pastagem, de excremento, de suor equino, quente e almiscarado.

Ele se acostumara a tudo isso. Fazia semanas que mal o notava. Agora, porém, os odores do lugar pareciam abrir caminho, à força, para a sua consciência. Estavam muito associados àquele lugar, e seus pensamentos tinham voado para muito longe dali.

Sentou-se na cama, ainda em mangas de camisa, com um cobertor nos ombros e um livro de mapas da Escócia no colo. Aquela forma de representar os elementos naturais era nova para ele: risquinhos ascendentes da pena indicando montanhas, arvorezinhas agrupadas simbolizando florestas, manchas azuis mostrando lagos. Ele queria mapas de outros lugares, queria mapas de lugares onde estivera, queria seguir caminhos em terrenos que seus pés tinham pisado. Se pudesse mostrar a Sarah... Mas não devia pensar em Sarah. Não podia se deixar ser atraído para ela de novo, permitir que ela se arriscasse daquele jeito. Sempre que Sarah entrava em seus pensamentos, ele soerguia a imagem dela e a punha de lado, voltando aos detalhes felizes do mapa. “Ah, veja, uma floresta”, pensava. “Ah, veja, esses rochedos.” E ali estava ela de novo, com o cabelo escapando da touca, caminhando depressa para ele com a testa franzida e um balde molhado... Não. Ele soergueu a imagem e a pôs de lado. Não devia pensar em Sarah.

Alisou o mapa, ajeitou o cobertor nos ombros de novo. Dumfries e Galloway. Fascinante.

Nesse momento, ouviu a porta da cozinha se abrir. Ele se imobilizou, escutando. Era ela, ele conhecia seu passo. O que ela poderia querer, do lado de fora, àquela hora da noite? Ele se levantou, foi até a janela e puxou a cortina ainda a tempo de ver seu vulto, borrado pelo gelo, passar lá embaixo. Ela entrou no estábulo.

Ele se desfez do cobertor, pegou o casaco, começou a vesti-lo, mas em seguida parou de se apressar, encolheu-se, os músculos travados. Acalmou-se. O cobertor estava jogado na cadeira. Ele o levantou, dobrou-o e o pôs nos pés da cama. Depois sentou-se na cama de novo, fingindo examinar o mapa.

E ela estava ali. Ali estava ela. Real como a vida e duas vezes mais aterrorizante. A cabeça morena, os ombros de passarinho, e depois o corpo, envolto naquele velho e coçado casaco azul que ficava junto da porta dos fundos e cuja cor combinava tão bem com sua pele. Ela subiu a escada o suficiente para sentar-se na beira do alçapão, com as pernas pendendo sobre o almíscar dos estábulos, e seu rosto doce e perturbador à luz da vela.

“Bom dia”, disse ela.

A boca de James tinha ficado seca. “O quê?”

“Bom dia.”

“Por quê...?”

Ela girou as pernas e se levantou. Estava sem meias e com os pés nus metidos na bota.

“Sarah...”

Ela caminhou em sua direção, pisando forte.

“Sarah...”

“Isso é um quadro?”

“É um mapa.”

“De onde?”

“Da Escócia.”

“Escócia?” Ela se debruçou para olhá-lo. “Ah, que bonito.”

Um cacho caiu sobre a testa dela. James viu de relance uma curva de pele no instante em que o casaco azul se abriu. Debaixo dele, ela vestia apenas uma combinação. Ele desviou o olhar, mas ela

estava tão perto que ele sentia seus cheiros. Do dia de trabalho, de sabão, de baunilha.

“Sarah.”

“Você já esteve lá?” Ela se sentou ao lado dele. “Na Escócia, quero dizer.”

“Não, mas... Sarah, por favor...”

Ela o estudou com seus olhos claros. “O que é?”

“Volte. Por favor. Volte para sua cama.”

Ela estava tão perto que seu quadril se comprimia contra o dele. Linho, lã, veludo, linho. De cada lado, a pulsação quente de cada um. James se levantou e se afastou, pondo distância entre os dois.

“Eu não posso...”, ele começou.

“Eu achei”, disse ela por cima das palavras dele, “que nós começamos mal. Então pensei: ‘Comece de novo’. Foi isso. Por isso estou aqui, começando de novo. Bom dia.”

“Sarah.”

“O quê?”

Ela continuava sentada na cama, olhando para ele.

“Sarah, eu não sei o que você espera. De mim. Mas isso”, e nesse ponto ele fez um gesto, indicando o quartinho, a vela solitária, o mapa emprestado, “isso não é apenas tudo o que eu tenho. É tudo o que eu, provavelmente, terei a vida toda. É o melhor que posso fazer.”

Ela deu de ombros. “Não tem importância.”

“Eu não tenho nada a lhe oferecer.”

“Por que você haveria de me oferecer alguma coisa?”

“Sarah, por favor...” Ele se virou para a janela e puxou a cortina, para não olhar para Sarah. Piscou os olhos para a escuridão além da vidraça embaçada pela geada. Havia todo um mundo lá fora, e uma infinidade de pessoas. Ingleses, franceses, turcos, indianos, americanos. Milhões e milhões de homens, e Sarah só conhecera um punhadinho deles. Ele não podia permitir que ela se conformasse — com ele, com aquilo.

“Volte”, ele repetiu sem se virar.

Seguiu-se um momento de silêncio e ele ouviu o baque de bota caindo no chão e o som de pés descalços nas tábuas. A mãozinha dela, quando pegou a dele, estava fria.

“Saia dessa janela”, disse ela.

A cortina caiu de volta na janela. Ele deixou que ela o afastasse da noite.

Ela ficou na ponta dos pés e encostou os lábios nos dele. Por um momento, James só a segurou pelos braços — era tão frágil em suas mãos —, mantendo-a ainda àquela pouca distância. Mas resistir era difícil demais: puxou-a para si, fez com que o corpo dela colasse no seu — todo ele, com os ossos, as carnes macias e o calor.

Ela sentiu a barba dele em sua pele, a curva do crânio em sua mão, a ponta de um dente quebrado em seus lábios. Ela sabia o que as aves faziam, e também as abelhas, os gatos, os carneiros e o gado, e ninguém os reprovava por isso. No caso de moças como ela e de homens como ele — ninguém olhava de cara feia para uma barriga crescida no altar. Ninguém se importava, contanto que fosse debaixo de brim barato, e não de seda.

James a empurrou, mas não a soltou de todo.

“Sarah, você não deve.”

Ela desabotoou o primeiro botão da camisa dele. “Não precisa se preocupar comigo.”

“É impossível, Sarah. Você tem de compreender que isso é impossível.”

Ela tirou o casaco dele pelos ombros, abriu, um a um, os minúsculos botões da camisa, séria e atenta. Ele precisava detê-la. Devia segurá-la pelos pulsos e detê-la. Mas nesse momento ela se aproximou mais, e logo seus lábios estavam nos ombros dele e seu hálito quente e as mãozinhas geladas estavam em sua pele. James tocou o cabelo dela, os lábios se abrindo para falar. Agora, enquanto ainda era tempo. Mas os dedos de Sarah resvalaram numa cicatriz — ele prendeu a respiração; aquela falta de sensação onde o nervo tinha sido cortado — e então já era tarde demais. A mão dela parou, depois roçou de novo na cicatriz e a acompanhou sobre o alto do ombro e mais um pouquinho nas costas. Ela se imobilizou. A palma de sua mão descansou de leve sobre a desordem real, terrível, de suas cicatrizes.

“Isto foi há muito tempo”, disse ele. Engoliu em seco. “Em outro país.”

Ela se afastou, olhando para ele com a testa franzida. Agora, a qualquer momento, a expressão dela expressaria repulsa. Ele lhe suplicaria que não falasse daquilo a ninguém. Ela seria gentil, sem dúvida, e iria embora. E ele teria de vê-la todos os dias. Viveria desassossegado, apreensivo. No entanto, a expressão dela não mudou, e tampouco ela disse uma palavra. Apenas empurrou a camisa para trás, fazendo-a escorregar pelos ombros. Iluminado pela vela, seminu, imóvel, ele se sentia quase incapaz de respirar. Em seguida, a mão deslizando sobre o ombro dele, ela o rodeou até postar-se atrás de James, sem afastar em nenhum instante a mão, que agora descansava no lugar onde a pele fora retalhada e se reconstituía.

A sensibilidade inflamava-se num ponto, porém mais adiante sobrevinha uma pausa, o nada, onde a sensação morreria. Era uma garganta sufocada, palavras claudicantes.

Ele precisava explicar. A origem daquilo. Tinha de pedir desculpas, tinha de implorar ser perdoado. E, em seguida, aceitar o silêncio e o caminho sem volta.

Mas os braços dela o cingiram, apertando-o pelo ventre e pelo peito, e ela descansou a face quente em suas costas feridas, e o apertou contra si.

*Tinha ela então apenas quinze anos,  
o que a isenta de culpa [...]*

Existe um tipo de conhecimento que não se expressa em palavras. Um entendimento físico pode surgir da proximidade, por vezes da intimidade, e também das repetições inumeráveis do trabalho e do lazer. Um corpo pode vir a conhecer outro corpo, prever suas necessidades e ações, sem recurso algum do pensamento consciente. No caso de Sarah, porém, esse conhecimento não se formou mediante acréscimos graduais. Ela foi arremessada de súbito a esse novo entendimento, liberada de si mesma, de seu corpo, em afinidade com o de James. Aquilo teve a firmeza avassaladora de uma revelação.

Da noite para o dia, as palavras tinham-se tornado moedinhas de valor ínfimo, dessas que só compravam fitas, botões, uma maçã ou um ovo.

E no decorrer das semanas e meses que se seguiram — quando ela se esgueirava da cama, deixando Polly dormindo, quando se lançava, como uma estrela-do-mar, pelo espaço extraordinário e cruzava, friorenta e descalça, o pátio para subir ao quarto dele; ou quando o encontrava na horta e o surpreendia com um beijo; ou quando apenas o via de relance ao longe, atravessando os campos com galhos caídos para rachar e produzir gravetos —, esse entendimento parecia suficiente, num grau absoluto e espantoso. Ela sabia agora, sem nenhuma reflexão consciente, o que significava estar viva no mundo e por que a permanência deles naquele lugar isolado valia muito a pena.

As mudanças do clima rumo à primavera, com o alongamento dos dias, a aparição dos primeiros pontos verdes de líliáceas e, logo, suas cabeças brancas a balançar ao vento de fevereiro, e, daí a pouco, cordeirinhos cambaleando pela campina: ela sabia de tudo isso também, adquirira uma afinidade com o mundo em transformação, com a função da primavera. Seu corpo fora até então uma besta de carga, puxando-a de um dia para outro; agora ela vivia neste mundo de forma diferente. Ele se tornara um reino de luxúria e deleite.

Sarah não fez perguntas sobre as cicatrizes. Elas pertenciam àquele reino de congruência, de indescritível lógica física: nada tinham a ver com palavras. O soldado açoitado até uma submissão sangrenta sob a chuva, o homem ferido e quente em seus braços: cada um explicava e justificava o

outro. Havia outra coisa de que também nunca falavam: ela sabia que ele tomava cuidado para não engravidá-la. Ela compreendia, sentia-se grata por isso e pelo prazer que ele, ainda assim, lhe proporcionava.

No entanto, é forçoso que chegue o momento em que a insuficiência desse entendimento se torna demasiado óbvia, em que as circunstâncias revelam o abismo entre duas pessoas, a enormidade dessa distância.

Como alcançara esse conhecimento havia pouco, Sarah ainda não suspeitava disso. Levava uma vida de sonhos com seu novo entendimento, embalada de felicidade, sem pensar além das polpas dos dedos e da ponta da língua.

James, porém, tinha melhor discernimento. Com os braços em torno de Sarah, cuja cabeça repousava em seu peito, ele sentia toda a extensão esguia do corpo dela, o subir e descer de sua respiração, bem como o filete salgado que escorria de suas próprias têmporas, e levantou a mão para enxugar a umidade. Sarah se mexeu. Ele alisou o cabelo dela, beijou sua testa. Aquilo era um belo desastre e não podia ser desfeito.

E Polly, resmungando na escuridão e dando com a cama fria e vazia a seu lado, sentou-se, pestanejando, e soube — mediante um entendimento físico imediato — exatamente aonde Sarah tinha ido.

O trabalho e os dias continuavam como sempre tinham sido. A sra. Bennet ainda ralhava e se afligia, a sra. Hill ainda perdia as estribeiras, Sarah ainda fazia a lavagem semanal da roupa com a pífia ajuda de Polly, punha de molho numa tina as toalhinhas mensais, o sr. Hill ainda cuspiam nos garfos para limpá-los e, do outro lado do pátio, os cavalos escarvavam, manoteavam ou relinchavam, quando James os preparava para puxar o arado ou, mais comumente, a carruagem para levar as moças em suas visitas matinais ou a chás vespertinos. Mas o trabalho agora era bom. Em essência, não mudara em nada, porém, ainda assim se transformara para Sarah.

Sarah levava cartas de Elizabeth à agência de correio em Meryton, endereçadas a Jane e à sra. Gardiner em Londres, e à sra. Collins em Kent, com moedas no bolso para pagar quaisquer cartas que ela devesse trazer na volta. Aqueles envelopes gorduchos guardavam com avareza seus segredos. Sarah analisava seus sobrescritos ao regressar para casa pela grama nova, revirava os envelopes nas mãos, levantava-os para cheirá-los, passando a ponta áspera do dedo nas bordas de seus lacres. Elas iam para onde queriam, aquelas cartas. Voavam de um lado para o outro como pássaros.

“Você não acha”, Elizabeth perguntou certa manhã a Sarah, que apertava para ela os laços do espartilho, “que os dias passam assim” — e ela estalou os dedos —, “ainda que na verdade nada aconteça?”

Sarah sorriu.

“Parece que o Natal aconteceu há apenas um instante, e já estamos em fevereiro, e antes que venhamos a nos dar conta já será março, e aonde foi parar janeiro?”

O que ela poderia dizer? Para Elizabeth, os dias tinham passado céleres, mas para Sarah haviam se dilatado, inflado e crescido além do que era possível, de maneira que cada vinco e cada moça neles, o perfume, a seda e o calor de suas horas, agora absorviam seus sentidos tão inteiramente que ela se

sentia atordoada pelo mundo, embebida nele, mais viva do que jamais estivera.

“Vou viajar para Kent em março”, disse Lizzy.

Sarah assentiu, ajustando os cordões. Deu um puxão final e fez um laço longo e apertado. Depois pegou a anágua e começou a passá-la pela cabeça de Elizabeth. A voz da moça saiu abafada pelas dobras da peça.

“Verdade seja dita, Sarah, não tenho tanta certeza disso.”

Depois de prender os colchetes da anágua, Sarah pegou o négligé arroxeadado de cima da cama e levantou-o para que Elizabeth enfiasse a cabeça e os braços nele. Ajeitou o decote e as costuras do ombro enquanto Elizabeth esticava direito as mangas. Quando acabasse aquilo, Sarah poderia ver James na cozinha ou passar por ele no corredor, quando ele fosse servir o desjejum da família.

Elizabeth prendeu, ela mesma, os punhos, enquanto Sarah cuidava dos botões de osso nas costas.

“Claro que será ótimo ver Jane. Mas seis semanas em Kent, com os Collins...”

Ela olhou para Sarah, que assentiu com a cabeça. Tinha acabado. Elizabeth foi à janela, deixando a camisola jogada no chão.

“Acho que não pode haver muito prazer nisso.”

Sarah pegou a camisola, sacudiu-a e a dobrou, ajustando-a em seguida sob o travesseiro. “Ainda precisa de mim para alguma coisa?”

“Não, Sarah, obrigada”, disse Elizabeth. “Por enquanto é só.”

Sarah fez uma medida e saiu. Fechou a porta do quarto, cruzou o patamar da escada e passou pela porta que levava à escada da criadagem. Desceu depressa e entrou no corredor, para ver se encontrava James.

Fazia frio no dia em que o sr. Wickham tomou a liberdade de entrar na cozinha, trazendo consigo uma rajada de vento e a fragrância de fumo. Até então, ele ficara à espreita nos umbrais. Agora, transpunha inteiramente o hiato entre um mundo e o outro, como se aquilo para ele simplesmente não existisse.

“Ah, aqui estamos. A cozinha!”

Polly surpreendeu-se, e o batedor caiu numa massa de claras de ovos. No fogão, a sra. Hill virou-se. Sarah interrompeu o que fazia, viu-o, e suas mãos também se imobilizaram no socador. Foi como se um pavão houvesse se juntado às galinhas e começasse a perambular pelo quintal com elas, bicando seus restos.

“Agora sim! O que estão fazendo? Biscoitos de amêndoas? Ótimo!”

“Creio que o senhor está perdido”, disse Sarah.

Com ar juvenil, o sr. Wickham passou a mão pelo cabelo cortado curto e sorriu. Sarah pensou: Ele sabe muito bem o que está fazendo. Sabe muito bem como se mostrar simpático.

Ele desviou os olhos de Sarah e dirigiu-se à sra. Hill. “Sabe, eu adoro uma cozinha. Por isso, resolvi vir ver a sua. E estou me deparando com um exemplo magnífico de cozinha.”

“Sr. Wickham, o senhor estaria mais à vontade na sala”, disse Sarah.

“As aparências enganam, minha cara.”

Ele se encostou na mesa, ao lado de Sarah. Ergueu as sobrancelhas para ela, mas, ao falar, dirigiu-

se outra vez à sra. Hill. “Meu pai foi um humilde mordomo, minha senhora, e passei a vida toda entrando e saindo de cozinhas, copas e despensas. A cozinha é o único lugar onde realmente me sinto à vontade.”

Recuperando-se um pouco, Polly pegou o batedor e voltou a bater as claras, embora seus olhos estivessem grandes como dois pires. Os olhos de Sarah estavam cravados nela. Desviando o olhar para o sr. Wickham, Sarah captou o momento em que ele piscou. Voltando-o para Polly, captou a expressão deliciada e tímida com que a menina reagiu. Aquele homem decerto procurava seduzir todo mundo. Aquilo mais parecia uma compulsão.

“As senhoras vão sentir sua falta”, disse Sarah.

“Ah, sim, as senhoras.” Ele contraiu os lábios, “as senhoras.”

O batedor de Polly continuou a produzir um tinido lento e pouco eficiente. Afastando-se da mesa, Wickham foi em direção à lareira. Refestelou-se na cadeira vazia do sr. Hill, com o ar de quem estivesse voltando para casa.

“Elas são tão cansativas, não é mesmo? As senhoras. Aquele *falatório*.”

Polly cobriu a boca com a mão, rindo.

Ele sorriu para a menina, o bigode erguendo-se nos cantos. “Prefiro, sem dúvida, estar à vontade aqui com vocês, belas moças.”

“Estamos trabalhando, senhor”, arriscou Sarah.

“Ah, esse o encanto das cozinhas, sabem? É disso que eu gosto, é a isso que estou acostumado.”

“Nesse caso, talvez o senhor queira nos fazer um favor, juntando-se a nós. Já que está aqui, pode nos ajudar.”

Até então a sra. Hill estivera lutando com um choque tão profundo que nem mesmo conseguira falar. Um convidado da casa havia entrado em sua cozinha e tinha até se sentado ali. Agora, porém, limpou a garganta.

“Vou buscar os nabos. Estão cheios de barro e vão ter de ser bem esfregados antes de ser descascados.”

O sr. Wickham olhou para a sra. Hill, depois para Sarah, para Polly e de novo para a sra. Hill. Um sorriso manhoso para a brincadeira delas.

“Mas onde estão minhas boas maneiras? Estou pensando só em mim mesmo, e não em meus anfitriões. Não de querer saber por onde ando.” Ele se levantou da cadeira e virou-se para Polly. “Posso contar com você para me acompanhar à sala, jovem senhorita? Não roubarei mais que um momento de seu trabalho.”

Sarah hesitou. Entretanto, ansiosa por livrar-se de Wickham, a sra. Hill fez um gesto com a cabeça para Polly. Era preciso restaurar a ordem correta do mundo.

“Por favor, Polly.”

Polly largou o batedor, enxugou as mãos e correu para a porta. Queria mesmo prestar aquele favor: afinal de contas, sr. Wickham dava boas gorjetas.

“Por aqui, senhor, vou levá-lo à sala.”

Momentos antes, James vira o sr. Wickham atravessar o pátio, sua túnica vermelha quase fulgindo

no dia cinzento. Obedeceu ao primeiro impulso e recuou para o estábulo, a fim de observá-lo sem ser visto. Viu Wickham esmagar o charuto na parede, alisar o bigode e o cabelo, ajeitar a túnica vermelha e, por fim, empurrar a porta da cozinha.

James engoliu o mal-estar. Era como se alguma coisa estivesse apodrecendo em sua barriga. Wickham se insinuava por toda parte, escoando pelas fendas, escorrendo pelo chão, e começava a dar a impressão de que estaria sempre ali e que faria com que as pessoas acabassem se acostumando com ele, como se habituassem à água que jorra de uma fonte.

Saindo de seu esconderijo, James caminhou em torno do pátio, mantendo-se fora do campo de visão da janela, até estar bem ao lado dela. Havia uma mancha vermelha na cadeira ao lado da lareira. James viu o oficial pôr-se de pé. Viu Polly cruzar a cozinha e segurar a porta para ele, viu o oficial atravessar o cômodo depressa e passar por ela. Sorrindo, a menina o seguiu e a porta se fechou.

James entrou na cozinha, batendo a porta com força. A sra. Hill sobressaltou-se. Sarah virou-se e sorriu, mas seu sorriso logo murchou.

“O que foi?”

“O que ele disse?”

“Nada...”

“O que ele fez?”

“Bem, ele entrou na minha cozinha...” Quem disse isso foi a sra. Hill. De Sarah ele só recebeu um leve meneio de cabeça — nada —, e procurou Polly com o olhar.

James imaginou o quadro: as mulheres interrompendo o que faziam devido à entrada repentina do oficial e fitando-o sem nada entender. Mas... onde estava Polly? Ele atravessou a cozinha em três passadas, abriu uma fresta na porta e olhou.

“O que foi?” Sarah se aproximou, enxugando as mãos, e olhando também.

Viram o sr. Wickham, em sua túnica vermelha, caminhando pelo corredor com Polly ao lado. Dando saltinhos para poder acompanhar os passos largos do oficial, a menina não parava de olhar para a figura imponente que agora estava sob seus cuidados. Esfregou o nariz com as costas da mão.

Juntos, Sarah e James viram Polly abrir a pesada porta da sala de estar. Juntos, escutaram as exclamações das senhoras, como um repique de sinos cristalinos, protestando contra o sumiço de Wickham por tanto tempo e pedindo-lhe explicações. Era como se, naquele momento, todas elas fossem Penélopes e ele o Ulisses que voltava.

Esforçando-se para fechar a porta pesada, Polly fez uma pequena mesura para Wickham quando ele passou por ela. A mão do oficial descansou por um momento no braço fino da menina.

“Obrigado, minha jovem senhorita.”

Depois disso, ele não foi mais visto, e Polly fechou a porta. Com um sorriso afetado, veio andando pelo corredor na direção da cozinha. James e Sarah se afastaram para que ela passasse. A porta se fechou, isolando-os do resto da casa.

Sarah notou que o sangue fugira inteiramente do rosto de James.

“O que foi?”, perguntou. “O que há de errado?”

Ele olhava para Polly, que pegara o batedor de ovos e mexia as claras com ele. Uma covinha se formara em sua face.

“É por causa de Wickham? James, o que está havendo? De que você suspeita?”

Ele balançou a cabeça e se virou. Contornou a ponta da mesa da cozinha e disparou para a área de serviço. Sem acabar de moer as amêndoas, Sarah o seguiu para a umidade fria do espaço externo. Ele tinha ido para a janela e estava parado ali, olhando para fora. Parecia muito acabrunhado. Ela procurou saber o que ele olhava. Lá fora, frangos esgaravavam o musgo entre as lajes do pátio, e nada mais ocorria além disso.

“James?”

Um músculo da boca se mexeu, mas ele manteve-se calado.

“James, o que foi?”

Ela tocou em seu braço. Ele olhou para a mão dela, depois para o rosto, seus olhos se encontraram, mas ela nada viu em sua expressão.

“O oficial já se foi”, disse Sarah, tentando acalmá-lo.

Ele pestanejou.

“Todas nós estamos bem.”

Passado um momento, ele aquiesceu.

“Você está bem?”

James respirou fundo, chegando a estremecer, e soltou o ar. Inclinou a cabeça, de modo a poder olhar além dela, para a luz quente da cozinha, e Sarah seguiu seu olhar. Polly passou pela porta com os dois braços em torno do alguidar de claras batidas.

Dirigindo a Sarah um ligeiro sorriso, James afastou-se da janela e voltou a seu trabalho.

[...] *uma pequena mudança de ares seria bem-vinda por si só.*

Março chegou, trazendo uma suave sugestão de primavera na brisa, lama grossa nas estradas e uma magnífica erupção de crocos violáceos e dourados no chão do pomar, plantados quando a sra. Bennet era uma jovem noiva, confiante em sua futura felicidade. Era o mês em que Elizabeth viajaria.

Ela iria a Kent, onde nunca estivera, e no caminho passaria por Londres, onde já fora várias vezes, hospedando-se com os Gardiner, seu tio e sua tia, e aonde, por fim, Elizabeth decidiu levar Sarah.

“Falei com sir William e mencionei a questão numa carta à sra. Collins, e nenhum deles fez objeção alguma à minha intenção. Na verdade, a sra. Collins ficou aliviada, porque, além da governanta e de um criado, ela só dispõe de uma menina, que faz a limpeza. Ela chegou a dizer, numa carta, que estava apreensiva, sem saber como iriam se arranjar, principalmente com a lavagem de roupa, se não levássemos nossa própria criada, ao mesmo tempo que não queria privar minha mãe de sua ajuda, Sarah, e todo mundo sabe que os Lucas não podem mesmo ceder ninguém, mesmo porque perderam a ajuda de Charlotte na cozinha.”

Sarah pôs o baú no chão, limpou as mãos empoeiradas no avental e esperou, pois ainda não tivera o prazer de entender bem o que sua jovem ama pretendia.

“Mas como vamos viajar na sege dos Lucas”, continuou Elizabeth, virando um livro para examinar-lhe a lombada e passando-o depois a Sarah, que o recebeu sem nada dizer, nem olhá-lo, e meteu-o no bolso do avental, “vamos viajar muito apertadas, portanto não leve muita coisa, apenas uma malinha ou aquela sua velha caixa, se assim preferir. Acho que se você quiser levar algumas coisas pequenas, elas podem caber num canto do meu baú, que irá pela diligência.”

“Eu irei também?”

Elizabeth sorriu. “Ah, eu não disse? Não é bem o imenso mundo, Sarah, mas por ora é o melhor que posso fazer por você. Vamos por Londres e teremos de passar uma noite lá, e a mesma coisa vai acontecer na volta, e isso deverá ser interessante. Pelo menos será uma mudança de ambiente.”

Sarah sentou-se no baú, e teve de tirar o livro do bolso, pois ele lhe feria a coxa. Londres. Kent. Aquilo tinha de acontecer logo agora, quando não lhe trazia prazer nenhum? Era como se Elizabeth

houvesse dito “Vamos fazer mais uma de nossas viagens, e você pode vir também, mas terá de deixar a perna em casa.”

“Eles moram perto do mar, os Collins?”

“Não. Mas acho que eles estão mais perto do mar do que nós aqui. Você vai ter que viajar no assento adicional, na traseira, portanto deve se proteger bem e rezar para que faça bom tempo.”

Sarah assentiu. Olhou para o livro em suas mãos. Era *Pâmela*, volume 2.

“Não gostou do meu pequeno projeto?”

Sarah ergueu os olhos. Elizabeth parecia perplexa e um tanto magoada. “Ah, gostei, de verdade. É que fiquei surpresa, ao saber disso agora, de forma tão repentina.”

“Eu não tinha certeza, até receber a carta da sra. Collins. Achei que você ficaria contente.”

“E fiquei mesmo. Obrigada.”

Elizabeth aquiesceu, murmurou sua aprovação e voltou a seus livros. Sarah observou-a por um momento, de cabeça baixa e pensativa, decidindo quais livros deveria levar e quais deveriam ficar. Sarah se perguntou como seria viver assim — levar a vida como uma contradança, em que tudo é bonito, gracioso e ordenado, em que cada volteio está predeterminado e o pé não pode pisar em lugar errado. Aquilo não tinha nenhuma semelhança com o trabalho pesado de Sarah, chovesse ou fizesse sol, quer o vento uivasse ou se mostrasse tempestuoso, quer as flores se abrissem nas cercas vivas e o sol despontasse de repente.

Março é um mês terrível para a limpeza de botas, pior ainda que o meio do inverno. Em março, os cavalheiros e as damas põem-se a farejar o ar como coelhos e concluem que o tempo está bom o bastante para uma caminhada matutina. Mesmo depois do jantar, pode-se dar um passeio pelo parque. Pés bem calçados deslizam, descuidados, na lama e no lodo, quando seus donos tentam observar melhor um canteiro de pálidos narcisos silvestres, de cravos-de-defunto, de copos-de-leite ou de violetas que voltam seus rostinhos perfeitos para o sol de primavera.

James alinhara as botas dos Bennet, dispondo os sete pares em ordem decrescente de tamanho. Com uma escova, tirara a lama seca de um par pequeno e agora esfregava o couro, passando um trapo no pote de graxa, uma mistura de óleo e sebo, e esfregando-o na gáspea, na biqueira, no contraforte externo, e lustrando com outro trapo. Assobiava, absorvido no trabalho. Sarah sentou-se a seu lado. Ele não se virou, mas os cantos de seus olhos se vincaram, e ela já sabia que era assim que James às vezes sorria.

“A graxa está quase acabando”, ela observou.

Ele concordou com um gesto de cabeça.

“Quando eu tiver tempo, vou fazer um pouco mais. Sabe aquela ovelha velha que morreu ontem? Vai ser fervida para fazer sebo.

Sarah pegou um dos pés da bota de Elizabeth, delicada e muito bonita, mas toda coberta de lama. As botas de Elizabeth eram sempre as piores. Sarah retirou torrões com o polegar, afastou flocos de barro seco, revirando a bota nas mãos.

“Você não precisa fazer isso.”

“Antes de você chegar, eu é que cuidava de todas elas.”

Os olhos de James se vincaram de novo, e ele recomeçou seu assobio baixo, cheio de sopros e familiar.

“Você sabe que ela vai viajar?”, perguntou Sarah.

“A srta. Elizabeth? Sei.”

“Ela disse que eu posso ir também.”

“Ah, é?”

“Disse que vamos a Londres e depois a Kent.”

Primeiro James nada disse, mas logo assentiu com a cabeça. “Acho que você vai gostar. É bom você abrir as asas um pouco. Vai lhe fazer bem.”

Inclinou a botinha nas mãos, examinando a biqueira, os botõezinhos, a curva delicada da gáspea. O couro marrom exibia agora um lustro fosco, como o de um velho castanheiro-da-índia.

“Mas sabe...”, disse Sarah. “Devem ser seis semanas. Mais ou menos.”

James virou-se para ela e sorriu. “Ainda estarei aqui quando você voltar.”

\* \* \*

Sir William e Maria Lucas pegaram as duas em sua sege no dia marcado, de manhã cedo — tão cedo que o galo, no telhado do galinheiro, ainda anunciava o novo dia. O grupo percorreria os cerca de quarenta quilômetros até a rua Gracechurch naquela manhã, pernoitaria ali e estaria com os Collins no dia seguinte.

Oculto pela capota azul de couro, James instalou Sarah no assento suplementar na traseira da sege, segurando-a pela cintura. Não era propriamente um assento, e sim a plataforma onde um laçao poderia ficar de pé e na qual iam atadas, a seu lado, as bolsas dos viajantes. Seus pés pendiam no ar, sem apoio. Sarah prendeu a touca no lugar e firmou a peliça sob as coxas, para que a bainha não esvoaçasse e se prendesse em alguma coisa. James lançou um olhar para o céu.

“Acho que vai fazer bom tempo.”

“É.”

“E não vão passar pela parte mais enlameada.”

“Vou estar bem.”

James passou uma correia de bagagem por trás do montante e afivelou-a com firmeza na cintura de Sarah. Teve de se aproximar bem dela para fazer isso. O cheiro dele — de couro, cavalo, feno — e o ângulo de seu queixo viajariam com Sarah em sua lembrança.

“Londres não fica longe”, disse ele.

“Eu sei. Você me disse.”

“Desculpe. Eu sou insuportável.”

Ela negou com a cabeça. Depois a inclinou e sorriu. Talvez. Um pouquinho.

“Vocês estarão lá ao meio-dia.”

Tocou no rosto dela com a ponta áspera de um dedo. Em seguida, afastou-se, sem expressão, evitando a sra. Bennet, atarefada em torno da carruagem, dando instruções supérfluas, fazendo sua segunda filha, que esperava ser ajudada a subir na sege, corar de irritação.

A sra. Bennet dissera à sra. Hill que estava conformada com o casamento do sr. Collins com

Charlotte Lucas, mas o quadro que tinha agora diante dos olhos era nada menos que intolerável para ela: o pai orgulhoso e a irmã mais nova partindo para visitar os recém-casados, com uma de suas próprias filhas no papel de amiga solteirona. Para ela, as maneiras afáveis de sir William eram particularmente provocadoras. Quando ele fez uma mesura em sua direção, do interior da sege, com um comentário favorável sobre o tempo, ela se recusou a considerar sua previsão agradável.

“Acho que a estrada para Londres estará cheia de lama depois de toda essa chuva.”

“Ah, que importa um pouco de lama se vamos numa segezinha confortável e bons amigos nos esperam ao fim da viagem?” Ele fez um gesto, como se afastasse as apreensões dela. “Vamos cuidar bem de Lizzy, não se preocupe.”

A sra. Bennet só pôde assentir com a cabeça e agradecer-lhe, indo juntar-se ao resto da família na escada.

“Se você tivesse insistido com Lizzy para que se casasse com o sr. Collins”, a sra. Bennet sussurrou ao marido, “*eu* é que estaria nessa sege indo visitar *minha* filha.”

“Se Lizzy tivesse se casado com o sr. Collins, duvido muito que sir William a levasse a Kent, por melhor vizinho que ele seja.”

“Você sente prazer em me entender mal de propósito.”

O tendão estremeceu na têmpora do sr. Bennet e ele fechou a cara. A sra. Bennet adivinhou o que viria antes mesmo que ele o dissesse. As palavras foram duras.

“Acredite no que eu lhe digo, querida, não há nem um pingão de prazer nisso.”

A sra. Bennet corou e começou a protestar contra a indelicadeza dele. O alarde que ela fazia era tão inevitável quanto a própria indelicadeza.

A sra. Hill pôs-se ao lado dela, oferecendo-lhe o braço. “Madame.”

A sra. Bennet olhou para a governanta, piscando, constrangida. “Obrigada, sra. Hill.”

A sra. Hill assentiu. Manteve os olhos fixos na sege, evitando olhar para o sr. Bennet.

“Lá vai ela”, disse a sra. Bennet à governanta. “Minha menina. Bem, eu só espero que ela seja feliz.”

E, dizendo isso, se virou. As duas subiram juntas a escada, com a sra. Bennet continuando a se queixar e a sra. Hill fazendo o possível para apaziguá-la com banalidades consoladoras, ainda que, no fundo, compartilhasse seus sentimentos: era melhor Elizabeth ser feliz. Se o destino de Elizabeth não fosse ela ser feliz, então deveria ter se casado com o sr. Collins para ficar em segurança.

Sarah começava a ver alguma coisa do imenso mundo. Via-o em retrocesso, afastando-se de onde ela estava sentada, com os pés no ar e sendo sacudida a cada sulco, a cada buraco na estrada.

Longbourn encolhia-se. Arbustos e árvores começaram a cobrir a casa, que daí a pouco, depois de uma curva, sumiu de todo. Logo chegaram à encruzilhada. Viraram, seguiram aos solavancos, e não tardou para que a bifurcação também se perdesse de vista. Apareceu o toco de árvore, que ficou para trás, encolhendo, encolhendo, até sumir. Chegaram a Meryton pela estrada com pedágio e cruzaram a cidade, passando pela confeitaria e pelas Salas de Reunião, pelo armário e pela pousada na esquina. A filha do merceiro estava na rua com uma cesta, fazendo as entregas. Ao ver Sarah na traseira da sege, acenou e sorriu, e Sarah acenou de volta, alvoroçada. Logo depois já tinham deixado

para trás o lugarejo, passando por um campo de ordem unida onde os soldados, escarlates contra o fundo verde, marchavam, paravam, giravam e permaneciam imóveis como paus, enquanto um oficial gritava instruções. Chegando a uma nova estrada com pedágio, ela ouviu uma moeda ser atirada ao atendente e o ranger da cancela. Seguiram em frente, com as molas da sege reclamando. Balançando na plataforma traseira, Sarah logo se viu além de qualquer lugar que ela conhecesse.

O chão passava, indistinto, entre as rodas que zumbiam, o céu era de um azul pálido e claro, e do interior da sege vinham as vozes dos passageiros mais bem acomodados. Ao transporem um ribeirão preguiçoso, coberto de juncos, sir William exclamou: “O poderoso Tâmissa!”.

Passaram por sebes altas, por aldeias dispostas ao longo da estrada como contas num fio. Atravessaram lavouras de agrião, que exalavam um leve odor de verdura picante e pelos quais corriam riachos de água leitosa. Passaram por granjas hortícolas, cujos canteiros elevados estavam cobertos de palha. As lavouras logo se tornaram menores, mais subdivididas, as granjas mais próximas umas das outras, com barracos e puxadas feitos de sarrafos e madeira bruta. Diminuíram a velocidade ao encontrar um bando de gansos que batiam as asas e grasnavam na beira gramada da estrada, tangidos para ali por uma mocinha que, debaixo de um chapéu de abas larga, gritava com eles e lhes batia com uma vara. Depois que a sege passou, ela ficou olhando para Sarah. Tinha o rosto vermelho e escrofuloso. Vadearam um ribeiro, onde as rodas da sege espirraram água para o alto. Dos campos vinha o cheiro de esterco, e as reses não se mexiam, como se fossem recortes de lata pintados. Daí a pouco a estrada começou a descer, e mais tráfego surgiu: carroções lentíssimos, cabriolés e caleças barulhentas, além de uma mala-posta veloz. Casas surgiram e o ar se tornou enfumaçado e sujo. Logo estavam em pleno ambiente urbano, chacoalhando em cima do calçamento de pedras arredondadas, e Sarah olhou para cima, boquiaberta diante de prédios que se agigantavam acima dela como penhascos que fitassem uns aos outros de ambos os lados de uma torrente. A torrente era o tráfego, e ela mesma fazia parte dele, desse enorme tráfego de Londres que diminuía aqui, crescia ali, feito de cabriolés, carros de mão, tílburis e pessoas, a variedade sem fim de pessoas: peixeiras em grupos estridentes e malcheirosos; moleques de recados com gorros vistosos e olhares atrevidos; um mendigo com um andrajo imundo, que um dia fora uma túnica vermelha, disparava pela rua, impulsionando-se com cotos de pernas e, em seguida, com os punhos, os cotos primeiro, os punhos depois; uma leiteira levava, pendurados num pau, dois baldes com um leite cinza-azulado, repulsivo, que ia se derramando na rua, deixava natas no interior dos baldes e era em tudo diferente do leite que ela conhecia. Excrementos de cavalgaduras cobriam as ruas, havia um gosto de fuligem no ar, além de um cheiro de cloacas, verduras podres e peixe. Isso sem falar no barulho: o ruído de rodas revestidas de aros de ferro e dos cascos ferrados de alimárias, berros de verdureiros ambulantes, estivadores, vendedores de comida e cocheiros, as multidões a se acotovelarem. Os cavalos do coche que seguia atrás da sege balançavam a cabeça no mesmo ritmo de Sarah. De repente, um rapazote sujo meteu-se entre as duas carruagens e se aproximou dela. Sarah pensou que ele iria lhe dizer alguma coisa, mas o que ele fez foi levar a mão a suas saias, levantando-as. Em seguida, passou a mão na barra da meia e meteu-a entre suas coxas. Ela se encolheu, dando-lhe chutes e puxando as saias para baixo. O rapaz recuou, rindo, com um buraco negro no lugar dos dentes da frente. Sumiu com a mesma rapidez com que aparecera, deixando-a trêmula.

E pensar que um dia lhe parecera ser uma boa ideia ir para lá sozinha.

A sege virou na rua Gracechurch e, depois de uns noventa metros daquele calçamento de pedras arredondadas, sir William mandou parar os cavalos. Sarah ergueu os olhos para uma bela casa, alta e de fachada lisa. Os degraus da escada de entrada tinham sido esfregados e estavam muito brancos, e ela pensou com simpatia em Martha, a criada dos Gardiner, que lhe parecera propositalmente ociosa no Natal. Como suas mãos deviam ter sofrido com o sabão, como seus ombros deviam ter doído com a esfregação necessária para tornar a pedra tão branca assim no meio de toda aquela sujeira! Sarah abriu a fivela, soltou a correia, deixou-se deslizar de seu assento e só então percebeu que suas pernas estavam dormentes.

Lá em cima, viu Jane a uma janela. Parecia pálida e espectral por trás da vidraça. Sarah ergueu a mão para saudá-la, mas neste exato momento Jane recuou para as sombras, e daí a pouco ela, a sra. Gardiner e as crianças desciam pelos degraus branquíssimos para recebê-los.

Sir William, Maria e Elizabeth desceram da sege um tanto entorpecidos pela viagem. Sarah, com as coxas formigando, começou a soltar a bagagem de mão. Entregou as malas a um lacaios, que as levou para dentro. A sege e o cavalo foram deixados aos cuidados de outro lacaios, que conduziu o animal por um arco, em direção às estrebarias. Sarah subiu os degraus imaculados, agora marcados por pegadas, e se deteve no vestíbulo sombrio, à espera de que a notassem e lhe dissessem o que fazer.

A casa era alta e comprida, sem nada nas laterais. As janelas, lustrosas, tinham vidraças grandes; nos fundos, davam para um muro simples de tijolos e, na frente, para a casa fronteira, no outro lado da rua. Instruída por Martha, que se mostrou contente ao vê-la, Sarah subiu, subiu e subiu para o sótão dos criados, onde depôs sua caixa de madeira no chão, ao lado do catre ali colocado para ela. Olhou pela janela: telhados fuliginosos. Algumas árvores jovens agrupavam-se, acanhadas, numa praça. Mais além, viam-se a mastreação e o cordame de navios no cais. E logo ela teve de descer correndo todos aqueles degraus de novo: iam sair.

Elizabeth ia fazer compras com a tia e convidara Sarah para ir junto. Não havia nenhuma tarefa destinada a ela, como desfazer a bagagem, por exemplo, já que no dia seguinte partiriam de novo. Sarah instalou-se na boleia com o cocheiro, que falava o incompreensível dialeto londrino e insistia em lhe mostrar coisas: marcos históricos, ela supôs, e pontos de especial interesse. Para agradá-lo, ela olhava na direção apontada e assentia a tudo que ele dizia.

Seguiram devagar pelo tráfego denso das ruas comerciais, porém mais adiante, nas partes mais tranquilas da cidade, rodaram depressa pelas ruas, percorrendo dois lados de uma praça projetada como um jardim formal e, em seguida, descrevendo uma meia-lua num ponto em que as fachadas brancas das casas lembravam o semicírculo de uma dentadura. No fim dessa meia-lua, o trabalho estava inacabado. Em vez de uma casa, havia um terreno vazio, com os buracos das fundações e a fossa já cavados.

Viraram para uma ampla avenida, onde o cocheiro parou os cavalos. A carruagem esperou enquanto elas entravam nas lojas.

Sarah seguiu Elizabeth e a tia por uma arcada, depois por outra, entrando e saindo de lojas com

pilhas altas de tecidos coloridos, papéis de parede e tapetes enrolados. A sra. Gardiner pretendia redecorar em breve a sala de visitas e pedia a opinião de Elizabeth na escolha de desenhos e cores. Não demorou muito e Sarah já carregava caixas de papelão, embrulhos e rolos de amostras de papéis de parede. Já tinha visto tudo isso antes. Havia até sonhado com isso. Estava tudo muito bem, mas não tão bonito como no sonho, e os pacotes deslizavam e se soltavam de suas mãos, e uma caixa a machucava em um dos lados de seu corpo. Como uma pessoa podia precisar tanto de tudo aquilo? E como admitir que um papel de parede fosse tão lindo e vitalmente necessário, enquanto outro não prestava para nada, ou que tudo aquilo fosse muito importante? Teria mesmo alguma importância?

Voltaram para a carruagem e rodaram um pouco mais, até outra rua de casas brancas, onde a sra. Gardiner desceu para que seus dentes fossem limados. Já tinha feito isso antes, mas o processo precisava ser repetido. Elizabeth declinou do convite para que seus dentes também fossem examinados. Ficou esperando na carruagem, diante do estabelecimento do sr. Spence, com Sarah e o cocheiro. Ela perguntou a Sarah o que estava achando de Londres.

“Não é como eu imaginei.”

“E como você imaginava a cidade?”

Sarah balançou a cabeça. O real agora se superpunha à imagem que ela construía, e a enevoava. “Não sei mais dizer.”

Do coche, viam pessoas elegantes subirem, animadas, os degraus luzidios, passar pelas placas polidas de latão e cruzarem a porta azul trabalhada. E as viam sair, vacilantes, com lenços ensanguentados contra o rosto.

“Acho que tomei a decisão certa”, disse Elizabeth.

“Com toda certeza.”

A decisão de Elizabeth foi confirmada pelo aspecto sofrido de sua tia, que saiu do consultório do sr. Spence com os lábios inchados, pois todos os seus dentes inferiores da frente tinham sido bastante reduzidos.

Seguiu-se o jantar, durante o qual a sra. Gardiner nada pôde comer, e Jane só beliscou a comida, enquanto Sarah fazia a refeição com estranhos na salinha minúscula dos criados, lutando para não bocejar. Terminado o jantar, a família foi para o teatro em seu coche, Martha pôs as crianças para dormir, a casa afrouxou o colarinho coletivo e rendeu-se à fadiga.

Londres. O coração congestionado da cidade. Onde havia danças de ursos, patuscadas de mendigos e fogos de artifício capazes de assustar um soldado. Sarah deitou-se no catre e puxou os cobertores até o queixo. Martha soprou a vela e o sótão escureceu.

Sarah enroscou-se de lado. O colchão era fino, recheado de cabelo velho, e através dele ela sentia a rigidez do estrado de madeira no quadril e no ombro. Apesar do cansaço, não conseguia dormir por causa do barulho — de sua mera intensidade, criada por camadas sonoras superpostas —, dos cabriolés sacolejando na rua em frente, das carroças se arrastando rumo ao porto, de um cão latindo, de gatos brigando ou se acasalando nos becos, de um relógio, outro relógio, um terceiro ainda mais distante, todos batendo cada hora da noite, na escuridão, enquanto a criada dos Gardiner ressonava em sua cama e Sarah se contorcia, se virava e se encolhia, agasalhada por cobertores com cheiro de outra pessoa.

Kent era um condado amplo e verde. Havia plantações de lúpulo, e também de lavanda, que naquela época mostrava-se cinzenta, mas que meses depois arroxearia os campos. Os celeiros eram construídos sobre baldrames de pedra, como explicou sir William, a fim de manter os ratos distantes. Ele era um manancial de informações, que transmitia liberalmente a suas jovens pupilas na sege. Sarah escutava tudo através da cobertura fina da capota.

No posto de pedágio, o sotaque do atendente era tão estranho que sir William só foi compreendido falando alto e devagar, além de fazer gestos largos, o que sacudiu a sege nas molas. Terminada a transação, sir William mandou o cocheiro seguir e comentou que a marca de uma verdadeira educação estava em se fazer entender pelas camadas inferiores aonde quer que fosse, e que, por sorte, ele tinha jeito para aquilo. Antevendo, por assim dizer, qual seria a reação a essas palavras, Sarah viu o atendente cuspir no chão e dizer alguma coisa que ela não ouviu, mas cujo sentido estava perfeitamente claro, muito embora ela não gozasse do benefício de nenhum nível de educação.

Surgiu então a cerca de ripas de um parque, na qual ela viu o trucidar de um tordo, que abria o bico como se fosse um jarro a verter música. Daí a minutos, desceram para a vila, passando por simpáticas casinhas de beirais baixos e por canteiros preparados para o plantio de primavera. A sege parou diante de uma casa harmoniosa e agradável, que teria um terço do tamanho de Longbourn, com uma cerca verde, loureiros e um jardim que descia para a rua da vila, e quase no mesmo instante o sr. e a sra. Collins saíram para recebê-los.

Depois que o grupo entrou pelo portão, Sarah os seguiu com as bolsas. Na porta, o sr. Collins afastou-se para que ela passasse.

“Bem, bem...” Ele buscou na memória, mas não se lembrou do nome dela. “Minha filha.”

A governanta do presbitério de Hunsford parecia um moscardo no ouvido de Sarah, zumbindo, zumbindo e sempre ameaçando picar. Cada tarefa, por menor que fosse, tinha de ser acompanhada, e os resultados, vistoriados. Tudo devia ser realizado à perfeição — ou melhor ainda que isso. Ela se abaixava para examinar de perto a extensão de uma mesa polida; inclinando a cabeça como uma galinha, inspecionava o interior de panelas areadas; levantava copos e taças para vê-los contra a luz. Em consequência, a criada dos Collins era uma mocinha tímida, acoelhada, sempre assustada. Naquela primeira tarde, Sarah tentou conversar com ela na área de serviço, para onde tinham sido mandadas a fim de limpar objetos de cobre e de latão. A moça olhou para Sarah boquiaberta, com um trapo numa mão e uma xícara de pasta de sal com vinagre e farinha de trigo na outra. Logo, ao se dar conta de que tinha parado de trabalhar, ela como que voltou à vida com um estremecimento e pôs-se a polir o samovar como se quisesse abrir um buraco nele. Séria, Sarah pegou um pouco da pasta e continuou trabalhando, sem mais incomodar a moça. Contudo, não conseguia entender todo aquele nervosismo: a sra. Collins era uma pessoa judiciosa e o sr. Collins se satisfazia com qualquer coisa, de maneira que ela não atinava com o motivo pelo qual a criadagem de Hunsford pisava em ovos daquele jeito. Seria de imaginar que trabalhavam para os mais despóticos dos patrões.

Deu-se então que, certa manhã, lady Catherine de Bourgh chegou de visita. A *protetora do patrão*, murmurou a criada, de olhos arregalados. Fez uma mesura profunda. Sarah fez o mesmo, seguindo, de olhos baixos, a vagarosa passagem da grande dama, que examinou cada uma delas de alto a baixo.

Lady Catherine vasculhou o presbitério. Subiu escadas e abriu armários. Ergueu um vaso do aparador da lareira para ver se ele deixava alguma marca que revelasse a presença de uma poeira fina demais para ser percebida. Olhou e pegou o trabalho de bordado da sra. Collins, comentando que na verdade ela deveria concentrar-se em bordados em tela, sem perder tempo com aquela bobagem que era o ponto cheio. Dignou-se então a aceitar um chá, e a cozinha entrou em polvorosa. O chá fora considerado demasiado forte na última ocasião em que lady Catherine o tomou, e os criados tinham sido acusados de esbanjar as folhas.

Dessa vez, a infusão não foi alvo de comentários de lady Catherine, o que levou a ansiosa governanta a dar um suspiro de alívio e depois enrubescer por ter suspirado. No entanto, todos ouviram a opinião de lady Catherine sobre o estado da toalha da bandeja, o que levou a criada encolher-se ainda mais e ir procurar o que fazer em outro lugar, de modo a não ser encontrada até que uma parte do acesso de vergonha e fúria houvesse se esvaído: “Se sua criada não é capaz de remover uma mancha simples como essa, você realmente deve substituí-la”.

Depois de duas semanas, não muito tempo após a volta de sir William para Lucas Lodge, eles mataram uma porca. De braços cruzados, o sr. Collins ficou olhando o animal se debater, guinchar e sangrar, agitando-se, até silenciar e se imobilizar.

“É um bom porco esse berkshire. Era. Creio mesmo que seja o melhor do condado. Bom e gordo.”

Sarah levou o balde com sangue à cozinha, para onde a porca também foi carregada, de pés para cima, a fim de ser carneada. Como era um trabalho pesado, o criado desmembrou o animal; a governanta retirou a banha, que foi posta numa tina. Cutucou-a com o pé.

“Pode cuidar disso para nós, srta. Sarah?”

Sarah pestanejou.

“Sabe como se faz sabão, não é? Existe sabão em Hertfordshire?”

“Onde está a lixívia?”

“Onde se esperaria que estivesse.”

Na área de serviço do presbitério, Sarah usou uma xícara lascada para medir a quantidade de lixívia a ser misturada com água. Acendeu o fogo sob o tacho de cobre e pôs a banha para derreter. Quando o tacho ferveu e borbulhou, o cheiro de porco diminuiu um pouco — ou talvez ela apenas tivesse se acostumado a ele, pois passado algum tempo o cheiro já não lembrava tanto o do jantar de domingo. Depois de verter a gordura líquida, Sarah pegou um ramo de lavanda e meteu-o no bolso do avental. Nos muitos anos em que vinha ajudando a sra. Hill, ela nunca deixava de se espantar com o fato de o processo de fabricação do sabão, que servia para limpar as coisas, ser tão asqueroso. Desfolhou a lavanda seca e jogou os brotos no caldo grosso que começava a coalhar.

O sabão foi derramado na fôrma, ela foi enrolada em panos e escondida no armário, onde o processo prosseguiria por si só. Sarah saiu para o pátio, piscando. Um cavalo baio esfregou o pescoço na parte superior da porta do estábulo. Por cima do telhado, ela avistava as copas dos plátanos, além de uma ave branca que voava no azul. Ficou a contemplar a ave, que se distanciava sobre a ampla colcha de retalhos dos campos, bosques e florestas — e para além de tudo isso, o mar.

O mar. Elizabeth dissera que estavam mais perto do mar ali. Seria possível ela ter, dali, um

vislumbre do mar? De que adiantava estar em Kent, se tudo o que lhe era dado ver se limitava às entranhas de uma porca e ao presbitério?

Sarah tirou o avental e atravessou o portão dos fundos. Descendo, sem fôlego, a rua da aldeia, passou por galos que ciscavam o chão e por roseiras desfolhadas num jardim. Uma mulher, saída de um chalé, cruzou os braços e a fitou.

As sebes eram altas e tinham brotos verdes. Sarah subiu numa cerca para tentar ver mais longe. Viu um campo argiloso e arado, onde já apontavam plantinhas. Aqui e ali, espalhados pelos campos, havia fios de fumaça, agulhas de igrejas, celeiros cobertos por telhas de barro cozido, além de camada após camada de vegetação verde que se perdiam na distância. Mas não viu o mar.

E tudo era muito parecido com Hertfordshire. Ali, entretanto, não havia sinal das associações que tinham feito de Hertfordshire o centro do mundo.

No presbitério, a governanta se achava junto do portão dos fundos, com os punhos metidos na cintura descarnada.

“Como o sabão já estava pronto, eu...”

Uma bofetada na cabeça a calou e ela foi empurrada para o pátio.

Aquela era uma casa de respeito! O que as pessoas haveriam de pensar! Pior, o que haveriam de dizer? Mais importante ainda, o que lady Catherine haveria de pensar e de dizer quando soubesse? Vadiando pelos campos como uma mulher da vida!

Sarah bufou de raiva — a governanta não podia bater nela. Não tinha poder sobre ela para isso. E como se atrevia a xingá-la? Mas a mulher não quis ouvir nenhuma argumentação. Levou Sarah para a cozinha, ainda a repreendendo, pois lady Catherine *fatalmente* descobriria, e Sarah não podia imaginar que alguém haveria de se interpor entre ela, uma criada, e a plena força da desaprovação de lady Catherine.

A campainha da porta soou, sobressaltando-a. Instruída pela governanta, Sarah tinha espalhado folhas de chá pelo chão e se posto a varrê-las, junto com a poeira que haviam formado, num montinho. No entanto, não recebera instruções sobre a porta do presbitério. Em Longbourn, isso cabia a James ou ao sr. Hill. Por isso, esperou, com a vassoura, o ruído de passos do criado. Mas não o ouviu.

Com os dentes, tirou um pedacinho de pele junto da unha do polegar. Qualquer coisa que ela fizesse decerto estaria errada. Se corresse para pedir instruções, deixaria a visita esperando; se abrisse a porta, poderia ser censurada por ir além de suas atribuições. E se fosse lady Catherine que estivesse à porta da casa, aonde tinha vindo repreender os Collins pela desordem reinante no presbitério? O que diria ao ver a porta sendo aberta logo pela criada desaforada?

Sarah olhou para o corredor vazio. Nenhum passo, nenhuma porta se abria. Ouvia a voz do sr. Collins lá fora e respostas breves em tom mais baixo. O sr. Collins devia ter saído por uma porta lateral e agora voltava com visitas. Deviam ser pessoas de certa posição, uma vez que tinham sido postas a esperar na entrada principal, trancada, em vez de serem conduzidas ao interior da casa por outra porta.

Cada momento passado agravava a situação.

Sarah encostou a vassoura a um canto. Puxou o ferrolho e abriu a porta.

Na verdade, nem veio ao caso se Sarah havia ou não exorbitado de suas funções, pois no momento em que a porta foi aberta ela cessou de existir. Num instante, ela estava ali, abrindo uma fresta para a manhã radiosa; no instante seguinte, ela desapareceu. Os dois homenzarrões que avultavam à porta entraram, passando por Sarah sem sequer olhá-la. Para eles, foi como se a porta houvesse se aberto sozinha. O sr. Collins os seguiu.

“Por aqui, sr. Darcy, coronel Fitzwilliam, por favor, a segunda porta à esquerda.”

Dois borrões de cores vivas — um casaco de veludo verde, outro azul —, o rangido suave de couro de qualidade e o perfume que exalavam, algo como seiva de pinheiro, vela de cera e lã. Sarah viu as botas reluzentes espalharem suas folhas de chá pelas tábuas do assoalho. Os dois cavalheiros eram muito serenos, muito grandes e poderosos, como se pertencessem a uma ordem de criação inteiramente diferente, se movessem num elemento separado, fossem tão diferentes como os anjos.

O sr. Collins, com seu traje negro de clérigo, fechou a porta atrás deles, e a casa ficou na penumbra. E ela estava ali de novo, voltando à sua própria carne. O sr. Collins virou-se para Sarah com um sorriso assustado.

“E pensar que saí para minha caminhada e dei com o coronel Fitzwilliam e com o sr. Darcy! E que eles viriam aqui, minha querida, à minha humilde morada!”

Sarah dirigiu-lhe um sorriso encorajador.

O sr. Collins seguiu suas visitas, esfregando as mãos e resmungando coisas inaudíveis, perplexo por tanta alegria fazê-lo se sentir tão contristado. Ele desapareceu na sala e Sarah o ouviu oferecer poltronas, bebidas, tocando a sineta. Chamada, a governanta passou por Sarah, lançando-lhe um olhar acusador.

Sarah pegou a vassoura e recomeçou a juntar as folhas úmidas espalhadas pelo assoalho.

“É evidente, Sarah”, disse Elizabeth, tirando a anágua com certa dificuldade, “que ele puxou a lady Catherine, tia dele. Deve estar tentando achar algum defeito em mim.”

“Então ele vai ter muito trabalho.”

Sarah pôs o jarro de água quente para Elizabeth no suporte da bacia, tirou um sabonetinho do envoltório de musselina, ao mesmo tempo que Elizabeth fazia um gesto dispensando o elogio.

“Ah, eu não correspondo à ideia que ele faz de como uma mulher deve ser e agir, nem de longe. Uma vez eu o ouvi, sabe, enumerando seus requisitos. Para ter alguma possibilidade de despertar sua atenção, uma mulher deve combinar as Três Graças numa só pessoa.”

“Mas então ele não é um homem razoável, se procura encontrar algum defeito na senhorita.”

“Pois é, você disse tudo. Ele não é razoável.”

O sabonete era perfumado com pétalas de rosa, que com o passar do tempo tinham ficado marrons e esfareladas como chá. Seu próprio sabão, com perfume de lavanda, estava secando havia duas semanas. Mais um mês se passaria antes que se pudesse usá-lo na pele com segurança. A essa altura, já estariam em casa! A ideia pareceu a Sarah uma brisa refrescante, enquanto ela estendia as toalhas, uma sobre o tampo de mármore, outra no chão, para que Elizabeth pisasse nelas.

“No entanto, por mais que eu tente, não entendo por que ele insiste em vir aqui, com ou sem o coronel, ou fica se escondendo em Rosings, e apenas, bem, *olhando*.”

Sarah observou mais de perto o sabonete — havia um mosquitinho preso nele. Por um instante, ele lhe parecera ser um pedacinho de pétala. Tirou-o rapidamente e sumiu com ele. Elizabeth estava muito absorta em suas reflexões e no ato de se despir para notar o que sua criada tinha acabado de fazer.

“Não pode ser pela companhia, pois ele fica sentado dez minutos sem abrir a boca. E não pode ser por causa dos bolos, porque na verdade eles não têm nada de especial, por mais que o sr. Collins fale deles sem parar... Ah, esses laços!”

Elizabeth ergueu as mãos para o alto, tomada de frustração. Sarah se aproximou e desfez o laço do cordão, que se soltou pelos ilhoses do espartilho. Assim que o espartilho afrouxou, Sarah o fez deslizar para baixo. Elizabeth apoiou a mão no ombro de Sarah e saiu de dentro dele.

“A senhorita não faz nenhuma ideia de por que ele a olha com tanta insistência?”

“Talvez ele esteja pensando no que vai jantar. Não sei. Não tenho a menor ideia.”

Sarah pôs o espartilho sobre a cama. Elizabeth desceu a combinação pelos ombros e deixou-a cair ao chão também. Deu um passo de lado. Com os pés nus sobre a toalha que Sarah estendera para ela, puxou um pano e lavou o pescoço e as orelhas.

Sarah estendeu a roupa de Elizabeth na cama. Talvez a moça tivesse razão, em certo sentido. Talvez ele a olhasse com expressão faminta mesmo; só que ela não percebia a natureza da fome. Elizabeth enxaguou o pano e enrolou o sabonete nele. Ergueu o tecido gotejante e com ele lavou as axilas. A água acinzentada escorreu sobre suas costelas, escurecendo a toalha sob seus pés.

“A senhorita não imagina que ele possa estar interessado em sua pessoa?”, perguntou Sarah.

“Ah, santo Deus!” Elizabeth riu e mergulhou o pano na bacia de novo. “Não diga tolices, Sarah!”

Elizabeth estava com dor de cabeça. A segunda do dia. Estivera relendo as cartas recebidas de Jane que a haviam feito chorar, as lágrimas acabaram causando essas dores de cabeça, e agora não havia como ela ir a Rosings, não com essa excelente desculpa para não ir.

Sarah teria adorado ter, também, uma carta para ler. Teria adorado o luxo de lágrimas e dores de cabeça: a sala escurecida, um pano frio na frente e a paz que adviria com a saída da família para o chá.

Dessa vez, quando a campainha tocou, Sarah correu para atender, a fim de avisar o visitante — ela previa um paroquiano pobre com um parente idoso ou doente — que a família não estava em casa. No entanto, era o sr. Darcy de novo, alto e lustroso. Passou por ela, seguiu pelo corredor e abriu a porta da sala. Sarah ouviu a exclamação de Elizabeth, imaginou o sumiço do pano úmido, a abertura rápida das venezianas. Mas Sarah não poderia ter nem mesmo retardado o avanço do sr. Darcy, da mesma forma que uma das sombras do entardecer não poderia tê-lo feito tropeçar. Sarah permaneceu onde estava, no umbral, sentindo-se inteiramente transparente: o polimento brônzeo da maçaneta parecia reluzir através de sua mão. O azul do anoitecer lixiviava-se através dela.

Sarah sentou-se nos degraus, com a porta semiaberta atrás dela. Agora faltavam poucos dias — nove, e aquele, felizmente, já estava quase no fim — para começarem a viagem de volta a

Longbourn. Levantou o rosto para o ar fresco da noite, aspirando a fragrância resinosa dos loureiros, e apoiou a cabeça no portal. Um rouxinol cantou nas árvores próximas.

Eu lhe escreveria uma carta, James. Se eu tivesse papel. Se tivesse tinta. Se tivesse um porte franco com que enviá-la. Eu lhe perguntaria como estão as coisas em Longbourn, como Polly está se arranjando sem mim, que facilito a vida para ela. Se o sr. Hill já preparou a graxa, já que eu não fiz isso antes de viajar. Eu falaria do cavalo baio coçando o pescoço, do rouxinol que está cantando agora e da porca com sua pelagem preta, dos seus pés brancos e do focinho rosado e fofo, da porca que virou o sabão que está secando no armário, eu contaria que a srta. Elizabeth acabou de se lavar com um sabonete que tinha um mosquito grudado nele, que os campos que começavam a esverdear quando chegamos agora estão cobertos de hastes altas e contaria do sr. Fitzwilliam Darcy, que é uma pessoa tão polida e corpulenta que por um momento me faz sair inteiramente deste mundo, e eu me transformo num fantasma capaz de fazer as coisas se moverem mas que não pode ser visto. Eu escreveria sobre como você me faz ser inteiramente eu mesma e ser mais real do que jamais imaginei possível. Eu lhe perguntaria se você sente a minha falta como eu sinto a sua, a ponto de no mundo todo não existir outro lugar que signifique alguma coisa para mim a não ser aquele onde você está. Eu diria que os dias que faltam para eu ver você de novo só existem para que eu passe logo por eles, são como uma conserva fria ou a faina de todos os dias, nada de bom se pode esperar deles, mas que enfim eles vão passar e eu estarei a caminho de casa para encontrar você.

Uma porta se fechou dentro da casa. Ela ouviu passos rápidos que vinham pelo corredor. Levantou-se do degrau e ficou em pé bem a tempo, senão ele teria passado por cima dela: a porta da frente abriu-se toda e o sr. Darcy passou pela sombra dela. Deixou o portão balançando. Quando ele não estava mais à vista, ela foi até o portão e o fechou.

Dentro de casa, colou o ouvido à porta da sala. Ouviu sons leves de Elizabeth a soluçar. A mão de Sarah repousou por um instante na maçaneta, mas em seguida ela se virou e se afastou. Às vezes, refletiu, talvez o melhor fosse desaparecer do que atrair assim a atenção especial de um cavalheiro.

Para James, durante todo esse tempo, havia em Longbourn menos quietude que arestas cortantes: destituída de toda doçura, a propriedade era dominada por dissonâncias e desarmonias. Embora menos numerosas, sem as irmãs mais velhas, as moças produziam muito mais barulho. Quando não eram as escalas e os arpejos de Mary, ou a mesma ária italiana reiniciada vezes sem conta até interromper-se na mesma passagem mais difícil, eram Kitty e Lydia discutindo sobre quem era a dona de uma peça de roupa e trocando mexericos aos berros. No mais das vezes, era, ao mesmo tempo, o piano titubeante e as duas moças mais novas aos gritos. Enquanto isso, o sr. Bennet se trancava na biblioteca, de onde só saía ao ouvir o som da sineta anunciando o jantar; a sra. Bennet se queixava de dores de cabeça, sem que ninguém lhe desse ouvidos; Polly levava jarros pesados de água escada acima e urinóis fedorentos escada abaixo; a sra. Hill descascava cebolas, de olhos molhados; e o sr. Hill, discretamente, depois de beber seu xerez na adega, deixava a casa para encontrar um amigo. James conduzia a carruagem quando solicitado, servia à mesa, limpava com esponja a lama em abas de casacos, tirava as manchas de ervas em peliças, removia a gordura de velas de peitinhos de camisas, carregava água e lenha, e às vezes até ia, com Polly, apanhar ovos ou colher verduras ou

ervas para a salada, mas se sentia, o tempo todo, num estado de suspensão, como uma peça musical interrompida abruptamente, com uma nota pairando no ar.

As moças mais novas caminhavam até Meryton quase todas as manhãs. Iam lá comprar fitas, sedas, meias ou dentifrício, ou ainda visitar a querida tia Philips. Faziam o percurso a pé, de modo que James não via o que acontecia, mas a julgar pelo que conversavam na volta ficava claro que uma ou duas duplas de oficiais apareceria ali em breve. Tudo o que as jovens precisavam fazer era flunar um pouco pela rua do mercado.

E havia as festas e as ceias com jogos na casa de tia Philips, e bailes nas Salas de Reunião nos dias de lua cheia, o que requeria a participação de James com a carruagem, e houve também uma grande festa, realizada certa noite no alojamento do coronel Forster, aonde James também levou as moças.

James esperou do lado de fora da casa iluminada e ruidosa em sua postura habitual: ombros encolhidos, chapéu cobrindo o rosto, olhar distante.

A barulheira cresceu a noite toda, até dar a impressão de que o alojamento do coronel virara uma casa de orates. Alguém devia chamar o aguazil ou enviar para ali um magistrado que impusesse a lei de perturbação da ordem. A festança avançou pela noite — o relógio da cidade bateu uma hora, logo depois o primeiro quarto e em seguida meia hora. Então, quando a funçanata finalmente acabou, pouco depois das duas da manhã, um rapaz saiu da casa aos saltos, vestido de mulher e com uma touca, lábios e rosto pintados, de braços dados com dois oficiais fardados. O jovem percorreu a rua debaixo de apupos, apertando a mão de seus colegas oficiais. Lydia e Kitty assistiram a essa pândega com as mãos na barriga, morrendo de rir.

“Você viu?” Lydia ainda estava sem fôlego ao arremessar-se no assento estofado da carruagem. “Viu o Chamberlayne, James? Foi muito engraçado! Nós o vestimos de mulher e ninguém o reconheceu! Ao menos até começarmos a rir.”

James fez uma reverência e bateu a porta. Subiu para a boleia. Sentindo o frescor da noite nos olhos, levou-as para casa. Dentro da carruagem, a tagarelice não cessava, como se o veículo fosse um engradado de perus. Aquilo o fizera sentir-se muito pouco à vontade. Talvez não houvesse mal algum em brincar com um rapaz daquele jeito, mas por fim as moças topariam com algo perigoso, e aí essa sensação entranhada que tinham, de serem importantes, não lhes faria bem algum.

*Wickham logo irá embora; e assim não terá qualquer relevância para ninguém aqui saber quem ele realmente é.*

Florações de maio cobriam os caminhos quando James levou Kitty e Lydia para receber as irmãs maiores e Maria Lucas na estação postal.

Na viagem de volta de Kent, Sarah viajara no interior da mala-posta, no assento lateral dobrável. Mantivera os pés metidos debaixo de si, para afastar suas botinas dos sapatos delicados das senhoras. Sentira-se desconfortável e com câimbras, vendo o mundo passar por ela, de lado e sacolejando, sentindo náuseas desde que saiu de Londres.

Toda a irritação e o mal-estar foram esquecidos assim que pararam diante da estação e ela avistou James.

Ele abriu a porta da mala-posta e ajudou-a a descer. As mãos dele estavam em sua cintura e os olhos em seus olhos. Em seguida, ele se virou para estender a mão à srta. Jane, depois à srta. Elizabeth, com Maria Lucas descendo atrás delas. Feliz demais para sorrir, com o terreno, agora traiçoeiro, balançando sob seus pés, Sarah seguiu as senhoras para o interior da estação e esperou-as diante da porta do reservado, para que não fossem incomodadas.

Enquanto as senhoras repousavam um pouco numa sala privada, depois de haver usado o reservado Sarah foi ter com James. Sentou-se num bloco de montaria e ficou observando-o arrear os belos e conhecidos cavalos de Longbourn, já descansados. Ela tirou a touca, expondo o rosto à calidez do sol de Hertfordshire. Pensou: Não há no mundo inteiro felicidade tão perfeita como esta — James ali, o barulho e a azáfama da estação de posta e uma pequena caneca de cerveja que ele comprara para ela e pusera em suas mãos, com uma fatia de torta. Ele se sentou ao seu lado, Sara ofereceu-lhe a caneca, ele tomou um pequeno gole e depois a devolveu.

“Bonito esse seu vestido.”

Sarah correu a mão áspera pela popelina estampada com raminhos. Era o vestido que Jane lhe dera e que ela guardara para uma ocasião especial.

“Obrigada.”

Ambos observavam, pelo rabo do olho, a sentinela que caminhava de um lado para outro, de

guarda diante dos portões da cidade. Na época, havia soldados por toda parte. Aquilo era enervante. Não se podia olhar para um lugar sem ver uma túnica vermelha e um mosquete Brown Bess.

“Passamos duas semanas em Londres.”

James assentiu com a cabeça.

“Eu não teria me importado tanto”, disse ela. “Mas duas semanas *inteiras!*”

Ele pôs a mão no braço dela, ela se apoiou nele e seus olhos marejaram. Ele estendeu a mão e secou-lhe uma lágrima com o polegar. Ela descansou a cabeça no ombro dele.

Quando as mulheres por fim saíram da sala privativa, Sarah e James, separados, esperavam por elas. James ajudou-as a subir na carruagem e depois entregou-lhes as compras e os itens de bagagem mais delicados. Como as senhoras ficaram bem apertadas na carruagem, James ajudou Sarah a subir à boleia e sentou-se a seu lado. E, em marcha regular, levou todas elas de volta à Casa Longbourn. Na boleia, Sarah e James podiam encostar um no outro com o balanço do veículo sem que ninguém estranhasse aquilo ou fizesse comentários.

A sra. Hill apertou a mão de Sarah, beijou-a no rosto, dizendo: “Que bom que você voltou!”, e se virou para que ninguém visse seu rosto. Polly tirou o fôlego de Sarah com um abraço e, depois de soltá-la, ficou saltitando no lugar e fazendo perguntas sem esperar as respostas. O sr. Hill curvou-se numa mesura e tocou de leve na mão dela.

A cozinha parecia muito escura, fresca e agradável, e tinha encolhido.

Quando todos começaram a se sentir como antes, a srta. Lyddie entrou na cozinha e foi se servir de açúcar de cevada. Ao ver Sarah, parou e lhe ofereceu a jarra aberta.

“Que bom ver você aqui, Sarah. Sentimos sua falta.”

“Obrigada, senhorita.” Sarah pegou um pedaço de açúcar.

“Ninguém aqui sabe tirar uma mancha de vinho como você. Quero que, quando puder, você dê uma olhada no meu vestido especial de musselina, para ver o que pode fazer. Não que isso seja muito importante agora.” Lydia chupou o torrão de açúcar, pensativa. “Acho que você nem soube, não é? É uma notícia tão ruim que as pessoas devem ter escondido de você, e na verdade não sei como vamos suportá-la.”

Sarah meteu o açúcar na boca. “Ai, meu Deus, não, o que foi?” Imaginou algum desastre, uma doença, morte.

“É a milícia, Sarah. Ela está indo embora.”

Sarah tomou a liberdade de pegar a mão de Lydia e apertá-la.

“É uma pena, mas sempre soubemos que isso iria acontecer.”

Lydia aquiesceu, porém não se consolou. Sarah sentiu pena dela. Os dias seriam intermináveis e as noites, tediosas, e até os bailes de Meryton se tornariam reuniões enfadonhas, pois para dançar haveria apenas os mesmos advogados, os filhos de regedores e os clérigos adjuntos. A única esperança da temporada era que o sobrinho crescido de alguém viesse visitar os tios. Para uma moça de quinze anos sem gosto pelo paisagismo, pela leitura ou pela reflexão, a perspectiva era o fastio absoluto de um verão passado em casa, no interior. Era mesmo uma pena, um horror.

Quando a milícia fosse embora no fim do mês, James ficaria feliz. Polly sabia disso e estava contente, pois gostava de James. Ele era seu amigo, jogava o jogo das pedrinhas com ela, fazia-lhe companhia em seus mandados e lhe dava pedaços de giz, com os quais ela desenhava no pátio dos estábulos. Mas quando a milícia fosse embora, o sr. Wickham iria com ela. E o sr. Wickham lhe dava dinheiro. Moedas de um pênì, de meio pênì e *farthings*, como se elas fossem lixo para ele, moedas sem nenhuma serventia. Ela gostava de passar essas moedinhas de uma mão para a outra. Gostava de empilhá-las, formando colunas e colunatas no chão, ao lado de sua cama, e de imaginar o que compraria com elas quando um escocês passasse por ali ou da próxima vez que ela fosse a Meryton cumprir alguma tarefa. Ele a chamava de jovem senhorita, e ela gostava disso. Sorria para ela também, fazia-lhe perguntas e, às vezes, afagava-lhe o rosto. Disso ela não sabia ao certo se gostava, mas sabia que era importante.

“Se ele lhe causar algum problema”, James lhe dissera um dia, “venha me contar e eu dou um jeito nele para você.”

James era um bom sujeito, sempre disposto a jogar com ela jogos como cinco-pedrinhas ou o jogo de tabuleiro com moedas de meio pênì, mas, pensando bem, ele não sabia nada de coisa alguma. O que *ele* poderia fazer a um homem como o sr. Wickham, um *oficial*, que possuía pistolas e uma espada? De qualquer forma, aquilo não tinha cabimento, pois o sr. Wickham não causava a ela problema algum. Ele era a única pessoa — além de James, talvez — que nunca fazia isso. Ele não lhe dava tarefas, não brigava com ela nem a amolava. Pelo contrário, dava-lhe moedas, sorrisos e uma palavra de elogio de vez em quando.

Então ouviram dizer que Lydia iria a Brighton com a sra. Forster, a nova esposa do coronel. Essa foi uma boa notícia para Lydia, mas fez as irmãs mais velhas murmurarem e pôs Sarah e Polly numa lufa-lufa para preparar roupa de baixo, passar, dobrar e emalar vestidos com uma boa antecedência, de modo que Polly, que de início se entristecera com a perspectiva da partida de Wickham, agora não via a hora de ele ir embora, pois isso pelo menos significava que a lavagem de roupa seria suspensa por algum tempo.

Nesse período, Sarah ficou presa por muito tempo no quarto que Kitty e Lydia dividiam, entregue a um trabalho de Sísifo. Assim que arrumavam um baú, Kitty o reabria, mergulhava as mãos nele e, com lágrimas desesperadas, punha-se a procurar coisas suas que tinham sido metidas ali por insistência de Lydia. Arrancava do baú um vestido de noite, suas luvas novas e rugia ao descobrir sua melhor anágua. Enquanto Kitty dava vazão à sua fúria, Lydia juntava tudo calmamente, dobrava cada peça, preparando-se para devolvê-las ao baú: Kitty tinha de ser razoável e pensar direito. Se fosse *ela* a viajar a Brighton, e não a irmã, Lydia com certeza a deixaria levar tudo o que ela tivesse de melhor, e de bom grado, sem fazer daquilo motivo de briga, sem pensar duas vezes no assunto, pois de que adiantava, afinal, ter coisas bonitas se não havia ninguém por perto para ver que você as usava?

Em seu quarto, Mary fechou os olhos e descansou os dedos no teclado do piano. Respirou fundo e soltou o ar. Tentando ignorar os gritos, os ruídos e as brigas no quarto ao lado, recomeçou sua ária irlandesa. Um dia, ela sabia, seus dedos voariam pelas teclas com a facilidade e a delicadeza dos passarinhos. Um dia. Até lá, porém, só havia o trabalho pesado de estudos, estudos e mais estudos, e a

perturbação daquelas irmãs tolas, cujo comportamento descomedido traduzia-se agora numa sequência de gritos agudos que indicavam que Kitty se descontrolara e estava puxando o cabelo de Lyddie. Se elas pensassem em coisas mais elevadas, como música, religião e boas obras, e não nos oficiais — seus dedos subiram e desceram afanosamente pelo teclado, destacando as doces notas iniciais de “Diálogo de amor”, de Haydn —, seriam, sem dúvida, criaturas mais felizes. Seus pensamentos iam, inadvertidamente, para o gentil e polido sr. Collins, a quem, ela tinha certeza, poderia ter feito muito feliz. Não confiava em Charlotte Lucas para isso, talvez um dia ela viesse a merecê-lo, mas com certeza não o amava, não como ela, Mary, o amava; e Charlotte jamais deveria suspeitar do tumulto que, com seu deslavado oportunismo, Mary engendrara em seu meigo coração. Porque Mary se abandonara a devaneios, coisa que nunca deveria ter deixado acontecer. Permitira-se pensar na possibilidade de um amor correspondido, de casamento, na importância que passaria a ter com aquele enlace; que, tornando-se a noiva do sr. Collins, ela se tornaria também a salvação da família, deixando de ser apenas a filha do meio modesta, desajeitada, desdenhada.

No último dia de permanência do regimento em Meryton, o sr. Wickham jantaria em Longbourn com outros oficiais. Restava apenas transpor em segurança aquela noite, e estariam em águas tranquilas. A região se veria livre da milícia. E já não importaria quais poderiam ter sido as intenções de Wickham com Polly, ou com James, assim que ele estivesse em Brighton, a mais de cem quilômetros dali.

James servia à mesa em silêncio, atendendo, como uma sombra, ora um oficial, ora uma das senhoras, mantendo os olhos baixos, os ombros encolhidos, trilhando a tênue linha entre a eficiência evidente e uma exaustão igualmente manifesta.

Eu serei, pensava, o que julgam que eu sou, que não é grande coisa.

No entanto, no momento em que ele encheu a taça de Wickham, o jovem oficial virou a cabeça e olhou para ele. Um olhar fixo e longo, que James estava resolvido a não retribuir. Preferiu fitar o vinho que era vertido na taça e o brilho da garrafa de cristal, que ele girava para não deixar cair nenhuma gota, bem como a mancha púrpura no guardanapo que ele levou à borda da garrafa. Afastou-se em seguida para encher a taça de Elizabeth, que, à vontade, não lhe dirigiu sequer um olhar. Já aquele olhar de Wickham, um olhar fuzilante de tigre, deixara-o muito abalado.

Wickham passou então, de propósito, a dirigir toda a atenção à srta. Elizabeth. Só uma vez desviou os olhos para a criadinha, que retirava pratos, mas no mesmo instante voltou à prataria, a suas abotoaduras, à companheira de mesa. Ele parecia fazer questão de se mostrar sedutor, como se, pensou James, soubesse que suspeitavam dele e procurasse afastar qualquer dúvida.

Se ao menos Wickham estivesse numa tropa regular, pensou James, enquanto descia os degraus da adega para buscar mais vinho, ele poderia se permitir o prazer de imaginar o jovem e garboso sujeito ser mandado para lutar na Espanha. Poderia imaginá-lo capturado pelos guerrilheiros e pendurado numa árvore, tendo seu pênis decepado metido em sua própria boca e deixado ali a sangrar e à mercê dos lobos. Isso tiraria um pouco de seu verniz de cavalheiro.

Tanto os convidados como a família beberam bastante naquela noite. Mais de uma vez, James e o

sr. Hill tiveram de correr à adega a fim de buscar garrafas. Reunido na sala de visitas, o grande grupo fazia muito ruído devido ao vinho e à exaltação emotiva que a bebida favorecia, e o espírito festivo se prolongou por longas e exaustivas horas. Nada como a iminência da despedida para criar nas pessoas uma descabida afeição recíproca.

Extenuado, o idoso sr. Hill escapuliu para a cama às onze da noite, com uma piscadela para James.

“Você se arranja sem mim, eh? Cuidar de toda essa gente moça é um pouco demais para mim.”

Polly foi juntar as taças sujas e pegajosas na sala de jantar agora vazia, enquanto a festa prosseguia em outro cômodo. Ao se virar para a copa, carregando uma bandeja de taças, ela deu com Wickham postado em silêncio na porta da sala. Ela caminhou na direção dele, cansada mas à vontade, procurando sorrir. Ele girava um cálice de vinho do Porto na mão, cor de sangue.

“Não vai me cumprimentar pela minha escapulida, minha jovem senhorita?”

Esse era o seu jeito de enfrentar a sociedade: ele precisava dessas facécias, de um meio de se aproximar de pessoas que eram como ele, que o compreendiam.

“Parabéns, sr. Wickham.”

Ele avançou um pouco mais para o interior da sala de jantar, aproximando-se, ainda entre ela e a porta. Sorriu, os dentes e lábios manchados de vinho.

“Como você está esta noite, minha jovem senhorita?”

Cansada, com os pés doendo, pensando na cama. “É uma pena que vá embora, sr. Wickham.”

Ele assentiu com a cabeça, pesaroso. “É mesmo uma pena. Mas eu estava pensando...”

“No que, senhor?”

“Você sabe que vamos para Brighton?”

Polly passou o peso do corpo para a outra perna. Seus pés latejavam. Se ela o tratasse bem daquela última vez, talvez ele lhe desse uma moeda antes de sair.

“Sei, sim, senhor.”

Ela lançou um olhar ao colete dele, a fonte habitual da moeda. Mas ele apenas girou o cálice mais uma vez, os lábios apertados, e sua mão não se moveu em direção ao bolso.

“Aposto que você não ganha tantas coisas gostosas como gostaria.”

Ante essas palavras, ela ergueu o olhar, sua atenção agora despertada. Fez que não com a cabeça.

“Sabe, lá em Brighton há uma loja com jarros e mais jarros de bombons, confeitos, torrões, de todas as cores do arco-íris, de todos os sabores que você possa imaginar.”

“Eles têm de abacaxi?”

Ela ouvira falar de abacaxis, soubera que havia abacaxis em algumas casas senhoriais, mas nunca vira um. Imaginava que o abacaxi fosse parecido com uma variedade de maçã verde, a raineta, compacta e dulcíssima, só que com uma casca coberta com as aguçadas agulhas verdes de um pinheiro escocês.

Ele assentiu, sorriu de leve, pôs o cálice na bandeja que ela segurava e meteu as mãos nos bolsos. Nos bolsos das calças, não do colete.

“É mesmo? Até de *abacaxi*?”

“E de muitas outras coisas.”

Polly engoliu em seco, sonhadora e cobiçosa. Ele recuou um pouco, fitando-a, os olhos

semicerrados.

“Quantos anos você tem, minha jovem senhorita?”

“Não sei direito. Doze, talvez treze. Por quê?”

“Posso comprar alguns bombons de abacaxi para você e mandar entregar aqui?”

Polly ergueu o olhar para o rosto largo dele, que todos diziam ser bonito: bigode ralo, poros abertos entre as sobrancelhas, capilares no nariz. Os adultos podiam ter um aspecto bem desagradável se examinados muito de perto.

“Ah, o senhor faria isso? Faria mesmo?”

Ela teve vontade de perguntar quais eram os outros sabores antes de se comprometer com o de abacaxi. Queria saber se tinham balas de limão, pastilhas de anis e outros confeitos.

“Claro que faria. Vou fazer. Se você for boazinha comigo agora.”

Wickham deu um passo na direção de Polly, cambaleando um pouco. Ela recuou quando ele se aproximou, julgando que ele pretendia passar. No entanto, ele curvou o corpo e, com muita calma e lentidão, tirou a bandeja com taças de cristal de suas mãos e a pôs na mesa. Por causa de sua falta de jeito, as taças tilintaram ao bater umas nas outras.

“Você vai ser, não vai? Boazinha.”

“Senhor?”

“Do modo como você olha para mim, com esse jeito de santinha...”

A beirada da mesa comprimiu as costas de Polly na altura dos rins. Wickham se aproximou mais, com um hálito forte de vinho e fumo. Ela virou o rosto, enrugando o nariz. A mão dele subiu e tocou no rosto da menina, descendo até o pescoço. Parou na gola do vestido. O coração de Polly batia como o de um passarinho, ela sentia os braços se arrepiarem e não sabia como agir.

“Polly?”

Era a voz de James. Wickham imobilizou-se, assustado. Em seguida, deu um passo atrás e se virou para o recém-chegado. James trazia na mão um decantador vazio e tinha um sulco fundo entre os supercílios. Polly deu um passo de lado, afastando-se de Wickham, que ajustou a frente da túnica, puxando-a para baixo.

James não dirigiu um só olhar ao sr. Wickham. “A sra. Hill está precisando de você na cozinha.”

“Em um minuto.”

Por mais que aquilo tudo fosse estranho e não muito agradável, o sr. Wickham sempre fora amável com ela antes.

“Acho que você não entendeu. A sra. Hill quer você lá *agora*.”

Polly ergueu os olhos para ao céu, mas aquiesceu. Ergueu a bandeja e se retirou da sala com a pose de uma rainha, embora olhasse de cara feia para James ao passar por ele. James se virou para segui-la, mas Wickham o chamou.

“Um momento, Smith.”

James parou e se virou. Wickham virou-se para a cristaleira, levantou as garrafas e os decantadores, um a um, examinou-os, tirando-lhes as tampas e cheirando-os.

“Com licença, senhor, mas eu...”

“Não, não lhe dou licença. Dane-se você.” Ergueu um decantador para olhá-lo contra a luz.

“Sabe, eu ia deixar para lá...”

Wickham pegou um copo e serviu-se de dois dedos de uísque. Apesar de tudo, James sentiu pena dele: no dia seguinte, Wickham desejaria estar morto.

Quando o oficial voltou a falar, por cima do ombro, as palavras saíram um tanto indistintas. “Porque estive pensando: De que adianta realmente? Estamos indo embora e eu pensei: Por que me incomodar com isso? Por que não deixar o homem fazer o que ele quer, deixar cada um viver a sua vida como quer, por que não? Dá muito trabalho agir de outra forma.”

James sentiu uma ponta de intranquilidade.

Wickham virou-se de costas para ele, cambaleando um pouco, estendendo a mão para se apoiar na cristaleira. Errou o alvo, mas se recuperou e se aprumou, ainda que pendendo um pouco para a esquerda.

“Veja bem, um homem como eu...”, disse devagar. “Não é muito fácil para mim me dar bem. Não sou peixe nem carne. Uma rã, na verdade; ou um sapo. Não achei no mundo um lugar para mim a não ser na lama. Já você, você arranjou um lugarzinho bem bom aqui. Soldado, este é um alojamento excelente. Bem dotado de confortos. Mas você quer tudo para você. E está atrapalhando a minha vida.”

James quis dizer alguma coisa, porém as palavras lhe fugiram.

“Mas, verdade seja dita, não entendo como você está se safando sem sofrer as consequências. Qualquer pessoa vê que aquela piranha está levando umas boas pirocadas. Chega a vazar pela...”

Mais tarde, James só conseguia pensar no que ocorrera como ele tendo, de algum modo, ficado fora de si. Sabia o que estava fazendo, sabia quais seriam as consequências, mesmo assim fez o que fez. Viu sua mão pôr o decantador na mesa de jantar, e tudo parecia perfeitamente normal. Deu dois passos decididos até o oficial meio inclinado. Seu descontrole foi um ato consciente; tal como livrar-se de um casaco pesado num dia de calor, foi um alívio ter perdido a cabeça.

Seu punho atingiu a têmpora de Wickham. Um golpe preciso que o oficial não tentou desviar, nem mesmo evitar, simplesmente porque não o pressentiu.

Wickham cambaleou para trás, batendo na cristaleira. Agarrou-se nela para se firmar, fazendo com que os decantadores balançassem e tilintassem.

Enquanto massageava os nós dos dedos para se livrar do ardor, mudando de posição e levantando as mãos a fim de evitar algum revide, James pensou: Essa era a linha que eu não podia cruzar, e acabo de ultrapassá-la.

“Você não pode me tocar.” A voz de Wickham denotava mais surpresa do que fúria. Com dificuldade, empertigou-se, levou as pontas dos dedos à têmpora e olhou para elas. A pele não tinha sido cortada. Não havia sangue. “Existem regras, arre! Você não conhece as malditas regras?”

Wickham levou a mão à têmpora de novo, e aí, para espanto de James, pôs-se a rir. Tateou os bolsos, tirou uma caixa de cigarrilhas e acendeu uma delas numa vela.

“Veja bem, é o seguinte”, disse. “Eu tinha minhas suspeitas, mas antes a coisa parecia muito problemática. Mas aí você vem e atrapalha a minha vida, depois me agride e agora parece não haver mais problema nenhum.”

“Você é um rapaz imaturo”, disse James. “Suas botas ainda nem amaciaram. Você não me mete

medo.”

Wickham encolheu o queixo e levantou as sobrancelhas: Mesmo? Virou-se para a bandeja de bebidas, encheu seu copo, verteu a bebida em outro copo e estendeu-o a James, que apenas o olhou.

“Pegue. De um soldado para outro.”

James assentiu. Viu sua mão se estender, sentiu o ardor nos nós dos dedos quando a mão se fechou em torno do copo, viu o copo ser levado aos lábios. Tomou um gole. O uísque queimava. Pôs o copo na mesa, ao lado do decantador. Dessa vez sua mão não estava muito firme, e o copo fez barulho na mesa. Não havia como voltar atrás.

“É apenas a sua palavra”, arriscou. “Você não tem provas.”

Wickham deu de ombros. “Posso achar seu certificado. Posso procurar o juiz de paz que o assinou. No entanto, aposto que não será encontrada nenhuma baixa legal... Não é? Se eu me desse ao trabalho de procurá-la. Mas eu sou, por natureza, um grande preguiçoso, não me entusiasma ter o trabalho de bancar o detetive, portanto tudo que posso pensar em fazer é o seguinte: vou só mencionar o fato, primeiro para o sr. Bennet, depois para o meu coronel. Esse nosso pequeno incidente. Minhas suspeitas e depois o que se passou aqui. E aí é que está a graça da coisa, veja você: não vou nem precisar fazer nadinha de nada.”

O velho devia ser poupado daquilo. “O sr. Bennet...”

“O sr. Bennet precisa saber, concorda comigo? Um homem como você. Ele depositou toda a confiança em você. Precisa saber das suas façanhas. Desvirginou a criada, agrediu um cavalheiro...” Wickham inclinou o copo, observando a superfície do líquido. Ergueu o olhar e fitou James com seus olhos pálidos. “Desertou do Exército. Um crime capital. Estamos em guerra.”

Aquilo sempre estivera no horizonte. Sempre a farejá-lo, avançando em seu encalço. Ele amolecera, passara a levar uma vida sossegada, tornara-se descuidado e aquilo chegara, sorrateiro, até ele e agora lhe cravava os dentes no pescoço.

“Por isso creio que o melhor para todos seria você simplesmente abalar mundo afora, e já!”

O som que vinha da sala de visitas cresceu. Gargalhadas estrondosas. Por um instante, a luz das velas tornou-se mais intensa e as sombras se reduziram. Mas havia Sarah! James se virou e saiu, cambaleante.

“Porque seu fim será a forca, você sabe, se puserem as mãos em você. Vão esfolá-lo vivo!”

No corredor, as velas ardiavam nos suportes de parede. Apenas sombras oblíquas, nada mais. Onde estava ela?

Wickham gritou para ele: “Vão rebentar com você na roda, meu amigo. Na merda da roda!”

James disparou pelo corredor, uma das mãos roçando no revestimento de lambris. Chegou à cozinha. O fogo na lareira se reduzira a cinzas e o criado de um estranho dormitava junto à lareira.

Ah, Deus! Sarah. Onde estaria ela?

James atravessou o pátio dos estábulos. No palheiro, meteu suas poucas coisas — livros, roupa de cama, um cobertor dobrado — em sua velha mochila de lona, sobre as conchas que chocalhavam. Vestiu o casaco que a sra. Hill lhe dera, pendurou a mochila no ombro e saiu para a escuridão, voltando, cauteloso, pela lateral da casa.

Através da janela da sala, ele a avistou e se deteve ali. Dentro da casa, Sarah deslizava entre os

grupos e os móveis como um camundongo percorrendo uma gaveta. Seu vulto franzino passava entre vestidos suntuosos e túnicas vermelhas, por moças exuberantes, senhoras robustas e cavalheiros pançudos. Enchia uma taça, oferecia-se para encher outra. Uma mão roliça cobriu uma taça, uma cabeça cacheada indicou que sim. James viu que ela se virava e vinha em direção à janela. Estava pálida e cansada, os olhos cintilando. Desejou muito tocá-la.

Sarah fez uma pausa para depositar o decantador numa mesa lateral e se aproximou da janela.

Estava muito perto dele.

Se ela me vir, pensou, faço um sinal. Ela sai e vem se encontrar comigo aqui. Vou contar tudo a ela. Pedirei que me perdoe e me compreenda. Direi adeus. E isso vai tornar um pouco mais fácil separar-me dela.

No entanto, na sala abafada, Sarah olhava apenas para o espelho: grupos de pessoas, o ruído de roupas e corpos, dentes manchados de vinho, peles muito brancas, a confusão dos móveis. Ela estendeu as mãos, segurou as cortinas e fechou-as.

E sumiu de vista.

James continuou onde estava, na súbita escuridão. Soltou a respiração. Puxou a mochila para o ombro e foi embora.

\* \* \*

Lydia iria com a sra. Forster, na carruagem dela, para Meryton. Dali partiriam para Brighton, junto com o regimento, no dia seguinte bem cedo. Quando a festa enfim acabou, sua saída de casa foi mais barulhenta que afetuosa, e a ausência de James passou despercebida na agitação das despedidas. O laçao dos Forster levou a carruagem até a escada defronte à casa. A sra. Hill e Sarah trouxeram as capas e os chapéus dos convidados que se despediam, e esperaram nos degraus até eles partirem, com os oficiais a cavalo e a carruagem dos Forster sumindo na escuridão com um ruído surdo. Sarah esfregou o dorso das mãos nos olhos. Com isto, ponto final, pensou. Tinham ido embora e James estava em segurança, Polly estava em segurança, e agora todos ali ficariam em paz.

“Por onde anda James?”, a sra. Hill pensou em voz alta enquanto voltavam para a cozinha vazia.

Sarah bocejou voluptuosamente. “Acho que foi dormir, sra. Hill. Já passa de meia-noite.”

Sarah acordou com o canto do galo. Continuou deitada, apreciando o calor e o aconchego da cama, o conforto da respiração serena de Polly a seu lado. Sentou-se com os pés para fora da cama, calçou as meias e lavou o rosto.

Descendo depressa a escada, meteu o cabelo para dentro da touca, falando com a sra. Hill, que a seguia animadamente, ambas tomadas daquele tipo especial de prazer causado pela perspectiva de um dia de tempo bom e por uma felicidade secreta e conquistada com dificuldade: a expectativa de que as coisas começavam, afinal, a mudar para melhor.

A cozinha estava em silêncio. O fogo, apagado. Sarah tirou o avental do gancho e o enfiou pela cabeça. Indo para a área de serviço, passou os cadarços em torno da cintura e prendeu-os na frente. Pelo aspecto do depósito de água — fosco, seco —, percebeu que ele estava vazio, mas ainda assim tocou nele, sentindo que de fato estava vazio ao percuti-lo com a ponta dos dedos. Sarah parou.

Apurou os ouvidos. O silêncio só foi quebrado pelo arrulho de um pombo silvestre e pelo barulho que a sra. Hill fazia na cozinha, procurando alguma coisa.

Não.

Fez o caminho de volta até a cozinha e abriu a porta que dava para o pátio. A manhã era fresca e brilhante, e Sarah ouviu de novo o arrulho do pombo silvestre e o canto de um melro. Escutou o som metálico de um casco contra a porta do estábulo. Um arranhão. Nenhum som humano.

Correu, as botas batendo com força nas lajes de pedra.

Pela porta aberta, a sra. Hill olhou para o outro lado do pátio. Viu as saias da moça ondulando ao vento e sua touca no momento em que se soltou, caiu nas lajes e ali ficou, branca como um cogumelo no campo. Polly desceu pela escada dos fundos, cantarolando baixinho. Calou-se ao ver a sra. Hill de pé, olhando para fora, e a porta escancarada para a manhã.

Nos estábulos, Sarah girou a taramela da porta. Escuridão. Os cavalos relinchavam, arranhavam, ansiosos.

A sra. Hill foi para o pátio, piscando. Polly a seguiu.

“O que foi?”

“Não sei.”

Atravessaram o pátio, aproximando-se da porta do estábulo. Ouviram os sons dos movimentos de Sarah no interior da construção — seus pés na escada, passos rápidos no quarto no palheiro.

“O que está acontecendo?”

A sra. Hill abanou a cabeça não porque não soubesse, mas porque estava com medo de pensar. O conhecimento estava abrindo caminho, aos empurrões e cotoveladas, mesmo sem ser convidado, mas ela não queria deixá-lo entrar.

Havia um vulto pálido no breu do estábulo: Sarah deslizou escada abaixo e saiu da estrebaria. Parou ali, vacilante, agarrada à taramela da porta. E então a sra. Hill entendeu — dentro de si, no vazio que havia sob suas costelas, onde seu bebê estivera enroscado, comprimindo com os pezinhos sua carne, ali onde ele dormira, se estendera e se revirara — o que Sarah já sabia, mas ainda não conseguia expressar com palavras.

Que ele se fora. Que James se fora. Que ela o perdera de novo.

*Fim do Livro Dois*

LIVRO TRÊS

Quando sua barriga cresceu demais para passar despercebida, mesmo com o espartilho bem apertado, ela meteu algumas coisas numa bolsa, disse adeus a ele e saiu caminhando pela estrada dos boiadeiros na direção da fazenda distante onde a esperavam. Apesar do enorme desconforto provocado por seu corpo e do tempo cruel, fez o percurso a pé, pois se viajasse na carroça ou subisse no coche, alguém decerto notaria, haveria mexericos e eles seriam descobertos.

A vergonha que seria. Era maior do que se poderia esperar que alguém tolerasse. Ela devia ter bom senso.

Na casa estranha, não saía do quarto. A sra. Smith, mulher do camponês, cuidava dela, e isso era tudo. Fazia um frio bárbaro. Ela tinha uma lareira, um xale e lhe permitiam ler uma Bíblia, pela qual ela avançava a duras penas, linha após linha, buscando refrigério e desejando ter tido melhor educação em menina.

A sra. Smith era uma mulher magra, de meia-idade, e o casal cultivava uma terra dura e seca. Tinham um bebê já quase desmamado e uma menina já grandinha, com filetes de muco entre o nariz e os lábios. A mulher era calada, e suas atenções, puramente práticas. Não tinha importância. Margaret não esperava que ela viesse a ser sua amiga.

À meia-noite, a hora das bruxas, de um inverno, ela deu à luz um menininho que abriu os olhos azul-escuros e estudou-a com sonolenta seriedade. As mamadas causavam-lhe uma dor contínua nos peitos, e os punhozinhos avermelhados do bebê socavam a mãe como se ele estivesse tentando mudar-lhe a forma e torná-la uma pessoa completamente diferente. O que até então fora um problema a resolver tornou-se a solução: a simples existência do menino fazia com que tudo o que ocorrera antes se alterasse, tomasse novo rumo e se acomodasse de maneira diferente, porque tudo agora desembocava nisso e nele. E ele era perfeito como um *syllabub* ou uma fronha tirada do varal.

Não se podia fazer de maneira racional o que precisava ser feito. A razão nada tinha a ver com aquilo.

Ainda assim, ela entregou o bebê à dona da casa, que seria sua ama de leite, e sabia, ao passá-lo

para a mulher, que nunca mais o embalaria, mas também que ele seria alimentado, protegido e mantido em segurança, que seria educado no temor e no amor a Deus, levado à igreja e à escola dominical, que teria trabalho quando chegasse à idade de trabalhar e que morreria, se Deus assim quisesse, velho e ao pé de uma lareira. Que ele, em suma, teria a vida mais decente que ela poderia esperar e que isso era muito mais do que ela poderia fazer, sozinha, por ele. Ainda assim, o acordo parecia justo: ela pagaria a segurança do bebê com seu coração dilacerado; e o sr. Bennet pagaria com seu dinheiro, para que não precisasse pagar com seu nome.

Quando se recuperou um pouco, caminhou os dezenove quilômetros de volta a Longbourn. Suas lágrimas cessaram quando, da estrada, avistou as chaminés e a fumaça que evolava delas.

Entretanto, seu leite ainda fluía. Brotava dela, manchando as combinações e enodoando os espartilhos. Ela dobrava trapos e os inseria entre a pele e a roupa, até que o fluxo diminuiu e, por fim, cessou. No entanto, sentiu saudade do leite e lamentou seu fim, pois tinha sido destinado ao menino. O fluxo mensal também diminuiu, ainda que às vezes, mesmo depois de meses, quando ela levantava alguma coisa acima de suas forças, ele recomeçasse a escorrer, vermelho-vivo, e manchasse sua roupa.

Já o fluxo de sua dor... Esse nunca se reduzia, nunca cessava, embora ela não deixasse, não pudesse deixar, nada transparecer. Forçava-o de novo para dentro de si, e a dor formou um lago oculto que ora crescia, ora refluía, cheio de súbitas ressacas e correntes. Ela desejava demais o bebê, um anelo que por vezes a deixava sem fôlego, e ela se imobilizava, vencida pela angústia, buscando amparar-se numa lareira ou numa mesa. Rejeitava as tentativas do sr. Bennet de consolá-la. Se ele falava com ela, não escutava suas palavras. Não permitia que ninguém a tocasse. Tudo o que lhe interessava era seu filhinho, tão distante.

A srta. Gardiner era uma jovem bonita, além de meiga e risonha. Seu pai, advogado, a levava consigo quase todas as vezes que ia a Longbourn a negócios, e ela adorava a caminhada, respirando o ar puro do campo. Margaret, com as mãos calejadas, os cabelos presos sob uma touca, observava o jeito como a moça agitava os cachos, seus olhares faceiros, percebendo claramente, a cada instante, as reais intenções do pai bajulador. Percebia como o sr. Bennet, cego aos estratagemas, fazia da moça uma namorada, e de si próprio, um tolo. E se sentia paralisada.

Casaram-se e ela pensou: Bem, ao menos essa questão chegou ao fim.

A moça fez o sr. Hill cavar buraquinhos para plantar crocos no pomar. As flores se abriram na primavera seguinte, parecendo coisas mágicas e, além disso, frágeis e bonitas demais para sobreviver ao frio de fevereiro. A essa altura, a barriga da jovem senhora já estava crescida.

Fazendo alguma ideia da origem do sofrimento de Margaret, e não sentindo necessidade alguma de investigar a respeito, o sr. Hill, o mordomo, perguntou-lhe se ela toleraria, apesar de tudo, casar-se com ele. Ele não esperaria nada dela, disse, inclinando de lado sua cabeça esquisita, que lembrava uma torre do jogo de xadrez. Com certeza não esperaria as coisas que um marido normalmente espera da mulher no que se refere a cama e bebês. Entretanto, poderiam alinhar de forma razoável uma vida em comum. Poderiam conquistar um bom nome se ambos tivessem o nome dele.

E assim, num dia gelado de fevereiro, ela se casou com o sr. Hill, um homem de braços finos, mãos compridas e olhos inquietos. Naquela noite, deitaram-se lado a lado no leito conjugal, imóveis

como inscrições numa lápide. Durante todos os anos, desde aquele dia, ele lhe falara de forma decente, fora em geral amável, ainda que às vezes descuidado, e nunca, naquele tempo todo — nem uma só vez —, levantara a mão contra ela, o que era mais do que muitas esposas podiam dizer de maridos com quem haviam se casado por amor.

Ele tinha lá seus arranjos, o sr. Hill. De vez em quando ela conhecia alguns deles. Um homem a quem, num outono, o sr. Bennet deu emprego na fazenda; outro que havia trabalhado no lado oposto do vale. Vinham e partiam com as estações. Às vezes ela percebia que o sr. Hill estava com o coração dilacerado e consolava-o com compotas e outras gentilezas.

Por isso a sra. Hill sabia que jamais teria outro filho. Já a sra. Bennet, ao que parecia, não conseguia parar de tê-los.

Sua primeira gravidez foi interminável. Ela ficou pesadona e desajeitada, e não gostou daquilo nem um pouco. Habituada a ser ativa e sociável, passava dias inteiros no sofá em seu tocador. À noite, junto da lareira, ela adormecia, com o sr. Bennet a fitá-la com uma expressão de carinhosa preocupação e, por vezes, ajeitando a almofada em que ela repousava sua bela cabeça.

O parto foi uma batalha sangrenta. Deixou a todos extenuados.

A parteira limpou a criança, envolveu-a numa manta e deitou-a no berço, que a sra. Hill pôs-se a balançar até a ama de leite chegar da vila. A placenta ficou numa bacia de louça junto da cama, escura e densa como um fígado. Muito branca, a sra. Bennet se lamuriava enquanto a parteira a limpava e cuidava dela. A sra. Hill nunca vira tamanho dissabor numa mulher. Era como se ela não aceitasse o que seu corpo lhe fizera — uma infame traição a seus melhores interesses.

A bebê, entretanto, parecia bem contente. A sra. Hill a fitou, extasiada. Era uma menina rechonchuda, de cabelo ruivo-dourado e unhazinhas minúsculas e enrugadas, como pérolas de água doce. A mulher da vila chegou, tagarelando com a parteira, abrindo o corpete e pegando a bebê com um braço. Afundou-se numa cadeira baixa, puxou para trás o fichu e ajeitou a criança para a amamentação.

A parteira cobriu a bacia com um guardanapo e saiu do quarto. A sra. Hill esticou o lençol, debruçando-se por cima da sra. Bennet para prendê-lo.

Com a garganta seca, a sra. Bennet murmurou: “É sempre assim?”

A sra. Hill hesitou. “Não sei...”

A moça sacudiu a cabeça, virando-a no travesseiro.

“Nunca mais. Ele pode implorar o quanto quiser, mas não vou mais deixar, nunca mais. Nem se me prometer brilhantes.”

No entanto, três meses depois, com a bebê entregue à ama de leite na vila, a sra. Bennet vomitou, sobre o suporte do jarro de água e da bacia, o chá da manhã. A sra. Hill segurou o cabelo dela e depois limpou os filetes grossos de vômito do tampo de mármore.

Se a sra. Bennet tivesse tido o seu menino, ele teria sido o irmãozinho de Jane, e o irmão mais velho das demais meninas. Se é que elas chegariam a existir, já que só era preciso um robusto filho varão.

Aquela criança teria sido um bebê perfeito, aprenderia a andar depressa e se tornaria um menino voluntarioso. Teria sido despachado para a escola, enquanto as irmãs ficavam em casa costurando camisas para ele; voltaria ao lar no Natal, na Páscoa e nas férias, cometendo excessos, arranjando

encarecimentos e sendo adorado e estragado com mimos. Mais tarde teria sido mandado para uma das grandes universidades, onde se dedicaria a todas as pândegas, folias e desmandos, considerados normais na educação de um cavalheiro. Sem dúvida, faria alguns contatos que lhe seriam úteis no futuro e, quase por acaso, colaria grau. A partir daí, viveria no ócio, contraindo dívidas e esperando tornar-se herdeiro.

Mas a sra. Bennet não teve seu menino. O que teve foi seu infortúnio.

Um infortúnio com dez dedos nos pés, dez dedos nas mãos e cílios escuros perfeitos, embora nunca tenha aberto os olhos. Um infortúnio que parecia, sob todos os aspectos, sadio e em perfeita ordem — com exceção de ser tão pequenino, tão imóvel, tão azul e, esfriando tão depressa, só ter em si o calor da mãe. Nunca respirou.

Surpreendida por um arquejo súbito e por uma queda de pressão, a sra. Hill fez, ela mesma, o parto, e percebeu, antes mesmo de pegar o bebê, leve como um gatinho, com a pele fina como uma película de leite, que ele não tinha chance alguma: chegara cedo demais.

Ela o enrolou e o depositou sobre a colcha. Sua ama continuava agachada ao lado da cama, com a cabeça enterrada nos braços. A sra. Hill amparou a sra. Bennet enquanto ela soluçava e quando o médico chegou, durante a agonia que foram os exames e as raspagens. Cuidou dela no período de lassidão e de desalento que se seguiu. Ministrou as primeiras gotas de láudano, o primeiro meio copo do Bálsamo Estimulante de Gilead. E segurou a cabeça da ama quando, três meses depois, a sra. Bennet começou a querer vomitar na bacia de água a própria saliva que engolira à noite. Suas náuseas só pioravam.

“Não sei como vou suportar isso, Hill. Não sei mesmo.”

De vez em quando, chegavam notícias de seu menino. Deram-lhe o nome de James Smith. O camponês e sua mulher haviam explicado que ele era o filho órfão de um primo. Estava tudo resolvido, disse-lhes o sr. Bennet. Ele iria à fazenda com certa frequência, pagar o camponês por seus serviços e ver como estava o menino. Tudo fora feito com extrema discrição. Mas a mulher do camponês teria coisas melhores do que outras mulheres de camponeses. Haveria mais açúcar em sua casa, um chá de melhor qualidade. Os vizinhos notariam, a sra. Hill sabia; era o tipo de coisa que os vizinhos sempre notavam. Eles notariam e haveria falatórios.

Ao voltar de suas visitas, o sr. Bennet fazia soar a sineta para chamar a sra. Hill, e ela subia à biblioteca para ouvir o relatório do patrão sobre a saúde do menino, o aumento de sua estatura e de seu desenvolvimento. Ela aquiescia e não chorava, mas o lago escuro dentro dela crescia e a puxava para dentro. Melhor assim, dizia a si mesma ao sair da biblioteca e descer a escada de volta à cozinha. Era melhor que ele tivesse ar puro, leite e escola dominical do que se estivesse num orfanato ou vivesse a vida nas estradas, tudo o que ela teria podido lhe dar sozinha. E quaisquer que fossem as coisas que ela pudesse ter feito, dito ou ameaçado fazer, o sr. Bennet jamais teria lhe oferecido algo melhor do que aquilo. Nem uma única vez, na época de sua angústia, ele mencionara a possibilidade de se casarem.

A família continuou a crescer, uma menina atrás da outra, cada uma trazendo mais problemas que a anterior. Com um ano de idade, Lydia já era uma fonte incessante de travessuras, e sua irmã Kitty,

um pouco mais velha, ainda não sabia cuidar de si mesma. Esgotada e em pele e osso, a sra. Hill foi autorizada a escolher uma menina que estivesse aos cuidados da paróquia, a fim de treiná-la como criada. Afinal de contas, com isso poupariam o trabalho e a despesa de chamar, na vila, a mulher que ajudava no dia da lavagem de roupa. A sra. Hill selecionou pessoalmente uma órfã, uma menina franzina de cerca de seis anos que disse chamar-se Sarah. A criança sobrevivera por seis meses no orfanato e, portanto, podia-se confiar que estivesse livre do tifo que liquidara seus pais e seu irmão. O pinguinho de gente era só olhos. O coração da sra. Hill condoeu-se menos da própria criança que de seus pais: como deviam ter-se aterrorizado por deixá-la sozinha no mundo! Por causa deles, como também da criança, a sra. Hill decidiu que a amaria. E a amou até onde lhe era possível amar.

Um dia, quando o sr. Bennet chamou a sra. Hill à biblioteca, ele não exibia sua costumeira expressão de uma calma sincera e prática. Nem olhou para ela. Seu semblante estava fechado.

O rapaz tinha fugido, anunciou. Era de supor que houvesse se alistado no Exército.

“E ele está sendo procurado...? O que está sendo feito para achá-lo?”

O sr. Bennet brincou com sua faca de papéis. Em seguida, a deixou na mesa e pegou alguns documentos. Fingiu examiná-los.

“Ele tem vinte anos, sra. Hill. É homem feito. Agora toma suas próprias decisões.”

“Mas por que... Por que ele tomaria essa decisão? Não faz sentido. Ele precisa ser localizado, o senhor precisa fazer uma doação ao Exército para que o liberem.”

Olhos fechados, um sacudir de cabeça. “Isso está fora de cogitação, sra. Hill.”

As pessoas comentariam.

O escândalo. Claro. Ele não podia ser alvo de um escândalo.

Fora um terrível erro de cálculo, ela percebia agora: a infelicidade de todos em troca da honra dele.

James nunca tinha visto o mar até o dia em que um bando de recrutas bisonhos, jovens do campo e aprendizes fugidos de seus mestres, não acostumados a usar sapato, entrou marchando em Portsmouth a fim de embarcar num navio. Ao vê-lo pela primeira vez, ele ficou estupefato com o brilho prateado do mar e a maneira como ele não parava de se agitar sem nunca sair do lugar. O oceano parecia ao mesmo tempo belo e monstruoso.

Perdeu-o de vista nas ladeiras da cidade, que o deixaram aturdido com a aglomeração e o barulho. Eles sabiam que eram heróis porque as multidões os aplaudiam e as moças atiravam-lhes flores. Eram heróis porque estavam de partida para Portugal, de onde abririam caminho para a Espanha, restaurando monarcas legítimos e libertando o povo tiranizado. Se o Ogro Corso não fosse detido... Bem, não deviam nem pensar nisso. Ele tinha de ser detido, e antes que pudesse reunir homens e navios para avançar contra a Inglaterra de novo.

A preparação para o heroísmo tinha sido feita com horas e mais horas de exercícios de ordem unida, de treinamento com o mosquete Bess e com a baioneta, de demonstração do canhão de campanha, de montaria de cavalos, de gritos de homens cujo sotaque ele mal conseguia entender, mas que esperavam o cumprimento imediato de suas ordens. Novos conhecimentos eram incutidos por repetição. James tornou-se artilheiro: o nº 2 de sua brigada, o escovilhador, que manejava o escovilhão. Gostava de ouvir essas palavras. Gostava de ter um nome, um título e uma função específica. Antes disso, ele fora um ninguém. Era o que a Sofredora sempre lhe dissera.

O sargento Pye era o líder da sua brigada. Era de Ratcliffe. James tinha de encará-lo para entender o que ele dizia, e o sargento Pye não gostava que o encarassem. James logo aprendeu a evitar o cruzamento de olhares e mal abria a boca diante do sargento: quando ele falava, as palavras saíam vagarosas e rústicas. As pessoas riam.

Os artilheiros usavam fardamento azul-escuro, e não vermelho como os soldados comuns. Na cabeça, uma barretina emplumada, e com isso pareciam mais altos. A barretina dava importância ao artilheiro.

Desembarcaram numa baía ampla, saltando dos barcos para areias movidas pelo vento. Depois de uma marcha que durou o dia todo numa região quente e seca, com os olhos semicerrados por causa do sol, pararam numa casa deserta e ali se instalaram. Era um casarão de pé-direito alto, com quartos amplos e frescos. A guerra já passara por ali.

James conduziu sua parelha de cavalos por salas de mármore, seguindo o som de água, chocado com os rabiscos a carvão — frases incompreensíveis, mas imagens perfeitamente claras. Os corrimãos de madeira tinham sido derrubados a fim de fornecer lenha para as fogueiras. Por isso o piso estava chamuscado e o teto abobadado, manchado de fuligem. Havia excrementos humanos numa lareira de mármore. James achou as portas que se abriam para um pátio, levou os animais à fonte e deixou que mergulhassem a cabeça na água e bebessem.

Os franceses eram abomináveis. James já ouvira isso muitas vezes, mas agora via, entendia por quê. Não tinham respeito por seus superiores, pela propriedade, por coisa alguma.

Mais tarde, quando chegaram a outra casa, ele viu cortinas amontoadas no chão, servindo de cama, e fogueiras feitas com a mobília destroçada. Sentiu o fedor de latrinas, e suas opiniões sobre o inimigo se confirmaram — até ele notar que as obscenidades garantidas nas paredes estavam escritas numa língua que ele entendia. Aquilo era obra de soldados ingleses, de uma tropa que passara ali antes deles.

Em Vimeiro, acamparam nas colinas, entre azinheiras e olivais. As ordens do sargento Pye entravam-lhe por um ouvido e saíam pelo outro. O treinamento de James se impôs, orientando-o e dirigindo seus movimentos em todas as sequências necessárias do canhão. Além disso, sua concentração era absoluta, pois a negligência poderia custar-lhe as mãos. Ainda não vira isso acontecer, mas tinham-lhe contado: o artilheiro precisava ter cuidado para que as mãos não lhe fossem arrancadas, pois o sangramento pelos cotos o mataria na mesma hora. Ele também podia perder os pés quando a peça saltava para trás, sobre as rodas, com a força do disparo. Ele não seria descuidado.

Depois de efetuada uma barragem de artilharia, a infantaria avançava sobre pedras e arbustos, e James sentia uma queimação na garganta e um zumbido nos ouvidos, além do gosto de pólvora negra na boca e o cheiro dela no nariz. Suas mãos ardiam e doíam. Tremiam. Ele as flexionava, esticando os dedos. A dor e o tremor demoravam a passar.

Lisboa fedia. O que mais se via era sordidez, indigentes andrajosos e procissões com momices papistas por ruas tão emporcalhadas que os padres arrepanhavam as batinas como mulheres, exibindo canelas pálidas e peludas. Os rapazes de túnicas azuis lotavam as ruas imundas, bebendo e cantando, vendo confirmado seu sentimento de superioridade: eles tinham botões reluzentes, coturnos fortes e de boa qualidade, polainas negras, pães e cerveja, sem falar de seu senso de determinação. Além disso, tinham posto os franceses para correr. Era algo de que podiam se orgulhar.

Então veio a ordem para marcharem até Salamanca. A infantaria poderia seguir em linha reta. Já a cavalaria e os artilheiros teriam de fazer um percurso longo e tortuoso, utilizando-se das estradas

melhores.

Os cinco homens que compunham a brigada viajaram juntos: o sargento Pye, que estava no comando; o escovilhador, James, ainda tido como novato; o carregador, um velho militar chamado Stephenson; o tapador, que tinha uma larga cicatriz num lado do rosto e a quem faltavam os dentes desse lado da boca; e um quinto homem, um sujeito taciturno, de nariz quebrado, encarregado de manter o bota-fogo aceso e de atear fogo à carga de pólvora. Junto com as parelhas de cavalos e a boca de fogo, eles seguiam o fluxo vermelho da infantaria, tendo atrás de si as carroças de munição e provisões. Ao meio-dia, punham-se à sombra da peça, que os protegia do fulgor do sol.

O trajeto era realmente longo. Seguiram primeiro para o leste, por um vale luxuriante e pantanoso, avançando por estradas muito esburacadas e lamacentas, delimitadas por juncos que silvavam e farfalhavam ao vento. Depois viraram em direção ao norte. O terreno se tornou montanhoso e duro. E a guerra, para James, se tornou o transporte de um objeto pesado por um terreno difícil e em condições climáticas adversas. O Exército era uma enorme criatura segmentada, sempre se estendendo e se compactando, hoje se decompondo em divisões, amanhã se reagrupando.

Em outubro, os cinco homens e os quatro cavalos ainda arrastavam a boca de fogo de nove libras pela ampla região, com as rodas e as botas gastas levantando poeira. Fincavam os pés na terra em declives, resistindo ao puxão da peça e faziam-na transpor cursos d'água, com a palamenta amontoada sobre a carreta. O chão pedregoso era cruel. Tropeçavam, empurravam, praguejavam.

Os animais emagreciam. Uma égua morreu, e o nº 3, carnicheiro antes da guerra, carneou-a, e naquele dia eles comeram bem e enrolaram tiras de carne equina para levar consigo. A égua foi substituída por outra, espanhola, confiscada a um fazendeiro que protestara e os ameaçara com uma foice. Depois que o empurraram para longe, ele voltou a investir contra os soldados aos gritos e, como se debatesse ao ser dominado, acabou silenciado por uma baioneta.

“Eu o avisei”, disse Pye, limpando a lâmina na grama.

Ninguém perdia um animal sem resistir. Muito menos um lavrador pobre como ele. O trabalho da égua fazia a diferença entre uma colheita decente e o descambar para a fome. Sem ela, o lavrador e sua família já se viam às portas da morte. Pye apenas as abria para ele e o empurrava para o outro lado.

James experimentou com a égua as poucas palavras que sabia de espanhol. Coisas sem sentido — obscenidades, pedidos de cerveja e tortilha, mas o som das palavras aparentemente a acalmou. A égua piscou para ele seus olhos pretos como carvão e esfregou o focinho em James. Sua cabeça parecia veludo velho esticado num bastidor de vime.

Em seu sono leve no frio de uma noite de outono na Extremadura, enroscado sob a boca de fogo, James sonhava que o canhão era sua mãe e que ele era sua cria. Os outros quatro, entre eles o sargento Pye, eram os outros membros da ninhada malcheirosa.

James tapou os ouvidos com musgo, procurando fugir dos sons da cidade e do acampamento. Sons de música, de sexo e de lutas.

Já era pleno inverno e a companhia ainda não chegara a Salamandra, a cidade-lagarto. Agora pareciam seguir de novo para o leste, cruzando a paisagem árida. James não entendia essas voltas e

guinadas, a não ser que a cidade estivesse fugindo à medida que eles se aproximavam dela.

Os moradores escondiam seus animais e sua comida: essa a única explicação para as estacadas, as pequenas propriedades e os celeiros vazios. Os soldados roubavam e reviravam o que podiam e mesmo assim estavam sempre famintos.

Num fim de tarde, a brigada de James enfiou-se num pequeno carvalhal, na esperança de encontrar ovinos ou bovinos escondidos, ou, na falta de gado, aves silvestres. O carvalhal era ralo e seco e carente até de aves. O local tinha sido vasculhado com cuidado e não restava ali nem o arrulho de um pombo. Esquadrinharam o lugar num silêncio irritado, sentindo frio, a respiração se condensando no ar e os pés roçando nas folhas secas do fundo de uma ravina. No momento em que Pye se virava para dizer alguma coisa, sem dúvida para anunciar o fim daquela exploração inútil, ouviram o som trovejante de um animal correndo e grunhidos resfolegantes. James girou e viu um porco selvagem arremetendo contra eles, descendo a ravina. Pye saltou de lado e carregou rapidamente a pistola. Atingiu o animal bem no focinho eriçado, transformando-o numa massa de sangue e miolos, embora a fera continuasse a investir contra eles, levada pela inércia. James esquivou-se, Pye deu um salto e os outros artilheiros se espalharam. Já meio morto, o animal atingiu o fundo da ravina e ali se deteve com as patas dianteiras se dobrando. Os cinco homens não tiravam os olhos dele. Com um ruído arquejante, o porco selvagem caiu de lado, expelindo sangue pela boca. Houve um momento de silêncio, e James riu: alívio. Pela primeira vez em muito tempo, o nó apertado dentro dele se desfez. Comeriam bem naquela noite.

“Alguém tem maçãs?”, perguntou o sargento Pye.

“Ovos”, disse James. “Presunto e ovos.”

Agachou-se ao lado do animal e viu suas tetas vermelhas e inchadas.

“É uma fêmea. A ninhada está por perto.” James levantou-se. “Ouçam.”

Fazia muito frio. Começava a escurecer. Ficaram em silêncio. O som era quase agudo demais para ser ouvido: um guincho tênue, quase de morcego. James ergueu a mão e fez sinal para que os outros o seguissem. No meio da subida, deram com uma toca escavada entre raízes de árvores. Uma ninhada de meia dúzia de porquinhos os fitava com olhinhos miúdos. Eram animais robustos, alimentados com leite e bolotas. Piscavam com cílios claros para os homens. James estendeu a mão para pegar um, e o grupo se espalhou, guinchando. Os homens puseram-se a persegui-los, escorregando pelo declive. Riam, xingavam, gritavam uns para os outros, como que desinteressados da caça, como se estivessem em sua terra caçando leitões besuntados numa feira rural.

James agarrou um deles pelo cachaço e o imobilizou entre os joelhos, metendo-lhe a baioneta na garganta. O animalzinho agitou-se e sangrou. Na fazenda, a Sofredora teria colhido o sangue num balde para fazer chouriços. Jamais teria acreditado que um dia seria capaz de sentir saudade da bruxa e de sua cozinha.

Caminhavam com os mosquetes pendendo dos ombros e o porco pendurado num pau que tinham cortado e que dois homens carregavam, as crias presas em outro. Já era noite, mas a lua subira e iluminava bem o caminho de volta ao acampamento.

Passou-se não mais que um segundo entre James se dar conta de que se sentia feliz e, em seguida,

perceber que estava com medo. Lançou um olhar em torno. Achavam-se no fundo de uma ravina seca, entre pedras e juníperos baixos. Suas polainas roçavam em gramíneas ressequidas. O luar deixava tudo azul e branco, e nada tinha mudado, mas eles corriam perigo. James sabia disso por causa do arrepio em sua pele. Não era um perigo óbvio, imediato, como um mosquete no rosto ou o ataque de um porco selvagem. Era o tipo de perigo para o qual uma pessoa caminha descuidada, assobiando.

Ele tirou o mosquete do ombro. “Senhor!”

Pedras e grama. Mais acima, uma série de salgueiros e um afloramento rochoso. Tudo era silêncio, mas uma espécie de silêncio raso, como uma respiração contida.

“Sargento Pye! Senhor!”

Pye olhou para ele e seu sorriso se desfez. Ergueu a mão para que ninguém falasse. Sua própria voz foi um sussurro.

“Está vendo alguma coisa, rapaz?”

Os homens estavam quietos, observando a ravina, pegando os mosquetes. Uma mudança na temperatura: tinham se descuidado. Pye permitira isso.

“Bem, bem, meus amores”, murmurou Pye. “Olho vivo, todos. Vamos voltar ao acampamento.”

Agora não havia mais conversa, só se ouvia o som dos coturnos no chão seco e o arfar da respiração em gargantas secas. Assim que saíssem da ravina, teriam de descer quase dois quilômetros de encosta até o acampamento. Quando chegassem àquele pinheiro retorcido lá na frente, estariam em campo aberto e o pior teria passado.

Noventa metros. Sessenta. Ainda faltavam quarenta. Eles iam se livrar daquela. Parecia que tinham escapado.

Pye deve ter pensado a mesma coisa, porque se virou para falar por cima do ombro. “Você me assustou lá embaixo, Jimmy...”

Nesse momento soou o estampido.

Os homens se abaixaram, preparando os mosquetes. James se apoiou num joelho e em um segundo estava estendido de barriga no chão com o Brown Bess colado ao ombro, procurando a origem do tiro: tudo estava prateado, ensombrecido, granuloso ao luar. A seu lado, o sargento Pye sibilava ordens. O disparo ecoou na ravina: um som sujo, que repercutiu nas pedras. James procurou no horizonte, nas árvores mirradas, nos rochedos. Silêncio.

“*Dejen las armas!*”

Arrastando-se, contorcendo-se no chão, James procurou em torno quem falava. Não havia sinal de movimento, nenhum barulho.

“*O matamos a todos ahora.*”

“Larguem os mosquetes”, disse Pye. “Agora.”

Os homens olharam para ele, rostos pálidos na noite. O sargento sacudiu a cabeça: vamos logo com isso. Estavam em campo aberto: não podiam combater um inimigo que não viam. Com o suor da testa refletindo a luz, Pye deu o exemplo e largou seu Brown Bess. James fez o mesmo, com relutância, soltando o peso frio da arma na grama raquítica. Os demais o imitaram, e os canos dos mosquetes tiniram ao se entrechocar.

Em seguida, aproximaram-se uns dos outros, de costas. James sentiu seu ombro roçar no de Pye, seu braço encostar no de Stephenson. Ouvia a respiração dos companheiros, acelerada e áspera. Continuava a procurar alguma coisa no escuro. Os porcos jaziam na terra, amarrados e abandonados.

Então houve movimentos no alto da encosta. James cutucou Pye, apontou a direção com o queixo. Os bandidos saíram do meio das pedras. Desceram a encosta devagar, fazendo um percurso sinuoso, e se reuniram em torno dos soldados. Um deles, um rapazinho, sorriu e James notou a brancura de seus dentes. Os homens exalavam um cheiro almiscarado, como o do veado. Um velho abaixou-se, juntou os mosquetes e segurou-os sob o braço, como se fossem achas de lenha. O líder do grupo, que tinha o rosto tão rude quanto a paisagem, disse algumas frases em espanhol, das quais James reconheceu algumas palavras: *ingleses, idiotas, hijos de puta*. Eram todos magros como hastes de capim.

A porca e os porquinhos foram apanhados e levados embora, balançando nos paus por algum caminho que subia pelas pedras e que os soldados não poderiam saber que existia se não tivessem visto aqueles homens seguindo por ele. O grupo simplesmente dissolveu-se na escuridão e sumiu. James ficou com a impressão de um largo sorriso de dentes brancos no ar quando os homens desapareceram.

Alguém assobiou baixinho.

Alguém disse: “Canalhas!”.

Pye enxugou a testa com a manga da túnica. “Tivemos sorte.”

“Isso foi sorte?”

“Só perdemos o jantar. Poderia ter sido pior. Poderiam ter nos destripado. Se fôssemos franceses, teriam cortado nossos pintos e nos obrigado a comê-los.”

Por fim, Pye se voltou e se pôs a caminhar para o fim da ravina, debaixo do pinheiro mirrado e retorcido.

Numa encruzilhada perto de Alba de Tormes, onde pararam para dar de beber aos cavalos numa gelada manhã de inverno, James viu o marco miliário: *Salamanca 15 Millas*.

“Podemos chegar lá ao anoitecer”, disse.

O sargento Pye riu. “Hoje vamos comer bolos amanteigados de Salamanca!”

Foi então que a ordem chegou à coluna, com um suspiro ondulante que lembrava o vento agitando um campo de cevada: deveriam regressar a Portugal. James parou de repente, surpreso, vendo que os homens faziam os cavalos dar meia-volta, escorregando na lama e nas pedras, e que a carreta do canhão começava a se mexer um pouco, de novo na direção oeste. De repente, pôs-se a correr para alcançar a brigada. Também pôs o ombro na carreta e começaram a empurrá-la. Afastando-se de Salamanca. Afastando-se do lugar que, durante tanto tempo, tinham se esforçado para alcançar.

Era dezembro. Os céus estavam limpos e brancos. A neve rodopiava nos campos em torvelinho.

Em Sahagún de Campos, James se deu conta de que a fome que sentira antes não fora nada. A que ele sentia agora era diferente, mais dura, mais forte, a mais feroz que já conhecera. Roía sua barriga,

alucinava seus dentes, comprimia suas têmporas, tornava seu olhar mais aguçado, deixava-o tenso e a um passo da fúria.

Ao entrarem na cidade, ela estava repleta de soldados. Os franceses tinham acabado de ser expulsos. Uma grande vitória, comentavam os oficiais, apesar da enorme desvantagem numérica, que entraria para os livros de história, como Crécy ou Agincourt. Sempre que os ingleses falassem de glórias e os franceses de humilhação e vergonha, falariam sobre Sahagún de Campos e balançariam a cabeça, admirados.

A cidade era feia, imunda, violenta. Nas ruas escuras atrás da igreja de São Tirso, sob suas arcadas, espectros se reuniam. Iam dar ali como restos levados pelas ondas, com olhos enormes captando a luz, ossos saltando em joelhos e cotovelos.

Os soldados de túnicas vermelhas e os artilheiros iam lá. Os soldados procuram diversão onde podem. E Deus sabe como as mulheres e as crianças se vendiam de boa vontade. Se é que, em tempos como aqueles, tais atos tinham alguma coisa a ver com vontade.

No entanto, o fato era que — Pye riu e levou à boca, avidamente, a caneca de vinho barato, uma das inúmeras que o faziam passar da alegria prudente a confidências desagradáveis — era absurdamente fácil obter um pedaço de carne fresca ali, isto é, até onde qualquer coisa naquela latrina esquecida por Deus pudesse ser chamada de fresca. Todas aquelas meninas estavam prontas para ser ludibriadas. Na verdade, nem era preciso lhes dar coisa alguma; a promessa bastava. Depois de fazer o que quisesse, se você não lhes desse um biscoito ou um pedaço de pão, o que é que uma menina daquelas poderia fazer? Tirá-lo de você à força? Ha! Enfiar uma *faca* em você?

Enojado, James tomou seu vinho e nem olhou para Pye.

Como um fantasma, passou a perambular pelas vielas. Não sentia desejo por aqueles saquinhos de ossos. Não imaginava como alguém podia desejá-los — em vez de desejo, provocavam nele, além de uma dolorida solidariedade, outro sentimento, mais forte: horror. Agora entendia a felicidade representada por tudo que ele tanto desejara deixar para trás: uma cama quente, um copo de leite, o dia seguinte transcorrendo exatamente como o anterior e ter como única necessidade premente uma boa pedra lisa para atirar nos corvos ladrões.

Encontrou uma menina esfarrapada carregando no quadril um menino menor. James levava consigo um pedaço de pão, que tirou do bolso e ofereceu à menina. Ela olhou para o pão, depois para ele. Fechando os olhos devagar, pôs o menino no chão e murmurou alguma coisa no ouvido da criança que a fez se sentar com o polegar enfiado na boca. Com ar envergonhado, ela se aproximou de James, desabotoando a roupa.

James empurrou o pão nas mãos dela. Ergueu as mãos e recuou, balançando a cabeça. “Não. Não.”

Ele se virou e se afastou depressa. Deixou-a ali, agarrando o pão com seus dedos sujos, sem saber o que fazer. Ao olhar para trás, na esquina da viela, viu-a acocorada junto do menino. Tinha partido o pão ao meio e observava o garotinho morder a cêdea dura, enquanto ela mastigava a sua parte.

James se afastou, sentindo-se culpado e incomodado. Aquilo talvez retardasse um fim. Nem tinha certeza de que procedera bem.

Viu Pye caminhando diante do claustro de São Tirso. Sua risada característica, uma túnica escura

movendo-se nas sombras.

Viu Pye levantar alguma coisa magricela e minúscula de encontro a uma parede, ao mesmo tempo que mexia nos botões das calças.

Viu Pye saracotear pela rua com uma caixa de rações, seguido por um bando de crianças caladas e de olhos arregalados.

James cerrou os punhos. Ver aquilo e não fazer nada manchava sua vida.

A fome tornava seu sono leve e perturbado: figuras famintas tentavam agarrá-lo, lábios rachados sugavam os seus. Acordava tremendo. Corvos circulavam no céu.

Duas noites antes do Natal, veio a ordem para que partissem. Era uma noite úmida e fria. Havia uma ameaça de neve, mas não de geada, portanto tudo estava gelado e molhado quando começaram a desmontar o acampamento e atrelar os cavalos à carreta do canhão.

Os animais estavam presos a seus tirantes, as armas cobertas por lonas que a protegiam do granizo, mas o sargento Pye não aparecia. Mandaram James à sua procura. Sabia onde poderia achá-lo. Atrás da igreja de São Tirso, deu com ele numa rua secundária com o pênis na mão, tentando urinar. Pye ergueu os olhos, febril e com dor. Ao ver James, guardou o membro na calça.

“Que azar, tive um problema”, disse.

“Senhor.”

“Você não vai contar nada, não é, Jimmy?” Pye puxou o pano da calça para a frente, afastando-o da pele empolada.

“Senhor.”

Pye endireitou a túnica. “Sim?”

“Recebemos ordens para partir, senhor.”

“Bem, então vamos lá. Logo hoje...”

Os soldados deixaram Sahagún debaixo de neve. Com os pés cobertos de bolhas e eritemas, seguiam com cuidado, analisando por onde avançar, a fim de descobrir os franceses e atacá-los. Com a neve transformada em lama e as estradas cheias de sulcos e escorregadias, tinham avançado com enorme esforço quase cinco quilômetros, quando um mensageiro a cavalo passou pela coluna, veloz como o demônio, jogando lama para os lados. James levantou a cabeça, enxugou os olhos, tentou entender e continuou sua marcha. Oitocentos metros depois, a ordem chegou até ele, percorrendo a coluna: retroceder. Uma grande movimentação de soldados franceses fora detectada no Sul. Napoleão estava se aproximando e procurava flanqueá-los. Agora precisavam correr.

Eles não tinham como correr. Não com uma peça de artilharia de nove libras e cavalos mortos de fome. Arrastaram-se como podiam.

Deveriam marchar agora para La Coruña. Toda a força corria em direção ao mar. A cidade ainda estava em mãos britânicas e poderia ser facilmente defendida. Ficariam protegidos até que a Marinha retirasse todos dali. Isso não era uma derrota! Do mesmo modo que um braço recua para desferir um soco, também um Exército de vez em quando precisa bater em retirada a fim de reunir melhores condições para contra-atacar. Eles voltariam para casa por mar, se reagrupariam e atacariam de novo. Aí, então, dariam uma lição naquele curso de merda, continuou Pye, sua fúria crescendo, a saliva se juntando nos cantos da boca, tentando incutir nos outros homens alguma coisa parecida

com animação. Os olhos deles ficaram menos opacos, os ombros menos caídos e eles começaram a lembrar o que significava ser soldado, soldados ingleses, e levantaram a cabeça. James, porém, só conseguia pensar na volta à Inglaterra. Sebes cheias de aves e bagas. Leite. Um sol suave. Um ancião que o saudaria com um gesto de cabeça ao passar, que não esperava que você o transformasse numa pasta sangrenta, que roubasse seu jantar, violentasse sua mulher e incendiasse sua casa, acabando com todos os seus sonhos.

Passando por um vilarejo na retaguarda da companhia, na sombria décima quinta hora de uma marcha de trinta e seis horas, James tropeçou em alguma coisa macia e sólida. Caiu sobre ela, apoiando-se nas mãos e nos joelhos. Seus dedos estavam metidos na lama e suas canelas, molhadas. A estrada encharcada fedia a vinho e sangue, e vultos pequenos corriam em disparada na escuridão. James se surpreendeu: era um corpo. Sabia pelo cheiro — sangue, urina e um toque de algo enjoativo. Além disso, era tão pequeno que devia ser o corpo de uma criança. James se levantou e prosseguiu a marcha.

Indo até os dois cavalos que seguiam na frente, segurou uma rédea e encostou a palma da mão no pescoço aveludado. Sussurrou frases sem sentido em espanhol e continuou andando, com a mão na tranquilizadora resistência do animal. As botas de James eram farrapos encharcados, suas polainas tinham-se reduzido a trapos. Suas pernas tremiam, o estômago doía de fome.

E ele estava com medo. Agora era um medo verdadeiro, e não a fugaz consciência da mortalidade que sobrevém depois da batalha. Era um zumbido contínuo que crescia sem parar, até ele não conseguir mais pensar em outra coisa.

Quando, no frio da madrugada, interromperam a marcha, achavam-se num campo aberto e gelado. O céu estava claro, com nuvens ralas e altas. A fumaça subia de construções baixas a cerca de dois quilômetros de distância. James desatrelou a parelha dianteira da carreta do canhão e levou-a na direção daquelas edificações. Pensava de forma simples: abrigo, comida, sono. Depois, assim que acordasse, se poria em marcha de novo. O medo era grande demais para deixá-lo descansar por muito tempo.

Os animais seguiram de cabeça baixa pelo campo sulcado. Quando James empurrou a porta arruinada, um punhado de túnicas vermelhas ergueu os olhos de onde estavam, ao redor de uma fogueira. Alguns levaram a mão aos mosquetes.

“Artilheiro”, ele disse, para explicar a túnica azul.

Os homens se tranquilizaram ao ver que ele era inglês. Um deles acenou, convidando-o a entrar.

“Então, aproxime-se, se quiser. Junte-se a nós.”

O lugar estava uma ruína. Metade do telhado não existia mais. Era um celeiro, ou estábulo, dividido em baias precárias e esburacadas. Havia um montinho de feno velho e ralo. James levou os animais para lá, e eles começaram a mastigá-lo.

Os soldados tinham feito uma fogueira com madeira tirada dali: pedaços de vigas, de tábuas e de uma trave caída do telhado, amontoados sobre as lajes nuas. A madeira antiga queimava bem.

“Estou quase morto.”

James atirou-se ao chão, contemplando as chamas trêmulas. O medo esvaiu-se aos poucos. Os homens conversavam, mas ele não acompanhava o que diziam, nem queria fazê-lo; já não conseguia

nem falar. Recostou-se com os pés voltados para o fogo. Fechou os olhos.

Quando acordou, os soldados tinham sumido. Os cavalos também. Quando saiu do prédio, viu que a coluna também se fora.

O medo transformou-se num ser vivo. Deslizava em torno dele, cobria seu rosto e se metia em seu cabelo. James não conseguia respirar nem pensar, só fitava a região agreste e lançava os olhos para a estrada vazia. Virou-se para olhar o caminho de onde tinham vindo.

Estava sozinho.

*Por que aqueles homens não o tinham acordado?*

Isso foi um pensamento.

*Porque roubaram os cavalos.*

Isso foi outro pensamento.

O fato de esses pensamentos ainda lhe ocorrerem o tranquilizou um pouco.

Estremeceu e esfregou os braços.

Olhou para o sol, pálido e alto. Meio da tarde.

Mas ainda era o mesmo dia? Ou seria o dia seguinte?

Agora sozinho, a estrada lhe parecia assustadora. Ele se sentia exposto como um piolho num crânio rapado: os campos que ela cortava estavam ralos devido ao inverno ou cobertos por um mato miúdo.

Era fácil detectar a passagem da companhia e, portanto, segui-la: as pegadas gravadas na geada, solados de botas, uma carroça com o eixo quebrado, fezes, manchas de urina amarela na neve. Como preferia não seguir pela estrada propriamente dita, caminhava ao longo dela, do outro lado da vala, tropeçando em pedras e se ferindo em moitas. Olhava para trás o tempo todo, perscrutando o horizonte às suas costas, sentindo arrepios na nuca.

No fim do dia, topou com um cavalo morto. Pedaçoes de carne já tinham sido retirados das ancas. Ele também cortou uma tira de carne, que foi mastigando enquanto caminhava. Seca e com uma crosta de sangue, satisfazia bem sua fome.

Continuou andando enquanto escurecia, aos esbarrões. Voltara a ser uma nulidade: barro animado arrastando-se pela superfície da terra. Haveria de chegar à companhia. Estaria seguro com ela, mesmo na lama. Seguro até La Coruña, onde a Marinha iria buscá-los e carregá-los, como excrementos recolhidos da fossa de uma sentina.

No outro dia, James viu os primeiros retardatários surgirem ao longe, em meio à poeira: uma capelinha à beira da estrada, dois homens sentados aos pés dela. Os olhos da madona de madeira pintada tinham sido arrancados e as folhas e bagas em torno de seus pés descalços estavam endurecidas e queimadas pela geada. Um olho-d'água borbulhava abaixo da imagem, formando uma bacia na pedra. Dali emanava uma água clara, da qual subia um tênue vapor. Os soldados tinham bebido da fonte e descansavam. Estavam invulgarmente limpos e um deles ainda enxugava o pescoço com um lenço úmido. James se aproximou.

“Inglês!”, disse, acenando.

Os homens se entreolharam. Um deles assentiu. Não disseram uma palavra.

“Graças a Deus encontrei vocês!”

James caiu de joelhos junto à fonte, juntou as mãos em concha e bebeu. Sentiu ao mesmo tempo o gosto sulfuroso da água morna e o da sujeira de sua mão. Com o queixo gotejando, desamarrou seu lenço no pescoço para secar e limpar o rosto.

“Estamos muito longe da coluna?”

Os dois homens se entreolharam.

“Eu me perdi. Fiquei para trás. Estou correndo para achar a coluna... há dias...” Balançou a cabeça, derrotado pela duração de um tempo indiferenciado.

Um dos homens deu uma risada sem alegria.

“O que foi? O que aconteceu?”

O soldado balançou a cabeça.

“Os franceses vieram? Fomos derrotados? É uma debandada?”

Então um deles falou. Era galês, com um sotaque tão forte que por um instante James não entendeu o que ele dizia. Só depois, quando os homens já se punham de pé e retomavam sua caminhada foi que James compreendeu as palavras dele.

“Meu amigo, nós estamos fazendo todo o possível para nos perder, e para sempre.”

Ele alcançou a retaguarda do Exército três dias depois, nas cercanias de uma pequena cidade-mercado. Seu alívio foi tamanho que teve a impressão de que sua mochila se soltara dos ombros e de que ele subiria ao céu como uma pipa. O barulho, as vozes, a conhecida desordem, o fedor. Tudo era desagradável, mas ali ele se sentiu em segurança.

Tendo avançado cem passos na confusão das tropas do Exército, encontrou um oficial, bateu continência e se apresentou. O oficial assentiu com a cabeça e fez um gesto, indicando um vistoso casarão na praça principal, com balcões e um belo trabalho de cantaria, que fora requisitado para servir de alojamento dos oficiais.

James deu seu nome e sua graduação ao cabo que o atendeu. Na antessala sombria, o rapaz verificou suas listas franzindo a testa. Tinha um furúnculo no pescoço. Daí a pouco, levantou-se. Abriu a porta e passou para o vestíbulo. Ao voltar, vinha acompanhado de dois guardas armados.

“É esse. Vocês sabem o que fazer.”

Os guardas seguraram os braços de James, puxando-os para suas costas. James tentou se libertar.

“Eu não... Por que isso?”

“Você é um desertor.”

“Não...”

“Seu sargento o denunciou.”

“Se eu tivesse desertado, por que voltaria para cá?”

O cabo deu de ombros. “Muitos desertores fazem isso. Veem como a vida é dura. Depois voltam.”

Algemado, James foi levado a uma adega, que cheirava a vinho e camundongos e era iluminada

por uma grade estreita no alto da parede. Alguém lhe atirou um cobertor. Ele o puxou para cima dos ombros, jogou-se na pedra fria e fechou os olhos. O medo, aquele ser vivo, afrouxou os dentes, afastou-se e enroscou-se num canto. Não poderiam mantê-lo encarcerado por muito tempo. Com a retirada em pleno progresso, não haveria como mantê-lo ali. Seriam obrigados a chamá-lo para se explicar, tudo se esclareceria e ele não teria medo de dizer a verdade. Aqueles infantes o haviam deixado dormindo enquanto o Exército se retirava, tinham roubado seus cavalos... Era remota a chance de serem identificados. Na verdade, o provável é que eles mesmos tivessem desertado — e roubado os cavalos para fugir, e não para comê-los. Tudo aquilo era um mal-entendido, disso ele tinha a mais completa certeza. Não havia desertado e não seria punido por algo que não fizera.

As horas se arrastaram. A luz que vinha da grade percorreu toda a parede. Ele dormitou, sonhando com a fazenda. Com a campina, com céus frescos e morangos silvestres. Com o homem que tinha passado a mão em seus cachos, dito que ele era o menino mais bonito que já vira e perguntado se estava feliz.

Despertando agora de todo, James sentiu saudade de um lar que nunca fora seu de verdade. Se sobrevivesse a isto, à retirada e a qualquer escaramuça que tivessem de enfrentar no caminho, se chegasse a La Coruña e ao mar, se embarcasse num navio para a Inglaterra — se sobrevivesse àquele desastre e a todos os desastres ainda por vir nos onze anos de serviço militar que ainda lhe faltavam cumprir —, um dia voltaria para Hertfordshire. Era uma promessa que fazia a si mesmo e que o esperava ao fim de tudo: o paraíso vindouro. Ele acharia o velho, se ainda estivesse vivo: o sr. Bennet, que, tantos anos antes, havia se interessado em saber se ele estava feliz. O sr. Bennet era um bom homem, um homem importante, o mais importante naquele vilarejo perto de Meryton, e se o sr. Bennet quisesse tê-lo como criado, serviria a ele.

Ao ser tirado da adega, seus olhos piscaram para a luz fria. O chão afundava sob seus pés. Vozes o agrediam. Foi puxado, de maus modos, ao longo de manchas vermelhas e azuis. Caía um granizo ralo que lhe picava o rosto.

Soltaram a alga de um dos pulsos, mas logo a prenderam de novo. Seus braços foram presos em torno de um poste de madeira áspero. Aquilo parecia desnecessário. Ele tentou dizer “Eu não...”, porém sua boca estava seca, as palavras saíam débeis e o guarda não deu atenção a elas ou não as ouviu. Mas chegaria a sua vez de falar, de explicar, e tudo seria esclarecido.

Os artilheiros ali reunidos formavam um bolo fedido de túnicas azuis e molhadas. A figura do sargento Pye entrou em foco, exaltada e reluzente. Leu a acusação. James via a boca do outro se mexendo e se esforçava para concatenar as palavras. Quando começou a entender, sentiu o terror crescendo dentro de si como uma inundação, subindo por seus tornozelos, coxas, pelo corpo todo, até a boca e o nariz. Forçou as algemas. Balançou a cabeça. Seus lábios gretados se soltaram:

“Não...”

“Abandono do dever, perda de material bélico vital, deserção...”

“Não!”

“Deserção em face do inimigo...”

“Eu não deserti...”

O sargento Pye desferiu-lhe uma bofetada na nuca. Seu malar bateu no poste.

James não devia falar.

Os fatos falavam por si.

Cuspiu sangue. A língua tocou num dente quebrado. Sua visão anuviou-se.

Pye continuou lendo a acusação.

Deserção em face do inimigo. Entre os crimes que um militar podia cometer, esse era o mais ignóbil.

A visão de James escureceu. Sua cabeça latejava. Expeliu uma golfada de sangue.

Considerando que seu ato pôs os companheiros em perigo. Considerando que deixou seus amigos enfrentarem, sozinhos, o que ele próprio se recusou a enfrentar.

Por conseguinte, a pena por deserção em tempo de guerra era a morte.

No borrão de luz, através do ardor do sangue, do outro lado da praça do mercado uma criança emaciada fitava James, carregando uma criança menor no quadril.

A pele dele se eriçou. Suas mãos sacudiram inutilmente as algemas, ansiando por limpar os olhos — seria ela a menina a quem ele dera o pão na igreja de São Tirso? Mas sua visão se toldou e ele não pôde ver. Apertou os olhos com força e respirou. Voltou a abri-los e olhou para a praça do mercado.

Seria concedida clemência, uma vez que ele se arrependera e voltara.

“Cinquenta chibatadas.”

E com a retirada da túnica e da camisa, teve, enfim, a percepção plena e trêmula do que o esperava, de que nada podia fazer senão passar por aquilo e suportá-lo. O medo finalmente se apossaria dele, envenenaria seu sangue e o faria delirar, mas no momento em que a primeira chibatada cortou sua pele, ele fechou os olhos, mordeu o lábio com força e pressionou a testa contra ao aspereza do pelourinho. Respirou. Isso não vai durar para sempre, pensou. Haverá um tempo depois disso.

A dor era excruciante. O primeiro açoite foi uma labareda prateada. A chama escureceu, avermelhando-se, e continuou a queimar. E à medida que a chibata silvava e feria, silvava e feria de novo, arrancando sua pele, também arrancava seu medo. Rasgava o medo em tiras trêmulas e sanguinolentas. Quando James perdeu a consciência, o medo desapareceu dentro dele, morto para sempre. James nunca mais temeria coisa alguma. Não depois disso.

Terminada a punição, com ele transformado numa massa sanguinolenta de carne pendendo de suas mãos algemadas, estenderam-no de bruços numa tábua, onde foi algemado pelo pulso direito. Como se ele fosse fugir. Como se *pudesse* fugir. Como se houvesse algum lugar para fugir, além de La Coruña e do mar.

Aos solavancos e sacolejos, foi levado, esfolado, até a costa.

Foi solto para a defesa da cidade.

Todo homem era necessário, mesmo os criminosos e os covardes. Ainda estava fraco e febril, e suas costas ardiavam por causa das cicatrizes, e as cicatrizes se rompiam e supuravam.

Antes do ataque, os sapadores explodiram os paióis de pólvora, para que os invasores franceses não tivessem acesso a eles. As muralhas da cidade estremeceram e as chispas subiam para o céu como

fogos de artifício.

A brigada arrastou o canhão de nove libras serra acima. Dos cinco integrantes da unidade inicial, agora só restavam ele e o sargento Pye. Um rapaz ruivo tinha sido designado para a brigada, como também um homenzarrão calado e calvo de meia-idade, o novo tapador. Ao rapaz, que exercia a função de carregador, faltavam dois dedos da mão esquerda, mas isso não tinha importância, ele disse, rindo e mostrando a boca desdentada, pois era com a outra mão que ele se masturbava. Os animais também eram novos: uma égua baía espanhola, calma e resignada, que bufava para James. Ele encostava a testa na cabeça do animal e dizia: *“Mi querida, mi querida, mi querida”*.

Do cimo da serra, descia a encosta de vegetação rasteira. Lá embaixo, estendia-se a planície, árida e pedregosa. Os franceses formavam uma linha de túnicas azuis, bronze de canhões, aços cintilantes. A velha e suja camisa azul de James colava-se em suas cicatrizes. Ele cumpria as ordens de Pye em silêncio.

Do outro lado, navios singravam a baía, belos e limpos, alguém tinha dito que era 16 de janeiro, havia todo um novo ano pela frente, e ele não notara isso, assim como não tomara conhecimento do Natal.

Não estava com medo. Estava fraco e vacilante, suas mãos tremiam e qualquer movimento menos cuidadoso provocava novas ondas de ardor em suas costas. Seu corpo evitava isso instintivamente, mas ele não estava com medo. Refletia: estou ferido, estou me movimentando de forma desajeitada, estou fraco, portanto corro o risco de perder as mãos numa explosão e sangrar até a morte em solo espanhol. Refletia: dificilmente vou sentir a dor, o horror antes de dessangrar e partir. Agora isso não parecia uma coisa terrível, não parecia mais.

Dirigiu um cumprimento de cabeça ao tapador, cujo rosto era magro e sulcado. Teve a impressão de que as mãos dele tremiam.

James estendeu a mão na direção do homem. “James Smith.”

“Bill Hastings”, disse o tapador, o pomo de adão descendo e subindo pela garganta estreita. Apertou a mão de James, sacudindo a cabeça, nervoso demais para conversar.

A carroça da artilharia parou atrás deles com a munição. Os rapazes que a conduziam estavam cinzentos. O pessoal da infantaria foi distribuído à direita e à esquerda, um grupo de canhões tomou posição na outra vertente da serra. Atrás de suas linhas, no porto, escaleres e barcos de abastecimento já transportavam soldados para os navios que os esperavam.

Fomos deixados aqui para defender o forte, pensou James. Estamos aqui para morrer.

Granadas uivavam sobre a cabeça deles depois de percorrerem uma longa distância, indo cair perto de onde os cavalos estavam amarrados, fazendo-os corcovear, relinchar e pinotear. Uma granada estourou na terra diante deles. Os homens se espalharam e se atiraram no chão. Pye gritava sem cessar. James limpou a sujeira do rosto, pôs-se de pé e voltou ao trabalho.

Lá embaixo, a infantaria resistia arduamente — usando mosquetes e baionetas na refrega cruenta nos campos pedregosos.

“Os marujos não podem chegar aonde estamos”, disse Pye, rindo. “Nem a cavalaria deles pode nos atacar aqui. A posição é forte demais.”

Era verdade. A luta continuou, mas não houve avanço em nenhum dos lados. Ao anoitecer, os franceses voltaram para trás de suas linhas. Aquela batalha não seria vencida por ninguém, no entanto o resultado da campanha era claro. Os ingleses poderiam descrevê-la para si mesmos como quisessem, porém já estavam derrotados. Podiam não ter sido massacrados, mas lhes fora imposta uma humilhação.

James observou como Pye encravava o canhão para inutilizá-lo. O ruído do ferro era cavo, desagradável. Os ouvidos de James ainda zumbiam por causa da batalha. Ele havia arrastado aquela boca de fogo por meia Espanha e depois a trouxera de volta, e agora Pye usava a marreta para meter uma cavilha de ferro no ouvido da peça, e eles a largariam ali, entre as rochas.

A seu lado, o tapador bebia água direto da garrafa. Enxugou o gargalo com a mão imunda, preta de pólvora e poeira, e ofereceu-a a James. Sua mão tremia violentamente, derramando água para fora. O homem riu.

“Merda!” Balançou a cabeça e não disse mais nada.

James pegou a garrafa. Sua mão estava firme. “De onde você é?”

“Kent.”

“Sente falta de lá?”

“Ah, claro que sim. Minha terra é linda. E tenho uma mulher bonitona, Mary. E dois meninos.”

James assentiu com a cabeça. Bebeu, a água estava fresca. Agora entendia o medo. Conhecia seu nascimento e também onde era gerado.

\* \* \*

Sob a proteção da noite, o que sobrava da infantaria desceu devagar em direção à praia. Os homens foram transportados em botes para os navios que os esperavam. Os artilheiros seguiriam depois. O resto da brigada já começara a descer a encosta, ainda que às apalpadelas. De repente, James se viu sozinho com Pye no alto da serra. Pye lhe fez um sinal para que fosse para o local onde os cavalos estavam amarrados.

“Resolva o problema.”

James meteu-se entre os animais, intranquilos e extremamente magros. Falou com eles, passando as mãos em seus flancos, para que soubessem onde ele estava e se acalmassem. Começou a desafivelar os arreios que prendiam a égua à carreta do canhão. Os animais procurariam alimento e vagueariam por algum tempo, sem dono, até que alguém se apoderasse deles.

“Não perca seu tempo.”

“Senhor?” James olhou para Pye. Sangue em seu lenço de pescoço e fuligem em seu rosto. Havia um ferimento na asa do nariz. Ele o coçou.

“Use sua lâmina, artilheiro. Assim não desperdiça um tiro.”

James apenas olhou para ele.

Pye agitou uma mão enegrecida e impaciente na direção dos animais. “Ande logo com essa merda.”

James não conseguiu se mover. Engoliu em seco.

“Será que eu tenho de fazer tudo aqui?”

O sargento Pye sacou sua baioneta, avançou a passos largos e golpeou a égua, a baia espanhola, no pescoço. Os outros animais recuaram, amedrontados, relinchando. A égua baia caiu de joelhos, a cabeça ainda voltada para cima, mantida nessa posição pelo cabresto. O sangue jorrou da ferida e molhou o chão. O couro estalou, uma tira rompeu-se. A égua tombou de lado, batendo a cabeça no chão com um ruído de fratura. Ficou estirada, com os olhos grandes vidrados e o sangue borbulhando pelas narinas.

“Muito bem. Acabe com os outros.”

James sentiu o punho cerrar-se e depois se distender.

“Tem estômago fraco?”, perguntou Pye. “Imaginei mesmo que tivesse.”

“Senhor.”

James sacou sua baioneta. Pye se virou, dirigindo-se a um cavalo castrado, um ruão esquelético.

Pensando bem, foi fácil como colocar água no pote. Aliás, foi ainda mais fácil, pois o corpo dele quase não opôs resistência, e às vezes achar água para pôr no pote dá trabalho. James passou por cima da cabeça da égua.

“Senhor.”

Pye se virou para ele, mexendo os lábios, pronto para dizer alguma coisa, mas James o segurou pelo ombro e enfiou-lhe a baioneta. Num primeiro momento, houve certa resistência, de camadas de lã e de linho, de pele e de músculos. Lá dentro, era tudo macio. A boca do homem se abriu. James sentiu o aço raspar na espinha, do outro lado. Viu molares com cáries negras, a carne vermelha no fundo da boca de Pye. Empurrou a lâmina para cima e a torceu. Os olhos de Pye, com o branco amarelado e riscado de veias, se esbugalharam, as pupilas se dilatando.

James provavelmente já tinha matado antes, sabia que matara, mas nunca dera cabo de um homem tão de perto, não assim, não com o sangue quente escorrendo por suas mãos e com o fedor do hálito em seu rosto. O sargento caiu de joelhos, a baioneta metida no peito. James deu um passo atrás. Pye caiu estendido no chão, com os olhos e a boca abertos na terra.

James saiu dali. Não seguiu os outros na direção da praia, mas escolheu um percurso oblíquo, anguloso. Largou a baioneta, que despencou encosta abaixo, batendo de pedra em pedra. Ao chegar à areia, tirou o que restava das botas e deixou as polainas se soltarem e caírem. Saiu caminhando, descalço, para longe de La Coruña, para longe do Exército, para longe do sangue e de qualquer lembrança da Inglaterra. Como iria para a Inglaterra agora? Como poderia voltar para lá com tudo o que ocorreria? Manteve o bater das ondas à sua esquerda, a terra escura à direita, até as luzes dos navios sumirem de vista e ele não ouvir mais vozes. Sons de aves noturnas, o marulho das ondas. Tirou as roupas — a túnica enodada e descorada, a calça imunda, a camisa fedida que se colava nele e lhe provocava arrepios de tantos piolhos. Caminhou em direção às águas quase invisíveis.

Não esperava se manter vivo. Nem sequer pensou nisso. Não tinha medo. Só queria se lavar.

O vislumbre de uma mulher de preto. Alguma coisa a escorrer devagar entre seus lábios. Um gosto ralo de leite de cabra. Ele engoliu.

Depois, um catre estreito que cheirava a lona, o sol fraco infiltrando-se por venezianas fechadas. O som de vozes que subiam até ele através das tábuas do assoalho — uma voz de velha, a de uma mulher mais moça e a de uma criança.

Uma primeira tentativa desajeitada de se levantar, de ver onde estava, quem eram aquelas pessoas, o que estava acontecendo. Em seguida, sua queda de volta à lona, os estremecimentos e a surpresa chocante de sua debilidade. Quando, por fim, conseguiu se pôr de pé, com um lençol em torno do corpo, caminhou pelas tábuas nuas até a janela e abriu as venezianas, dando com uma noitinha embaçada e uma aldeola que descia por uma encosta em direção ao mar. Escutou as mulheres falando, ansiosas, lá embaixo, alertadas por seus passos pesados no forro do cômodo. Uma delas subiu a escada, olhando-o pelo alçapão. Tinha o rosto ressequido e os lábios caídos sobre a boca desdentada. Ele se deixou ser levado de volta à cama. A mulher resmungava alguma coisa.

“*Señora*”, ele arriscou dizer, juntando o pouco que sabia de espanhol. “*Donde... los ingleses?*”

A mulher fez shshsh, pedindo-lhe silêncio, com seu hálito de velha. Balançou a cabeça.

“*No sé. Los ingleses se han ido.*”

Tinham ido embora. Ele se deixou cair na cama de novo e deitou-se com o rosto na lona.

Quando conseguiu se mexer um pouco melhor, procurou suas roupas. As peças de seu uniforme não estavam em lugar nenhum — ele se lembrava de tê-las tirado e de nadar na praia —, mas uma mochila preta de lona estava pendurada nas costas de uma cadeira, além de roupas desconhecidas que pareciam ter sido deixadas ali para ele. Pegou uma blusa comprida, azul, de pescador, e uma calça larga. Ao se movimentar, a pele se retesava em suas costas. Virando a cabeça, conseguia ver as bordas das cicatrizes; ao tocá-las, percebeu que estavam secas e que estava sarando. Depois de se vestir, sentou-se para recuperar o fôlego.

Desceu com cuidado a escada de degraus largos. Lá embaixo, era dia, o fogo estava vivo na lareira

e havia um cheiro de comida sendo preparada que fez sua cabeça rodar. E também uma criança. Uma dessas crianças esqueléticas e de olhos grandes que pareciam persegui-lo por toda a Espanha. A menina falou depressa, em espanhol, virando-se para a porta aberta, e ele percebeu que não se tratava dela, não era a menina da igreja de São Tirso ou de... de depois. Ambas as crianças seriam ossos agora. Junto com tantas outras: roupas em farrapos e ossos de galho verde numa cova em Sahagún.

E Pye. Apodrecendo numa cova. Já meio podre ao morrer. Com os olhos amarelos arregalados e a boca aberta.

Fora da casa, uma mulher com roupas escuras enrolava redes de pesca. A menina foi até ela, disse-lhe alguma coisa e puxou-a pelo braço. A mulher virou a cabeça para olhar James com a expressão serena de uma santa representada numa pintura. Tinha o cabelo coberto por um lenço vermelho e era de uma beleza impressionante.

Saindo de trás dela, a velha levantou-se de sua cadeira, passou por ele e entrou na casa, indo até o fogo. Voltou com uma xícara de caldo e, com um gesto, indicou que James se sentasse. Ele se instalou num banco de pedra e pegou a xícara, que lhe aqueceu a mão. A jovem continuou trabalhando nas redes e a menina encostou-se no portal, olhando para ele.

O silêncio seria absoluto se não fosse o rumorejo das ondas na areia. Não se ouvia nem um grasnido de gaivota. Ele tentou entender o que a velha dizia. Tinha havido um homem, seu filho, o marido da moça, ela contava a James. Embora não demonstrasse estar ouvindo, a moça pareceu se imobilizar, enquanto a menina se endireitava. James entendeu que o homem não estava mais ali. Estaria morto? Podiam ter sido os franceses, a fome ou o mar.

“*Es triste*”, disse ele.

Num movimento de vaivém, a anciã agitou a mão, como se afugentasse a tristeza de qualquer lembrança do filho perdido — embora seus olhos velhos e aflitos mostrassem que a dor não tinha passado. Ela fez um gesto para a aldeia lá embaixo e continuou a falar.

Ele entendia fragmentos do que ela dizia. Viu que uma folha da janela se soltara das dobradiças e pendia como uma asa quebrada, que um pedaço do emboço da parede esboroara, que uma parte da horta estava coberta pelo mato e cheia de ervas daninhas. Os barcos tinham sido puxados para a praia. Quietude. Nenhum movimento. Nem mesmo uma gaivota a plainar no céu, gritando. Nenhum som além do marulho das ondas. Nem uma alma sequer além dele e das mulheres, os quatro juntos ali.

Eles eram um segredo, pensou James. Deus os esquecerá.

“*Y usted*”, disse a velha, chamando a atenção de James com uma pancada do dedo nodoso na madeira de sua cadeira e apontando o peito dele. “*Y usted también.*”

“*Qué? Yo?*”

“Você morto. Você pertence aos mortos.”

Ao ouvir isso, pela primeira vez a moça olhou para ele. Seus olhares se cruzaram, mas depressa ela baixou os olhos de novo para as redes e continuou trabalhando sem dizer uma palavra.

Eu morri, ele pensou.

Ele passara pelo mundo dos mortos e saía do outro lado. O soldado que ele fora — tudo o que

fizera e que vira desde seu alistamento, desde que viajara para Portugal e errara pela Espanha, a imundície, a mixórdia sangrenta para a qual contribuía, o homem que ele matara —, tudo isso tinha desaparecido.

“*Puedo*”, tentou dizer, fazendo as mulheres olharem para ele, fazendo até a moça sorrir. “*Puedo trabajar?*”

A velha riu. A menina olhou para a mãe, depois para a avó e, de novo, para ele, com os olhos muito abertos e os dentes brancos contra a pele azeitonada.

“*Trabajar!* Mas o que ele pode fazer? Está fraco como um bebê!”, disse a menina.

“*Si trabajo*”, disse James, “vou ficar mais forte.”

O barquinho estava emborcado na praia como uma tartaruga. James virou-o, pondo a quilha para baixo. Suas costas estavam tesas e queimavam com súbitas centelhas de dor.

A velha o observava. Falava sem cessar, e pelo pouco que James lograva captar, tinha a impressão de que ela falava do filho, que saía remando com a frota de pesca ao cair da noite e voltava de madrugada com o barco pejado de peixes. Ele via as cenas enquanto ela falava, as imagens se sucedendo: os barcos voltando devagar na manhã prateada, o arrasto insaciável das quilhas sobrecarregadas. As mulheres e as filhas aglomeradas na praia para lhes dar as boas-vindas. A vida devia ter sido boa ali.

James enrolou a calça até os joelhos e, todos juntos, empurraram o barquinho para a água. A velha ficou na beira da arrebentação, cuidando para que suas saias não se molhassem. O barco agitou-se nas primeiras ondas, ele sentiu o fluxo e o refluxo do mar em torno das panturrilhas, e de repente surgiram gaivotas, um bando, adejando agitadas acima de sua cabeça, atraídas por alguma lembrança de promessa de alimento. James olhou para trás e viu a moça e a menina no quebra-mar, uma do lado da outra, olhando. A moça tinha a cabeça descoberta e a luz incidia em seus cabelos, escuros como breu.

Talvez eu esteja fazendo isso para ela, pensou James. Talvez eu tenha voltado dos mortos para melhorar as coisas para ela aqui.

A água começou a borbulhar e a penetrar entre as tábuas dos costados. A velha exclamou alguma coisa e agitou as mãos, e James sentiu uma mudança no puxão e na direção do barco, que ameaçava afundar, e empurrou-o de volta para a praia, com a água ora entrando, ora saindo pelas fendas entre as tábuas, ao mesmo tempo que a dor nas costas lhe causava uma agonia indescritível. A velha o ajudou a tirar o barco do alcance das ondas.

“Ele precisa ser calafetado”, disse James em inglês.

Quando olhou de novo na direção do quebra-mar, a moça e a menina tinham saído dali e se afastavam com as cestas nos quadris. Pretendiam colher qualquer coisa que ainda pudesse ser encontrada naquela terra faminta.

Depois desse breve esforço para avaliar o estado do barco, James não teve mais condições de fazer nada. Voltou para a casa, as cicatrizes queimando e exsudando nas costas, sentindo-se fraco como um bebê, tal como a menininha dissera. Sentou-se no banco e fechou os olhos, voltados para o sol.

A moça sentou-se a seu lado.

“*Me llamo María*”, disse ela.

“*Me llamo James*”, disse ele.

Mais tarde, a menina espalhou uma sacola de bolinhas no chão e James a ficou observando mexer nelas — contas, chumbo de caça, uma pedra velha utilizada como peso em redes de pesca —; porém, na realidade, ela não brincava com aquelas coisas. James perguntou se podiam lhe trazer uma faca, e a velha procurou para ele uma lâmina com cabo de osso, já bem reduzida de tanto ser afiada. Ele começou a trabalhar num pedaço de madeira trazida à costa pelas ondas. Cortou um pedaço de mais ou menos dois dedos e foi desbastando os cantos, dando-lhe a forma de uma bola. Durante todo o tempo, ficou sentado, ereto, no banco de pedra do lado de fora da casa, junto da porta. Debruçar-se para a frente ou relaxar o corpo doía demais. Mais tarde, tomaram um caldo de couve-marinha e mariscos, e ele subiu devagar para seu catre, deitando-se de bruços. Quando já vagava nos baixios do sono, pensou nas três lá embaixo diante do fogo, amontoadas no chão como filhotes, já que não havia um lugar onde pudessem se deitar.

Ele havia imaginado que a dor o impediria de descansar, mas seu sono foi profundo e escuro como o mar, e também tão devorador quanto ele.

\* \* \*

Passando pela capela a caminho da praia, com as ferramentas e o pote de piche numa mochila, James notou que as portas da capela estavam abertas, revelando seu interior sombrio. As duas mulheres e a criança estavam lá dentro, mas não havia sinal de padre.

Na praia, acendeu uma fogueirinha para amolecer o piche com pedaços de madeira achados na areia. As chamas eram quase invisíveis ao sol da primavera. Ele continuava mexendo à medida que a substância se tornava pastosa, sentindo no rosto o calor e o cheiro de alcatrão. Cada ferramenta que James manuseava — a faca, a sovela e o martelo — estava lisa e polida pelo uso intenso e pelo suor de outras mãos. Sentia-se desconfortável com isso. James pôs-se a aplicar e a alisar o alcatrão na madeira sedenta, com um tremor crescendo na nuca. No entanto, a brisa era morna e trazia consigo a promessa animadora do verão.

De vez em quando, tinha de parar, fechar os olhos e somente respirar, até a dor ceder um pouco e ele poder prosseguir.

Em certo momento, sentiu-se observado, mas ao olhar em torno não viu nenhum sinal das mulheres ou da menina.

Jogou areia no fogo para apagá-lo e deixou o piche secando.

De noite, a velha remendava velas de lona vermelha. A moça às vezes cantava com a filha. Tinham vozes doces, embora prejudicadas pela falta de uso. Princesas e cavaleiros, mulas e madrastas, casas de açúcar e encantamentos.

Levado para a água, o barco corcoveou com galhardia, como um potro de um ano. James

mergulhou fundo, voltando à tona sem fôlego. Sua pele estava se curando, o corpo se fortalecia. Ficou boiando de costas por algum tempo. A guerra se desvanecia na distância. Em sua boca, o espanhol se tornara tão familiar quanto o dente quebrado. Os dias se encompridaram e logo era pleno verão. Quando subia para a cama, as mulheres continuavam falando baixinho, conversando até tarde da noite.

Certo dia, ao anoitecer, a moça tocou em seu braço ao lhe entregar o caldo.

Nessa noite, ele não dormiu, ouvindo as vozes das mulheres lá embaixo, falando seu sussurrado espanhol, parecendo fazer uma oração. Ele deixou o catre e foi à janela, abrindo as venezianas. O céu estava cravejado de estrelas.

A velha carregou as velas e os rolos de corda para a praia. A menina foi atrás, arrastando as redes dobradas. James pôs o mastro fino no lugar e em seguida observou-a armar a vela. A moça arrumou as redes, e os dois, ele e ela, empurraram o barco pela arrebentação. Já com água pelo joelho, ela subiu para o barquinho, com as saias molhadas. James subiu também, ao lado dela, fazendo o barco balançar. Ela abriu a vela, que se enfunou ao vento, e os dois rumaram na direção do sol poente.

Ela lhe mostrou como lançar as redes na água. Uma das redes se rasgou e voltou frouxa e vazia. A outra veio tão pesada que os dois tiveram de fazer muita força para puxá-la, com a embarcação adernando perigosamente. Aberta a rede, os peixes prateados, ainda saltando e batendo as nadadeiras, amontoaram-se sobre a quilha. Deixados em sossego por muito tempo, graças à guerra, os cardumes tinham prosperado e se multiplicado.

Havia uma pequena fogueira na praia de manhã, quando voltaram. A velha e a menina, que os tinham visto partir, agora os assistiam regressar.

Limparam os peixes e os secaram ao sol de verão, pendurando-os num varal como se fossem roupas lavadas.

Então veio o outono e os dias encurtaram. A velha disse que deveriam rezar a São Miguel, a fim de agradecer a Deus por estarem em segurança, por terem sido libertados e pelo presente que Ele enviara.

James compreendeu e assentiu com a cabeça. Acompanhou a caminhada delas até a capelinha minúscula. Quando teve certeza de que estavam entregues a suas devoções, escapuliu para a praia. Cruzou o baixo promontório, que descaía numa ponta de areia, com um mato ralo e fino como o cabelo de um velho, e onde o vento soprava a areia em remoinhos. Havia conchas brancas, ossos descorados e, mais adiante, um crânio de carneiro, muito alvo, que lhe causou um sobressalto momentâneo não pelo que era, mas porque ele pensara ser outra coisa. Saltando por cima de pequenos crustáceos e de trilhas de algas secas, chegou à beirada do mundo.

Com poucos passos alcançou os baixios. A água subiu mansamente e logo lambia suas canelas. Colocou a mão acima dos olhos e olhou o mar. Avançou um pouco mais, para onde as ondas eram mais fortes, quebrando nele, empapando as pernas enroladas de sua calça. O sol baixo ofuscou-o e o

fez piscar. Pensou: nem sei o que estou procurando. Nem sei que mar é este, se é o mar que atravesssei para chegar aqui ou se é outro. Nem sei o que eu iria encontrar na Inglaterra se um dia voltasse para lá.

Ao regressar para a casinha, o lugar tinha mudado. Havia uma fresca de fim de verão, um alongamento das sombras. Uma sensação de frio parecia envolver a casa, formando poças, depois charcos, que aos poucos se juntaram, e de repente essa sensação estava em toda parte. Talvez fosse apenas a virada da estação; talvez fosse o fato de aquele ser um dia santo, mas alguma coisa fazia o ar parecer turvo e fluido, e também denso demais.

Reuniram-se no cômodo de baixo. A menina entrou também, e com ela uma gata que passara a frequentar a casa. A criança sentou-se de pernas cruzadas no chão e começou a arrumar suas bolinhas, separando-as por tamanho e material. A gata se esticou e ficou observando os movimentos da menina e os giros das bolinhas, até elas pararem. Estava prenhe. Tinha vivido, sem dúvida, de gaiotas e ratos, desde que todos os petiscos melhores haviam sumido. A pele e os ossos, bem como os quartos, pareciam apenas um suporte para sua barriga avolumada.

As mulheres se esforçavam tanto, e de modo tão acintoso, para não olhar para ele, que era impossível não perceber que estava sendo observado com extrema atenção. Por acaso o teriam visto ir ao promontório e entrar no mar? Seria proibido, por alguma razão? Ele sabia que não seria aprovado, por isso esperara até ter certeza de estar sozinho.

Quando a refeição do dia foi servida, a gata se levantou, caminhou entre eles e miou. James lhe deu um dos bichinhos cartilagosos, que podiam ser litorinas, algum molusco marinho semelhante ou mesmo caracóis. A gata atacou-o, satisfeita, mastigando-o com dentes afiados.

A menina acompanhou a cena e olhou para ele. James pôs de lado a caneca e estendeu para ela as mãos fechadas, com o dorso voltado para baixo. Ela bateu no punho esquerdo. James abriu a mão e em sua palma áspera havia uma bolinha nova, feita de madeira clara, alisada o máximo possível com suas poucas ferramentas, e com um veio a circundá-la de um lado a outro, que pretendia representar a borda de espuma de uma onda ou imitar a variação de cor que ele às vezes via em bolinhas de gude em sua casa, quando menino. A casa onde agora, na festa de São Miguel, haveria frutinhas de rosa, pilritos vermelhos como sangue e amoras pretas penduradas como lanternas, e os pássaros estariam se regalando com elas, como ele também fazia quando pequeno. Ele mastigava a polpa dos pilritos, que tinham a doçura macia de maçãs jovens, tirava as sementes dos frutinhas de rosas para comer sua pele, manchava as unhas de roxo com o sumo das amoras pretas.

A gata enroscou-se e se aninhou entre suas pernas, depois preferiu saltar para seu colo e ali ficou. Sentado e imóvel, James sentia, no ventre do animal, os inquietos movimentos das crias, movimentos de contorcida concretude.

As mulheres nada diziam.

O que suspeitavam? E o que queriam? Teriam pressentido que ele vinha sonhando com sua terra?

Foi despertado pelo corpo da moça. Pelos ossos de seu quadril e do ombro, pela seda fresca de sua pele. Magra como um galgo, fonte de doce calor. Até então ele não sabia que queria, não soubera direito o que era querer, até ela se enleiar com seus ossos, seus nervos e sua maciez em torno dele, e

por algum tempo ele se perdeu inteiramente no alívio de seu corpo. María. A primeira mulher com quem se deitou.

Não sabia por que não lhe ocorrera antes que ele era necessário para elas. Que ele podia significar a diferença entre um bom lanço de rede e o caminho da fome. Ele tinha trabalhado porque trabalhar era o normal. Ele tinha trabalhado porque elas haviam sido boas com ele. Ele tinha trabalhado porque, se ajudasse alguém, talvez se tornasse um homem melhor.

A velha o fitou quando ele desceu do quarto. María tinha subido de noite como um mosquito. A menina dispunha suas bolinhas no chão, mas não olhou para ele em nenhum momento, como se soubesse perfeitamente o que ocorrera e considerasse aquilo uma traição.

Ele desceu para a praia e trabalhou no barco, e no meio do dia María levou-lhe uma caneca de caldo e sentou-se a seu lado enquanto ele o tomava. Estava rígida, o rosto virado, como se vendo-o somente pelo rabo do olho a ajudasse a acreditar que ele era alguém que não era. James meteu a mão na areia, esfregando os nós dos dedos nela.

“*Espero...*”, disse em espanhol.

Contudo, as palavras não lhe vieram em língua alguma. Ele esperava. Esperava o quê? Que ela vivesse até a velhice, que ela tivesse uma morte tranquila e não sofresse muito ao longo do caminho. Esperava que alguém pudesse ir ter naquela praia, alguém capaz de fazê-la feliz. Esperava que a vida da filha fosse melhor do que a dela. Que elas o perdoassem.

E quando ela se foi, quando voltou para sua hortinha de verduras raquíticas e de areia, ele baixou o chapéu sobre os olhos, levantou a gola da blusa para evitar o sol na nuca e saiu caminhando pela praia. Passou pelo promontório distante, pisando a areia seca com as solas grossas dos pés. O sol caía a pino sobre sua cabeça, mais tarde descambou à sua frente, enquanto ele continuou caminhando com as roupas do morto, deixando atrás de si a mãe, a viúva e a filha dele — a vida do morto.

Catou conchas. Leques rosa-claros, haliotes azulados, caramujos brancos. Guardava um a um na mochila.

Em Lisboa, o capitão do *Snapdragon* o tomou por espanhol. James estava queimado pelo sol da Espanha e agora achava as palavras inglesas duras como seixos em sua boca. O capitão o contratou e ficou satisfeito por tê-lo a bordo — tripulantes eram tripulantes, e difíceis de achar, com a Marinha recrutando à força todo homem em que pudesse pôr as mãos, e com o Exército promovendo um morticínio generalizado dos demais. Aquele sujeito parecia apto, ativo e dócil. Embora caladão, entendia o inglês falado e parecia disposto a trabalhar.

James mantinha-se reservado e evitava a companhia de outras pessoas. Além disso, não tirava a camisa, embora com certeza houvesse, entre os membros da tripulação, homens com cicatrizes como as dele. Era melhor evitar perguntas, não ser notado, deixar a menor marca possível no mundo.

Velejaram de Lisboa para o Rio de Janeiro, com a mala postal e uma carga de tecidos de linho. Estava ocupado demais para enjoar, exausto demais para não aproveitar cada minuto de sono na rede balouçante. Regressaram do Brasil para Portugal com um carregamento de café, cujo aroma tomava conta de todo o navio.

De volta ao porto conhecido, James manteve-se reservado, embolsou seu pagamento e fechou os olhos com firmeza à vista da terra, das lembranças que ela evocava. Encheram o porão do *Snapdragon* com pipas de vinho do Porto e de barris atulhados com porcelanas azuis. Zarparam para Antígua.

No Porto Inglês, o ar denso e morno cheirava a verduras estragadas. Escravos já não passavam pelas amuradas desde a promulgação da nova lei, mas ainda eram negociados e postos a trabalhar: escravos cultivavam a cana-de-açúcar, cortavam a cana, produziam o açúcar e o levavam para o mercado; escravos fabricavam as carroças em que o açúcar era transportado, revestiam suas rodas com aros de ferro, ferravam os cavalos, aplicavam argamassa a muros e paredes de tijolos, construía casas cobertas de palha ou de telhas, cozinhavam, conservavam o fogo e tratavam dos doentes, e suavam.

Rolando barris sobre a base, James enxugou seu próprio suor e observou os novos cativos, que saíam dos navios e desciam para o cais, diante dos navios estrangeiros, os grilhões tilintando. Estavam sujos, doentes e famintos, mas ele percebia — pela forma como mantinham a cabeça ereta, pelo jeito

como olhavam o lugar — o que estavam pensando: isto não pode ser real, não aceito isto.

Os escravos que chegavam das plantações tinham outro aspecto, eram tímidos e introvertidos. Não se percebia nada do que estivessem pensando.

Frases ásperas em inglês, sobrepostas ao sussurro das passadas, sobressaltaram James e o fizeram olhar em torno. Entre aquelas peles escuras, o rosto de um branco parecia estranho e desagradável — conquanto ele não fosse branco, e sim rosado e balofo, de calor e bebida. Devia ser um agente ou um comissário inglês. Movia-se pelo mercado abarrotado com um chicote de montaria e botas altas, avaliando a carne humana, dizendo alguma coisa aqui e ali, negociando, juntando suas compras. Cuidando dos interesses de um cavalheiro inglês que preferia ficar em sua terra e gastar lá o seu dinheiro.

Ao se deitar na rede de olhos fechados, James ainda revia tudo: os olhos negros fechados; o suor na pele lisa como salsicha do homem rosado; a coluna partindo para o interior escuro da ilha. Não fossem o fuzil e o relho, um deles poderia simplesmente erguer sua corrente, passá-la em torno da garganta rosada e suada mais próxima e apertá-la.

Atochado de barricas de açúcar lacradas, o *Snapdragon* partiu para a cidade portuária de Lancaster, no extremo norte da Inglaterra. Certa noite, no meio do gélido Atlântico, James sonhou com uma marcha interminável na lama e na neve. Do alto do voo em círculos de um abutre, viu a si mesmo, a brigada, os milhares de homens que se arrastavam pela Espanha. Acordou tremendo e nauseado, e com uma compreensão nova e instintiva da matemática do mundo.

Abri mão de minha liberdade. Renunciei a ela. Vendi-me.

Parecera uma insignificância na época. Parecera não ter utilidade alguma para ele.

Impelidos para casa pelos ventos alísios, atracaram em Lancaster, no cais de São Jorge, em agosto de 1811. Fazia quase dois anos que James estava no *Snapdragon*. A guerra parecia ter acontecido havia muito, muito tempo. Aquelas lembranças sinistras não podiam realmente ser dele.

Do convés, James fitou a cidade movimentada. Os armazéns próximos, novos em folha, tinham seis pavimentos. Um sem-número de sarilhos projetava-se das fachadas, e cordas tensas içavam caixotes para os locais de armazenamento. O cais estava cheio de estivadores — na maioria homens, mas também mulheres, com as saias arrepanhadas e as mangas arregaçadas sobre músculos encaroçados, e que nada ficavam a dever a eles em trabalho e barulho, a eles se igualando também em obscenidades. Acima desse clamor, elevava-se a cidade, feita de pedra dourada. O castelo era soturno e antigo, mas abaixo dele, nas encostas da colina, tudo parecia novo e elegante. Viam-se agulhas de igrejas reluzentes e suntuosas mansões de fachada lisa, com janelões de guilhotina envidraçados. O tráfico africano tinha sido lucrativo para aquele lugar.

Entretanto, se ele se virasse um pouco para a esquerda e olhasse para o outro lado do rio, veria os campos de centeio estendendo-se planos e sedosos. Ainda mais além, os morros alteavam-se azuis e violáceos como dorsos de baleias à flor d'água. E se ele fosse lá, para além do azáfama das ruas em que se concentrava o comércio, se percorresse os campos e subisse os morros, passando pelas charneças e pelas urzes, encontraria um mundo de profunda paz e limpeza. James sentiu novamente o impulso que o tomara na Espanha, que estivera latente em seu ser durante todo aquele tempo no

mar: estar na Inglaterra a serviço de um homem bom. Estar em sua terra.

Pediu licença para descer a terra, e por nunca ter causado aborrecimentos, foi atendido. Afinal, que problema ele poderia provocar num lugar daqueles? Por que cargas d'água haveria um espanhol de querer sumir num lugar como Lancaster?

Com o pagamento no bolso e a mochila no ombro, tomou uma bebida com os companheiros no Three Mariners, um antigo prédio degradado na área do porto, que começava a afundar na lama sobre a qual fora construído. Tomou ali um quartilho da cerveja da região, com a qual brindaram a volta para a Inglaterra em segurança e a restauração da saúde do pobre rei, cuja urina, pelo que diziam, tinha se tornado muito roxa e cujo filho bundudo vinha — agora se sabia — exercendo as funções reais desde fevereiro. Depois beberam à saúde da moça de pele leitosa atrás do balcão, que sorriu para James e tinha covinhas lindas. Ele desviou os olhos.

Quando os companheiros pediram uma segunda rodada de cerveja, ele se levantou e disse que ia ao sanitário. Saiu pela porta lateral do bar, urinou no reservado fedorento, depois abotoou-se e se afastou dali, andando sempre, atravessando a Cable Street e a New Street, passando pelos cartazes dos sapateiros, pelos escritórios dos comerciantes de chá e por um cavalo empinado que pendia, balouçante, da fachada de uma loja de brinquedos, com as manchas muito desbotadas, e a crina e a cauda gastas por ficarem expostas ao tempo. Na Market Street, James parou um jovem cavalheiro, que pela tez parecia indiano, para lhe perguntar o caminho, mas descobriu que tinha dificuldade para juntar as palavras. O moço calçou o fumo no cachimbo, ouviu-o com atenção e deu-lhe instruções precisas sobre como sair da cidade. Daí a pouco, James seguia pela South Road, as carruagens passando por ele a toda, e senhoras de sombrinha tomando a fresca e tagarelando no confuso dialeto da região.

Levou um mês para chegar a Hertfordshire. Quando seus sapatos se desfizeram, ele regateou com uma mulher desdentada em Bolton, que cheirava a gim, o preço de uma bota velha inglesa. Quando a camisa virou um farrapo, comprou outra numa loja vagabunda em Digbeth, e também calças inglesas, para não ser mais tomado por estrangeiro. Chamuscou as costuras com um toco de vela, para livrar o pano dos piolhos.

Percorria os caminhos rurais vestindo roupas de estranhos e com a mochila preta de lona já meio acinzentada. Dormia em choças de pastores, sebes e pórticos de igrejas. Enquanto seu pagamento durou, e como ainda era verão, nada disso foi uma agrura para ele. Falou com pouquíssimas pessoas — um trabalhador num campo, para confirmar o caminho; um pequeno proprietário rural, para lhe pedir um dia de trabalho; a mulher de um fazendeiro, para comprar uma caneca de leite. O silêncio tornou-se um hábito e, quando ele tinha de falar, a confluência de línguas em sua mente obrigava-o a parar e a procurar as palavras.

Ele pensava de forma diferente agora. Não pensava mais sobre casas, fazendas e campos, em espaços fechados. Agora, tudo eram distâncias e trajetos. Devaneava sobre as linhas que suas viagens tinham traçado na terra, os percursos que se espalhavam pelos mares.

“Sujeito bonitão, aquele”, entreouviu uma leiteira dizer à sua amiga.

“Pena que é meio bobinho. Mal sabe falar.”

“Mas isso não a impede de seduzi-lo, não é?”

Caíram na risada. Ele foi embora.

Quando o outono chegou, já se viu em território familiar, na paisagem de sua infância. Seguiu pela estrada dos boiadeiros, passando pela fazenda da Sofredora, e lá estava o vasto sicômoro em que ele costumava subir e a casa ainda espiando, desconfiada, sob os beirais baixos. James não parou. Colheu amoras-pretas, frutinhas de rosas e pilritos, que comeu enquanto caminhava, manchando os dedos e os lábios com o sumo.

Em Meryton, indagou na pousada se o sr. Bennet ainda morava ali. Resmungou alguma coisa sobre trabalho, sobre ter ouvido alguma coisa de uma pessoa na estrada, mas o dono do estabelecimento era loquaz e não foi preciso explicação alguma: realmente, tinha o prazer de informar que a família Bennet ainda vivia na região — a casa deles ficava a pouco mais de um quilômetro e meio dali, na aldeia de Longbourn. A casa em que viviam era a principal do lugar. O sr. Bennet, sua mulher e as cinco belas filhas deles.

James observava escondido, atrás de uma sebe de azevinho. Um grupo de moças saiu da casa e atravessou o cercado. Transpuseram os degraus da cerca e se espalharam como pardais pela trilha do campo, sumindo de vista. James devia escolher o momento certo, pensar no que diria. Desceu o caminho com cuidado. Ao passar por um pedaço nu da sebe, viu duas figuras no cercado lá embaixo. Uma era uma menina; a outra, uma moça, que pendurava roupa de cama no varal. Ela interrompeu seu trabalho, protegeu os olhos e olhou para ele.

James tinha percorrido metade do mundo para isso. Aquela era a sua terra.

*“Mas agora já é tarde, tarde demais.”*

Ao ser despertado e consultado, o sr. Hill sentou-se na cama e puxou os cobertores para o peito. Confirmou de imediato que não mandara o criado a parte alguma, nem James lhe informara que pretendia ir a Meryton ou a qualquer outro lugar naquela manhã.

“Mas isso não quer dizer que ele não tenha ido.” O sr. Hill limpou os olhos remelentos e, em seguida, os lábios ressecados. “Talvez houvesse um conserto a ser feito na ferraria, ou é possível que ele tenha ido procurar o fabricante de coches em Harlow, para comprar alguma coisa.”

Seu camisão de dormir era velho e fino, e ele se sentia exposto diante de todo aquele escrutínio feminino. Olhou para a mulher e as duas moças, meio indistintas no feixe de sol no começo do verão. Podiam ao menos ter esperado que ele vestisse a calça antes de iniciarem aquele interrogatório.

A sra. Hill sentou-se na cama a seu lado, para estender os cobertores sobre ele, o que fez as tábuas do assoalho estalarem.

“Ele não comentou nada. Não disse uma palavra.”

“Não estão precisando da carruagem a esta hora, estão? Eu cuido disso. Saíam daqui para eu me vestir.”

“Ele nunca deixaria os cavalos”, disse Sarah.

“Ahn?”

“Os cavalos”, ela repetiu. “Estão sem ração, sem água. Ele apenas... saiu.”

O sr. Hill procurou a mão da mulher, junto dele sobre as cobertas. Pegou-a, segurou-a. Olhou para sua velha mão, que cobria a dela.

“Ele não pode simplesmente ter ido embora”, disse.

A sra. Hill aquiesceu. A mão de seu marido apertou com mais força a dela. Os olhos da sra. Hill marejaram.

“Estou muito triste”, disse o ancião.

Parada na porta, Polly mordiscava o dedo e olhava para todos eles, de um em um, perplexa e desconcertada. Sarah apenas balançava o corpo dentro de uma mancha de sol que batia no quarto, dando a impressão de que uma brisa a derrubaria. A sra. Hill tinha ficado cinzenta e o sr. Hill, de

repente, era todo doçura e preocupação. Tudo estava fora de lugar. Polly não estava gostando daquilo nem um pouco.

“Você vai falar com o sr. Bennet?”, perguntou ele.

A sra. Hill balançou a cabeça. Não sabia.

“O que você vai fazer?”

Ela apertou a mão dele, soltou-a e levantou-se da cama com esforço. Passou por Sarah, por Polly e começou a descer as escadas com passadas fortes. Sarah a seguiu. Polly pegou Sarah pelo braço.

“Por que ela faria alguma coisa?”, sussurrou Polly. “De qualquer modo, o que isso tem a ver com a sra. Hill, seja o que for que James tenha feito?”

“Agora não.”

Sarah empurrou Polly com delicadeza.

“Sra. Hill...”, chamou Sarah.

A mulher mais velha parou no patamar da escada. Sarah desceu os degraus que a separavam dela.

“Sra. Hill...”

A sra. Hill ergueu os olhos, esperando.

Sarah não tinha palavras prontas, mas a lógica dos fatos, por inarticulável que fosse, era forte: o soldado açoitado na chuva e o homem cheio de cicatrizes que ela amava; a partida da milícia e o desaparecimento de James. Cada coisa explicava e substanciava a outra, dava-lhe uma espécie de sentido intuitivo.

“Sra. Hill, a milícia... Eles também foram embora ontem à noite.”

A sra. Hill engoliu em seco, concordando com a cabeça. “Continue.”

“Eu não sei o que ele tinha feito...”

“O que ele tinha feito?” O rosto da anciã anuviou-se.

“James. O sr. Smith. Cabe imaginar que certa vez ele foi punido...”

“Não estou compreendendo.”

Os lábios de Sarah estavam secos. “Eu tenho certeza, eu sei, que ele é bom. Ele sempre foi...”

A sra. Hill agarrou-a pelo ombro e a sacudiu. “Desembuche, pelo amor de Deus.”

“Ele foi açoitado.”

A sra. Hill se virou. Comprimiu a testa na parede.

“Sra. Hill...”

A anciã sacudiu a cabeça, num gesto negativo. Não era esse o acordo. Não fora para isso que ela pagara tão caro.

O sr. Bennet queria saber: o que ela esperava que ele fizesse? Afinal de contas, o que é que ela esperava que ele fizesse sobre aquilo?

A sra. Hill ficou ruminando: como ela podia saber? Ela não era um homem educado, um cavalheiro, com tempo à sua disposição e uma rede de contatos úteis e eminentes na vizinhança. Ela nem sequer sabia o que poderia ser feito, que investigações podiam ser realizadas, que pessoas deveriam ser consultadas. No entanto, alguma coisa tinha de ser feita. Com certeza, alguma coisa tinha de ser feita desta vez.

O sr. Bennet ficou mexendo na xícara de café e não olhou para ela. Sua mão, quando ele virou a xícara no pires, tremia um pouco.

“Imagino que a senhora quer que eu organize grupos de busca? Que mande vasculhar os campos?” Ele repuxou os lábios. “O rapaz rompeu um compromisso conosco que o obrigava a permanecer no emprego até, pelo menos, o solstício de verão, em 21 de junho. Foi um ato muito impensado e errado dele. Podemos supor que ele não deseja ser encontrado, pois de outro modo não teria ido embora da forma que foi.”

“A milícia...”

A voz do sr. Bennet enfraqueceu. Olhou para ela agora. “O que a milícia iria querer com ele? Ele cumpriu seu tempo de serviço com honra, não foi?”

“Ele não cumpriu todo o tempo.”

O sr. Bennet imobilizou-se, encarando-a.

“Ele não foi dispensado”, disse ela. “Só fariam isso se ele estivesse inválido.”

“Então ele desertou...”

Ambos apenas se olharam em silêncio.

“O senhor poderia escrever”, disse ela. “Poderia escrever ao coronel Forster...”

“E de que serviria isso?”

“Só para sabermos. Se ele foi... preso.”

O sr. Bennet levantou um papel da mesa, ajustou o pincenê. “A senhora quer que eu escreva a esse cavalheiro perguntando se, por acaso, meu filho bastardo está sob a custódia deles?”

“Seu criado.”

“E o que as pessoas haveriam de pensar se eu fizesse isso? O que diriam? O sr. Smith é responsável por suas próprias decisões e por seus próprios erros. Afinal, é um homem crescido. Quem sou eu para interferir?”

Agora ele é um homem crescido, pensou a sra. Hill. Mas nem sempre foi. Porém não fazia sentido mencionar tudo isso e discutir tudo de novo, portanto ela fez apenas uma mesura, como sempre fazia, e virou-se. Saiu da biblioteca, deixando a porta escancarada.

O sr. Bennet disse alto: “Feche a porta, sra. Hill...”.

Mas ela cruzou o vestíbulo e saiu pela porta da frente, deixando-a aberta também. Desceu a escada da entrada da casa, seguiu pelo caminho de cascalho, passou pelo portão e pôs-se a caminhar pela rua principal da aldeia de Longbourn, onde começou a se dar conta do que estava fazendo e de que alguém poderia notá-la, vê-la andando sem um xale ou uma touca ou sem um propósito aparente. Subiu os degraus de uma cerca e sentou-se, prostrada, do outro lado de uma sebe. Cresciam ali labças, campainhas e prímulas silvestres que balançavam ao vento a seus pés. Uma novilha perambulava por ali de cabeça baixa, olhando para ela com olhos muito grandes. Piscou suas longas pestanas e lambeu o nariz com a língua áspera.

Onde você estiver, pensou a sra. Hill, Deus zela por você. Ele apenas olha para você com um olho estranho e um coração impassível.

[...] *mas suas cartas foram longamente aguardadas  
e eram sempre muito breves.*

Havia um pacote endereçado à sra. Bennet com a letra descuidada de Lydia. Dentro dele haveria, como sempre, um gordo envelope lacrado para Kitty e outro, fino e lacrado com menos cuidado, para a sra. Bennet. Havia ainda um envelope separado, dobrado com cuidado e com, talvez, uma folha extra dentro dele, que tinha vindo de Londres e destinado a parar na mãozinha ressecada de Sarah e ser olhado com amargo desapontamento. Enviado a Elizabeth pela sra. Gardiner.

Sarah não sabia o que tinha esperado, mas evidentemente esperara alguma coisa, ou seu peito não se sentiria tão vazio e triste como agora. Ela não acreditava que ele a teria deixado sem uma palavra de aviso ou uma promessa de regresso e sem nenhuma palavra desde então — a menos que não tivesse escolha. Era isso que a fazia gelar, apesar do sol em seu rosto e do calor que a levava a transpirar sob a velha blusa verde-amarela. Seu coração se atormentava ante a ideia de que ele pudesse estar sofrendo, sozinho, naquele exato momento e ela não pudesse socorrê-lo.

Ela voltou para casa pelas campinas. A grama, agora alta, roçava em suas saias, deixando nuvens de pólen. Em Longbourn, as moças estavam nos relvados, tomando a fresca. Houvera uma retomada dos adereços de verão, de rendas e musselinas; havia toucas novas para serem usadas: as meninas exibiam um ar leve e delicado de borboletas. Sarah, porém, ao subir pelo caminho de entrada da casa, tinha a sensação de estar acorrentada a uma rocha, que era obrigada a arrastar consigo, palmo a palmo, passo a passo.

“Quando escrever de novo à sua irmã”, ela pediu a Elizabeth, “a senhorita não se importaria em lhe perguntar, se não for muito incômodo, se há alguma notícia do sr. Smith em Brighton?”

Elizabeth estava lendo suas cartas e se iluminara ao ver o envelope enviado por sua tia predileta. Começou a romper o lacre, mas, ante a pergunta de Sarah, fez uma pausa.

“O sr. Smith?”, perguntou.

“Imaginei que ele possa ter ido para Brighton também, ou sido... levado. Pensei que talvez a srta. Lydia possa ter ouvido falar dele lá, ou tê-lo visto.”

Elizabeth franziu a testa e mexeu a cabeça. “Desculpe. Se ela ouviu falar de quem?”

“Do sr. Smith. A senhorita deve se lembrar dele.”

As sobrancelhas de Elizabeth se ergueram. Sarah aproximara-se mais e estendia a mão como se fosse tocar Elizabeth: estava tomando liberdades. Ela se deu conta disso e recolheu a mão, que se juntou à outra.

“Desculpe, senhorita. Falo de coração, mas é que ele estava aqui fazia tão pouco tempo, e muito presente em nossa vida. Um excelente rapaz, como seu pai disse. Como todo mundo dizia. Um rapaz sério e trabalhador.”

A expressão de Elizabeth mudou. “Ah! *Smith!* Você se refere ao *lacaio!*”

“Isso.”

“Como você o chamou de sr. Smith, eu a entendi mal. Achei que se referia a alguém que eu conhecesse. Achei que se referia a um cavalheiro.”

“Desculpe, eu não fui clara.”

“É, foi isso. Realmente, ele saiu de maneira muito brusca. Talvez tenha conseguido um emprego com melhor remuneração. Mas você tem algum motivo para crer que ele foi para Brighton?”

Era alguma coisa, Brighton: era uma palavra, um lugar, uma possibilidade. “Pode ser que sim.”

“Bem, farei o que me pede da próxima vez que escrever a Lydia. E lhe direi, se ela tiver alguma notícia dele. Mas tenho para mim que a cabeça dela anda tão voltada para oficiais que não é provável que ela dê muita atenção a um lacaio.”

*“Adieu, frustração e melancolia. O que são  
os homens diante das pedras e montanhas?  
Oh, quantas horas de enlevo não passaremos!”*

No dia do solstício de verão, a sra. Hill foi pessoalmente a Meryton saldar as contas e trazer alguma coisa fria do porqueiro para o jantar. Vestiu-se com apuro, levando uma touca impecável na cabeça, as fitas atadas com a correção que lhe era peculiar, e seu velho fichu de linho preso sob o queixo, de modo que nenhum dedo desnecessário de pele estivesse exposto ao sol ou à vista. Seguiu pelo caminho a passos firmes, uma figura robusta e aprumada debaixo de uma sombrinha barata. Assim era a sra. Hill, o modelo de pessoa de respeito. Sabiam disso na cozinha, sabiam disso na casa. E não havia quem não soubesse disso no primeiro dia de cada trimestre, quando ia a Meryton saldar as contas.

Sarah, porém, tinha agora condições de não se deixar iludir por fichus e toucas, de entender a carne e suas traições. Enquanto Polly e o sr. Hill dormiam, a governanta e a criada tinham percorrido, aos trambolhões, a distância que ia da ignorância à verdade, com as mãos de uma e de outra se entrelaçando sobre o tampo luzidio da mesa. O choque de Sarah logo se transmudara em compreensão — ela sabia, claro, o que era ser jovem e o que era a paixão, embora não fosse fácil associar juventude e paixão ao sr. Bennet — e logo também borbulhou e se fez fúria: *todos aqueles anos*.

“Mas você, Sarah...” A sra. Hill esfregara o nariz e fungara. “É possível que esteja... você mesma na situação de procriar? O que acha?”

Sarah correria a unha pelo tampo da mesa, cujo verniz desaparecera à força de muito uso e esfregaduras. Balançou a cabeça num gesto de negação. Suas regras já tinham vindo.

Passado um instante a sra. Hill falou. “Provavelmente, foi melhor assim.”

Com a sra. Hill ausente em sua migração trimestral, a cozinha esteve por algum tempo brilhante e sossegada. As cinzas se depositavam na lareira, a farinha de trigo e a banha estavam dispostas sobre a mesa para a preparação de pães doces e o sr. Hill tinha ido a algum ponto da propriedade, dedicado a

suas atividades insondáveis. Sarah e Polly estavam sentadas em silêncio, entregues a seus pensamentos e relutando em romper essa paz. Sarah mordiscava o dedo, pensando: eu devia sair para procurá-lo, eu devia pôr umas peças de roupa numa bolsa e ir. Em seguida, pensava com a mesma premência: tudo o que devo fazer é ficar quieta aqui e esperá-lo; aqui é o único lugar onde ele sabe que estarei, onde ele, quando puder, virá me procurar.

Esses pensamentos rodavam e rodavam em sua cabeça, recusando-se a se transformar em algo mais concreto.

“Eu também sinto falta dele, você sabe”, disse Polly.

Sarah aquiesceu. Ela sabia.

“O que você vai fazer?”

Sarah afastou-se da mesa e pôs-se a trabalhar, juntando alguns pães doces, sobras do desjejum, num paninho e cortando fatias de um queijo. Foi à despensa e encheu uma garrafa com cerveja, tampando-a com uma rolha.

“Muito bem”, disse. “Pegue sua touca.”

Polly, que assistira a toda aquela atividade com ar inexpressivo, alegrou-se de repente. “Aonde vamos?”

“Vamos dar um passeio. Quero sair e ver uma coisa. Se ainda estiver lá.”

Polly riu.

Saíram pelo caminho, e não demorou para que Polly começasse a parolar, feliz, colhendo flores. Soltava exclamações por causa de rosas-caninas, de abelhas e de borboletas, e também por causa dos coelhos, que, espavoridos, fugiam quando elas se aproximavam. O caminho em declive levou-as a uma ponte de madeira, construída para o gado atravessar o rio. Depois de cruzá-lo, subiram um aclive, atravessaram o bosque, chegando até seu limite, e desceram a encosta do vale seguinte. Diante delas estendia-se uma ampla paisagem em que carneiros pastavam. Toda a área era cercada por barreiras de salgueiros.

“Antes esses pastos eram terras comuns”, disse Sarah. “Havia casas aqui.”

Sarah passou por cima da cerca, firmando os dedos dos pés nas ripas. Depois pegou a mão de Polly para ajudá-la a fazer o mesmo. Os carneiros tinham reduzido a grama a quase nada, e nela havia trechos secos e um solo ralo sobre as pedras. Sarah determinou seu caminho com base em marcas: quatro paredes em ruínas, uma linha que dividia a moradia em duas partes. Um buraco onde ficava a porta, onde as galinhas ciscavam.

“Eu nasci aqui”, disse Sarah.

Polly ergueu os olhos, até então postos em seu ramalhete de gerânios silvestres, ranúnculos e margaridas-do-campo. “Como aqui?”

“Pelo menos eu acho que sim. Numa dessas. Eu me lembro das colinas. Da borda do bosque. Eram casas de tecelões. Meu pai era tecelão.”

“Mas agora não há mais nada aqui”, disse Polly. As duas pularam de volta a cerca, caminharam um pouco e se sentaram num talude. Descalçaram as botinas. Polly deitou-se e ficou olhando para o céu azul como miosótis através de folhagens e galhos emaranhados. Daí a pouco, deitou-se de lado, a cabeça apoiada num braço, pestanejou algumas vezes e adormeceu. Sarah ficou acordada por muito

tempo, escutando o zunido de abelhas e moscas em torno das flores do campo, perseguida por lembranças felizes, lembranças da mulher que, num vestido vermelho desbotado, afastava-se dela, sumindo no capim alto contra o amplo céu azul.

*Os Gardiner ficaram apenas uma noite em Longbourn  
e partiram na manhã seguinte com Elizabeth  
em busca de novidades e aventuras.*

Qualquer pessoa concordaria em que a sra. Gardiner estava sempre mais do que disposta a abandonar os filhos aos cuidados de outras pessoas, assim como a deixar aos criados de outras pessoas a tarefa de lavar as fraldas fedorentas de seu bebê. Aquela seria uma viagem de três semanas para seu marido, ela própria e sua sobrinha Elizabeth. Pretendiam ver Derbyshire do conforto da carruagem da família e conhecer as famosas belezas de Matlock, Chatsworth, Dovedale e do distrito de Peak.

Elizabeth viajou sem uma palavra a Sarah. Ou ainda não escrevera a Lydia abordando a questão, ou ainda não recebera uma resposta, ou a resposta nada dissera sobre o pedido de Sarah. Ou então ela simplesmente esquecera aquilo. Sarah roía as unhas, vendo a carruagem partir.

A sra. Hill fez o que sempre fazia quando as coisas se complicavam: mergulhou no trabalho. E trabalho era o que não faltava, apesar de estarem livres de duas moças e da lavagem de suas roupas. Por causa da viagem dos Gardiner, durante quase um mês os filhos deles estariam na casa, e isso significava muitos problemas adicionais, além do barulho, das refeições e da lavagem de roupa. As fraldas sujas, as camas molhadas: o *trabalho*.

A vida era, como já entendera a sra. Hill, uma prova de resistência, em que todos em algum momento sucumbiam.

[...] *nem sua virtude nem seu juízo evitariam  
que se tornasse uma presa fácil.*

O estafeta chegou à meia-noite. O rapaz bateu com força na porta trancada, fazendo o sr. Hill descer as escadas dos fundos com uma vela gotejante, chupando os últimos dentes que lhe restavam, e reclamando. A sra. Hill o acompanhou de perto, com o cabelo em longas tranças grisalhas. Sarah desceu correndo, passando por eles, descalça, com o camisão de dormir se agitando e um xale caindo, solto, onde ela o jogara nos ombros.

Devia ser James. Devia ser ao menos notícias dele.

Polly desceu devagar, sonolenta, atrás de todos.

Encontraram o sr. Bennet em pé no vestíbulo, com a vela de seu criado-mudo e uma carta aberta na mão, o rosto branco como sua carapuça de dormir, e sua mulher um pouco trêmula perto dele, querendo saber do que se tratava. Kitty, Mary e Jane estavam enfileiradas na escada. Apesar dos ruídos, as crianças dos Gardiner, no andar de cima, não tinham acordado. Do lado de fora, visível pela porta aberta, tudo era luar e sombras azuis. O estafeta — um menino de talvez doze anos, com um topete de cabelo louro e empoeirado — se encostara, com sono, no cavalo alto.

“Sra. Hill, por favor, pague o rapaz”, pediu o sr. Bennet.

A sra. Hill correu ao aparador para pegar o dinheiro e contou as moedas em sua palma engelhada. Durante todo o tempo, a sra. Bennet puxava o braço do marido, perguntando o que Sarah, embora louca de vontade, não podia perguntar.

“O que é, sr. Bennet, oh, por favor, se apresse e me diga. Ah, é de uma de minhas filhas queridas?”

Do lado de fora, no cascalho, a sra. Hill entregou o dinheiro ao menino. Ele o embolsou, subiu de novo para a sela e virou a cabeça do cavalo. Saiu, fatigado, para a escuridão, alvo fácil para ladrões e salteadores. Um rouxinol cantou. Era uma bela noite. A sra. Hill voltou e fechou a porta.

“É de quem? De quem, sr. Bennet? É de Lydia? Ou de Lizzy? Ah, se alguma coisa aconteceu a elas, não sei o que serei capaz de fazer! Não vou suportar se alguém fez algum mal a elas.”

Os joelhos da sra. Bennet fraquejaram e ela se apoiou no marido.

“É do coronel Forster”, ele disse.

Sarah deu um passo à frente, ansiosa. “O que ele diz?”

“Ajude sua patroa, sra. Hill. Ajude-a a voltar para a cama.”

“Mas então é alguma coisa com a minha Lyddie! Minha menininha!” A sra. Bennet estava nervosa, querendo saber. Empurrou a sra. Hill. “O que foi que aconteceu a ela, ah, por favor, me diga, por favor!”

“Não creio”, disse o sr. Bennet, “que tenhamos de dividir isto com todos da casa.”

Dobrou a carta.

“Sarah, Polly, voltem para suas camas. Não temos necessidade de vocês.”

Lydia tinha desaparecido. Atirara-se nas mãos daquele jovem abominável. O que ela estaria pensando? As palavras da sra. Bennet saíram abafadas e quebradas por soluços. A sra. Hill apenas amparou a patroa durante algum tempo, murmurando palavras que se murmuram a uma criança. Vai ficar tudo bem, calma, tudo vai ficar bem de manhã, espere para ver. Só soltou a sra. Bennet para pôr água num copo, com gotas de láudano, e depois, ao constatar que sua aflição persistia, para encher meio copo com o Bálsamo Estimulante de Gilead e levá-lo aos lábios da ama. A senhora tomou alguns goles do líquido castanho com leve cheiro de conhaque e ervas. Parecia arrasada pela dor. A sra. Hill não a via assim desde a época de seu infortúnio, havia tantos anos. Sob o efeito do ópio e da uva, serenou. A sra. Bennet pôs um cobertor sobre ela, deixando-a a dormir no sofá.

Polly arrastou-se para a cama, mas Sarah, em vez de voltar ao aconchego quente de seu quartinho no sótão e ao cheiro bolorento da cama dividida, meteu os pés na botina, atravessou o pátio, subiu ao palheiro do estábulo, onde James não estava mais, e aninhou-se em sua cama, puxando os lençóis dele para seu rosto, tentando captar o que restava ali de seu cheiro.

[...] *o despudor de homens despudorados.*

Jane rabiscou um bilhete, dobrou-o e lacrou-o com um disco amarelo de papel. Sarah tinha sido chamada, interrompendo suas tarefas matinais. O orvalho ainda não secara no relvado: aquilo era urgente.

“Por favor, Sarah querida, leve este bilhete ao correio e o envie. Aproveite para verificar se há cartas para nós.”

Sarah examinou a missiva. Estava endereçada à srta. Elizabeth, em Lambton, Derbyshire.

“Pois não. Eu sempre pergunto.”

“Faça isso. Obrigada.”

Jane dirigiu a Sarah um de seus sorrisos meigos e tocou-a no ombro. Todos ainda faziam de conta que ninguém sabia do mau passo de Lydia. Pela expressão de constrangimento de Jane, podia-se adivinhar que ela tinha uma leve suspeita, perturbadora, do que homens e mulheres podiam fazer juntos, se tivessem oportunidade: naquela expressão havia repulsa, assim como sofrimento. Deixando sua ama, pegando o xale e descendo as escadas dos criados, Sarah pensou que só ela invejava Lydia: mas aquilo era uma coisa, deveria ser uma coisa, a ser feita com o homem que se amava. Até mesmo se fosse com Wickham, tinha de ser com alegria.

A postalista balançou a cabeça diante da pergunta de Sarah. Não, ainda não chegara nada para a família naquele dia. Estavam à espera de alguma coisa em especial? Se chegasse alguma correspondência pelo coche vespertino, ela poderia mandar o estafeta levá-la. Se Sarah lhe dissesse de onde a esperavam, ela a identificaria de imediato e a mandaria sem tardança para Longbourn, ao custo de uma pequena tarifa adicional...

“Não é preciso, senhora, obrigada. Posso voltar aqui à tarde. Mas há alguma coisa...” Sarah procurou as palavras, consciente da estranheza que sua pergunta, vindo dela, haveria de causar. “Será que, por acaso, a senhora tem alguma coisa para mim?”

Uma risada debochada. Sarah nada disse, mas, de cara fechada, viu que a expressão da mulher mudava. Percebendo que a pergunta fora feita a sério, ela se recompôs e assumiu a anterior atitude

profissional.

“Vou ver.”

Sarah agradeceu. A postalista virou-se para verificar nos escaninhos. A busca não durou mais que um segundo. Ela se virou de novo, mostrando as mãos vazias, de palmas para cima, como uma santa de vitral.

“Sempre há o coche vespertino, é claro. Como você disse, venha de novo à tarde. Entretanto, de onde será que *você* está esperando cartas?”

“Você é uma boa moça, Sarah”, disse-lhe Jane, quando ela voltou sem a carta tão aguardada. “Muito obrigada e desculpe o incômodo. Pode ir agora, e retome seu trabalho.” Sarah fez uma mesura. Fechou a porta com delicadeza, deixando Jane entregue a suas horríveis especulações.

*Ele conseguiu seguir o rastro deles facilmente até Clapham,  
mas só até ali [...].*

“Bastava olhá-lo para saber que dali não viria nada de bom. Ele era ruim, ora se era! Ruim mesmo.”

Polly fazia o possível para se mostrar séria, mas todos os seus esforços para a circunspeção eram infrutíferos. Estava tonta de excitação. Tinha corrido para abrir a porta da frente quando o coronel Forster bateu, e se sentira emocionada ao recebê-lo e conduzi-lo à sala de desjejum. Permanecera no corredor — caso precisassem dela, essa seria sua desculpa —, escutando ousadamente as notícias que o coronel Forster trazia.

Essas notícias não tinham sido recebidas com muito comedimento. Não era do feitio da sra. Bennet andar na ponta dos pés na beira de desastres, com um olho no abismo e o outro em seu próprio comportamento: ela saltava de cabeça no abismo, ao mesmo tempo que fazia questão de enumerar os desconfortos e as inconveniências do mergulho. Por conseguinte, Polly tinha ouvido boa parte do que fora dito sobre o assunto, e estava mais do que disposta a deduzir o restante.

“E então, o que o coronel disse?”

Arqueando as sobrancelhas, Polly deu um suspiro escandalizado. “Bem, ocorre que Lydia...”

“Não, mas...” Sarah a interrompeu. “Ele trouxe alguma notícia do sr. Smith?”

“O coronel conhece James?” Polly franziu a testa. “Como é que ele conhece James?”

“Apenas imaginei... Talvez ele tivesse ouvido alguma coisa, já que esteve investigando...”

“Bem, você vai ter que perguntar a ele. O que eu escutei foi só sobre Lydia, porque parece que eles não foram para Gretna, e sim para Londres...”

Houve época em que Londres havia representado para Sarah o pináculo de todos os sonhos, mas agora não parecia ter o menor interesse. O que importava agora era que o coronel Forster estava ali, em Longbourn, e talvez tivesse informações diretas e imediatas sobre James. Uma palavra dele poderia confirmar os piores temores dela ou dispersá-los aos quatro ventos. Ela poderia, naquele dia, saber a verdade. Se ele era prisioneiro da milícia, se fora levado com eles para Brighton. Se fora forçado a voltar para o Exército. Se fora açoitado de novo.

Se o tinham matado.

Mas ela iria ter com ele, num estalar de dedos, se ele ainda estivesse vivo. Se descobrisse para onde ir.

“Por isso não estão casados, porque não se pode casar em Londres com tanta facilidade, não se vai lá para se casar como se faz em Gretna!”

A sra. Hill assentia com gestos de cabeça, mordendo o lábio.

“O coronel disse que Lydia e Wickham mudaram de carruagem em Clapham, mas que não achou mais nenhum sinal deles depois disso, embora tenha perguntado em todos os postos de pedágio, ele disse, e em todas as pousadas de Barnet e Hatfield.”

“E depois?”, perguntou o sr. Hill.

“Bem, coitado do homem, que trabalhão ele teve, toda essa dificuldade para procurar os dois e agora ter de aturar toda essa confusão aqui! Ele entregou o bilhete que Lydia deixou para a sra. Forster. O sr. Bennet e a sra. Bennet leram o bilhete, e aí a sra. Bennet soltou um grito enorme, a coisa virou um pandemônio, e achei melhor sair logo dali...”

Uma pausa. Polly olhou de um para outro, exultante com sua própria importância.

“Mas, Sarah, você devia ter visto a Kitty! Eu a vi quando levei o chá. Ela está sofrendo *muito*. É como se ela tivesse encolhido, realmente encolhido. E depois Jane me chamou para eu levar esta... *outra* carta ao correio...” Sua voz se transformou num sussurro significativo. “E sabem de uma coisa? Não acredito que o sr. Bennet tenha pronunciado uma só palavra desde que leu aquela carta de Lydia, a que ela deixou para a sra. Forster.”

“Sra. Hill”, disse Sarah de repente. “Eu vou perguntar ao coronel. Sobre James.”

A governanta se imobilizou e mordeu com força o lábio superior.

“Realmente não imagino por que James teria alguma coisa a ver com o coronel.” Polly estava limpando as unhas com um canto da carta de Jane. “James odiava os soldados.”

“Cale a boca, Polly. Mas eu devo perguntar a ele, não devo, sra. Hill?”

A sra. Hill manteve-se imóvel por um momento mais. Depois estendeu a mão e pegou a carta da mão de Polly.

“Vou ficar com isto.” Puxou o xale com firmeza em torno de si. “Sarah...”

“O quê?”

“Depois me conte o que você fizer.”

No correio, a sra. Hill entregou a carta de Jane à postalista, que a olhou e franziu a testa.

“Está mal endereçada. Para onde ela vai? Isto aqui é um L? É para Derbyshire? Para Lambton de novo?”

A sra. Hill confirmou.

“Mal consigo entender isto. Não garanto que esta carta chegue ao destino sem problemas. Mas, de qualquer forma, por que duas cartas para lá no mesmo dia?”

A sra. Hill não era a pessoa mais indicada para avaliar a qualidade da caligrafia. No entanto, conhecia bem a tendência da postalista para juntar fios tênues e produzir sólidos cordões de futrica, e fez o que pôde para interromper, de imediato, sua linha de raciocínio.

“Ah, a senhora sabe como são essas coisas, quando duas irmãs são muito apegadas.” Deu de ombros. “Não param de trocar confidências, não é?”

“Segredos, eh.”

“Não! Segredos, não. Elas são boas moças, as minhas meninas.”

“É verdade”, disse a postalista, inclinando-se mais sobre o balcão e descansando o corpo ossudo nos braços dobrados. “É verdade, claro que sim. São as moças Bennet, não são? Mas isso é apenas a metade da história hoje em dia. A outra metade são os rapazes, e quanto a isso não se pode ter certeza de nada.”

“Não entendi o que senhora quis dizer.”

“Não? A senhora não está sabendo das contas não saldadas na cidade, das dívidas de jogo? Ou que não há uma só moça da sociedade de quem os oficiais não tenham...” E aqui sua voz se transformou em um sussurro pérfido, e a funcionária se aproximou tanto da sra. Hill que esta quase sentiu seu hálito de ovo. “... tirado *proveito*?”

A sra. Hill empertigou-se e recuou um passo. “Na minha opinião, esse tipo de comentário não deve ser repetido...”

“Ora, Wickham, aquele rapaz tão apreciado pelas moças Bennet...”

“... porque esse tipo de comentário é desabonador para todo mundo. Para os oficiais, para os pais e com certeza para as filhas, e na verdade para as pessoas que o repetem...”

“Bem, espero que a senhora não esteja dando a entender...”

“... porque eu sempre digo: ‘Quem não tiver pecado que atire a primeira pedra.’”

“É isso mesmo, sra. Hill?” A postalista cruzou os braços sob o busto estreito, na atitude de quem encerra uma discussão. “É isso que a senhora diz agora, é, sra. Hill?”

Não, ela não passaria aquilo adiante. A ninguém aquilo iria beneficiar, e só serviria para agravar a aflição geral. Por isso a sra. Hill manteve-se calada o dia todo. A postalista era uma boquirrota venenosa, não sabia nada sobre coisa alguma, todos sabiam muito bem disso. Mas sua atitude não impediria que a história seguisse adiante, e fosse sendo aprimorada pela repetição, acabando por ganhar uma pátina de verdade. No entanto, uma coisa era certa: a sra. Hill não iria contribuir para esse aprimoramento. Não seria futriqueira.

Contudo, compartilharia, em certa medida, a dor de sua ama, posto que de forma mais discreta. A sra. Hill trocara as fraldas de Lydia, limpava o ranho de seu nariz e cuidara dela por ocasião de cólicas, do crupe e da catapora, de todas aquelas doenças infantis — e ela era ainda apenas uma criança, uma menina com uma marca castanha de nascença na canela, louca por doces, dona de um olhar vivo e de um riso contagiante. A sra. Hill sentia-se ao mesmo tempo triste e furiosa: que mau negócio ela fizera — aliás, péssimo.

Quando a sra. Bennet começou a se agitar e a se inflamar de novo, a sra. Hill pingou uma gota extra de láudano em sua água, e depois outra, e ajudou-a a tomá-la. Logo ela serenou. A sra. Hill afagou os descorados cachos da ama, afastando-os de seu rosto, e deixou-a para ir atender os cavalheiros. A sra. Bennet era uma criatura cansativa, sempre tensa, sempre muito inclinada a chamar a atenção para seus sofrimentos. Mas se o marido a tivesse amado como um marido deve

amar a mulher — com prazer, generosidade e sem reservas —, precisaria ela daquela busca incessante de provas de amor, só para sempre se decepcionar?

A sra. Hill atendeu à sineta da biblioteca, encontrando o sr. Bennet afundado em sua poltrona. O coronel Forster estava em pé junto ao fogo, com um cotovelo na cornija da lareira, a imagem do vigor frustrado.

“A senhora faria o favor de arrumar minha mala?”, pediu o sr. Bennet.

“O senhor vai a Londres, então.”

“Primeiro a Epsom, onde eles trocaram os cavalos pela última vez. Falarei com os postilhões e depois... prosseguirei.”

“Para achar Lydia.”

“Eles precisam se casar. Tenho de obrigá-lo a se casar com ela.”

A sra. Hill aquiesceu. “Roupa para uma semana?”

“Conseguirei uma lavadeira lá, caso minha estada se prolongue.”

Com a garganta doendo, a sra. Hill arrastou seus velhos ossos até o quarto de se vestir do sr. Bennet, onde separou camisas, meias e colarinhos, juntando a cada peça um raminho de alecrim, para que quando ele pegasse uma camisa limpa na hospedaria londrina onde fosse dar com os costados, o raminho perfumado caísse e lhe trouxesse recordações — e ele refletisse sobre o que estava disposto a fazer por Lydia e pela respeitabilidade, mas não se dispunha a fazer por outras pessoas, a quem também professara amor em outras épocas de desespero.

Quando o coronel Forster saiu da biblioteca, Sarah pôs-se a seu lado no mesmo instante, metendo o espanador no bolso. Como ele tivesse uma expressão perdida, inquisitiva, ela se atreveu a dirigir-lhe a palavra.

“Posso ajudá-lo, senhor?”

“Ah, sim. Eu estava procurando o, ah, reservado...”

“Do lado de fora da casa principal, senhor, passando pela área de cascalho. Vou lhe mostrar. Por aqui...”

“Não precisa, não precisa, eu encontro o caminho.” O coronel passou por ela.

“Senhor...”

Ele se deteve, olhando para trás.

“Senhor, nós tínhamos aqui um lacaio de quem talvez o senhor se lembre. O nome dele é James Smith. Tinha cabelo escuro, olhos castanhos e era mais ou menos desta altura...” Sarah levantou a mão, indicando um ponto no ar, a seu lado, acima de sua cabeça. E por um momento fugaz ela o evocara — sua figura, a curva de seu braço, os ângulos de seu rosto — e a incontável atração física fez o chão fugir sob seus pés.

O coronel franziu a testa. “O quê?”, perguntou. “O que disse?”

O rosto dela iluminou-se: um raio de esperança. “Nosso lacaio, James Smith, senhor, sumiu na noite em que o senhor foi para Brighton, e eu...”

“O que é que você está me perguntando?”

Ele se aproximou mais dela. Sarah se viu quase colada à túnica vermelha, aos botões dourados, aos

galões. O coronel cheirava a cavalo, suor e fumo.

“Senhor, obrigada, senhor. Se o senhor soube de alguma coisa sobre ele. Se ele esteve... em sua companhia ou...”

“Por quem você me toma?”

“Senhor, coronel Forster, eu...”

“Se uma moça, confiada a minha proteção... se ela se coloca numa situação de perigo, se eu tivesse tempo ou interesse...”

“Senhor...”

“Você se atreve a me pedir ajuda?”

“Senhor.”

“Você perdeu o juízo.”

“Desculpe, senhor.” Ela sussurrou essas palavras olhando para os pés, para que ele não visse seu rosto.

De volta à cozinha, Sarah pegou um prato de creme, estendeu o braço e o deixou cair ao chão. O prato espatifou-se e os cacos se espalharam pelas lajes de pedra. Ela buscou a vassoura e a pá de lixo e começou a juntá-los. Se o velho fanfarrão soubesse de alguma coisa, teria dito a ela, não era? Ele teria tido prazer em lhe contar.

Atônito e ofendido, o coronel atravessou a sala e saiu por uma porta lateral para a soalheira do verão. Por algum tempo andou de um lado para outro, procurando, sem achar, o reservado. Minutos depois, Polly passou por ali com uma cesta de ervilhas que colhera na horta, e o viu urinando nos arbustos.

*Nesse estado mental perturbado, com pensamentos que não se detinham em coisa alguma, ela se pôs a caminhar [...]*

Os cômodos estavam silenciosos e envoltos em um clima de tensa expectativa. Eram muitas as ausências óbvias na casa. Embora todos fizessem o possível para tornar as coisas normais para os filhos dos Gardiner, era evidente que estavam percebendo, pobrezinhos, que havia alguma anormalidade. Estavam sempre com expressão perplexa, conciliatória, como que em dúvida sobre alguma falha que pudessem ter cometido.

A sra. Philips, irmã da sra. Bennet, passou alguns dias em Longbourn, e lady Lucas fez uma visita para expressar solidariedade. Os demais visitantes eram atendidos pelo sr. Hill, que da porta mesmo os despachava.

Os Gardiner voltaram de suas viagens com Elizabeth, que estava pálida e demonstrando extrema contrariedade. Sem dúvida aquilo era comovente, toda aquela aflição das irmãs, mas Sarah não conseguia se apiedar dela tanto quanto deveria. Elizabeth não disse uma palavra sobre o laçao, o sr. Smith.

Levar bandejas para a sra. Bennet e depois ir buscá-las, ir a Meryton para enviar ou receber cartas, passar rápido pelos vizinhos ou por seus criados na rua, todos querendo uma migalha de informação, qualquer coisinha que ajudasse a manter de pé a catedral de bisbilhotices que os atos de Lydia haviam edificado, e sentir a perda de James atormentando-a o tempo todo: tudo isso havia se tornado o pão de cada dia de Sarah.

“Ninguém nem mesmo se refere mais a ele”, disse um dia à sra. Hill. “É como se ele nunca tivesse vivido aqui.”

“Com certeza, isso não é verdade.”

“Mas ele era alguém. Era mesmo.”

“Eu sei, Sarah.”

“Mas a senhora não faz nada.” Sarah empurrou a cadeira para trás. “Eu vou procurá-lo.”

“Não seja tola.”

“Não é nenhuma tolice. Vou percorrer todas as aldeias, bater em todas as portas...”

“Não, Sarah.”

“Alguém o viu. Posso ficar fazendo isso até achar essa pessoa, e aí...”

“Sarah! Você não pode fazer isso. Não deve.”

“Eu preciso...” Sua voz embargou-se. “Eu não suporto mais...”

“Não diga tantas besteiras!” A sra. Hill bateu a mão na mesa, sobressaltando Sarah e fazendo os jarros se entrechocar. “Você ainda não faz nenhuma ideia do que é capaz de suportar!”

Sarah a fitou. A sra. Hill respirou, acalmando-se.

“Escute, Sarah. Você tem um lar. Tem o seu trabalho. Você está em segurança, abrigada e alimentada. E você é mimada — não, não, me ouça — e é o que você deve ser, mesmo que não dê valor a nada disso. Mas se você sair agora, não terá mais nada, vai ficar com uma mão na frente e outra atrás. Será uma moça a mais na multidão de jovens sem emprego que vagueiam pelas estradas, e quem haverá de cuidar de você? Não poderia voltar para cá depois de ter faltado à sua palavra com seu amo e saído no meio de seu ajuste com ele. Não vai nem ter uma palavra de recomendação dele, ninguém lhe dará um atestado de conduta. Você jogaria sua vida fora.”

“Mas e o amor?”

“Eu tenho amor por você. Polly também. O sr. Hill também.”

Sarah abanou a cabeça, concordando. Desviou os olhos, marejados. A sra. Hill estendeu a mão e pegou a dela.

“Você vai esquecer, querida. Estamos vivendo tempos ruins, anos difíceis. Esses problemas não nos alcançam aqui. Nunca nos alcançaram até hoje. Mas se você for embora, meu amor, você vai acabar... desaparecendo.”

Sarah esfregou a testa. “Tenho de fazer alguma coisa.”

“Faça o que eu faço.”

“O quê?”

“Eu trabalho”, disse a sra. Hill. “E espero.”

Sarah baixou a cabeça, apoiando-a nas mãos. Aquilo era insuportável.

“Veja... Ele sabe onde você está, se você ficar aqui. Ele vai lhe escrever, tenho certeza. Ou virá buscá-la... Se puder.”

Jane e Elizabeth trocavam confidências em apreensivas e virginais discussões secretas, sussurrando em cartas, escandalizadas com os fuxicos que começavam a chegar a elas, apesar de todos os esforços da sra. Hill e de Sarah para deter o fluxo de comentários.

“Não sei por que todo mundo fala tão mal do sr. Wickham”, disse Polly, enquanto ela e Sarah colhiam framboesas. “Ele era uma pessoa boa.”

“Você acha?”

Polly amarrou a cara, metendo uma framboesa na boca.

“Bem, ele não trancou Lyddie a sete chaves, trancou? Se ela quis ficar com ele foi porque ele é bom.”

“Não sei se entendo direito o que você quer dizer com ‘bom’.”

Polly ignorou isso. Empurrou para o lado as hastes da framboeseira, explorando mais no meio da

planta para chegar aos frutinhas.

“Ele ia me comprar doces, você sabe.”

“E isso está certo?”

“Ele queria. Tudo o que eu tinha que fazer era ser boazinha com ele antes.” Uma pausa pensativa.

“O que você acha que ele quis dizer com isso?”

Sarah olhou para ela longamente e deu de ombros. “Não sei, Polly.”

Ela se virou, ergueu um galhinho e abaixou-se em busca dos frutos. Acontecesse o que acontecesse com Lydia, pelo menos Wickham não seria mais bem-vindo ali em Longbourn.

O sr. Bennet voltou de Londres sem a filha: Lydia ainda não tinha sido encontrada. A sra. Gardiner levou as crianças para casa. Seu marido continuaria a procurá-la, mesmo sem sair de sua casa na rua Gracechurch. No entanto, deviam preparar-se para o pior: Quando a encontrassem, Lydia estaria desmoralizada, abandonada e, ainda solteira, viria para a cidade ou viveria sob a proteção de outro homem. Uma vida isolada numa fazenda distante seria o melhor que se poderia esperar, tendo em vista a considerável distância que Lydia já percorrera na estrada dos prazeres que levam à destruição.

Contudo, não se podia abandonar essa causa, por maiores que fossem os transtornos ou mais vultosas as despesas. A menina precisava ser encontrada, qualquer que fosse o seu estado. Não parecia importar que ela tivesse feito sua cama e nela saltado de bom grado; não estava obrigada a sofrer nela, eternamente, as consequências de seu erro. Se pudesse ser separada de seu corruptor, ainda lhe seria oferecido um lar, uma companhia, uma mesada. Passar a existência num lugar tranquilo e confortável talvez fosse uma tortura para ela, mas para outras mulheres era um luxo inatingível.

Havia vozes veladas, olhos inchados, cortinas cerradas por causa do sol. Será assim quando o sr. Bennet morrer, pensou a sra. Hill, ainda que nesse transe a família pudesse contar com a solidariedade dos vizinhos, e não com aquele mal disfarçado desprezo.

O sr. Bennet envelhecera bastante subitamente. Achava-se extenuado com todo aquele esforço e com a infundável sensação de culpa. Na noite de seu regresso, ele se escondeu na biblioteca e fez soar a sineta, chamando a sra. Hill.

Tudo o que ele queria era segurar a mão dela. Ela o deixou fazer isso.

“Eu sinto muito”, disse ele.

Ela assentiu com a cabeça. Era alguma coisa, depois de tantos anos.

*“Basta por ora saber que foram localizados, estive com os dois.”*

Os Bennet emergiram, arquejantes, da contrariedade em que viviam. Lydia fora encontrada, e pouco tempo depois casou-se, em Londres, com o sr. Wickham. Tudo foi diligenciado com tal presteza que se podia até contar com a esperança de que as pessoas confundissem o boato da fuga com a realidade do casamento. Na cozinha, a criadagem preparou um ponche para brindar ao acontecimento.

“Quanto você calcula que deva ter custado ajeitar as coisas assim?”

A sra. Hill levantou os olhos de sua costura. Seu marido estava sentado do outro lado da lareira cheia de cinzas, com o copo de ponche equilibrado no braço da cadeira. Entre os goles, estivera mascando uma tira de couro com os molares que lhe restavam, a fim de amaciá-la, antes de furá-la com a sovela.

“Uma pequena fortuna, creio”, ela respondeu.

“Ouvi falar em dez mil libras.”

A sra. Hill deixou a costura cair no colo. “Com esse dinheiro...”

“Com metade. Um quarto. Um décimo. Um centésimo.”

Ela balançou a cabeça.

“Seria muito bom”, disse o sr. Hill. “Com apenas cem libras, nós dois nos sentiríamos felizes como dois porcos na estrumeira.”

Ela sorriu, um sorriso natural e autêntico, não um de seus sorrisos falsos. O sr. Hill não a via sorrir daquele jeito fazia... Bem, ele não saberia dizer quanto tempo. Devolveu o sorriso, feito de gengivas e falhas nos dentes. Durante aqueles longos anos, ela tivera de arar à mão um terreno duro e pedregoso, pobre criatura.

“O que faríamos com esse dinheiro?”, ela perguntou. “Em que gastaríamos cem libras?”

Ele assoviou. “Ah, em que gastaríamos? Em vinho, em queijo parmesão e numa poltrona estofada para cada um de nós. Num lenço de seda e em frutas cristalizadas para você, e em uns cinquenta gramas de fumo, toda bendita sexta-feira, para mim.” Ele riu. “Nós investiríamos o dinheiro com sensatez, e não como algumas pessoas que eu conheço.”

Polly falou da mesa da cozinha, onde ela e Sarah poliam uma vasilha de estanho. “Então as coisas vão voltar ao normal, imagino.”

“Humm?”

“Com o casamento da srta. Lydia. As coisas vão voltar a ser como antes, imagino.”

“É”, disse a sra. Hill. “É, acho que sim.”

A sra. Hill sentia os efeitos dos atos de Lydia se dispersando e se tornando mais débeis. Como dizia Polly, as coisas voltariam a ser como antes, ou ao menos parecidas. O que acontecera com Lydia aconteceria também com James, embora as circunstâncias fossem bem diferentes: todo mundo continuaria a agir como estava agindo, fazendo de conta que nada de muito importante acontecera, e a simulação se tornaria habitual até que, por fim, a mentira pareceria mais real do que a verdade. Já fazia algum tempo que não havia mais um laçao ali, e ele jamais era mencionado. Em breve seria como se ele nunca tivesse existido.

Tendo amaciado o couro, o sr. Hill consertava agora o cabresto, com a sovela e o rolo de linha. Procurava firmar bem a vista no trabalho, as pálpebras caindo flácidas, moles e rosadas.

“Suponho que o sr. e a sra. Wickham nunca mais virão aqui. Será que eles vêm?”, perguntou Sarah.

“Ah, não, não creio que isso aconteça”, disse a sra. Hill. “Depois do que houve? O sr. Bennet jamais permitirá isso.”

*“Não encorajarei o desaforo desses dois  
recebendo-os em Longbourn.”*

Ao que parece, algumas pessoas conseguem se redimir. As manchas em seu caráter podem ser expungidas, e embora as marcas talvez nunca desapareçam por inteiro, podem passar despercebidas a todos, a não ser para os de vista mais privilegiada ou aos que já as conhecem e sabem onde buscar seus vestígios. Esses redimidos podem corresponder às expectativas numa multidão ou entre estranhos. Podem ser reparadas o suficiente para uso diário.

A pequena Lyddie comprimiu a mão nua e suja na mão velha e seca do sr. Hill. Uma aliança de ouro e brilhantes fulgurou. Suas faces estavam coradas e seus olhos brilhavam quando ela desceu do coche com a ajuda do velho mordomo. Continuava muito parecida com a menina que tinha sido. O sr. Hill lembrou-se dos patos da fazenda — da maneira como, ao mesmo tempo que grasnavam sem parar e se agitavam, a água formava gotas esféricas em suas penas e escorria sem molhá-los. Ele não sabia o que dizer a ela, mas pouco importava, pois ela não fez uma pausa longa o suficiente em sua parolice para que ele pudesse falar.

“Pensar, Hill, que da última vez que o vi eu ainda era uma menina de quinze anos, solteira, e agora sou uma mulher casada. Parece que passou um século desde a última vez que o vi, e no entanto aqui está você, e você não mudou nada! Para falar a verdade, nada aqui mudou, essa velha pousada está do mesmo jeito que a deixei, e aposto que Longbourn também está do mesmo jeito...”

“Pare de tagarelar com os criados, Lydia.”

Wickham desceu do coche atrás dela com um casaco azul-claro que alisava com todo o cuidado.

Ela se virou para ele, tensa. “O que foi, querido?”

“É um hábito do campo do qual eu não gosto.”

Lydia desviou o olhar do marido novo e reluzente para o rosto velho e enrugado que ela conhecera a vida inteira, e depois outra vez para Wickham. “Mas é ótimo, não é mesmo, estar casada e só ter dezesseis anos?”

A sra. Hill tirou as blusas, combinações e camisolas que Lydia trouxera de Brighton numa trouxa.

Tentou não olhar diretamente demais para elas nem inalar os odores de hospedarias baratas, de suor e sexo.

Mergulhou a roupa de cama suja — sangue, suor, sêmen e poeira de estrada, além da sujeira lustrosa de panos que não eram lavados havia muito tempo — na tina de lixívia, afundando-a com as tenazes da lavanderia e rodando-a no líquido cinzento. E durante todo o processo a amargura crescia dentro dela, como a causticidade voraz da lixívia, embora não parasse de empurrá-la para baixo e para trás e de pregar-lhe tábuas por cima. Se coubesse à sra. Hill o controle de Lydia, e não somente sua manutenção, a jovem madame seria obrigada a lavar sua própria roupa suja apenas daquela vez, para ver o que as outras pessoas viam dela.

No pátio, Polly estava limpando a bagagem. Esfregou o interior das caixas e bolsas com cânfora, a fim de eliminar pragas. Fez isso durante tanto tempo que o forro de papel ficou manchado e gasto nas juntas. Quando por fim desfizesse a bagagem adequadamente em sua nova residência em Newcastle, Lydia reclamaria do descuido de Polly. Mas toda vez que Polly achava que devia parar, Sarah fazia um gesto vago e dizia: “Acho que faltou um pedaço”.

Depois do jantar, Lydia correu à cozinha para exibir sua aliança à sra. Hill e às criadas e para se jactar de estar casada. Polly assistia à cena de olhos arregalados e lábios separados. A sra. Hill olhou para a mãozinha roliça e a flor de brilhantinhos minúsculos, murmurando alguma coisa junto com a falação de Lydia, e quando não aguentou mais deu-lhe um bastão de açúcar de cevada para calá-la, pensando todo o tempo que se a moça não voltasse logo para cima arriscava-se bastante a levar um bom tapa. Mal olhando para a aliança, Sarah queria perguntar: E o sr. Smith, o lacaio, a senhorita chegou a vê-lo em Brighton? Mas aquela ânsia era como uma chaga em sua garganta, devorando-a por dentro: e se Lydia o *tivesse* visto? E se o tivesse visto algemado, arrastado por um pátio e esfolado a açoites diante de uma multidão? E se ele tivesse sido fuzilado pelo que fizera? Logo Lyddie voltou para o andar de cima, tomada de outro acesso de empolgação, e Sarah nada lhe perguntou, pelo menos naquele momento.

A sra. Wickham estendeu a Sarah uma estampa que estava na moda.

Depois de pôr os ferros de ondular cabelo para aquecer no fogo, Sarah olhou para a imagem de uma mulher corpulenta e com traços de bebê apertada num traje de noite com muitos babados. Sua trança estava enrolada num coque alto, e cachos grossos caíam sobre seu rosto como feixes de salsichas ou como aquelas massas moles de lã que ficam presas nas costas dos carneiros.

“Farei o que eu puder, madame.” E Sarah começou a desembaraçar a cabeleira densa de Lydia.

A moça se retorcia, incomodada, enquanto Sarah fazia uma trança e prendia o cabelo com grampos. “Eu gostaria que você conhecesse Brighton.”

A frase indicava que Lydia queria conversar sobre a cidade. Talvez mencionasse James.

“Ah, sim, senhora. Imagino que seja uma cidade linda.”

Sarah inseriu um papelote no lugar, pegou os ferros quentes de frisar e apertou-os em torno de uma mecha. Enrolou bem. Subiu um fio de fumaça, acompanhado do cheiro de cabelo queimado.

“Que coisa bonita de se ver, você nem imagina!” A voz de Lydia saía estranha, pois sua cabeça estava virada delado, devido ao puxão no cabelo. “Um acampamento inteiro cheio de soldados,

oficiais até onde se conseguia enxergar, e meu querido Wickham era o mais bonito de todos.”

“Que lindo!”

“Uma coisa eu lhe digo: é o lugar ideal para se arranjar um marido. Você devia ir lá, porque aqui não vai conseguir ninguém.”

Sarah trocou os ferros por outros que estavam no fogo e continuou a enrolar os papelotes em torno de mechas sucessivas. A expressão desatenta e jovial de Lydia refletia-se no espelho. Lydia não tinha muitos dotes de imaginação, por isso não urdia possibilidades nem via além do momento imediato, e o momento imediato era, para ela, agradabilíssimo, de forma que estava feliz. Sendo assim, não pensaria em amores secretos, de nada suspeitaria, não esconderia alguma coisa e não mentiria. Lydia era honesta.

“E a senhora viu por lá... alguém... que conhecemos daqui?”

“Os oficiais, é claro, todos eles, Denny, Pratt e Chamberlayne.”

Nesse momento, Polly, que, segundo se acreditava, deveria estar na área de serviço, com a prataria e o polidor, esgueirou-se para dentro do quarto. Sarah fechou a cara para a mocinha, articulando em silêncio duas palavras: *Vá embora*.

Polly fingiu não ver. “A senhora foi à loja de doces em Brighton?”

“Ah, fui a todas as lojas, tenho certeza.”

“Você não tem trabalho para fazer?”, perguntou Sarah.

“Ah, já acabei.”

Devia ser mentira. No entanto, Polly sentou-se no chão e levantou os joelhos, cruzando os tornozelos, com os olhos grandes pregados no esplendor exótico que era a nova senhora. A sra. Wickham estendeu a mão para um potinho na penteadeira, destampou-o e passou ruge nas maçãs do rosto. Tocou nos lábios com o pó também e se olhou no espelho, sorrindo. Parecia brilhante e afogueada, e não de todo bem. Talvez houvesse trazido outra coisa de Brighton, além de ruge e de um marido.

“A senhora viu, ou ouviu falar, do lacaio...”, arriscou Sarah. “O sr. Smith, que saiu...”

Lydia virou a cabeça. “Ah, faz um século que não penso nele... Deus do céu, ele nos deixou?”

Elizabeth não escrevera. Ou Lydia não lera.

“Deixou, e foi na mesma noite em que a senhora... e a milícia...” Mas Sarah foi interrompida abruptamente.

“Que belo quadro vocês fazem!”

As três se viraram e viram Wickham na porta, olhando-as com um sorriso complacente.

“A jovem esposa”, disse ele, “e as damas de companhia em sereno devaneio. Poderia render um título: *Lealdade*. Ou *A jovem senhora*.”

“Eis meu querido e belo Wickham!”

Lydia levantou-se, com os papelotes se espalhando, e foi passar os braços ao redor dele. Sarah desviou os olhos. A carnadura de Wickham, o brilho dele: era quase indecente. Sarah juntou os papelotes, arrumou rapidamente a penteadeira. Viu, pelo espelho, que o sr. Wickham, com os braços em torno da esposa de dezesseis anos, sorria por cima da cabeça dela para Polly e que Polly punha-se de pé, fazia uma medida e também o fitava, sorridente e inocente.

“Você devia levar uma delas com você para Newcastle.”

“Você é muito atencioso, mas mamãe não pode dispensá-las.”

“Só a pequena. Leve-a em sua mala.”

Com os papelotes e os grampos em sua caixa, os ferros de frisar reunidos e pendurados por seus cabos, Sarah puxou Polly pelo pulso.

“Vamos.”

Polly murmurou: “Quero ver se ele trouxe doces”.

“Vamos. *Agora.*”

Segurando o material no peito, Sarah empurrou Polly e as duas saíram pela porta.

[...] *pois, decerto, eles haveriam de ter um filho.*

Tendo o sr. B. fugido furtivamente do grupo reunido, a sra. Hill foi achá-lo onde sabia que sempre o encontraria — na biblioteca. Estava velho, cansado e bêbado. Quase não abrira a boca desde a chegada dos Wickham, e, na medida do possível, evitara os encontros organizados em honra dos recém-casados. Sentia a vergonha com mais nitidez agora, quando os demais, aparentemente, tinham deixado de notá-la.

“Espero que a senhora tenha trazido outra garrafa de conhaque.”

A sra. Hill fechou a porta e mostrou as mãos vazias. Um lento piscar de olhos — vermelhos — dele e um gesto afirmativo de cabeça. Em seguida, ouvindo um riso na sala ao lado, uma careta. Ela puxou uma cadeira para perto da mesa, mas continuou de pé, descansando uma das mãos na travessa superior do espaldar.

“Não sei o que é pior”, disse o sr. Bennet. “Se a desonra de minha filha ou a cegueira de minha mulher.”

“A sra. Bennet é...” A sra. Hill hesitou. “Talvez seja melhor ela ser como é.”

“A atitude dela não é a de uma pessoa que se dá ao respeito.”

“Mas dizer isso não é dizer tudo, não é mesmo, sr. Bennet?”

O sr. Bennet levantou o cálice desajeitadamente. “Não entendi o que a senhora quis dizer, sra. Hill.”

“Para as pessoas procederem de forma respeitável”, respondeu ela, “elas devem ser tratadas com respeito. É assim que eu vejo. Nós nos formamos pouco a pouco, juntando fragmentos e pedacinhos de coisas que vêm dar em nós.”

O sr. Bennet franziu a testa e logo assentiu com a cabeça.

A sra. Hill puxou a cadeira e sentou-se.

“Agora que a situação foi resolvida”, disse, “e ela está casada, eu gostaria de fazer uma observação. Quero que fique anotado, ao menos entre nós dois, que aquilo que o senhor fez por sua filha o senhor não quis fazer pelo seu filho natural.”

O sr. Bennet enxugou o rosto com a mão. Verteu mais conhaque em seu cálice. “Se você

soubesse... se soubesse o que tenho sofrido, Margaret...”

A intimidade do seu nome nos lábios dele: os anos fugiam como um bando de estorninhos. Ela se inclinou e tomou a mão dele.

“Pensei sobre isso todas as noites”, disse o sr. Bennet. “Desde o dia em que ele se foi. Todas as noites, até a noite em que ele voltou.”

Ela comprimiu os lábios.

“Tudo o que eu quis, desde quando ele era pequeno, desde o momento em que você me disse que estava... Tudo o que tentei fazer foi ser prático.”

A sra. Hill assentiu.

“Mas não havia nenhuma solução prática, havia? Ter sido prático não resolveu nada.”

Depois de uma pausa, a sra. Hill voltou a falar: “Eu entendi por que ele fez aquilo, o senhor sabe. Por que se alistou no Exército... O pagamento do governo”.

Com os olhos inchados, o sr. Bennet pestanejou, surpreso. Fez um gesto para que ela continuasse.

“Como ninguém parecia nunca se importar com ele, James também não se importava. Ele não sabia que podia ser amado. Por isso não pensou duas vezes para se atirar ao perigo.”

O sr. Bennet não disse uma palavra. Sua expressão era indefinida. Puxou outro cálice para si, encheu-o acima da metade com conhaque e empurrou-o pela mesa na direção da sra. Hill. Ela o pegou pela haste. Ela enxugou as lágrimas dos olhos. Os dois beberam.

“[...] *ela já passou pela idade mais difícil.*”

Elas colhiam as ameixas verdes e doces em silêncio, Sarah num degrau alto da escada, tirando-as dos galhos, e Polly ao pé da escada para recebê-las e depositá-las com cuidado na cesta. Os Wickham tinham ido embora. Partiram sem deixar nenhuma informação útil, mas também sem criar nenhum problema novo. Wickham não trouxera nenhum doce para Polly nem lhe dera mais moedinhas, por isso Polly agora o tinha na conta de um homem que fazia promessas vãs, não merecia confiança e era muito menos divertido do que ela o achava antes. Por fim, os Wickham não insistiram para que uma das criadas fosse com eles para Newcastle. Para o bem das criadinhas do Norte, era de esperar que, por ora, sua jovem esposa lhe bastasse.

Do alto da escada junto à ameixeira, Sarah percebeu um movimento e afastou um galho para enxergar. Dois cavalheiros se aproximavam a cavalo. Saltaram sobre a cerca e entraram no cercado. Os cavalos da casa se juntaram a eles num trote largo, e logo ambos saltaram por cima do portão do cercado e seguiram em direção à casa.

“O sr. Darcy e o sr. Bingley”, disse Sarah.

Casaco azul, cavalo preto: esse era o sr. Bingley. Seu companheiro alto e corpulento de farda verde era outra vez o sr. Darcy. Passaram pelo pomar sem notar as criadas. Sarah sentiu-se desvanecer. Via as folhas e os galhos através da mão. Os raios do sol atravessavam seu corpo.

Já fazia algum tempo tinha havido boatos sobre o regresso do sr. Bingley a Netherfield. A sra. Philips soubera da novidade pela sra. Nicholls e não tardou a passá-la à sra. Bennet. Sarah e Polly foram então incumbidas de ficar atentas à carruagem da família Bingley, dado que era importante a sra. Bennet tomar conhecimento da chegada deles o mais cedo possível. Sarah fizera uma mesura, dizendo “Sim, senhora”, mas seus pensamentos tinham se espalhado como sementes — a sra. Bennet agora decerto sentiria falta de seu laçao, e como cada pensamento dela, por menor que fosse, logo se traduzia em palavras, Sarah esperou que sua ama lamentasse a inconveniência da situação de forma veemente e durante muito tempo. No entanto, a sra. Bennet apenas fez um gesto, indicando a Sarah que fosse adiantar seu trabalho e não disse uma só palavra sobre James. A existência de um laçao em Longbourn no passado parecia já ter sido esquecida.

“Foi minha culpa?”, perguntou Polly do pé da escada.

“O quê?”

“Foi minha culpa James ter ido embora? Porque o sr. Wickham gostava de mim e me dava moedas, essas coisas? Eu não devia ter aceitado? Foi porque ele me prometeu doces?”

Sarah desceu da escada e passou os braços em torno do corpo franzino da menina. A cesta de ameixas pendia, precariamente, do braço de Polly. A menina encostou a cabeça no ombro de Sarah, rompendo em soluços.

“Foi culpa minha. Eu sei que foi. Ele disse que eu devia ficar longe dos oficiais, mas...”

A raiva que Sarah sentia — de James, de Polly, de Wickham, de Elizabeth, de Lydia e do coronel Forster, de Longbourn, do Destino e do mundo inteiro — esvaiu-se diante do sofrimento da menina. Sarah afagou suas costas e consolou-a.

“Não foi culpa sua, não, meu bem. Não acredite nisso nem por um instante.”

Ptolemy Bingley chegou na terça-feira, quando os cavalheiros vieram jantar em Longbourn. Ficou no pátio, fumando e jogando dados com seus companheiros, enquanto o grupo jantava no andar de cima. Nem sequer ocorrera a Sarah que ele ainda trabalhasse para a família.

Como seria um grande jantar — diversos vizinhos tinham sido convidados por questões de conveniência, e foi preciso providenciar muitos pratos de caça, várias sopas e perdizes grelhadas —, não havia como ela desaparecer, como a sra. Hill lhe determinara fazer naquele passado que parecia tão distante. Mas como também não houve motivo algum para ela falar com Ptolemy naquela tarde, Sarah se sentiu agradecida.

De vez em quando, porém, Ptolemy deve ter olhado para ela, já que, por diversas vezes, Sarah o surpreendeu desviando o olhar. Ele era inegavelmente bonito. Sarah sentia vergonha de seu comportamento, da maneira egoísta como se comportara com ele. Depois se lembrou de James em pé na estrada dos boiadeiros naquela noite fria, seu rosto enrubesceu e ela se acalmou. Passou a unha do polegar nos lábios ao se lembrar do beijo dele.

A carruagem de Bingley foi pedida logo depois do jantar, enquanto Sarah ainda lavava os pratos trazidos da mesa. Não se apressou para terminar a tarefa. Na verdade, demorou mais do que o necessário, para que todos já estivessem longe quando ela tivesse terminado.

Depois de quatro dias de jantares, caçadas, chás e ceias, Jane estava noiva. O barulho que a mãe fez ao receber a notícia correspondeu ao alívio que sentiu. Claro, pensou a sra. Hill, que tanta alegria e barulho eram de esperar, pois agora a sra. Bennet sabia que sua menina estava em segurança. Outras boas notícias só poderiam se seguir a essa.

A sra. Hill não cabia em si de felicidade pela família toda. Deu parabéns à ama, beijou Jane e desejou-lhe toda a sorte do mundo.

“Ela não precisa de sorte! Vai ter cinco mil libras por ano!”

“Bem”, disse a sra. Hill, “um pouco de sorte não lhe fará mal algum.”

Entretanto, Jane só estava ganhando o que merecia. Era uma moça boa e bonita, merecedora, pois, de coisas boas e bonitas. Como todo mundo sabia, pensou a sra. Hill, tirando o pó das taças de

vinho para um brinde, as moças que não conquistavam coisas boas e bonitas eram de alguma forma deficientes, quer em sua bondade, quer em sua beleza.

O noivado foi formalizado três dias antes da festa de São Miguel. Ptolemy Bingley ia com frequência a Longbourn. Ia de carruagem sempre que conduzia seu amo até lá, ou a pé para entregar mensagens, e ficava no andar de baixo esperando uma resposta. Era como um gavião no céu de outono: imóvel, distante, mas com a atenção fixa — e, tal como um gavião, essa imobilidade só era obtida à custa de esforço constante e de ajustes às correntes.

O momento inevitável ocorreu quando estavam a sós, e ela não pôde deixar a cozinha antes que ele a detivesse com um olhar, com uma palavra.

“Creio que você foi a Londres.”

“Ah, eu...” Ele devia ter ouvido alguma coisa sobre a estada de Jane lá.

“Mas não me procurou.”

“Não tive oportunidade...”

“Foi uma pena.”

Sarah olhou para sua botina e traçou uma linha nas lajes com o pé.

“Sabe, acho que você faria sucesso em Londres”, disse ele. “Toda alinhada, passeando no parque num domingo.”

“Eu não, eu não saberia, não sei nada disso, sr. Bingley.”

Sarah se virou. A sra. Hill entrou na cozinha e foi examinar a sopa, fazendo o possível para dar a impressão de que não percebera nada. Sarah aproveitou o ensejo para ir aos estábulos, onde pegou a rasqueadeira e escovou os cavalos por algum tempo. Os empregados da fazenda não se davam a esse trabalho, não como James fazia.

No dia de São Miguel, o sr. Bennet entregou na biblioteca o ordenado dos criados, com toda a cerimônia habitual. Sentado à sua antiga mesa de carvalho negro, registrou cada pagamento em seu livro contábil. Cada servidor, doméstico ou agrícola, deixava no livro a sua marca; os que sabiam escrever assinavam. Com as moedas na mão fechada, Sarah escreveu seu nome com cuidado em letras de fôrma.

“Infelizmente, o grupo está mais reduzido este trimestre”, comentou seu amo.

“É verdade, senhor.”

“O que é a vida senão mudança constante? Não foi Heráclito quem disse...” O sr. Bennet fez uma pausa e pensou melhor. “Bem. Bem. Você é uma boa moça, Sarah. Muito obrigado por seu trabalho duro.”

“Obrigada, sr. Bennet.”

Ela fez uma mesura, levou o pagamento para o quarto e guardou-o em sua caixa de madeira, junto com o do trimestre anterior. Se pudesse achá-lo, e se ele estivesse escrito em inglês, na próxima oportunidade pegaria emprestado o livro de Heráclito na biblioteca, pois o sr. Bennet acabara não lhe contando o que Heráclito tinha dito. Fechou a caixa à chave, empurrou-a para baixo da cama de novo, levantou-se e foi à janela. A lua era um disco pálido no céu diurno. Já fazia mais de um ano que James tinha chegado a Longbourn e quatro meses que sumira. Por quanto tempo ela poderia esperar

sem uma migalha sequer?

A casa alvoroçou-se na manhã de sábado com a chegada de uma sege puxada por quatro cavalos que haviam corrido muito: os animais estavam claramente exaustos. Quando a sra. Hill abriu a porta da frente, a passageira, uma senhora, quis saber onde a família estava reunida e, ato contínuo, passou por ela sem ser anunciada. Atônita, a sra. Hill correu à cozinha a fim de ferver água para o chá, pois cabia mostrar certa cortesia, por mais descortês que fosse a visitante.

Era a velha senhora de Kent, Sarah explicou na cozinha, depois de ouvir a descrição da viajante. Era a protetora idosa do sr. Collins, Lady Catherine de Bourgh, que lançava um olhar a um trabalho de costura e dizia o que havia de errado nele.

Um pouco mais tarde, ao atravessar o pátio com o balde dos porcos, Sarah viu Elizabeth passando ao lado da casa, no encalço de lady Catherine. As duas desapareceram na pequena área inculta. Sarah passou o balde da mão direita para a esquerda, correu a palma dolorida pelo avental e foi para a pocilga, onde ficou vendo os leitõezinhos brincar e coçar as orelhas da mãe, até ouvir a sege sair pelo cascalho e ter certeza de que lady Catherine tinha ido embora.

E era isto que o dinheiro podia fazer... Uma espécie de magia. Transformava ideias em coisas, desejos em realidades: por alguma razão lady Catherine desejara ir até lá, e para isso tivera apenas de tocar uma sineta e dizer algumas palavras, e tudo mais fluíra daí. Quantos pagamentos trimestrais Sarah teria de poupar para poder concretizar algum desejo seu?

A sra. Hill viu Sarah arrastar a si mesma e seu balde vazio pelo pátio e teve pena dela. Trabalho não era remédio, nunca fora: ele simplesmente criava uma pele sobre o desespero, uma pele que se tornava uma crosta. E o pior: Sarah ainda era muito jovem, muito mais jovem do que a sra. Hill era quando perdeu sua felicidade. Ainda restavam a Sarah, se Deus quisesse, muitos anos para mudar de curso.

Era preciso arranjar alguma coisa para Sarah; alguma coisa tinha de ser feita.

A camisola da sra. Bennet estava sendo aquecida na lareira do toucador e, no quarto ao lado, a sra. Hill já tinha aberto a cama e posto a caçarola com as brasas. A sra. Bennet ergueu os braços para ser ajudada com os botões e os laços. Tomara algumas taças comemorativas de clarete que a tinham deixado mais calma e independente que de costume.

Alguém bateu de leve na porta e Elizabeth entrou na pequena peça. A sra. Hill fez sua mesura e passou ao quarto de dormir, deixando a sós mãe e filha, a sra. Bennet com a camisola meio desabotoada nas costas.

De início ela se esforçou para compreender o que Elizabeth estava dizendo, mas a sra. Hill, que arrumava o quarto, entendeu perfeitamente. Elizabeth tinha feito um acordo espetacular, e a família iria se reduzir ainda mais. Com três jovens casadas e sendo as duas mais velhas, graças a seus casamentos, acompanhantes adequadas para as irmãs solteiras, as duas mais moças quase nunca estariam em casa. Longbourn encolhia depressa.

Ela e o sr. Hill estavam em segurança ali, ela sabia: isso fazia parte do próprio acordo que a sra. Hill fizera. Os dois poderiam envelhecer e morrer ali, sem medo algum de serem forçados a

dependem da paróquia. Mas as moças não seriam mantidas em Longbourn, não as duas, se já não fossem mais necessárias.

“Com o sr. Darcy?”, perguntou Sarah ao ouvir a notícia.

A sra. Hill a levara para a área de serviço. “Sim.”

“Certo. E ela está feliz?”

“A mãe dela disse: uma casa na cidade, uma casa no interior, e tudo de bom. Carruagens e sabe Deus mais o quê. O casamento de Jane, ela disse, nem se compara a este.”

“Mas ela está feliz?”

“Acho que sim. Ela diz que sim.”

Sarah concordou com um gesto de cabeça. “Então, que bom para ela.”

Sarah voltou a seu trabalho, séria. Ela teria se contentado com muito pouco. Teria se contentado apenas com a companhia de James.

Certa manhã, antes do desjejum, Ptolemy Bingley apareceu na cozinha mais uma vez. Lançou seus belos olhos em torno e, ao descobrir que Sarah não estava ali, perdeu todo o interesse pelo cômodo. No entanto, pela primeira vez a sra. Hill achou que podia relevar a infelicidade da educação daquele moço, uma vez que ele nada podia fazer a respeito, e olhá-lo com alguma dose de compaixão. Indagaria um pouco mais profundamente sobre suas perspectivas e intenções. Não havia mal algum nisso. Fazia sentido levar em conta todas as possibilidades. Era preciso, embora a expressão lhe ferisse a alma, agir de forma prática.

O que ela não esperava era que ele se abrisse tanto com ela, como uma margarida ao sol.

“A senhora tem sido quase uma mãe para ela, eu vejo isso. A senhora quer protegê-la, o que é admirável. Eu esperava conquistar a simpatia da senhora.”

Ele sentira mais falta de Sarah do que julgara possível, confessou. Londres e suas diversões lhe haviam proporcionado pouco prazer depois daquela breve primeira estada em Netherfield. Seus pensamentos sempre se voltavam para lá, para Hertfordshire e para Sarah. Para a doce e angelical Sarah. Não se encontrava uma moça como ela em toda Londres.

Ele realmente não esperara que aquilo acontecesse. Não fazia parte de seus planos.

A sra. Hill preparou chá para ele, serviu-lhe uma xícara e ofereceu-lhe também leite e açúcar. Ele tomou a bebida e expôs à sra. Hill as profundezas de seu afeto, a extensão de sua esperança, o âmbito de seus planos e a trajetória ascendente que uma mulher, sua mulher, podia esperar descrever com ele.

Ah, porque ele não seria um laçao para sempre, de jeito nenhum.

A sra. Hill observou-o com atenção. Suas maneiras eram as de um cavalheiro: o trabalho naquele nível rapidamente polia as arestas mais duras de uma pessoa. Ela não tinha dúvida de que ele subiria na vida. Por conseguinte, em termos puramente práticos, ele seria um excelente marido para Sarah. Com o encanto dele e a dedicação dela, o pequeno empreendimento que ele propunha só poderia florescer; eles guardariam dinheiro; à força de trabalho e poupança, viriam a se tornar pessoas de substância e teriam seus nomes gravados acima da porta de entrada da loja: *Sr. e Sra. Bingley, Props.* Seria maravilhoso. Teriam empregados. A seu modo, seria um casamento quase tão brilhante quanto

o de Elizabeth, na medida em que faria Sarah ascender socialmente.

Mais tarde, durante o desjejum, a sra. Hill expôs tudo isso a Sarah, como se fosse um presente.

“Ele está muito, muito entusiasmado.”

Polly passava manteiga em um pão doce. Seu olhar foi da governanta para a criada e voltou para a governanta.

O sr. Hill parou de mastigar. Engoliu. “Loja?”, perguntou.

“A esta altura, acho que ele já está com isso encaminhado”, disse Sarah.

“Esse rapaz tem uma loja?”, perguntou o sr. Hill de novo.

“Ainda não. Mas terá. Entendo que ele já lhe falou sobre isso, não é, Sarah?”

“Falou, quando esteve aqui pela última vez. Antes que a senhora me proibisse de vê-lo.”

“Ele está de olho num determinado ponto”, disse a sra. Hill, ignorando a última observação.

“Esqueci onde.”

“Em Spitalfields.”

“Ele tem uma poupança...”, continuou a sra. Hill.

“Já tem?”, perguntou o sr. Hill de boca cheia.

“Doze libras!” A sra. Hill afastou o corpo da mesa e abriu os braços, olhando para Sarah, como se isso fosse convencê-la de vez. “Doze libras, três xelins e seis pence, para sermos exatos.”

“Doze libras, três xelins e seis pence?”

“Será mais do que isso no Dia da Anunciação. É quando ele tenciona deixar de trabalhar para os Bingley e começar a viver por conta própria.”

O sr. Hill deu um assobio, espalhando migalhas úmidas.

Olhando de um rosto concentrado para outro, Polly pegou discretamente um segundo pão doce.

“Ele é um homem ambicioso”, disse a sra. Hill. “É um homem que sabe o que quer. É um homem que tem doze libras, três xelins e seis pence, e ele também quer você, Sarah querida.”

A sra. Hill estendeu a mão, entre as xícaras e os pratos, e pegou a mão de Sarah. “Você sabe que gostaríamos muito de ver você bem instalada e em segurança, com seu próprio negócio. Apesar de tudo que possamos ter desejado no passado. E, Sarah, pense bem no que será ter sua própria casa, não ficar só recebendo ordens e dependendo da boa vontade dos outros.”

“A não ser da vontade do meu marido.”

“Claro, a não ser da vontade do seu marido.”

A sineta da biblioteca tocou. Todos se sobressaltaram e olharam para ela, vibrando em sua mola. O sr. Hill limpou a boca e empurrou a cadeira para trás. A sra. Hill também se levantou, mas seu marido ergueu a mão para detê-la.

“Fique onde está, sra. Hill. Descanse mais um pouco.”

Ele se retirou da cozinha, com seu jeito cansado, e a porta se fechou atrás dele. Sem ser notada, Polly puxou para si a geleia de ameixa. A sra. Hill virou-se de novo para Sarah.

“Minha querida, pense, pelo menos, no que eu lhe disse. Seria uma solução... prática... para tudo isso.”

Prática. Ali estava ela, de novo, essa palavra rascante. Ela fazia a boca da sra. Hill parecer suja.

Polly meteu a colher no pote de geleia, levantando uma colherada da conserva verde-dourada.

Deixou-a cair na superfície do pão doce e espalhou-a com a parte côncava da colher, que depois enfiou na boca para lambar.

Sarah dobrou os braços, recostando-se, imitando a sra. Hill.

“A senhora faria isso?”, perguntou. “No meu lugar? A senhora se casaria com ele, sabendo o que sabe agora, tendo vivido como viveu?”

A sra. Hill hesitou um momento, apertou os lábios, assentindo com a cabeça.

“Não...”

“Sim. Eu me casaria.”

“Não.” Sarah hesitou. “Mas... e...”

“E o amor?” A sra. Hill fitou o rosto tristonho e determinado da moça. Mentiu: “Você ficaria surpresa se soubesse como isso significa pouco no final das contas”.

“A senhora não está falando sério.”

“Ele a ama. Isso não basta? Ele será bom para você. É um homem bom.”

“Mas não é James.”

A sra. Hill fechou os olhos e deu um suspiro. Não tinha mais o que dizer. Seu menino James, presente e perdido, perdido e achado e perdido de novo: era um tesouro precioso demais para ficar com ela. As esperanças que as confidências de Ptolemy haviam criado nela agora se esvaíam.

“Eles vão dispensar uma de vocês duas”, disse a sra. Hill. “Você sabe disso, não sabe? Não podemos continuar assim a vida toda. Em breve não haverá trabalho para todas nós.”

Polly deu uma mordida em seu pão doce cheio de geleia, olhando para uma, depois para a outra. “É mesmo?”

Sarah lançou-lhe um olhar. “O canto da sua boca está cheio de geleia.”

Polly passou a mão nos lábios, sem limpá-los direito, e engoliu. “Você fica, então. Você espera James aqui. Eu posso ir trabalhar para os Wickham.”

“Não, meu bem, você não pode fazer isso.”

“Vai dar tudo certo.”

“Não, não vai.”

Ficaram sentadas em silêncio, cada qual com sua solidão.

[...] *ele ainda precisava aprender a rir,  
e ainda era cedo demais para começar.*

Todos os dias, agora, chegavam pacotes para Jane e Elizabeth. Cabia a Polly e a Sarah ir buscá-los na agência postal, e quando possível elas iam juntas. Eram passeios tranquilos e amigáveis em meio à névoa nos campos baixos e através das folhas secas do outono.

Muitos desses pacotes continham tecidos finos — sedas, musselinas e veludos — para os enxovais das jovens noivas, solicitados pela sra. Bennet a lojas de Londres. Em chapeleiras elegantes, chegaram duas toucas novas enviadas pela sra. Gardiner, incumbida de encomendá-las a uma modista londrina. Contudo, uma pequena caixa quadrada, endereçada à srta. Elizabeth, veio diretamente de Nottingham. Dedos ávidos rasgaram o papel de embrulho, levantaram a tampa de papelão. Em seu interior havia um belo véu de touca de renda de seda com um desenho de folhas caídas e um delicado remate de conchas.

“Do sr. Darcy”, disse Elizabeth.

Aquilo precisava ser provado, o que aconteceu imediatamente. O papel de seda foi retirado. Estendendo o véu sobre a cama, Sarah prendeu os cadarços em torno da coroa da touca e passou o véu por cima dela.

“Fica bem pesado”, disse Sarah, levantando a touca e o véu juntos, a maior parte do véu caindo sobre o braço.

“Os melhores são sempre assim.”

Sarah pôs a touca na cabeça de Elizabeth e deixou o véu cair. Abaixou-se para ajeitar suas dobras. O pescoço de Elizabeth enrijeceu.

“É bonito.”

“O sr. Darcy é muito generoso”, disse Elizabeth.

“É mesmo.”

Com o véu pendendo sobre seu rosto, Sarah achou que Elizabeth parecia estar muito longe dali, além de gélida. Elizabeth também deve ter sentido o mesmo ao ver seu reflexo no espelho, pois estendeu a mão e começou a tirar o véu. Ao se dar conta do risco para a renda, parou.

“Poderia fazer isso para mim, Sarah? Tire-o, por favor.” Elizabeth entrelaçou as mãos no regaço, para acalmá-las. “Não quero estragá-lo.”

“Claro.”

“Como você acha que é ser casada?”

O olhar de Sarah cruzou com o de Elizabeth no espelho. Via seu próprio reflexo, de pé atrás da jovem ama, sua mão áspera descansando num ombro delicado, a outra sustendo a renda e a touca; via seu vestido cinzento, o cabelo precisando ser lavado e empurrado para baixo de uma touca de trabalho.

“Acredito que seja muito agradável.”

Elizabeth assentiu com a cabeça, os cachos sedosos subindo e descendo na nuca.

As pessoas diziam que o sr. Darcy estava se casando com alguém abaixo de sua condição social, embora Sarah não visse as coisas desse modo. Tudo lhe parecia em boa ordem, como as colunas de um livro contábil: a riqueza, as propriedades e a posição do sr. Darcy correspondiam à beleza de Elizabeth e eram oferecidas como uma justa retribuição por ela. Considerando-se as coisas assim, de modo algum ele fazia um casamento desigual. E se as coisas assim eram consideradas, Sarah não se espantava de não ter ninguém.

“Eu imagino algumas cenas”, disse Elizabeth. “Quero dizer, quando eu estiver casada e morando em Pemberley. Imagino a casa no Natal, e talvez Jane e o sr. Bingley nos façam uma visita na primavera. E também vejo a mim sentada ao piano com a irmã dele.”

“Parece mesmo muito agradável.”

“Mas o que eu não vejo, o que não consigo imaginar, é como será o dia a dia, um dia depois do outro, só ele e eu. Não sei ao certo... e acho que fico meio... nervosa.”

As pontas macias dos dedos de Elizabeth pousaram na mão vermelha de Sarah.

“Quero que você vá para lá comigo.”

“Como, senhorita?”

“Para Pemberley. Quero que você vá também. Você vai, não vai?”

“Não sei, eu...”

“Entenda, eu quero alguma coisa aqui de casa comigo”, disse Elizabeth, atropelando as palavras. “Seria um consolo. O sr. Darcy não vê nenhum mal nisso, e mamãe diz que assim que Jane e eu nos casarmos, ela não precisará mais de você aqui.”

Sarah pôs a touca na cama e desfez os laços dos cadarços, soltando as pequenas dobras na renda. Aparentemente, tudo já fora decidido.

“O trabalho será leve comparado ao que você está habituada aqui. Pemberley já é uma casa bem servida de criados. Lá você não terá de carregar baldes ou acender lareiras. Não terá de cerzir meias. Pelo menos não para a casa toda. Só as suas, talvez, e quem sabe as minhas.”

Sarah levantou o véu, dobrou-o e o guardou de novo na caixa. “Você está com medo de sentir falta das suas amigas, claro que sim, são as pessoas com quem você está acostumada. Mas em Pemberley a sra. Reynolds, a governanta, vai gostar de você. Ela a tratará bem ao ver o quanto você é correta, competente e bem treinada. E vai conhecer um pouco mais do mundo, sei que você sempre quis isso.”

O véu estava estendido à perfeição na caixa, como um maço de papel em branco. Sarah tampou a caixa.

“Então, está combinado? Você concorda?”

Sarah virou-se para a penteadeira. Sua ama, esperançosa, a olhava pelo espelho. Sarah fez que sim com a cabeça.

“Ah, como isso me deixa feliz! Você vai gostar de lá. Tenho certeza.”

Sarah arrumou os cachos de Elizabeth. O semblante de sua ama tinha se iluminado, mas agora se toldava de novo, e ela estava pensativa. Talvez estar tão feliz não fosse fácil. Na verdade, estar feliz talvez fosse um estado perigoso — saber que o pleno êxito fora alcançado.

Lágrimas rolaram na cozinha quando ela lhes deu a notícia. Até o sr. Hill teve de pigarrear, virar-se e arrumar alguma coisa para fazer, tirando a cera que se juntara num castiçal. O fato de terem previsto que mais cedo ou mais tarde aquilo — aquela dissolução — haveria de ocorrer não significava que algum deles estivesse preparado para aceitá-lo.

“Se vocês souberem de alguma coisa”, disse Sarah, “se receberem alguma notícia dele... se ele voltar...”

“Escrevo para você no mesmo instante.”

“Polly também... tome conta dela. Faça com que tenha algum tempo para estudar. E para brincar com as crianças da aldeia.”

A sra. Hill assentiu com um nó na garganta.

“Ela é muito nova”, disse Sarah.

“Eu sei.”

“É muito bobinha.”

“Ei!”

Sarah levantou Polly e a abraçou forte, comprimindo seu rosto no dela. “Você é tão bonita que fico com vontade de mordê-la.”

“Não faça isso”, disse Polly, enxugando os olhos com o dorso da mão. “Mas escreva de Pemberley para mim. Sou muito boa para decifrar letras, você sabe.”

*A Pemberley, portanto, iriam todos.*

A diligência deixou Sarah, com as malas e os baús de Elizabeth, na pousada em Lambton, e prosseguiu viagem. Ela viu algumas janelas iluminadas, a agulha de uma igreja, o parque público ainda às escuras, e foi saudada por um homem idoso de rosto anguloso que segurava uma lanterna com uma vela. O velho apontou para uma carroça em que os criados da pousada estavam pondo as coisas da sra. Darcy. Ela subiu na carroça e esperou o velho, enquanto ele abria, instalava e prendia o toldo de lona.

Quando o ancião foi ter com ela, ele falava de forma incompreensível e cheirava a malte e a cavalo, e mais uma vez eles saíram para a escuridão, as rodas zumbindo pelas boas estradas. Passado algum tempo, ele se calou, o que para Sarah foi um alívio. Ela balançara a cabeça diversas vezes com um sorriso, sem fazer ideia do que ele dizia e com o que ela estava concordando. Daí a pouco — era difícil calcular a passagem do tempo depois de tantas horas na estrada — surgiu uma encruzilhada, o velho reduziu a marcha e eles viraram. A nova estrada levou-os por um bosque. Viraram de novo, dessa vez na guarita de uma cancela pouco visível na noite. O cocheiro trocou algumas palavras com o atendente, que levantou a cancela para ele. Sarah não entendeu patavina do que disseram.

A lanterna pendia do gancho, iluminando os traços fortes do cocheiro e a trama do cobertor que envolvia Sarah, bem como as ancas e o rabo dos dois cavalos e pouco mais que isso. A essa altura, ela já se habituara à dor; sentia que a aceitava; a longa viagem a Derbyshire lhe dera tempo para acostumar-se à enormidade de sua perda. Ela fora despojada de tudo o que havia conhecido na vida, de todas as pessoas que amava, de todas as ligações afetuosas que fizera, e só restava agora a essência crua e frágil de si mesma. Desde que se entendia por gente, ela realmente desejara, de todo o coração, conhecer alguma coisa do mundo além de Longbourn. Não obstante, pensou, devia ter formulado o desejo com mais precisão. Devia ter desejado também estar feliz quando conhecesse o mundo.

A carroça subira um aclive de cerca de um quilômetro pelos bosques, e Sarah cabeceava quando o cocheiro a despertou com o cotovelo. Com o queixo, mostrou-lhe para onde olhar. Ela olhou.

Tinham saído dos bosques e estavam numa área ampla, com a lua, calva, branca e fria, alteando-

se no céu. O palácio erguia-se num acive do outro lado do vale contra um fundo de morros arborizados. O luar prateava-lhe a fachada, cujo reflexo tremeluzia num imenso lago à sua frente. Pemberley. A herdade era bela, enorme e estranha.

A carroça avançou, mas o olhar de Sarah estava paralisado. Ela girou no assento para manter o solar visível. Aquilo era impressionante: como surgira uma propriedade, uma riqueza e uma beleza daquele porte? Quem demarcara limites, estaqueara uma cerca e dissera: Esta terra é minha e de ninguém mais; esses campos são meus, esses bosques são meus, essa água, que reflete a lua alva, é minha; e todos os peixes que nadam nessas águas são meus; e todas as aves que voam e se empoleiram nos bosques são minhas; e o próprio ar, enquanto pairar sobre a minha terra, é meu; e tudo isso será meu, e depois que eu me for será de meu filho, e nunca sairá de nossas mãos, não enquanto ainda restarem filhos para herdá-lo. Porque havia, *devia* ter havido uma época anterior em que os peixes nadavam, as aves voavam e não pertenciam a ninguém, em que o mundo era jovem, em que Adão e Eva deixaram, hesitantes, o Éden, perplexos e envergonhados.

A vista sumiu quando a carroça virou para uma sombra profunda, o luar desapareceu e ela e o cocheiro ficaram confinados ao estreito círculo da lanterna, a uma longa caverna de árvores e ao repentino bater de asas de uma ave assustada. Do ponto em que contemplara a propriedade, Sarah vira que a estrada descrevia uma curva ascendente em direção a uma ponte e ao suntuoso portal de entrada. Mas não estavam indo por aquela estrada. Ela olhou para o carroceiro, vendo a barba que apontava em seu rosto e os olhos encovados.

“Por que estamos indo por aqui?”

O velho limpou a garganta e disse, com cuidado, para que ela entendesse: “Acesso de empregados e fornecedores”.

Sarah ajustou melhor a velha peliça. Estivera por três longos dias na estrada, mas, durante todo esse tempo, a ideia da chegada parecia recuar à medida que ela se aproximava do destino. Queria que a viagem acabasse, mas não queria chegar.

Atravessaram o ribeirão por uma estreita ponte de madeira quase da mesma largura da carroça. Dali teve outro vislumbre da mansão, meio de lado, e das águas espelhadas. Logo estavam de volta aos bosques, o caminho fez uma curva e o veículo se aproximou da entrada de serviço.

A carroça entrou num pátio. Dois lacaios de libré se encaminharam para ela com lanternas e um cavaliço chegou para cuidar dos animais. Dentro do prédio, vultos passavam pelas janelas gradeadas como lançadeiras num tear. O ruído cresceu quando alguém saiu da casa. A porta se fechou e o som se interrompeu de repente. Um dos lacaios estendeu a mão enluvada para Sarah. Ela a segurou e, enrijecida pela viagem, desceu do assento.

O cocheiro baixou a caixa de Sarah para o chão de pedras arredondadas, enquanto os lacaios descarregavam a bagagem de Elizabeth. Sarah afastou-se do caminho, pondo-se atrás da pilha, cada vez maior, de caixas e malas. Passou as mãos nos olhos, sentindo a frialdade dos dedos na testa. O que fazer? Aonde ir? O resto do mundo era amplo, escuro e vazio, e nenhum canto dele lhe pertencia.

Uma mulher veio se aproximando, azafamada. Sarah desenrolou as mangas do vestido, endireitou-se e arriscou um sorriso.

A governanta teria uns cinquenta anos, usava uma touca com aba e um belo colarinho. Trazia

também uma lanterna. Falou primeiro com os lacaios, sobre o destino dos baús. Em seguida, convidou o cocheiro a entrar para comer e beber, além de lhe oferecer uma cama para pernoitar nos aposentos dos criados, pois de outra forma teria de enfrentar uma estrada longa e fria no regresso à cidade. O cavaliariço tinha desatrelado os animais e agora os levava para comer e descansar. Todo ato, toda instrução parecia indicar que aquele era um lugar franco e gentil, que seus moradores eram hospitaleiros e mostravam-se atentos às responsabilidades associadas às altas posições.

Sarah manteve-se de pé, com sua única caixa junto dela, enquanto tudo ao redor voltava à ordem: a bagagem de Elizabeth logo sumiu, levada para dentro, os cavalos desapareceram nos estábulos, as portas se fecharam, e daí a pouco só se ouvia o som abafado que vinha da cozinha. Só então, quando tudo voltou à calma, a governanta voltou a atenção para Sarah.

“É você que está aí? A criada da ama?”

“Sim, senhora.”

“Eu sou a sra. Reynolds. Sou a governanta aqui.”

Sarah fez uma mesura.

“Bem, então vamos”, disse ela. “Vamos lhe mostrar seu quarto.”

Sarah abaixou-se para pegar sua caixa.

“Eu teria mandado carregarem a caixa para você. Devia ter me falado.”

“Desculpe.”

Sarah foi atrás da sra. Reynolds e da sua lanterna pela entrada lajeada e cheia de ecos, seguindo por um corredor, levando consigo tudo o que possuía. Cansada como estava, custava-lhe simplesmente acompanhar o passo decidido da governanta e prestar atenção a tudo o que lhe era dito.

A sra. Reynolds identificava os cômodos pelos quais passavam. A sala de calçados. A sala de armas. A sala de bebidas, a despensa, a despensa do mordomo, o depósito de queijos. Em dado momento, abriu uma porta e foi como se dessem com uma parede de calor. A cozinha. Um turbilhão de atividades: um cozinheiro gritando ordens, e jovens ajudantes de cozinha, rapazes e moças, correndo para cumpri-las — picar, mexer, bater, suar.

A governanta passava por tudo isso com calma e indiferença, evitando áreas de maior atividade, fazendo um aceno de cabeça para o cozinheiro, sorrindo para uma ajudante de cozinha. Seguindo-a, Sarah foi vítima de empurrões e implicâncias e sentiu-se enrubescer.

Caminhavam por um corredor, em cujas paredes havia nichos com velas acesas. Sarah passava por um trecho iluminado, caía num pedaço escuro, voltava em seguida à luz, isso várias vezes, enquanto seguia a chama trêmula da lanterna da sra. Reynolds. Estava como que hipnotizada pelas saias roçagantes da governanta, pelo som de seus sapatos nas lajes de pedra e pelo fluxo de informações que ela dava sobre o funcionamento, as hierarquias e a configuração da propriedade. Ela deveria memorizar o caminho, para poder achá-lo de novo, mas não havia nada para servir de referência — só paredes intermináveis, os clarões das velas e as zonas de escuridão — e tudo isso em rápida sucessão, borrado e manchado.

Subiram um lance de degraus de pedra, seguiram por corredores caiados, subiram outras escadas, estas de madeira, sempre subindo, com a caixa pesando no braço de Sarah, que arrepanhava as saias com uma das mãos e sentia a cabeça zozna. Saíram num patamar estreito e no corredor de um sótão.

Havia um pedaço de tapete no chão e uma fileira de portinhas de madeira que se repetiam interminavelmente ao longo do corredor, até se perderem na penumbra.

“Por aqui.”

Os sótãos dos empregados se estendiam por toda a extensão da ala, informou-lhe a sra. Reynolds enquanto passavam por portas e mais portas mal iluminadas pela lanterna. De repente, a governanta parou diante de uma porta igualzinha a todas as outras pelas quais tinham passado.

A sra. Reynolds girou a pequena maçaneta e empurrou a porta. “Aqui estamos.”

Sarah a acompanhou. Havia no quarto duas camas estreitas de madeira, uma ao lado da outra. Entre elas, no chão, um tapete de trapos. Não havia espaço para quase mais nada, além de um suporte de pinho sob a janela inclinada, com um castiçal e uma bacia e seu jarro de água. Sob a cama, do lado direito, via-se uma caixa trancada.

“No jarro há água. E ali estão as roupas que você deverá usar.”

A sra. Reynolds apontou para uma pilha de roupa de cama branca e de lã crua sobre a colcha da cama da esquerda. “Talvez seja preciso fazer ajustes nas roupas, sintá-se à vontade para isso. Você pode usar a caixinha de costura que está debaixo do suporte da bacia. Mas creio que por enquanto as roupas vão lhe servir bem. Acho que seu tamanho é quase o mesmo da criada da srta. Darcy.”

Sarah pôs sua caixa sobre a cama da esquerda, amarrotando a colcha. A sra. Reynolds pegou a vela no suporte da bacia, acendeu-a com a sua e devolveu-a a seu lugar.

“Você vai dividir este quarto com Anne, a criada da srta. Darcy. Ela estava atendendo a sra. Darcy até você chegar e poderá orientá-la sobre as diferenças do trabalho aqui em Pemberley. Se você vier aos meus aposentos depois de se preparar e trocar de roupa, eu lhe sirvo o jantar e lhe mostro o caminho para o toucador da sra. Darcy. Anne já deve ter começado a desfazer as malas. Você poderá ajudá-la.”

“Obrigada, sra. Reynolds.”

“Creio que você se dará muito bem aqui”, disse a governanta. “Você parece ser uma moça boa e decente.”

“Obrigada, sra. Reynolds.”

A governanta fez menção de sair, porém se deteve.

“Como você deve imaginar, estávamos ansiosos para conhecê-la. Não sabíamos nada a seu respeito, mas sabíamos como é a casa de onde você vem. Longbourn é um lugar pequeno e as normas lá podem ser muito diferentes. Mas acho que você vai se sair muito bem aqui.”

Em seguida ela saiu, levando sua vela.

Ainda havia horas a vencer. Horas, horas e mais horas.

Sarah sentou-se, tirou a touca e a depositou em cima da colcha. Agora tinha uma cama só sua. Abriu a peliça, tirou-a e olhou sua velha botina sobre o tapete esquisito. Um tapete feito por mãos desconhecidas com trapos que ela não reconhecia. Em Longbourn ele lhe faria lembrar um velho *spencer*, casaco ou cobertor que ela tivesse retalhado para fazê-lo.

Mas era inútil pensar nisso agora. Ela se levantou, molhou uma toalha, torceu-a e limpou o pescoço e o rosto, lavou atrás das orelhas e limpou as unhas. Quando estava limpa e seca, pegou a chave no bolso de dentro da saia e abriu a caixa. Tirou dela sua melhor touca, que a sra. Hill

enfeitara com uma fita nova, ajeitou-a na cabeça e meteu todo o cabelo debaixo dela. Vestiu um uniforme de criada que pendeu solto em torno da cintura, dos braços e do busto. Pegou um lenço. Gostaria de poder mudar de calçado, pois seus pés doíam, e a botina era velha e desajeitada, mas para isso não havia solução. Pegou a vela e, fechando a porta, contou as portas até chegar ao topo da escada, para poder encontrar seu quarto quando voltasse para ele.

Sarah tentou com todas as suas forças ser feliz em Pemberley. Como Elizabeth lhe prometera, seu trabalho era leve em comparação com o que estava habituada a fazer em Longbourn. Em Pemberley, havia todo um exército para carregar água, lenha e carvão, para cozinhar, esfregar e polir. As semanas foram passando sem que ela visse um balde de lavagem para porcos, tampouco um porco, embora com certeza, mesmo em Pemberley, existissem tais coisas e esses animais. Cobia-lhe apenas cuidar da sra. Darcy, de suas roupas e adornos. No entanto, isso se tornara, de um momento para outro, uma tarefa hercúlea.

Sendo belíssima por natureza, Elizabeth até então mostrara apenas um grau saudável de interesse por sua aparência. Valia a pena vestir-se bem para um baile, mas ela nunca se preocupara em demasia com a toailete do dia a dia e sempre se mostrara mais que disposta a participar do desjejum da família com uma bainha suja de lama, com o rosto corado ou o nariz brilhando. Tampouco pensava duas vezes antes de tomar um chá com as amigas das vizinhanças vestindo uma roupa desbotada que ficara pequena para Jane. Agora, porém, o tempo que passava diante da penteadeira revestia-se de toda a solenidade e introspecção de um ofício religioso.

“Estou bem assim?”

“A senhora está muito bem.”

“Acha isso de verdade?”

Sarah passava uma fita nos cachos de Elizabeth como parte dos preparativos da descida de sua jovem ama para o desjejum. “Claro que sim. A senhora vai estar mais do que bem. Está linda.”

Elizabeth nem sequer sorriu. “Você precisa compreender que estou ansiosa para me mostrar como ele gostaria.”

“Tenho certeza de que a senhora está bem.”

“Você não entende, Sarah. Na verdade, não entende nada.”

Naquela tarde, Sarah voltou ao toucador da sra. Darcy para penteá-la mais uma vez antes do jantar. Viu Anne já ali, armada com um vidro de óleo capilar perfumado e pérolas. Sarah não era necessária. A criada da srta. Darcy tinha, claro, melhor conhecimento dos modismos correntes por ter vivido a serviço da família em Bath, Londres e Ramsgate.

Pemberley era um lugar magnífico, não havia dúvida. Aproximando-se o Natal, a geada cobria os campos e as árvores, e quem tivesse como sair ao ar livre poderia colher azevinho para as cornijas das lareiras, hera para trançar em torno de molduras e visco para pendurar nos candelabros, que ficariam lindíssimos. Mas de que valia isso para Sarah, confinada com sua costura ao toucador da sra. Darcy? Ela não tinha como pôr os pés fora de casa. Assim que a sra. Darcy se vestia para a manhã e se sentava para Anne fazer seu cabelo, Sarah era dispensada e não via viva alma até a hora do jantar.

Ficou claro, quase desde o primeiro instante, que só confiavam nela para os trabalhos mais simples. Chegavam encomendas de tecidos. Sarah os estendia, à procura de defeitos, e aspirava as fragrâncias das lojas londrinas — exóticas, quentes, levemente impuras — antes de dobrar os tecidos e deixá-los a um lado a fim de serem levados ao fabricante de mantôs na cidade. Não voltava a vê-los até pendurar os vestidos prontos no armário. Mantinham-na ocupada consertando roupas ou cosendo roupa de baixo. Lidava com peças finas de algodão, linho e seda, o que no passado ela teria visto como um prazer, mas ou era uma tarefa insignificante e trabalhosa, que além do mais lhe machucava as pontas dos dedos e cansava a vista, ou simplesmente enfadonha: pespontava fitas e rendas, refazia bainhas desmanchadas, corrigia os pontos soltos de combinações e anáguas. Um trabalho de principiante que não lhe rendia satisfação alguma. Quando dava por si, estava olhando pela janela, contemplando a vista dos relvados laterais na direção dos campos de lavoura mais além. Com a costura abandonada no colo, cravava o olhar no parque coberto de geada, nas colinas arborizadas, na amplidão do céu.

Com o trabalho mais leve, suas mãos tornaram-se mais macias. As horas se arrastavam. Os dias, mais ainda.

Mais encomendas chegavam de Londres, pacotes pequenos, leves: meias cerzidas e combinações consertadas ficavam amassadas no fundo de uma gaveta.

Também seu corpo amoleceu, pois nunca comera tão bem na vida. Ovos de manhã, carne ou peixe no jantar, alguma coisa doce ou gostosa na ceia. A sra. Hill saía-se bem no trivial, mas ali vivia-se numa ordem diferente de coisas, uma refeição completa era servida no enorme espaço da sala de jantar da criadagem, onde ela comia com cuidado e calada, sem saber para onde olhar. Além disso, pouco entendia os sotaques carregados de Derbyshire de seus companheiros de trabalho. O chá lhe era trazido por uma criada, numa bandeja com a louça tilintante dos criados e acompanhado de um olhar hostil, pois ninguém gostava de servir outros serviçais. Consciente disso, quando a criada batia a bandeja com força na mesa diante dela, Sarah corava e dizia “Muito obrigada, Lucy”, sem saber ao certo se a moça se chamava mesmo Lucy.

No entanto, havia algum consolo em ter seu próprio bulezinho de chá quente, sua própria leiteira e até uma tigelinha com três torrões de açúcar. Ela metia dois deles no bolso, e em sua carta seguinte os mandava para Polly, cuidadosamente embrulhados em papel de seda.

Os Gardiner passaram o Natal em Pemberley. Sarah sentava-se à janela do toucador da sra. Darcy para costurar, escutando os sons distantes da família reunida no grande salão debaixo de onde ela estava. Ouvia vozes, o som do piano e o riso dos filhos dos Gardiner, que brincavam e corriam pelos extensos aposentos.

Para além dos limites do toucador da sra. Darcy, a casa se estendia, solícita e obsequiosa, com seus cômodos espaçosos, mobiliados com bom gosto, sua cordialidade e os entretenimentos que ofereciam, favorecendo o cultivo das artes, da música, da conversação e da leitura. E para além de suas paredes abriam-se os relvados harmoniosos, o parque bem cuidado, os bosques e as granjas, tudo com a marca da objetividade, da ordem e da prosperidade — e tudo o que ela podia fazer era ficar ali, naquela cadeira, naquela janela, cosendo mais uma fita numa anágua que talvez jamais fosse

usada.

Se ela simplesmente deixasse a costura de lado e saísse pelo corredor, abrindo algumas portas e olhando o interior dos cômodos; se explorasse algumas salas vazias do andar de baixo, examinando miniaturas e mármore; se transpusesse as portas francesas para o ar livre e percorresse os caminhos de cascalho, errando pelas sebes de buxo cobertas de geada e enveredasse pelo arvoredo; se cruzasse os gramados até a beira do rio para ver uma truta preguiçosa numa nesga de sol de inverno e em seguida atravessasse o portão em direção aos bosques e subisse as trilhas marcadas nos morros... quanto tempo demoraria, até onde ela poderia chegar, por quanto tempo poderia estar nesses lugares antes de ser detida e mandada de volta para aquele assento onde estava, para aquele cantinho?

O que lhe cabia era uma paisagem de olmos desfolhados, uma pilha de costura fastidiosa, um lugar onde se sentar, uma bandeja com o serviço de chá.

Não era ruim. Era muito melhor do que poderia esperar. Mas não bastava.

“[...]  *você deve estar muito feliz.*”

Foi um choque — um efetivo choque físico, como uma queda, um tropeção ou uma pancada na quina de uma mesa — ver Ptolemy Bingley entrar no parque com a carruagem dos Bingley naquela manhã brilhante de março, véspera do Dia da Anunciação.

A agulha de Sarah soltou-se dos dedos, balançou por um momento na ponta da linha e caiu no chão. Ela se levantou. A carruagem vinha pelo caminho de entrada. A respiração de Sarah embaçou a vidraça por um instante. Impossível confundi-lo com outra pessoa, mesmo àquela distância. Não sua cor, mas seu porte, sua estatura faziam-no sobressair entre os outros homens. Ela viu também o vento dobrar os narcisos, os galhos nus rasgando o céu e as nuvens que se amontoavam e se dividiam. O ano avançara sem que ela tivesse se dado conta desse avanço.

Atrás dela, no quarto, o relógio bateu outra meia hora.

“Eles já chegaram?”

Sarah olhou em torno. A sra. Darcy se virara em sua banquetta diante da penteadeira.

“Creio que sim, sra. Darcy.”

Sua ama levantou-se e foi à janela. Sarah afastou-se para abrir espaço. Juntas, viram a carruagem aproximar-se. Sarah sabia que os Bingley estavam para chegar — a visita fora planejada com grande antecedência —, mas em sua imaginação Ptolemy estaria pesando e vendendo fumo em sua cintilante loja de Spitalfields. Havia até fantasiado para ele uma esposinha bonita e rechonchuda. Imaginara-o feliz, mas pensara nele como alguém já muito distante.

“Meu xale indiano, Sarah, por favor.”

Sarah afastou-se da janela e abriu uma gaveta. “Qual, sra. Darcy?”

“Um dos novos.”

Sarah pegou um xale de casimira creme com as pontas enfeitadas de folhas e flores entrelaçadas. Seu pensamento corria a toda. A visita dos Bingley deveria durar duas semanas: uma quinzena de jantares tensos no refeitório da criadagem, de nervosismo em esquinas e corredores. Ptolemy também a evitaria. Sem dúvida seria constrangedor para ambos, mas por fim aquilo acabaria. Pelo menos acabaria daquela vez, mas quem poderia dizer o que se seguiria pelos anos afora?

“Que bom que Jane veio me ver.”

Sarah alisou a casimira nos ombros da sra. Darcy. Do outro lado do mundo, uma mulher fizera aquele xale. Para esticar as pernas, saía ao ar livre, no calor, e caminhara entre folhas e flores exatamente iguais aquelas, sob árvores cheias de pássaros.

Elizabeth afastou-se da janela, radiante agora. “Bem, venha comigo.”

“Madame?”

“Desça, se apresse. Você há de querer dar as boas-vindas a Jane.”

Ao ver Sarah numa fileira, com os demais criados, ao vento inclemente de março, a sra. Bingley saudou-a efusivamente, beijou-a no rosto e disse esperar que ela estivesse feliz. Sem se deter para ouvir a resposta de Sarah, continuou a subir os degraus e entrou na casa de braços dados com o marido e a irmã.

Sarah pegou as coisas miúdas deixadas na carruagem — luvas, bolsas de mão, livros — e levou-as para dentro. Enquanto subia os degraus, olhou para Ptolemy pelo rabo do olho. Ele estava ocupado com a bagagem, conversando com outros lacaios, e em nenhum momento ela o viu olhando para onde ela estava. Sarah não sabia se ele estava a par de sua presença ali. A situação seria embaraçosa até ela lhe falar, mas dificilmente deixaria de sê-lo também depois disso.

Por fim, porém, tudo se resolveu mais depressa do que ela teria imaginado. Sarah falou com Ptolemy naquela mesma noite — em Pemberley jantava-se elegantemente tarde; eram quase seis horas quando a família sentou-se à mesa, e os criados só comiam depois que a família era servida —, quando se viu sentada ao lado dele no refeitório da criadagem. Durante o tempo todo, Sarah tinha a mais plena consciência de estar sendo observada pela sra. Reynolds, que era rigorosa em questões de conduta; por Anne, sempre inclinada a descobrir amores e paixões ilícitos; por Lucy (se é que seu nome era esse), que parecia estar sempre em busca de confusões; e por um jovem cavaleiro que, sorrindo e puxando assunto, dera para aparecer sempre que ela estava no andar de baixo naquela parte da casa. Sarah enrubescia e não entendia seu sotaque forte, assim como ele também não entendia o dela.

Quando Sarah por fim reuniu coragem para entrar no refeitório dos criados, Ptolemy estava ajeitando uma cadeira para se sentar ao lado de uma das criadas mais bonitas. O único lugar restante ficava à esquerda dele. Hesitando na porta, Sarah cogitara por um instante em virar-se e voltar depressa para o santuário que era o toucador da sra. Darcy, mas não seria conveniente agir assim: todos notariam e comentariam, por isso a situação tinha de ser enfrentada. Sarah respirou fundo, soltou a respiração e avançou pelas lajes de pedra na direção dele. Ptolemy viu-a se aproximar, endireitou-se e desviou os olhos, virando-se para a vizinha bonita e dizendo alguma coisa que fez os olhos da moça se arregalarem e covinhas se abrirem em suas faces.

Sarah deu consigo sentada bem ao lado dele, junto da manga de sua camisa, de seu colarinho e do colete amarelo-canário, da curva de sua nuca e de sua cabeça, enquanto ele mantinha a atenção fixada inteiramente na jovem à sua direita, que agora corava e gaguejava algumas palavras desajeitadas. Sarah lembrou-se de que reagira da mesma forma — desconcertada e nervosa ao ser notada por um homem como ele — na primeira vez em que ele foi a Longbourn.

Não demorou muito para que a conversa cessasse, como era de esperar, tão pouco havia em comum entre ele e aquela camponesa. Por algum tempo, Sarah viu-se obrigada a responder ao jovem cavaleiro sentado perto dela, o que foi uma provação especial, pois ele nada tinha a dizer que não fosse a respeito de si mesmo, de seu pai idoso ou de seus cavalos, e ademais ela só entendia uma em três palavras que ele pronunciava. Logo os dois também silenciaram, embora a sua volta houvesse uma balbúrdia de conversas, talheres batendo em pratos, ruídos de mastigação e cadeiras arrastadas cada vez que soava uma sineta e alguém tinha de ir atender a família. Sarah levou a mão à sua face quente, sem haver tocado ainda na comida.

Ptolemy lhe falou a meia-voz, protegido pela barulheira do refeitório. Não olhou para ela. “Você está bem?”

“Muito bem”, respondeu Sarah. “Obrigada.” E logo depois: “E o senhor?”.

Ele fez um gesto afirmativo de cabeça.

Em seguida, virou-se para a moça e lhe perguntou se ela tivera alguma coisa a ver com a preparação da carne de boi, pois estava excelente e em lugar nenhum ele provara uma carne tão boa, nem mesmo em Londres. Foi uma manobra ousada, mas também esse tema logo arrefeceu. Ele ficou olhando para o vazio e mexendo em seus talheres.

“Eu não esperava ver o senhor aqui”, disse Sarah em voz baixa. “Imaginei que já tivesse aberto sua loja.”

“Ah, você me conhece.”

Sarah virou-se para olhá-lo. Ptolemy tinha o olhar fixo no outro lado do refeitório, numa fileira de lebres sem cabeça, penduradas pelas patas traseiras, pingando sangue nas tigelas colocadas sob elas.

“Mantendo minhas opções abertas”, disse ele. “E de olhos abertos.”

“Desejo-lhe toda a sorte do mundo, sr. Bingley.”

Ele deu um suspiro, balançando um pouco a cabeça. Por um momento Sarah achou que ele fosse acusá-la de crueldade, de destruir suas esperanças, sua felicidade. Contudo ele apenas virou a cabeça e olhou para ela. Seus olhos ainda eram bonitos, negros como café, mas agora estavam rasos d’água. Quando voltou a falar, sua voz não passava de um sussurro.

“Eu não queria...”, disse. “Quando soube que você estava aqui, achei que quando a visse eu a faria sentir alguma coisa. Eu queria feri-la. Mas...”

“Desculpe, sr. Bingley, eu...”

Ele deu de ombros. “Não é culpa sua.”

Sarah juntou as mãos no regaço. Olhou para elas.

“Aquele lacaio”, disse ele. “Smith.”

Ela engoliu em seco, tentou limpar a garganta, mas tudo o que conseguiu fazer foi um movimento afirmativo de cabeça.

“Você está absolutamente fixada nele. Ninguém mais servirá.”

A expressão de Sarah era de pesar, e ela não conseguiu levantar os olhos.

“Já perdi todas as esperanças”, disse ela.

Ptolemy arrancou as luvas brancas. “Perdeu mesmo?”

Sarah abriu e fechou os olhos devagar e fez que sim com a cabeça.

“Mas e se você soubesse onde ele está? Se tivesse uma chance de encontrá-lo?”

“Sr. Bingley. Ptolemy. Por favor.”

“Seria importante para você, mais do que tudo isto...”, disse, fazendo um gesto largo, que abarcava o trabalho dela, o refeitório dos criados, o palácio mais adiante, “mais do que qualquer coisa...”

“Eu acho...” Sarah começou a falar, porém engoliu em seco, firmando a voz. “Acho que ele está morto. Mas não sei.”

“Posso lhe dizer o que sei.”

Sarah virou-se, olhando para ele. O barulho e a vozearia, os outros criados, a cozinha, Pemberley, tudo se desvaneceu e silenciou, imobilizou-se. Só existiam os olhos escuros dele fixos nos dela.

“Diga-me.”

“Ele está vivo.”

“O senhor o viu?”

“Ou estava havia alguns dias.”

“Onde o senhor o viu?”

A expressão de Ptolemy endureceu, ele olhou para ela por mais um instante e desviou o olhar. Ao mesmo tempo em que falava, limpava a toalha, juntando migalhas de pão num montinho, que depois desfez.

“Estávamos atravessando o areal, vindo de Ulverston. Isso foi há poucos dias, durante nossa viagem para cá, no fim do passeio de meus patrões pela região dos lagos. E ele, o laçao de Longbourn, Smith, estava atravessando o areal, só que estava indo para o outro lado, para o Norte...”

“O senhor o viu.”

“Eu o vi. Ele estava com engenheiros de estradas... Eram muitos, com todos os equipamentos, uma fila de carroças atravessando o areal. Foi apenas um momento, quando estávamos passando, mas eu vi que era ele, e ele também me reconheceu. Foi apenas um momento, logo passamos e não o vi mais.”

A mão de Sarah subiu, tapando a boca.

“Bem”, disse Ptolemy. “Achei que você devia saber.”

Depois de uma pausa, ela tocou no braço dele. “O senhor tem certeza, certeza absoluta, que era ele?”

Ptolemy olhou para os dedos dela, que marcavam o tecido branco de algodão. “Tenho. Eu o reconheci. Tenho certeza.”

Ele levantou o braço, fazendo a mão dela se afastar. Virou-se, limpou a garganta e dirigiu-se à outra moça de novo. Não olhou mais para Sarah, e nunca mais voltaram a se falar.

Dia da Anunciação. Um dia de contratações e dispensas, de remates e de começos; um dia em que a mudança se insere no próprio tecido das horas vagarosas. Um dia que exige a totalização das contas, a reflexão sobre o que foi comprado e vendido, e a que custo; um dia em que a pessoa se obriga a ponderar se todas essas transações valeram o preço que foi pago.

A mesa da sra. Darcy fora arrastada da janela para o meio de sua sala. Ela já se achava sentada

diante dela com um vestido sóbrio e um xale drapejado. Os serviçais esperavam sua vez à porta, alinhados em decoroso silêncio. A bela ama parecia nervosa e cansada. Um livro contábil achava-se aberto à sua frente. A sra. Reynolds estava de pé a uma distância conveniente, para o caso de ela precisar de ajuda. Afinal, aquela era a primeira vez em que a dona da casa exercia esse papel.

As contas dos trimestres anteriores estavam registradas na caligrafia precisa da sra. Reynolds. A letra da sra. Darcy não era de forma alguma tão precisa, mas ela fazia o trabalho conscienciosamente, projetando a ponta da língua ao efetuar as adições e escrever nomes. Sorria para cada empregado quando ele recebia a pilhazinha de moedas e deixava sua marca no livro. Sarah percebia que Elizabeth estava se esforçando. Estava desempenhando bem a função que lhe cabia.

O pagamento de Sarah pesou em sua mão. Ela fez sua mesura.

Elizabeth dirigiu a Sarah um de seus sorrisos encantadores. Joias fulgiram em seus dedos quando ela usou a pena para fazer a marca na coluna Pago. No momento em que começava a fazê-la, os lábios de Sarah se abriram e ela falou.

“Com licença, madame.”

A sra. Darcy manteve o mesmo sorriso, paciente. “Sim, Sarah.”

“Madame, espero que isto não lhe cause demasiada inconveniência, mas eu desejo pôr fim a nosso ajuste.”

“Pôr fim em quê?”

“Deixar de trabalhar aqui.”

“Mas...” O sorriso da sra. Darcy enrijeceu. “Por quê?”

“Algum problema, madame?” A sra. Reynolds aproximou-se, curiosa.

A sra. Darcy ergueu as mãos. “Ela quer sair!”

A sra. Reynolds virou-se para Sarah: “Você não é bem tratada? Não somos gentis com você aqui?”.

“Sou. Sim... Todos me tratam muito bem aqui.”

A sra. Darcy recostou-se na cadeira, balançando a cabeça.

“O trabalho está sendo pesado para você?”, perguntou a sra. Reynolds. “Sua situação aqui não é, com certeza, a melhor em que você já esteve e pode esperar estar?”

Sarah assentiu. Sem dúvida isso era verdade.

A sra. Darcy parecia atônita e perturbada. “Será que você está sendo chamada de volta a Longbourn? Mamãe... ou a sra. Hill... quer você lá?”

“Mesmo que quisessem, primeiro elas teriam falado com a senhora.”

“Será que você...”, e ao dizer isso a expressão da sra. Darcy ensombreceu. Ela se inclinou para a frente e baixou a voz, como se a mera possibilidade do que pensava fosse vergonhosa, “... está infeliz por algum motivo? Você está... com saudade de casa?”

“Estou...”, disse Sarah. “Acho que estou, sim.”

Sarah convenceu o jovem cavaliço a lhe dar uma mochila em troca de sua velha caixa de madeira, de modo que seria muito mais fácil transportar seus pertences. O rapaz estava inconsolável com a saída dela, mas emocionado por Sarah lhe pedir um favor. Resmungou alguma coisa incompreensível ao lhe entregar a mochila e ela lhe deu um beijo no rosto, agradecida.

Um caminho contornava os gramados atrás da casa e depois subia em direção à borda oeste do parque. A partir dali, ascendia através dos bosques, indo confluír numa estrada utilizada por bestas de carga, que seguia pelos morros, avançando numa direção que todos acreditavam ser noroeste. Sarah poderia seguir por essa estrada, de uma cidade a outra, até Chester. E, uma vez em Chester, poderia percorrer a longa estrada plana para Lancaster, dali chegando ao areal, que poderia atravessar a pé para alcançar a região norte depois dele. Foi o cocheiro dos Bingley quem lhe deu esta última informação, pois ele próprio passara pela estrada havia pouco tempo. Olhou para Sarah como se o lugar dela devesse ser o hospício, por preferir a estrada fria e vazia, com todos os seus perigos, ao conforto e segurança de Pemberley.

Sozinha em seu quarto, ela experimentou a mochila nos ombros. Sem a caixa pesando sobre eles, suas coisinhas eram quase nada.

Haveria outras pessoas na estrada. Sempre havia perto da época das feiras de contratações e dos primeiros dias de cada trimestre, quando aconteciam os grandes movimentos de ajustes de empregados em todo o país. Ela haveria de encontrar outras mulheres e moças com quem viajar, tendo companhia até onde fossem.

A sra. Reynolds abriu a porta do sótão sem bater.

“A ama quer ter outra palavra com você.”

Na sala matinal, a sra. Darcy cosia algo pequeno e branco. Dispensou a sra. Reynolds, mas não se moveu de onde estava, numa das duas bergères postas junto à lareira. Parecia um pouco pálida e nervosa. Suas mãos estavam fechadas sobre o trabalho de agulha, e por um momento ela somente olhou para Sarah, sem nada dizer. Depois desviou o olhar e falou alguma coisa, mas tão baixo que Sarah não entendeu. Hesitante, Sarah permaneceu onde estava, no meio da sala atapetada. Então viu com quem a sra. Darcy tinha falado. O sr. Darcy estava sentado na poltrona em frente à de sua mulher. Sarah só o viu quando ele se debruçou para a frente e disse algo em resposta. Estivera oculto pelo espaldar alto e pelas orelhas da poltrona.

Sarah encolheu. Fixando-se nela pela primeira vez, o olhar dele a fez se sentir do tamanho de um saleiro. Ele caminhou para ela com decisão, parando perto demais dela. Sarah teve de resistir ao impulso de dar um passo atrás, para vê-lo melhor, para criar mais distância entre ela própria e o corpo dele. No entanto, permaneceu onde estava e manteve a cabeça erguida. Fixou o olhar em seu colarinho engomado — como sempre em Pemberley, muito branco —, enquanto ele a examinava com ar perplexo, levemente irritado, como se ela fosse um utensílio doméstico sem consideração que houvesse parado de funcionar de repente e sobre o qual ele se via agora forçado a emitir um parecer.

“Minha mulher esperava que você ficasse com ela.”

Ao falar, Sarah dirigiu-se à gravata dele. “Sinto muito, senhor, por contrariar as expectativas dela.”

“*Eu* espero que você fique com ela.”

“Lamento, mas não posso.”

“Você não *pode*?”

Sarah assentiu.

“Não sou um bom patrão? Ela não é a melhor das amas?”

“Creio que são, senhor. Ambos.”

“Bem. Nesse caso, o bom senso determina que você fique.”

“Não.”

Ele se aproximou ainda mais. “É essa a sua resposta?”

Sarah endireitou os ombros. “Já lhe respondi, senhor: não posso ficar.”

“Mas nós *queremos* você aqui.”

Essas palavras foram ditas por Elizabeth, que se punha de pé, caminhando para eles. Movia-se devagar, sem a antiga elasticidade. Parecia pesada agora.

“Você é muito boa com bebês, Sarah. Sempre foi, com minhas irmãs, mesmo quando você mesma também era uma menina.”

Sarah olhou de novo para a costura, ainda apertada nas mãos de Elizabeth. Uma coisinha minúscula, uma touca de bebê. Lembrou-se que nos últimos meses ela não recebera toalhinhas higiênicas de Elizabeth para pôr de molho e lavar. Se chegara a pensar no assunto, foi para achar que tais tarefas tinham sido passadas a outra pessoa. Agora, entretanto, era evidente que a sra. Darcy esperava seu primeiro filho. As saias mostravam a convexidade de seu ventre. Os seios, volumosos sobre o corpete, estavam crescidos e riscados de veias azuis. Ela estava para experimentar seu primeiro parto, e com todos os temores habituais. Sarah sentiu uma onda de compaixão, mas...

“Minha presença aqui na verdade não vai ajudá-la em nada, senhorita.”

Elizabeth teria de passar por aquilo. Isso acontecia a toda mulher grávida. Se sobrevivesse ao parto, só teria de repetir tudo, já então com pleno conhecimento de seus horrores — e depois de novo, e de novo, porque um homem como o sr. Darcy precisaria de filhos.

Resistir e rezar, era tudo o que podia ser feito.

“Não posso ajudá-la, senhorita. Desculpe.”

“Madame”, disse o sr. Darcy.

“Sim, madame.”

“Você está resolvida, então?”

Sarah arriscou um olhar franco ao belo rosto dele, à sua carnadura: o esplendor do malar e do nariz, o brilho dos olhos, a carne lisa e elástica das faces barbeadas. Ele descendia de uma raça de gigantes, só podia ser.

“Sim, senhor.”

“Muito bem, então”, disse o sr. Darcy. “Isso é incompreensível.” Virou-se e passou a falar com sua mulher: “Vejo que não há, afinal, nada que possamos fazer quanto a isso. Se a moça quer ir embora, por mais tola que seja essa decisão, por mais difícil e perigosa que seja a vida que está escolhendo — e na verdade temo por sua duração —, ela tem todo o direito de escolhê-la. Afinal de contas, estamos na Inglaterra, e ela não é uma escrava.”

Elizabeth aproximou-se, agarrou as mãos de Sarah, ainda segurando a costura. A agulha picou a pele de Sarah, de modo que quando sua ama retomasse o trabalho de agulha veria que estava manchado de um sangue escuro.

“Mas para onde você vai, Sarah? O que uma mulher pode fazer sozinha e sem amparo?”

“Trabalhar”, disse Sarah. “Sempre poderei trabalhar.”

Ela deixou Pemberley sem alarde, sem despedidas, por uma porta de serviço. Com a mochila no ombro, atravessou o pátio dos estábulos e pegou o caminho que saía dos fundos da casa, cruzando o parque. O caminho, sinuoso, acompanhava o ribeirão e logo mais ladeava moitas de narcisos claros e subia pelos bosques. Chegou à borda do parque, onde degraus de pedra estavam entalhados no muro que delimitava a propriedade. Subiu-os. A superfície dos degraus estava lisa, gasta pela passagem dos anos.

Daquele ponto, ela viu o caminho seguir pela encosta para ir dar na estrada das bestas. Também dali, ao virar a cabeça, ainda avistava Pemberley, silenciosa e retraída, com sua paisagem prateada pela luz fresca da primavera.

Sarah arrepanhou as saias e desceu para o outro lado.

Talvez não seja, afinal, uma situação totalmente feliz conquistar aquilo com que se sonhou durante tantos anos. Alcançado enfim o objeto do desejo, com frequência se constata que ele não é exatamente o que se previa. Talvez tenha perdido o interesse ou se desgastado com o tempo; defeitos que tinham passado despercebidos durante anos tornam-se agora visibilíssimos. Descobre-se que não se sabe o que fazer com aquilo.

Isso, porém, não se aplicava à sra. Bennet. A felicidade dela era pura, perfeita, sem jaça. Com as duas filhas mais velhas esplendidamente bem casadas e a mais nova convincentemente casada também, a sra. Bennet não encontrava do que se queixar. Na verdade, tinha tantas boas notícias para compartilhar em jogos de cartas e chás com algumas de suas conhecidas, que elas começaram a achar a companhia da sra. Bennet algo cansativa. As senhoras, que tanto haviam se condoído dela por ocasião de sua perda, achavam mais difícil participar de sua felicidade, que exige, realmente, amigos verdadeiros e dedicados. Por sorte, a sra. Bennet não notava nada disso, mas se notasse teria exclamado “Ora essa!” com um gesto de desdém e dito que não se importava nem um pouco com aquilo. Para ela, todos os pesares tinham chegado ao fim e, sentindo-se confiante em relação à segurança das filhas, ela própria agora sentia-se no sétimo céu.

Kitty também estava feliz. Agora passava grande parte do tempo com as irmãs mais velhas, o que muito convinha a ela e a suas inclinações.

Sendo a única filha que continuava morando com os pais, Mary descobriu que se tornara, da noite para o dia, aquilo por que sempre lutara, às vezes até literalmente, para ser: apenas importante. Era a companhia de Mary que sua mãe agora buscava, e suas opiniões eram solicitadas sobre tudo. Sem ter em casa outras filhas para as quais precisasse abrir a bolsa, a sra. Bennet mostrava-se determinada a que não faltassem a Mary roupas, toucas e fitas, e até novas partituras, se é que a jovem precisava mesmo de mais papéis como esses. A sra. Bennet descobriu que Mary era uma moça esperta e talentosa, e estava decidida a compartilhar essa revelação com quem quer que encontrasse. Era exasperante, disse Mary a Polly, que agora a ajudava com sua toalete, ser tirada dos estudos com tanta frequência para tomar chá, ver uma estampa de moda ou sair de carruagem para fazer uma visita de manhã.

“Não creio que a senhorita se aborreça tanto, não é mesmo?”

Mary sorriu. “Acho que vou me acostumar com isso.”

E assim Mary florescia e era feliz no cáldido fulgor da atenção da mãe. E florescer e ser feliz era meio caminho andado para ser bela. E florescer, ser feliz e bela era meio caminho andado para ser amada — ao menos assim acreditava Mary —, o que fazia o mundo brilhar novamente. Com efeito, ela podia contar com o aparecimento de outro homem como o sr. Collins.

O sr. Hill morreu em Longbourn, como lhe fora prometido — e como teria desejado, nos braços do amante, um trabalhador de meia-idade e de mãos calejadas da fazenda mais próxima dali. Esse homem, atordoado pelo choque e pela tristeza, levou a sra. Hill ao local onde eles tinham seus encontros, na parte inculta da propriedade, para além dos relvados. Ali, juntos, vestiram a calça no sr. Hill de novo. Ambos choraram, e a sra. Hill passou a mão nas costas do homem enlutado e fez o que pôde para confortá-lo. Carregaram o corpo do velho sr. Hill para a casa, até o sótão, e deitaram-no no leito conjugal, para que ele morresse da mesma forma respeitável como vivera, e com a mentira intacta.

De Sarah, porém, não tinham notícia alguma. Depois que fora embora de Pemberley, nada mais se soube dela. Para a sra. Hill, ela bem podia estar morta numa vala, como se dizia. Ou podia ter encontrado James e estar morando com ele em algum lugar. Ou ainda podia estar vagando pelas estradas à procura dele. O fato é que Sarah devia saber que a sra. Hill teria pago de bom grado a tarifa do correio para receber uma ou duas palavras dela. E tinta e papel eram coisas que sempre se podia conseguir, de uma forma ou de outra. Podiam ser pedidos a um empregador ou a um clérigo. Um clérigo não negava uma coisa dessas a uma moça que vivesse em dificuldades e tivesse saudade de casa.

Entretanto, naqueles tempos agitados e inquietantes, as cartas muitas vezes eram abertas. Todos sabiam que podiam ser examinadas à procura de informações sobre sedição, complôs e ameaças de revolução. Uma palavra descuidada, uma pista, uma informação sobre o paradeiro de um desertor. Não se podia correr riscos. Por conseguinte, se Sarah estivesse com James, não podia se arriscar a escrever. De qualquer forma, Sarah não escrevia. E com o tempo começou a tomar corpo a ideia, que proporcionava um dúbio consolo à sra. Hill, de que a própria ausência de cartas era significativa: parecia indicar que tudo poderia estar bem.

Na ausência de Sarah, Polly tornou-se a intelectual da cozinha. Fazia incursões na biblioteca do sr. Bennet, buscando livros que lia para a sra. Hill à noite, a fim de preencher aquelas horas de silêncio, agora que só havia as duas no primeiro andar. Cresceu como um varapau, usando por pouco tempo as roupas de segunda mão que ganhava e virando, aparentemente da noite para o dia, uma mulher. Os trabalhadores das fazendas — ao menos aqueles que tendiam a gostar de mulheres — paravam, boquiabertos, quando ela passava, vestindo as belas roupas que Mary dispensava.

Polly, no entanto, não tinha interesse neles. Não queria nada com homens, com o amor ou com nenhuma dessas tolices. Ia ser professora, disse a Mary, que bateu palmas, deliciada, e prometeu-lhe toda a ajuda possível. (Francês! Geometria! Eu tenho *todos* os livros. Vamos tentar aprender um pouco de latim juntas?)

Anos mais tarde, Polly viria a ensinar todas essas coisas a embasbacados filhos de lavradores, quando eles se reunissem, atentos, na escola, agarrados a lousas e a pedaços de giz. A escola seria fundada pelo sr. Long, que, como se viria a saber, defendia a ideia moderna de que as crianças

deveriam ter aulas cinco vezes por semana, e não somente nos domingos, e Polly seria a primeira — e por muito tempo a única — professora ali, depois de recuperar seu nome de batismo e de haver se tornado a respeitada, e até certo ponto temida, Miss Mary.

Por enquanto, porém, os futuros pais dessas crianças ainda não geradas podiam observá-la o quanto quisessem: ela não se permitia desviar sua atenção.

Depois de todos aqueles longos anos de espera, a sra. Hill tinha a posse de seu objeto de desejo: conseguira o sr. Bennet quase inteiramente para si. Às vezes, à tarde, com as senhoras fora de casa e Polly entretida com os estudos, a sr. Hill levava uma garrafa de Madeira e uma ou duas fatias de bolo para ele na biblioteca. O sr. Bennet, que talvez tivesse estado lutando com seu livro, já que perdia rapidamente a vista e o intelecto, ao vê-la piscava os olhos reumosos e dizia: “Obrigado, Margaret querida”.

Indicava-lhe a cadeira de braços diante dele e ela se sentava. Ele afastava o livro, servia-se de uma taça de vinho, quebrava um pedaço do bolo e a sra. Hill passava a observar os músculos flácidos dele se movendo na boca, a maneira cuidadosa e detalhista como ele limpava as lapelas, a boca pegajosa como um molusco quando ele bebia um gole do Madeira. Ela descobriu que, depois de mais de cinquenta anos guardando silêncio, não havia palavras à espera de serem ditas.

E então um dia, do nada, ele lhe perguntou: “Você às vezes deseja, minha querida, que as coisas tivessem sido diferentes?”.

Ela refletiu sobre isso. Se as coisas tivessem sido diferentes. Se os dois tivessem se casado. Talvez ela também estivesse com uma taça de vinho. Talvez alguém lhe tivesse servido uma ou duas fatias de bolo. Talvez ela não tivesse calos nas mãos ou os inchaços dolorosos nas pernas, ou o amargo lago de angústia que ainda fervilhava dentro dela pela perda de James. Talvez o tivesse criado. Talvez tivesse cuidado dele e acompanhado seu crescimento. Talvez houvesse tido outros bebês para amar e afagar, bebês que seriam agora homens e mulheres adultos, com seus próprios bebês a serem amados também. E o morgadio de Longbourn — que no passado parecera importar mais que tudo e que agora já não significava nada — teria se dissolvido havia muitos, muitos anos com o nascimento de James.

Porém, porém, ainda assim: não teriam acabado os dois ali, daquele mesmo jeito? Na biblioteca do sr. Bennet, sem a família, ele decrépito e derreado, bebericando vinho, comendo bolo e envelhecendo, precisando ser cuidado, precisando dela ali para cuidar dele?

Afinal, ela pensou, não importava como haviam chegado ali. O fim era sempre o mesmo.

\* \* \*

Claro que não era o fim. Era apenas *um* fim. A linha da sra. Hill podia ter embolado e virado um nó indissolúvel, mas outras linhas ainda estavam se desenrolando. Uma delas serpeará pelas inóspitas colinas de Derbyshire, seguirá pelos caminhos mais fáceis de Cheshire e fora bater nas baixadas à beira-mar.

O mar. A primeira visão que ela teve do mar aconteceu junto com os dobres dos sinos pela Páscoa, com uma ventania forte e cortante, com os balidos débeis das ovelhas e com as respostas dos cordeirinhos, com a conversa murmurada de outros viajantes. Ela esperava, de cócoras, apoiando

uma mão no capim-marinho, sentindo a umidade nas pernas e protegendo os olhos com a outra mão por causa do sol. Havia no ar uma claridade agradável que a fez se sentir mais desperta do que nunca, apesar da fadiga da viagem, das noites maldormidas em celeiros e sebes, quando o frio a acordava, e das noites em que não pregara olho e apenas caminhara sem cessar na escuridão, confiando na estrada sob seus pés. O mar era uma placa de luminosidade pálida que se distanciava velozmente, sugada para além da vista por alguma convicção inquebrantável, deixando atrás de si uma amplidão de lama prateada — milhas e milhas — sulcada por valas reluzentes e sobre a qual aves planavam, mergulhavam, grasnavam. Do outro lado da baía, as colinas da região dos lagos se destacavam contra o céu. Eram de um azul profundo, ainda riscado de neve aqui e ali.

“Está na hora?”

Com os olhos cobertos pela viseira do boné, o guia assentiu. Ela se pôs de pé, pendurando a mochila no ombro, e pagou um pêni ao homem. O silte afundou sob seus pés, recobrimo-se de água. Sobre as areias, um rendilhado de pegadas que sumiam na distância. A travessia do areal tinha de ser rápida, entre as marés. Seus pés sangravam.

Transposto o areal, ela trocou de meia e meteu chumaços de musgo na botina.

Comprou um pão e uma caneca de leite numa padaria da cidade. Comentou — como se aquilo lhe interessasse e, ao mesmo tempo, não tivesse nenhuma importância — que ouvira dizer que uma turma de construção de estradas tinha passado por ali fazia pouco tempo. O dono da padaria confirmou. A caneca imobilizou-se em seus lábios. Para onde tinham ido, ele sabia?

Para o norte. Kirkstone. Depois dos cumes, bem além de Windermere.

Ela tomou o leite, enfiou o pão no bolso. A campainha tilintou quando a porta se fechou atrás dela.

Aquela era uma região estranha, velada por uma chuva que mais pairava no ar do que caía, tornando as distâncias incalculáveis. As estradas se contorciam como escadarias que subissem e descessem pelas encostas, todos os cumes eram falsos e todos os lagos, grandes ou pequenos, que lembravam pedras cinzentas sob o céu baixo, tinham de ser contornados e a lugar algum se podia chegar em linha reta, pois era preciso alcançá-lo obliquamente, às vezes afastando-se dele, e o percurso era demorado.

Por isso ela não saberia dizer a que distância ficava o lugar nem quanto tempo levaria para chegar lá. A própria passagem do tempo se tornara incerta; as noites clareavam aos poucos e se convertiam em dias, que também escureciam, e dormir era passar uma hora sobre um banco de pedra num fragmento súbito de sol ou estender-se entre as raízes de uma vasta faia com o rosto apoiado no braço. Acordando, ela recomeçava a andar, pois ficar parada não levava a nada. Mas um dia ela se viu numa estrada nova que subia, partindo da área de vegetação, com fragmentos de calcário ainda recentes e cretáceos recobrimo de branco sua botina rasgada. O terreno caía continuamente à sua esquerda e ascendia de repente à direita, com os pastos íngremes pontilhados de rochedos e tufo de samambaias. A estrada, em que piavam narcejas, passava pelos ermos turfosos do divisor de águas em direção às nuvens.

Então ela ouviu vozes saídas da névoa: homens cantando ao ritmo do trabalho. Entrou numa curva, tomada de expectativa, mas nada havia ali. Depois de um afloramento rochoso, começava um declive, do qual se divisava um vale verde e um cintilante lago azul, iluminados pelo sol. Havia

silhueta de vultos contra essa luz súbita. Picaretas subiam e desciam, martelos golpeavam rochas, pás erguiam a pedra estilhaçada. Os vultos não se achavam a mais de cinquenta passos de onde ela estava, no ponto em que o cascalho raleava e acabava: o fim da estrada.

Ela estendeu a mão, sem nada tocar, sem saber o que fazia. Porque lá estava ele. Ele levantou bem alto a picareta sobre a cabeça, desferindo um golpe na rocha. Golpeou de novo, de novo, de novo. Poeira subia, estilhaços voavam. Ela o viu fazer uma pausa, apoiar no chão a picareta, que ficou balançando. Ele desfez o nó do lenço que trazia no pescoço e enxugou o rosto, passou-o na nuca e olhou para o céu. Ela viu o momento em que ele a enxergou, o modo como se imobilizou.

Ela começou a seguir pelo declive em direção a ele. A inclinação era maior do que ela supunha. Pedrinhas deslizaram e correram sob seus pés.

A camisa dele, imunda, achava-se empapada de suor. Ele emagrecera bastante e estava crestado pela exposição ao sol. Ela notou tudo isso ao se aproximar, vendo também que seu rosto tinha vincos fundos, que ele envelhecera anos e que parecia contido, fechado em si mesmo, como se resignado a aceitar que aquilo era tudo o que existia e que podia existir.

Ela estava perto dele agora. Estendeu o braço, descansou a ponta dos dedos em seu peito. O sobe e desce da respiração dele sob seus dedos, a umidade de seu suor, seu calor. Ela viu uma veia latejar em seu pescoço e seus olhos se iluminarem. Ele estendeu a mão para tocá-la. Ela empurrou-lhe o braço, agarrando-o pela camisa. Sacudiu-o.

“Nunca, nunca, *nunca* mais faça isso de novo.”

Fios deixados ao léu por vezes se entrelaçam sozinhos, sem a necessidade de agulhas ou fusos: se estiverem próximos, enrolam-se uns nos outros com a força de sua própria torção. E essa mesma torção pode, no transcurso natural das coisas, desmanchar o cordel resultante e refazer as meadas, devolvendo os fios a seu estado inicial.

Alguns anos tinham se passado — o sr. Hill já esfarelava em sua tumba, mas Polly ainda não se achava encaminhada e pronta, e ainda tinha muito por que lutar — quando os viajantes fizeram a curva na estrada dos boiadeiros e desceram o caminho entre as sebes altas. Os anos tinham sido preenchidos com trabalho, com mudanças de lugar quando o trabalho chegava ao fim, com amizades feitas e deixadas para trás, com livros emprestados que passavam adiante, com a boca calada e a cabeça baixa, com os dois tentando de tudo para não chamarem atenção, com a espera da paz que um dia viria. E sempre, sempre, mudando de lugar.

O outono criava longas sombras azuis e as árvores perdiam as folhas. Nos campos, as vacas não se mexiam; coelhos disparavam pelo capim, depois paravam e desapareciam. Fumaça subia das chaminés altas, e ela sentiu o cheiro das fogueiras do dia da lavagem de roupa. Aspirou fundo para senti-lo melhor.

“Você sabe o que Heráclito disse?”

Ao passar por um arbusto, ele pegou uma avelã verde e quebrou-a entre as palmas das mãos. “Não me lembro.”

“Ele disse”, ela chutou uma pedra, fazendo-a rolar, “que não se pode entrar no mesmo rio duas vezes.”

Anuindo com a cabeça, ele separou a casca e a polpa da avelã, consciente do pequeno vulto dela, do som de suas saias a seu lado. O simples fato de ela estar ali era, a cada dia, um milagre. Estendeu-lhe o caroço em sua palma grossa, um fruto branco-esverdeado e leitoso, o primeiro do outono.

“Tome.”

Ela o pegou e já ia agradecer, mas um movimento chamou sua atenção. Ela parou. Segurando a avelã no punho fechado, passou os nós dos dedos no braço dele — roupa branca forçando para baixo os cordões do varal, e Polly, meu Deus, aquela era *Polly*, agora uma mulher jovem recolhendo uma anágua do varal. Notando alguma coisa no caminho, Polly fez uma pausa e olhou. Deixou a anágua cair no chão e saiu em disparada por cima dela, levantando as saias, correndo a toda e atravessando o cercado verde na direção deles.

Sarah riu e saiu correndo ela também, para encontrar Polly. Mas a súbita mudança de movimento criou uma perturbação. No interior de seu xale, bem preso, uma trouxinha começou a se mexer e a choramingar. Sarah parou e olhou para as dobras. O bebê, que acordara, fitou-a com olhos grandes e assustados.

Sarah tocou a testa perfeita da criança com o dedo. “Está tudo bem, meu amor. Estamos chegando.”

Ela pressionou com delicadeza a cabeça da criança contra si, firmando-a, e olhou para trás à procura de James. Ele correu alguns passos para alcançá-la, com sua velha mochila de lona balançando. Ela sorriu para ele. Ele pegou sua mão. Juntos começaram a percorrer com passos largos o caminho de entrada para Longbourn.

Os protagonistas de *As sombras de Longbourn* são presenças espectrais em *Orgulho e preconceito*: só existem para servir à família e à narrativa. Entregam bilhetes e conduzem carruagens; cumprem mandados quando ninguém mais se dispõe a sair de casa — são a “procuração” por meio da qual as rosetas do sapato para o baile de Netherfield são levadas a Longbourn debaixo da chuva. Mas também são, ao menos para mim, pessoas.

*As sombras de Longbourn* volta ao passado desses personagens e se estende além do final feliz de *Orgulho e preconceito*. No entanto, onde os dois livros se superpõem os fatos deste romance baseiam-se diretamente no de Jane Austen. Uma refeição servida em *Orgulho e preconceito* foi preparada em *As sombras de Longbourn*. Quando as cinco moças da família Bennet entram num baile no romance de Austen, deixam a carruagem esperando em *As sombras de Longbourn*. Só interfere na medida em que era preciso dar nomes aos inominados — ao mordomo, ao lacaios, à segunda criada — e ao atribuir à sra. Hill o papel de cozinheira, assim como de governanta, uma vez que isso não era raro nesse tipo de casa. Mas o que os criados fazem na cozinha, sem serem observados, enquanto Elizabeth e Darcy dedicam-se a se apaixonar um pelo outro no andar de cima, compete, acredito, apenas a eles.

Uma última observação: em *Orgulho e preconceito*, o lacaios aparece apenas uma vez no texto, entregando um bilhete a Jane. Depois disso, não é mais mencionado.

# Agradecimentos

Não me lembro da primeira vez que li *Orgulho e preconceito*. É como se eu tivesse amado esse livro desde sempre. A obra de Jane Austen foi minha primeira experiência no campo da literatura para adultos e me proporcionou toda uma vida de prazer: foi o único livro que reli na vida adulta. Mesmo depois de tantos anos e de tantas releituras, e mesmo depois de ter desfeito seu forro para examinar o avesso, ainda o amo. Ainda o admiro. E habitá-lo dessa maneira diferente foi um prazer genuíno.

Entretanto, há também outros livros aos quais devo muito. *A Taste of History*, de Maggie Black, e *The Jane Austen Cookbook*, editado por Maggie Black e Deirdre Le Faye, proporcionaram-me ideias para refeições; *The Peninsular War*, de Charles Esdaile, *The War of Wars*, de Robert Harvey, e *Redcoat*, de Robert Holmes, forneceram pormenores essenciais — de caráter militar e pessoal — para as experiências de James na Espanha e em Portugal. A coletânea de cartas de Jane Austen, organizada por Deirdre Le Faye, *Labours Lost: Domestic Service and the Making of Modern England*, de Caroline Steedman, *Behind Closed Doors: At Home in Georgian England*, de Amanda Vickery, *Life in Georgian Lancaster*, de Andrew White, e *Decency and Disorder 1789-1837*, de Ben Wilson, ofereceram informações inestimáveis sobre a vida doméstica e social nesse período fascinante e instável.

Além de agradecer a livros, preciso agradecer também a várias pessoas. A Daragh, por torcer meu braço. A Saleel, por ficar de vigia. A Diane, Jane e Marianne, por sempre me empurrarem para a frente. A Clare, por não se mexer. E a minha mãe e meu pai, por não hesitarem em me deixar brincar o dia inteiro, quando eu era pequena, nas decrépitas dependências de uma casa georgiana próxima, onde havia uma cozinha imensa cheia de ecos, uma sentina que não era mais usada e estábulos vazios com uma escada no fundo que levava a um palheiro ensolarado.



MICHAEL LIONSTAR

JO BAKER nasceu em Lancaster, Inglaterra. Estudou literatura em Oxford e é ph.D em literatura irlandesa pela Universidade Queen's. Foi redatora na BBC Radio 4 e tem contos publicados em diversas coletâneas na Inglaterra e nos Estados Unidos. *As sombras de Longbourn*, seu quinto romance, já foi publicado em diversos países e será adaptado para o cinema.

Copyright © 2013 by Jo Baker

Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Longbourn

*Capa*

Carol Devine Carson

*Foto de capa*

Capa feita a partir da pintura de Jean-Étienne Liotard. Coleção privada.

Copyright da fotografia © Christie's Images/ The Bridgeman Art Library

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Angela das Neves

Marise Leal

ISBN 978-85-8086-955-2

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)